

PRÓLOGO – JOÃO-O-JUSTICEIRO

NUMA certa tarde de fins de Primavera, o sino do castelo de Tunstall tocou a uma hora desusada.

Perto e longe, na floresta e nos campos ao longo do rio, as gentes começaram a abandonar os trabalhos e correram na direção do som, no lugarejo de Tunstall, um grupo de pobre gente do campo juntou-se admirando-se dos sinais.

O lugarejo de Tunstall, naquele período, no reinado de Henrique VI, tinha quase o mesmo aspecto que tem hoje. Umas vinte casas, pouco mais ou menos, pesadamente construídas de carvalho, pousavam espalhadas num longo e verde vale subindo do rio. A seus pés a estrada atravessava a ponte e, ascendendo do outro lado, desaparecia nas orlas da floresta em direção ao castelo e, um pouco mais adiante, conduzindo ao convento de Holywood.

A meio do caminho para a aldeia, ficava a igreja, entre teixos. Por todos os lados, as encostas estavam vestidas de vegetação e a vista era limitada pelos verdes ulmeiros e verdejantes carvalhos da floresta.

Perto da ponte havia uma cruz de pedra sobre um montículo; e, aí, se reunira o grupo - uma meia dúzia de mulheres e um homem de grande estatura, com uma camisa parda, discutindo o que anunciaria o sino.

Um correio tinha atravessado o lugarejo e bebido uma caneca de cerveja, a cavalo, não ousando apagar-se, pela urgência da jornada; mas ele próprio ignorava o que havia e somente trazia cartas fechadas de Sir Daniel Brackley para Sir Oliver Oates, o capelão que tomava conta do castelo durante a ausência do Senhor.

Neste momento, porém, ouviu-se o ruído de um cavalo e, em breve, fora da orla da floresta e sobre a ponte sonora, subiu, cavalgando, o jovem Master Ricardo Shelton, pupilo de Sir Daniel.

Finalmente, ele saberia alguma coisa. Por isso o chamaram e lhe pediram para os informar.

Um jovem que não tinha ainda dezoito anos, queimado do sol, ele, olhos garços, com um gibão de pele de veado com colar de veludo preto, um barrete verde na cabeça e uma besta a tiracolo, fez parar o cavalo de bastante boa vontade. Parecia que o próprio trouxera grandes notícias. Estava iminente uma batalha. Sir Daniel mandara que todo aquele que pudesse esticar um arco ou manejar uma acha de armas partisse a mata-cavalos para Kettley, sob pena do seu severo desagrado; mas por quem iam bater-se ou de onde se esperava o combate, Dick nada sabia. Sir Oliver viria, em pessoa, e Bennet Hatch estava-se preparando, naquele momento; porque era ele quem comandava a expedição.

- É a ruína desta boa terra - disse uma mulher. - Se os nobres viverem em guerra, os camponeses têm de comer raízes.

- Pelo contrário - disse Dick -, cada homem que for terá seis dinheiros por dia, e os besteiros.

- Se viverem - respondeu a mulher - pode ser muito bom, mas que será se morrerem, meu senhor?

- Não poderão morrer melhor do que pelo seu senhor natural.

- Não tenho nenhum amo natural - disse o homem da camisa. - Eu segui os Walsinghams e todos assim fazíamos para os lados de Brierly, até que, aqui há uns dois anos, veio a Candelária. E agora tenho que enfileirar com Brackley! E isto foi assim por causa das leis. Chamais a isto natural? Mas agora, quer com Sir Daniel, quer com Sir Oliver, que sabe mais de leis do que da honra, não tenho outro senhor natural que não seja o pobre rei Henrique Setto, que Deus abençoe!: o pobre inocente que nem pode confiar à sua mão direita aquilo que se passa na sua mão esquerda.

- Falas de má vontade, amigo - respondeu Dick -, confundindo o vosso bom amo e meu Senhor, o Rei, na mesma acusação. Mas o rei Henrique, louvado seja Deus!, voltou à razão e terá todos os assuntos pacificamente arrumados. E, quanto a Sir Daniel, sois muito atrevido na sua ausência! Mas eu não serei alvissareiro... e que isto te baste.

- Não disse mal de vós, Master Ricardo - retorquiu o camponês. - Sois um garoto, mas quando fordes homem haveis de achar os bolsos vazios. E mais não digo. Que Deus ajude os vizinhos de Sir Daniel e a Virgem Santíssima proteja os seus pupilos!

- Clipsby - disse Ricardo -, dizes coisas que, honestamente, eu não devo ouvir. Sir Daniel é o meu bom amo e tutor.

- Vamos, quereis decifrar-me uma adivinha? - replicou Clipsby. - De que lado está Sir Daniel?

- Não sei - disse Dick, corando um pouco, porque o seu tutor havia continuamente mudado de partido, nas perturbações daquele período, e cada mudança lhe havia trazido algum aumento de fortuna:

- Sim - replicou Clipsby -, nem vós, nem ninguém; porque ele realmente é dos que se deita com o partido de Lancaster e se levanta com o de Iorque.

Exatamente nesse momento, a ponte ressoou sob ferraduras de cavalo e o grupo voltou-se e viu Bennet Hatch, que vinha galopando: - uma cara tisonada, um homem grisalho, de mão pesada e mal encarado, armado de espada e lança, com um elmo de aço na cabeça e um saio de couro vestido. Era um grande homem naqueles sítios; a mão direita de Sir Daniel na paz e na guerra, e naquela altura, por interesses do seu amo, bailio dos cem.

- Clipsby! - gritou ele. - Já para o castelo e manda para lá também os outros retardatários. Bovyer te dará saio de malha e elmo. Temos de partir antes do recolher. Nota bem : aquele que for o último a chegar ao alpendre, terá o devido prémio de Sir Daniel! Repara bem nisto! Conheço-te como valdevinos. Nance - acrescentou ele, voltando-se para uma das mulheres -, o velho Appleyard está cá na terra?

- Com certeza - respondeu a mulher -, naturalmente, no seu campo.

Assim se dispersou o grupo e, enquanto Clipsby caminhava vagarosamente pela ponte, Bennet e o jovem Shelton cavalgaram, subindo juntos a estrada, através da aldeia e para

além da igreja.

- Vai ver o velho mariola - disse Bennet. - Vai gastar mais tempo rosnando e falando de Henrique quinto do que levaria um homem a ferrar um cavalo. E tudo porque esteve nas guerras de França.

A casa para onde se dirigiam era a última da aldeia, elevando-se, solitária, entre lilases e, para além dela, por três lados, havia um prado aberto subindo até á orla da floresta.

Hatch apeou-se, atirou a rédea sobre a sebe e desceu o campo, ao lado de Dick, em direção ao sítio onde o velho soldado estava cavando, metido até ao joelho no meio das couves, e cantando, de vez em quando, com voz de cana rachada, um trecho de uma canção. Estava todo vestido de couro. Só o seu barrete e a gola eram de pano preto debruados de vermelho. A cara parecia uma casca de noz, tanto na cor como nas rugas, mas os seus velhos olhos cinzentos eram ainda lúcidos e o seu aspecto orgulhoso. Talvez porque fosse surdo, talvez porque pensasse ser impróprio de um velho besteiro de Agincourt dar importância a tais perturbações, o certo é que nem os raivosos toques de sino de alarme, nem a próxima chegada de Bennet e do rapaz pareceram impressioná-lo, e continuou a cavar obstinadamente, esganiçando-se, num tom muito agudo e sacudido:

E agora, querida Senhora, se o quiseres ser Peço-te que tenhas pena de nzira...

- Nick Appleyard - disse Hatch -, Sir Oliver recomenda-se e ordena que venhas, já, para o castelo, para assumir um comando.

O velho levantou os olhos.

- Ora vivam, meus senhores! - disse mostrando os dentes. - E para onde vai o patrão Hatch?

- O patrão Hatch vai para Kettley, com todos os homens que pudermos montar - retorqui Bennet. - Há um combate para esses lados, parece. E o meu amo espera um reforço.

- Sim, na verdade - replicou Appleyard. - E que me deixas para guarnição além desses?

- Deixo-te seis homens bons e podes utilizar Sir Oliver - respondeu Hatch.

- Não se aguentará a praça - disse Appleyard -, o número não é bastante. Seria preciso ter duas vezes mais, para consegui-lo.

- É por isso que eu venho por ti, velho manhoso - replicou o outro. - Quem mais há aqui, a não seres tu, capaz de fazer alguma coisa com uma tal guarnição?

- Sim, quando sentem o aperto é que se lembram do sapato velho! - respondeu Nick. - Não há um de vocês capaz de montar um cavalo ou empunhar uma acha de armas. E a respeito de arqueiros (São Miguel!) se o velho Henrique Quinto voltasse ficaria de pé e, por uma moeda, deixaria que lhe atirassem uma flechada.

- Não, Nick, ainda há alguns que podem esticar um bom arco - disse Bennet.

- Esticar um bom arco! - exclamou Appleyard. - Sim! Mas quem será capaz de disparar uma boa flechada? Nisso entra o golpe de vista e é preciso ter a cabeça no seu lugar. A que é que vocês chamam, agora, um longo tiro de besta, Bennet Hatch?

- Bom - disse Bennet, olhando em volta -, seria um belo tiro daqui para a floresta.

- Sim, seria um tiro bastante comprido - disse o velho, dando uma olhadela por cima do ombro.

Então, pôs a mão por sobre os olhos e quedou-se olhando atentamente.

- Porque estás a olhar? - perguntou Bennet, com uma gargalhada. - Vês Henrique Quinto?

O veterano continuava olhando para o monte em silêncio. O sol brilhava largamente sobre os prados em declive. Alguns carneiros brancos vagueavam pastando, e tudo estaria tranquilo se não fosse o tocar distante do sino.

- Que há, Appleyard? - Perguntou Dick.

- Porque será que os pássaros... - disse Appleyard. E realmente, sobre as copas da floresta, no sítio em que esta descia, numa língua, entre os prados e acabava num par de verdejantes ulmeiros, a cerca de um tiro de besta do campo onde estavam, um bando de pássaros rasava, de um lado para o outro, em evidente desordem.

- Que têm os pássaros? - perguntou Bennet.

- Não há dúvida - disse Appleyard -, és um homem prudente para a guerra, patrão Bennet! Os pássaros são uma excelente sentinela. Em lugares de floresta, são a primeira linha de batalha. Agora, escuta, se ficarmos aqui a descoberto, devemos ter besteiros escondidos que nos vigiam. E, se quiseres ficar, não serás muito prudente!

- Isso sim, velho manhoso! - disse Hatch. - Não há homens mais próximo de nós do que os de Sir Daniel, em Kettley. Estás aqui tão seguro como na Torre de Londres. E queres assustar a gente com um bando de pardais!

- Não querem ouvir isto? - resnou Appleyard. - Quantos bandidos não deixariam cortar as duas orelhas para poder atirar sobre qualquer de nós! Por São Miguel, homem! Eles detestam-nos como a dois furões!

- Está bem. Detestam Sir Daniel - respondeu Hatch, um pouco preocupado.

- Sim, detestam Sir Daniel e todo aquele que o serve - disse Appleyard. - E na ordem do seu ódio, detestam, em primeiro lugar, Bennet Hatch e o velho besteiro Nicolau. Olha para ali. Se ali estivesse um homem forte a vigiar, à beira do bosque, e tu e eu estivéssemos a jeito para ele (como, por São Jorge, estamos!), qual pensas que ele escolheria?

- Aposto que serias tu - respondeu Hatch.

- Aposto a minha capa, contra um cinto de couro, que serias tu! - berrou o velho besteiro. - Tu, Bennet, queimaste Grimstone; e eles nunca te perdoarão isso, meu amo. Quanto a mim, depressa estarei em bom lugar (assim Deus no conceda!) e tão livre de uma flechada como de um tiro de canhão e de todas as más vontades deles. Sou velho e partirei depressa. A cama está á minha espera. Mas tu, Bennet, tens de ficar por cá, depois de mim, por tua conta e risco. E se chegares á minha idade sem teres sido enforcado, é que, então, o verdadeiro espírito inglês terá morrido.

- És o parvo mais manhoso da floresta de Tunstall - respondeu Hatch visivelmente perturbado, por estas ameaças. - Vai buscar as tuas armas, antes que chegue Sir Oliver,

e deixa um bocado de tagarelar. Se tivesses falado tanto tempo com Henrique Quinto, teria ficado com os ouvidos mais cheios do que a bolsa.

Uma flecha zuniu, no espaço, como um enorme moscardo, atingiu o velho Nick Apleyard entre as omoplatas e atravessou-o, de um lado ao outro, e ele caiu, para diante, de bruços, entre as couves. Hatch, com um grito sufocado, deu um salto e, agachando-se, correu a proteger-se com a casa. Entretanto, Dick Shelton deixara-se cair atrás de um dos lilases, e tinha a besta esticada e metida à cara, apontando o lugar da floresta.

Não mexia uma folha. Os carneiros pastavam pacientemente e os pássaros haviam pousado. Mas aí estava o velho com uma seta espetada ao alto nas costas; e ali estavam Hatch suspenso do pipilar das aves e Dick escondido e alerta por detrás da moita de lilases.

- Vê alguma coisa? - Gritou Hatch.

- Não mexe nem um ramo - respondeu Dick.

- Parece-me uma vergonha deixá-lo assim estendido - disse Bennet, voltando a aparecer, com passo hesitante, e muito pálido. - Vigie o bosque, Master Shelton! Vigie-o com atenção! Deus me perdoe, foi um belo tiro!

Bennet levantou o velho arqueiro sobre o seu joelho. Não estava ainda morto. A face vivia. Os olhos fechavam-se e abriam-se maquinalmente e tinham a mais terrível expressão de sofrimento.

- Ainda ouves, velho Nick? - perguntou Hatch.

- Tens uma última vontade antes de partir, meu irmão?

- Arranca a seta e deixa-me morrer, pela santíssima Virgem! - murmurou Apleyard. - Nasci ainda na Inglaterra dos bons tempos. Arranca-a!

- Master Dick - disse Bennet -, venha cá e dê-me um bom puxão a esta seta. O pobre pecador morrerá contente.

Dick largou a besta e, puxando fortemente pela flecha, arrancou-a. Um gorgolejo de sangue seguiu-se. O velho arqueiro tentou agarrar-se-lhe aos pés. Pronunciou, mais uma vez, o nome de Deus e tombou morto.

Hatch, de joelhos entre as couves, orou fervorosamente pela bem-aventurança da alma que partia. Mas, mesmo enquanto rezava, era evidente que a sua atenção estava dividida e conservava o olhar fixo sobre o canto do bosque de onde o tiro partira. Quando acabou, levantou-se. Arrancou um dos seus guantes de malha e enxugou a face pálida, toda molhada de suor do medo:

- Sim! - disse - será, a seguir, a minha vez.

- Quem fez isto, Bennet? - perguntou Ricardo, ainda com a flecha na mão.

- Não sei. Só Deus o sabe - disse Hatch.

- Há aqui umas boas dezenas de almas cristãs a quem temos escorraçado das casas e das fazendas, ele e eu. Ele pagou já o seu quinhão, pobre diabo, e talvez não demore muito que eu pague o meu. Sir Daniel governa com dureza.

- É uma seta estranha, esta! - disse o rapaz, olhando a flecha na mão.

- Sim, por minha fé! - exclamou Bennet. - Negra e com penas negras na ponta. É, na verdade, uma seta de mau agouro, porque o negro, dizem, pressagia enterro. E tem palavras escritas! Limpe o sangue. O que lê?

- "Para Appleyard, de João-o-Justiceiro," - leu Shelton. - Que augurará isto?

- Não, isto não me agrada - respondeu o mercenário, é abanando a cabeça. - João-o-Justiceiro! Aqui está um lindo nome para os malandros que há neste mundo! Mas com que fim deixam, assim, um vestígio? Pegue-lhe pelos joelhos, bom Master Shelton, que eu o seguro pelos ombros, e vamos deixá-lo em casa.

- Isto vai ser um rude golpe para o pobre Sir Oliver. Vai ficar branco como o papel e vai moer orações como um moinho de vento.

Levantaram o velho besteiro e, os dois, levaram-no para a casa que ele havia construído sozinho. Aí deitaram-no no chão, sem procurar a enxerga, e tentaram, o melhor possível, juntar-lhe e compor-lhe os membros.

A casa de Appleyard era limpa e nua: Tinha uma cama com uma coberta azul, um armário, um arcaz, um par de escabelos e uma mesa de dobradiça ao canto da chaminé; e, pendendo das paredes, o arsenal do velho soldado, composto de arcos e da armadura defensiva.

Hatch começou a olhar, em volta, curiosamente. - disse.

- Nick tinha dinheiro - Deve ter um pé de meia de umas sessenta libras. Eu deveria... - poderia procurá-lo! Quando perdemos um bom amigo, Master Ricardo, a melhor consolação que poderemos ter é ser seu herdeiro. Olha para este arcaz!

Aposto em como há lá dentro um alqueire de ouro.

Tinha bom pulso para agarrar e mãos fortes para guardar, o velho besteiro Appleyard! Agora, Deus dê descanso à sua alma! Há perto de oitenta anos que vivia, sempre amealhando. Mas agora, pobre mariola, está de papo para o ar e nada mais lhe faz falta e, se os seus bens móveis fossem parar às mãos de um bom amigo, julgo que no céu ficaria mais contente.

- Vamos, Hatch - disse Dick -, respeita esses olhos vidrados. Serias capaz de roubar um homem diante do seu cadáver? Não, vamos embora!

Hatch fez vários sinais da cruz. Mas neste momento a sua tendência natural voltou e ele não era daqueles que facilmente se deixam dissuadir dos seus projetos. Teria ido mais longe com o arcaz se não tivesse soado a cancela e se, logo depois, a porta se não tivesse aberto, deixando entrar um homem de cerca de cinquenta anos, alto, corpulento, corado, de olhos escuros, de soprepeliz e vestes negras.

- Appleyard! - chamava o recém-chegado, entrando. Depois, parou petrificado. - Ave Maria! - exclamou. - Deus nos acuda! que história é esta?

- Uma triste história para Appleyard, meu padre - respondeu Hatch, com um perfeito à-vontade. - Foi atingido à sua própria porta e deve ter chegado, agora mesmo, às portas do Purgatório. Aí, se o que dizem é verdade, não lhe fará falta luz nem calor.

Sir Oliver dirigiu-se hesitante para um escabelo e sentou-se, indisposto e pálido.

- Isto é castigo! Oh! um rude golpe! - murmurou, suspirando, e matraqueou uma fiada de orações.

Entretanto, Hatch tirara o elmo e ajoelhou-se.

- Bennet - disse o padre, reanimando-se um pouco -, que pode isto ser? Que inimigo teria feito isto?

- Aqui está a flecha, Sir Oliver. Vede, nela estão escritas palavras - disse Dick.

- Não - gritou o padre -, isto é uma infâmia! João-o-Justiciero! É um verdadeiro dito de Lollard! E é negra como um presságio! Senhores, esta seta traiçoeira não me agrada. Mas é mais importante tomar conselho. Quem poderá ter sido? Que pensas, Bennet? De tantos e tão tenebrosos inimigos, qual teria sido capaz de nos enfrentar tão ousadamente? Simnel? Duvido. Os Walsinghams? Não! Não estão, ainda, tão quebrados. Pensam ainda em dominar-nos legalmente, quando as coisas mudarem. Há também Simão Malmesbury. Que te parece, Bennet?

- Que pensais vós, senhor, de Ellis Duckworth? - replicou Hatch.

- Não, Bennet, nunca. Ele, não - disse o padre. - Nunca uma revolta partiu de baixo, Bennet. Todos os cronistas judiciosos são unânimes nesta opinião. A rebelião marcha sempre de cima para baixo, e, quando a plebe lança mão das armas, procuram sempre, cuidadosamente, saber a que senhor isso aproveita. Neste momento, Sir Daniel, tendo mais uma vez aderido ao partido da Rainha, caiu em desgraça para os senhores do partido de Iorque. Daqui, Bennet, é que veio o golpe! Por que razão?... Ainda o procuro saber!... Mas é aqui que está a origem desta desgraça.

- Então concordo convosco, Sir Oliver - disse Bennet. - Os espíritos estão tão exaltados, nesta terra, que há muito pressinto o perigo. Assim sucedeu também ao pobre Appleyard. E, com vossa licença, os ânimos estão tão odiosamente dispostos contra nós todos, que não são necessários nem os de Iorque, nem os de Lancaster para os incitar. Vou dizer-vos o que penso. Vós, que sois padre, e Sir Daniel, que navega com qualquer vento, espoliastes muita gente e batestes e enforcastes não poucos. Sois, finalmente, chamado a prestar contas. Tendes sempre, não sei como, saltado por cima da lei e assim pensais ter remediado tudo. Mas, com vossa licença, Sir Oliver, o homem que haveis espoliado e batido está cada vez mais enraivecido e, um dia, se o diabo negro o aconselhar, erguer-se-á com o seu arco e espetar-vos-á uma jarda de flecha nas entranhas.

- Não, Bennet. Estás enganado. Deverias corrigir-te, Bennet - disse Sir Oliver. - És um linguaireiro, um falador, um indiscreto. Tens a boca maior Bennet! do que as tuas duas orelhas. Corrige-te, corrige-te!

- Bom, calar-me-ei. Seja como quereis - disse o mercenário.

O padre levantou-se do escabelo. Do estojo de escrever, pendente do seu pescoço, tirou cera, um pavio, pederneira e fuzil. Com isto selou o arcaz e o armário com o sinete de armas de Sir Daniel, enquanto Hatch olhava desconsolado e o grupo avançou um pouco,

depois mais um pouco, medrosamente, para sair de casa e alcançar os cavalos.

- É tempo de nos pormos a caminho Sir Oliver - disse Hatch, segurando o estribo do padre enquanto este montava.

- Sim, Bennet, mas as coisas mudaram - retorquiu o padre. - Agora já não existe o Appleyard!, Deus o tenha em descanso, para comandar a guarnição, Terei de conservar-te Bennet. Preciso de um homem seguro para me tranquilizar, neste dia e flechas negras. "A seta que voa de dia..." diz o Evangelho... Não me lembra o resto do texto. Sou um padre preguiçoso, mergulhado de mais nos negócios dos homens. Bom marchemos, amigo Hatch.

Os soldados devem estar agora no adro da igreja.

Assim cavalgaram para a estrada, com o vento nas costas agitando as abas das vestes do padre. Atrás deles, à medida que caminhavam, levantavam-se nuvens escurecendo o sol poente. Tinham passado três das casas espalhadas que formavam o lugarejo de Tunstall quando, chegando a uma volta viram a igreja na frente deles.

Dez ou doze casas amontoavam-se em torno. Mas, pelo lado das traseiras, o adro da igreja ligava com os prados. Junto do alpendre, agrupavam-se uns vinte homens, aproximadamente. Alguns estavam a cavalo, outros tinham os cavalos á rédea.

Estavam armados e montados de várias maneiras: uns com lanças, outros com achas de armas, alguns com bestas e outros escarranchados em cavalos de trabalho, ainda enlameados da terra do arado, porque estes eram a escória da região e todos os melhores homens e belos equipamentos estavam já em campo com Sir Daniel.

- Não foi mal feito, louvada seja a cruz de Holywood. Sir Daniel ficará contente, com razão! - observou o padre, contando mentalmente a soldadesca.

- Quem vai aí?! Pare, se é dos nossos! - Gritou Bennet.

Viu-se um homem deslizar, atravessando o adro entre os teixos, e, ao ouvir esta intimação, pôr de lado todo o disfarce e correr, o melhor que pôde, para a floresta. Os homens do alpendre, até aí desprevenidos da presença do desconhecido, despertaram e espalharam-se. Os que estavam a pé guindavam-se, apressadamente, para as selas; os restantes lançaram-se, a cavalo, na perseguição, mas tinham de tornejar o terreno sagrado e era evidente que a presa se lhes escaparia.

Hatch, rugindo uma praga, apontou o cavalo á vedação, para a saltar, mas o animal negou-se, projetando o cavaleiro ao comprido na poeira. E, ainda que, no mesmo momento, se tivesse levantado e lançado mão do freio, tinha passado o tempo necessário para que o fugitivo conseguisse uma grande dianteira e não pudesse haver esperanças de alcançá-lo.

O mais prudente de todos fora Dick Shelton. Em vez de partir numa perseguição inútil, arrancara rapidamente a besta de tiracolo, esticara-a e pusera uma flecha na corda. E, agora, quando os outros haviam desistido, voltara-se para Bennet e perguntava-lhe se podia disparar.

- Atira! Atira! - gritou o padre, com violência sanguinária.

- Aponte-lhe, Master Dick - disse Bennet. - Deite-mo abaixo como uma maçã madura.

O fugitivo estava, agora, apenas a poucos passos da salvação. Mas esta última parte do

prado subia a pique, e o homem proporcionalmente corria mais devagar. Apesar de, com a névoa da noite que caía e os movimentos sacudidos do corredor, não ser um alvo fácil, Dick sentiu, enquanto apontava o arco, uma espécie de piedade e um quase desejo de não acertar.

A seta partiu. O homem tropeçou e caiu. E uma grande aclamação partiu de Hatch e dos perseguidores. Mas faziam contas antecipadas. O homem caiu levemente e, levantando-se, ágil, voltou-se e agitou num desafio o seu barrete e, pouco depois, estava fora do alcance da vista, na orla da floresta.

- Que o diabo o leve! - gritou Bennet. - Tem pernas de ladrão e pode correr, com mil demónios! Mas acertou-lhe, Master Shelton. Foi atingido e não lhe invejo a sorte.

- Que faria ele junto à igreja? - perguntou Sir Oliver - Estou desconfiado de que ali tenha havido desastre! Clipsby, meu rapaz, apeia-te e procura bem entre os teixos.

Clipsby partiu e, pouco depois, voltou trazendo um papel.

- Este escrito estava pregado na porta da igreja - disse, estendendo-o ao padre. - Não encontrei mais nada, meu padre.

- Agora, pelo poder da Santa Madre Igreja! - gritou Sir Oliver - isto atinge quase o sacrilégio! Pelo belprazer do Rei ou do senhor do castelo está bem! Mas que qualquer escalda-favais de gibão verde possa colar papéis na porta da igreja! Não, isto cheira, a valer, a heresia! A valer! E por muito menos já alguns têm sido queimados! Mas, que é isto? A noite cai depressa. Bom Master Ricardo, o senhor, que tem olhos de moço, leia-me, por favor, este papel.

Dick Shelton agarrou no papel e leu-o alto. Continha algumas linhas de uma rude canção de escárnio rimando com dificuldade, escrita em grosseiros caracteres e com uma ortografia ainda mais singular. Com a ortografia um pouco melhorada, eis o que dizia:

Tenho quatro setas pretas no meu cinturão.

Quatro para as penas que tenho sentido.

Quatro prós homens de mau coração

Que desde sempre me têm oprinido.

Uma já partiu e, bem despachado,

O velho Appleyard foi assassinado.

Uma é pra um tal senhor Bennet Hatch

Que incendiou Grinsstone de alto a baixo.

Uma é para Oliver Oates, essa alma santa,

Que a Sir Harry Shelton cortou a garganta

Sir Daniel, para vós será a quarta.

E, com isso, nós gozaremos à farta.

Todos vós tereis o vosso quinhão:

Uma seta preta no coração.

Ajoelhai-vos, fazei oração,

Pois sois ladrões mortos, quer queiram quer não...

João-o-Justiceiro da Floresta Verde, e a sua bela companhia.

Nota: Temos mais flechas e boa corda de cânhamo para outros do vosso séquito.

- Sim, senhor! Ai da caridade e das graças cristãs! - gritou Sir Oliver, lamentosamente.

- Senhores, este é um mundo falso e cada vez pior. Juro, pela Santa Cruz de Holywood, que estou tão inocente do mal que sucedeu a esse bom cavaleiro, quer por atos, quer por intenções, como uma criança por batizar. Ninguém foi degolado, nisto se enganam eles!, e ainda vivem testemunhas que podem prová-lo.

- Isso não serve de nada, padre - disse Bennet. - É impróprio falar nisto aqui...

- Não, Bennet, não. Conserva-te no teu lugar - respondeu o padre. - Farei surgir a minha inocência. Não há considerações de qualquer espécie que me façam perder, por um erro, a minha pobre vida. Tomo estes homens por testemunhas de que estou limpo de mácula neste assunto. Nem mesmo estava no castelo. Fui mandado a um recado antes das nove horas.

- Sir Oliver - disse Hatch, interrompendo-o.

- Desde que não quereis acabar com esse sermão, arranjarei outros meios. Goffe, toca para montar!

E, enquanto a fanfarra soava, Bennet aproximou-se do desconcertado clérigo e violentamente segredou-lhe ao ouvido.

Dick Shelton viu o olhar do padre voltar-se para ele, por instantes, num medroso lampejo. Tinha as suas razões para meditar, porque aquele Sir Harry Shelton era seu próprio pai. Mas nunca disse palavra e manteve uma expressão inalterável. Hatch e Sir Oliver discutiram, durante algum tempo, a sua nova situação. Foi decidido, entre eles, reservar dez homens, não só para guarnecer o castelo mas também para escutar o padre através da floresta.

Entretanto, como Bennet devia ficar à retaguarda, o comando do reforço foi dado a Master Shelton. Na verdade, não havia possibilidade de escolha. Os homens eram pobres rústicos, tardos e pouco afeitos á guerra, enquanto Dick era não só popular mais valente e mais reflectido do que o natural na sua idade. Apesar de a sua juventude haver decorrido nestes rudes lugares campestres, o rapaz havia sido bem ensinado nas letras por Sir Oliver, e o próprio Hatch o industriara no manejo das armas e lhe dera as primeiras noções do comando.

Bennet havia sido sempre, para ele, bondoso e útil. Era uma destas pessoas que são duras como o aço para os que consideram inimigos, mas ferozmente fiéis e dedicados para os amigos. E, agora, enquanto Sir Oliver entrava na casa próxima para escrever, na sua rápida e especiosa caligrafia, um memorial dos últimos acontecimentos a seu amo, Sir Daniel Brackley, Bennet aproximou-se do discípulo para lhe desejar boa sorte na empresa.

- Deve ir pelo caminho mais longo, Master Shelton - disse. - Pela sua saúde, vá pela ponte! Mande um homem de confiança cinquenta passos à sua frente, para atrair os tiros; e vá devagar até passar o bosque. Se os bandidos atacarem, carregue.

Não lucrará nada esperando. E avance sempre, Master Shelton. Não volte para trás, se tem amor à vida. Lembre-se de que não há nenhum reforço em Tunstall. E, agora que vai para as grandes guerras do Rei, e eu aqui fico, em extremo perigo de vida, e só Deus sabe se por cá nos encontraremos outra vez, vou dar-lhe os meus conselhos à partida. Vigie Sir Daniel. Ele não é certo. Não confie no padre. Não tem intenção de fazer mal, mas cumpre a vontade dos outros. É uma arma de Sir Daniel.

Faça valer a sua boa nobreza, aonde quer que vá e, note bem, conquiste amigos poderosos. E não se esqueça de rezar um padre-nosso por Bennet Hatch.

Há neste mundo patifes piores que Bennet. Assim Deus o proteja!

- E o céu seja contigo, Bennet - replicou Dick. - Foste um bom amigo para um órfão, hei-de dizê-lo sempre.

- E olhe, Master - acrescentou Hatch, com um embaraço -, se esse tal Justiceiro me atravessar com uma seta, talvez possa gastar uma moeda de ouro ou uma libra por intenção da minha pobre alma, porque irei diretinho para o Purgatório!

- Será cumprido o teu desejo, Bennet - respondeu Dick. - Mas que estás para aí a dizer, homem?! Encontrar-nos-emos outra vez, mas em sitio onde tenhamos mais necessidade de cerveja do que de missas.

- Assim Deus o queira, Master Dick! - replicou o outro. - Ai vem Sir Oliver. Se fosse tão expedito com o arco como é com a pena, seria um bravo soldado.

Sir Oliver deu a Dick um volume selado, assim sobrescritado:

"Para ser entregue urgentemente ao meu verdadeiro e venerável senhor, o cavaleiro Sir Daniel Brackley.

E Dick, metendo-o no peito do seu gibão, deu a voz de comando e avançou para oeste, subindo a aldeia.

LIVRO I – OS DOIS RAPAZES

CAPÍTULO I – NA ESTALAGEM DO SOL, EM KETTLEY

SIR Daniel e os seus homens estavam naquela noite em Kettley e seus arredores, confortavelmente aquartelados e bem patrulhados. Mas o cavaleiro de Tunstall era insaciável de dinheiro e, mesmo agora, no limiar de uma aventura que podia guindá-lo ou perdê-lo, estava a pé à uma hora da noite para espoliar os pobres vizinhos. Era dos que traficavam em heranças litigiosas. Era a sua maneira de quebrar os reclamantes mais irrequietos. Pelo favor, que mantinha, dos grandes senhores, junto do Rei, conseguia decisões injustas em seu proveito, ou, se isto era muito complicado, tomava pela força das armas o castelo disputado e confiava na sua influência e no perspicaz conhecimento que Sir Oliver tinha das leis, para conservar o que havia roubado. Kettley era um destes lugares; tinha-lhe caído muito recentemente nas garras. Encontrava ainda a oposição dos feudatários; e tinha sido para mostrar o seu descontentamento que ali levava as tropas.

Por volta das duas da manhã, Sir Daniel estava sentado na sala da estalagem, muito perto do lume, porque estava frio àquela hora no meio dos pântanos de Kettley. Ao lado tinha uma caneca de cerveja com especiarias. Tirara o elmo de viseira, descansava a cabeça, calva e seca, e a escura face sobre a mão, e estava confortavelmente embrulhado numa capa cor de sangue. Na parte mais baixa da sala, cerca de meia dúzia dos seus homens guardavam a porta ou dormiam sobre os bancos, e, um pouco mais próximo, um rapazinho, aparentando doze ou treze anos, dormia estendido numa manta, no chão. O estalajadeiro do Sol mantinha-se de pé, em frente do fidalgo.

- Agora, toma nota, estalajadeiro - disse Sir Daniel. - Segue apenas as minhas ordens; e eu serei sempre um bom senhor para ti. Preciso de homens de confiança para as sedes de distrito. Repara bem, terei Adam-o-More como alcaide. Se for escolhido outro, de nada te valerá, porque será pago à tua custa. Para os que pagaram tributo a Walsingham tomarei boas medidas, e tu estás entre esses...

- Bom cavaleiro - disse o estalajadeiro -, juro pela Cruz de Holywood que só paguei a Walsingham sob coação. Não, bravo cavaleiro, eu não gosto do patife do Walsingham. É tão pobre como ladrão, bravo cavaleiro. Antes quero um grande senhor como vós. Perguntai á vizinhança. Sou um ferrenho partidário de Brackley.

- Talvez - disse Sir Daniel. - Então pagas.

O hospedeiro fez uma horrenda careta. Mas isto era uma infelicidade que naqueles tempos sem lei frequentemente sucedia a um feudatário, e talvez tivesse ficado contente por ter conseguido a paz de maneira tão fácil.

- Traz esse homem, Selden! - gritou o cavaleiro.

E um dos seus mercenários conduziu um pobre velho curvado, pálido como a cera e tremendo com sezões.

- Vilão - disse Sir Daniel -, como te chamas?

- Condall, para servir Vossa Nobreza - replicou o homem. - Chamo-me Condall de Shoreby, às ordens de Vossa Nobreza.

- Ouvi dizer mal de ti - retorquiu o cavaleiro. - Vives da traição, Espalhas falsas

notícias na região e és suspeito de várias mortes, patife.

És muito atrevido, mas eu te ensinarei...

- Honrado e venerável senhor! - gritou o homem. - Aqui deve haver confusão, salvo o devido respeito. Sou um pobre homem que não faz mal a ninguém.

- O meirinho deu de ti as piores informações - disse o cavaleiro. - Préndam-me - disse -, este Tyndall de Shoreby.

- Condall, meu bom senhor; Condall é que é o meu nome - disse o infeliz.

- Condall ou Tyndall, tanto faz, por minha fé! estás aqui e suspeito grandemente da tua honestidade. Se queres salvar a cabeça, escreve-me, rapidamente uma confissão de dívida de vinte libras.

- De vinte libras? - Gritou Condall. - meu bom senhor! Isso é uma loucura! Tudo quanto tenho não vale setenta xelins!

- Condall ou Tyndall - replicou Sir Daniel, - rindo sarcasticamente. - Correrei o risco desse prejuízo. Escreve vinte, que, logo que eu receba tudo, serei bom amo para ti e perdoar-te-ei o resto.

- Valha-me Deus, Eu quase não sei escrever - disse Condall. - meu senhor Não pode ser.

- Bem! -, então não há remédio - replicou o cavaleiro. - Assim ainda te pouparia, Tyndall, mesmo contra a minha consciência. Selden, leva-me suavemente este velho patife até ao ulmeiro mais próximo e pendura-mo, com ternura, pelo pescoço em sitio onde eu o possa ver quando montar a cavalo. Passa bem, velho Condall, querido Tyndall. Vais a mata-cavalos para o Paraíso. Adeus!

- Não, meu muito amável senhor - respondeu Condall, forçando um sorriso servil- Se sois tão poderoso que o que mandais fazer é bem feito, eu cumprirei as vossas ordens, mesmo com a minha fraca habilidade.

- Amigo - disse Sir Daniel -, agora, há-de escrever quarenta. Vai! é esperto de mais para teres só um rendimento de setenta xelins. Seldon, vê-o escrever-me isso em boa forma e devidamente testemunhado.

E Sir Daniel, que era um alegre cavaleiro como outro não havia em Inglaterra -, bebeu uma golada da sua cerveja com especiarias e recostou-se sorrindo.

Entretanto, o rapaz estendido no chão começou a levantar-se e, finalmente, sentou-se e olhou em volta, com espanto.

- Aqui! - disse Sir Daniel. E como o outro se levantasse a esta ordem e caminhasse vagarosamente para ele reclinou-se na cadeira e riu, à gargalhada.

- Pela Santa cruz! - exclamou. - Estás um belo rapaz.

O rapaz pôs-se rubro de cólera, lançando-lhe um olhar de ódio dos seus negros olhos.

Agora, que estava de pé, era mais difícil dar-lhe uma idade certa. O rosto tinha uma expressão de mais idade, mas era tão aveludado como o de um petiz e, de membros e corpo, era invulgarmente franzino e um pouco acanhado, na maneira de andar.

- Haveis-me chamado, Sir Daniel? - disse.

Era para vos rirdes do meu triste estado?

- Então, deixa-me rir! - disse o cavaleiro.

Ah, patife! Deixa-me rir! Se te pudesses ver a ti próprio, aposto que serias o primeiro a rir.

- Bem - exclamou o rapaz, corando. - Deveis responder por isto quando responderdes pelo resto. Ride-vos enquanto é tempo!

- Agora, não, querido primo - replicou Sir Daniel, com vivacidade. - Não penses que me rio de ti a não ser com bom humor e como entre parentes e particulares amigos. Vou fazer-te um casamento de um milhar de libras e, além disso, mimar-te muito. Raptei-te, na verdade, rudemente, porque o tempo urgia, mas, daqui para o futuro, sustentar-te-ei de boa vontade e servir-te-ei dedicadamente.

Serás a Senhora Shelton: Lady Shelton-por minha honra. - porque o rapaz é uma bela promessa. Vamos! Não te envergonhes de um riso honesto!

Afasta a melancolia! os maus não riem, bom primo. Bom estalajadeiro, traze-me agora a refeição de meu primo Master John. Senta-te, queridinho, e come.

- Não - disse Master John. - Não comerei nada. Desde que me forçais a este pecado, jejuarei para salvar a minha alma. Mas, bom estalajadeiro, peço-te o favor de me dares um copo de boa água.

- Agradeço-te muito esse favor.

- Terás uma bula para o jejum, vamos! - exclamou o cavaleiro. - Confessar-te-ás, por minha fé! Alegra-te e come!

Mas o rapaz era obstinado. Bebeu o copo de água e, embrulhando-se de novo na manta, sentou-se num canto afastado, meditando.

Uma hora ou duas depois, ouviu-se um burburinho na vila, com alertas de sentinelas e o ruído de armas e cavalos. Então, um grupo aproximou-se da porta da estalagem e Ricardo Shelton, salpicado de lama, apareceu no limiar.

- Deus vos salve, Sir Daniel! - disse.

- Como?! Ricardito Shelton! - exclamou o cavaleiro.

Ao ouvir proferir o nome de Dick, o outro rapaz olhou-o curiosamente.

- Que faz Bennet Hatch?

- Dignai-vos, senhor, tomar conhecimento desta mensagem de Sir Oliver, onde todos os acontecimentos são completamente relatados - respondeu Ricardo, apresentando a carta do padre. - E, antes de mais, talvez fosse bom partirdes o mais depressa possível para Resingham: porque, no caminho para aqui, encontrámos um correio galopando furiosamente com cartas e, pelas suas noticias, Lord Resingham estava em má situação e necessitava extraordinariamente da vossa presença.

- Como dizes? Em má situação? - retorquiu o cavaleiro. - Não, então só teremos pressa de estar quietos, caro Ricardo. Da maneira que correm as coisas neste pobre reino de

Inglaterra, aquele que vai mais devagar é o que vai com mais segurança. Da demora, dizia-se, nascia o perigo. Mas é antes este prurido de ação que perder os homens, nota bem isto, Dick. Mas deixa-me ver, primeiro, o que para aqui me trazes. Selden, um archote aqui ao pé da porta!

E Sir Daniel encaminhou-se, com grandes passadas, para a rua da vila, e, a luz vermelha do archote, inspeccionou as suas novas tropas.

Era um impopular vizinho e um senhor impopular, mas, como cabo de guerra, era bem amado pelos que cavalgavam atrás do seu pendão. A sua violência no ataque, a sua comprovada coragem, o cuidado pelo conforto dos soldados, mesmo os seus rudes sarcasmos, tudo era do gosto desta atrevida soldadesca de cota de malha e elmo.

- Não, pela Santa Cruz! - exclamou. - Quem são estes cães famélicos? Há-os curvos como um arco e finos como uma lança. Ireis na primeira linha, para vos poupar, amigos! Reparem naquele velho mariola do cavalo malhado! Um carneiro de dois anos a cavalo num porco tinha um ar mais marcial!

Olá, Clipsby, também por cá, velha ratazana? És um homem que eu perderia de boa vontade. Hás-de, ir, na frente de todos, com um circulo pintado no gibão para seres melhor alvo para os besteiros. Hás-de ensinar-me o caminho, vilão!

- Não poderei ensinar-vos outro caminho que não seja o de mudar de partido - retorquiu Clipsby, grosseiramente.

Sir Daniel deu uma estrondosa gargalhada:

- Bem dito! - exclamou. - Tens uma lingua afiada, vamos! Perdoo-te, por esse bom dito! Selden, olha por que dêem de comer a homens e animais.

O cavaleiro reentrou na estalagem.

- Agora, amigo Dick, vamos a isto. Aqui está boa cerveja e presunto. Come enquanto eu leio.

Sir Daniel abriu o embrulho e, á medida que lia, franziu as sobrancelhas. Quando acabou, sentou-se, por momentos, meditando, e depois olhou penetrantemente para o seu pupilo.

- Dick - disse ele -, leste os tais versos de pé quebrado?

O rapaz respondeu afirmativamente.

- Trazem o nome de teu pai - continuou o cavaleiro -, e o pobre diabo do nosso padre é acusado, por algum maluco, de o ter assassinado.

- Ele negou isso com firmeza - respondeu Dick.

- Negou? - exclamou o cavaleiro, num sobressalto. - Não faças caso. Tem a língua solta e é tagarela como um pardal. Qualquer dia, quando tiver vaga, esclarecer-te-ei completamente sobre esse assunto. Um dos Duckworth foi acusado disso, mas os tempos eram agitados e não havia justiça.

- Foi no castelo? - acrescentou Dick, com um baque no coração.

- Foi entre o castelo e Holywood - replicou Sir Daniel calmamente, mas lançando um olhar de viés e carregado de suspeitas sobre o rosto de Dick.

- E agora - juntou o cavaleiro --, despacha-te com a tua refeição. Tens de voltar a Tunstall com uma carta minha.

Dick tomou uma expressão compungida.

- Por favor, Sir Daniel! - exclamou. - Mandai um dos vilões. Peço-vos que me deixeis combater. Já poderei dar boas cutiladas; prometo-vos...

- Não o duvido - respondeu Sir Daniel, sentando-se para escrever. - Mas aqui - continuou - não conquistarás honras. Estarei em Kettleby até conseguir informações seguras e, logo que as tenha, partirei a juntar-me com o vencedor. Não penses que é covardia: é apenas prudência, Dick, porque este pobre reino tem sido tão atribulado pelas revoltas e o nome do Rei e a sua guarda têm tantas vezes mudado de mãos, que ninguém pode estar certo do dia de amanhã. O Seguro morreu de velho e Dona Prudência foi ao enterro.

Dizendo isto, Sir Daniel voltou as costas a Dick e quase na ponta extrema da longa mesa começou a escrever a carta, de boca ao lado, porque este assunto da flecha negra contraí-lhe dolorosamente a garganta.

Entretanto, o moço Shelton continuava, com bom apetite, a sua refeição, quando sentiu um contato no seu braço e uma voz segredar-lhe, muito baixo, ao ouvido:

- Não dê qualquer sinal, peço-lhe - disse a voz. - Mas, por caridade, ensine-me o caminho mais curto para Holywood. Por favor, meu rapaz, acuda a uma pobre alma em perigo e em extrema desgraça e indique-me, até onde puder, o caminho da salvação.

- Tome a vereda junto ao moinho de vento - respondeu Dick, no mesmo tom. - Conduzi-lo-á até à passagem do barco do Till. Aí pergunte outra vez.

E, sem voltar a cabeça, recomeçou a comer. Mas, disfarçadamente, lançou um olhar ao rapazinho a quem chamavam Master John, e viu-o arrastar-se, furtivamente, para fora da sala.

"Porque me terá ele chamado meu rapaz", se é a da minha idade?! Se tivesse sabido, antes queria ter visto o mariola na força do que tê-lo ensinado. Mas, se vai pelo pântano, eu o alcançarei e lhe puxarei as orelhas", pensou Dick.

Meia hora mais tarde, Sir Daniel deu a carta a Dick e despachou-o, a toda a velocidade, para o castelo. Meia hora após a sua partida, chegava, à desfilada, um mensageiro de Lord Risingham.

- Sir Daniel - disse o mensageiro -, por minha fé!, perdeis grande honra. O combate começou de novo esta manhã, antes do amanhecer. Batemos-lhe a retaguarda e desbaratámos-lhe a ala direita. Só o grosso do exército se mantém ainda unido. Se tivéssemos as nossas tropas frescas lançá-las-íamos no rio. O quê, senhor cavaleiro, quereis ser o último? Isso não se combina com a vossa fama!

- Não! - disse o cavaleiro. - Ia agora mesmo pôr-me em marcha. Selden, toca-me a trombeta! Senhor, estarei convosco dentro de um momento. Não há ainda duas horas que a maior parte das minhas forças chegou, senhor mensageiro! Como poderíamos ter partido? A espora é bom alimento ainda que mate o corcel. Vamos, rapazes!

Neste momento a trombeta soava alegremente, na madrugada, e de todos os lados os

homens de Sir Daniel chegavam à rua principal, formando em frente da estalagem. Tinham dormido em armas, com os cavalos de guerra selados e, em dez minutos, cem homens de armas e besteiros perfeitamente equipados e bem disciplinados estavam alinhados e prontos.

A maior parte estava vestida com a libré de Sir Daniel, escarlate e azul, o que dava um belo aspecto á sua formatura.

Os melhores armados partiram primeiro e, longe, fora da vista, à retaguarda da coluna, seguia o triste reforço da noite anterior.

Sir Daniel olhava, com orgulho, o desfile.

- Aqui estão os valentes para vos servir, num aperto. - replicou o mensageiro. - São belos homens, na verdade, e isso apenas vem aumentar a minha tristeza por não haverdes partido mais cedo.

- Bem - disse o cavaleiro -, o que desejáveis? O começo de uma festa, como o fim de uma batalha, Senhor mensageiro? - e saltou para o cavalo. - Como? Como é isto?! - gritou - John!

Joana! Não, pela Santa Cruz! Onde está ela? Hospedeiro, onde está aquela rapariga?

- Rapariga, Sir Daniel?! - perguntou o dono da casa. - Não, meu senhor, não vi nenhuma rapariga.

- Então, rapaz, meu palerma! - exclamou o cavaleiro. - Não viste que era fêmea? Aquela da capa escarlate, que só quis beber água, patife, onde está ela?!...

- Valha-nos Deus! Chamáveis-lhe Master John! - disse o estalajadeiro. - Pois bem, não desconfiei. Foi-se. Eu vi-o... vi-a... Vi-a na cavalaria a aparelhar um cavalo ruço.

- Por Deus! - gritou Sir Daniel -, a moça vale para mim quinhentas libras ou talvez mais!...

- Senhor cavaleiro - observou o mensageiro -, enquanto estais aqui praguejando por causa de quinhentas libras, está sendo algures perdido ou ganho o trono de Inglaterra.

- É verdade - respondeu Sir Daniel -, Selden, parte com seis besteiros e caçara! Não olho ao que isso custe, mas, quando voltar, quero encontrá-la no castelo. Toma bem nota disto, tens em risco a cabeça... E agora, senhor mensageiro, partamos.

E a tropa seguiu a trote largo, enquanto Selden e os seus seis homens ficavam na rua de Kettley com os camponeses embasbacados.

CAPÍTULO II – NO PÂNTANO

ERAM perto de seis horas, naquela manhã de Maio, quando Dick começou a descer, a cavalo, para o pântano, a caminho de casa. O céu era todo azul e uma doce brisa corria baixa e tranquila. As velas do moinho rodavam e os salgueiros, por todo o pau, ondulavam, brilhando como uma seara. Passara toda a noite a cavalo mas sentia-se bem disposto de alma e corpo e cavalgava alegremente.

A vereda descia, cada vez mais, para o pântano, de maneira que ele perdeu de vista todos os pontos de referência da região, e só via o moinho de vento de Kettley no montículo que deixara atrás e os cimos das copas da floresta de Tunstall ao longe, na sua frente.

Dos dois lados havia grandes extensões murmurantes de juncos e salgueiros, charcos ondulando com o vento e atoleiros enganadores, verdes como esmeraldas, para tentar e perder o viajante. O caminho corria quase todo exatamente através do pântano. Era já muito antigo: havia sido construído pela soldadesca romana. Com o decorrer do tempo, grande parte dele ficara aterrado e, mesmo, aqui e ali, em extensões de algumas jardas, estava submerso na água estagnada do pântano.

A cerca de uma milha de Kettley, Dick chegou a uma dessas soluções de continuidade no curso do caminho de passagem, ali onde os juncos e os salgueiros cresciam dispersos em ilhotas, estabelecendo, à vista, a confusão. Além disso, porque a brecha era maior do que de costume, este era um lugar onde qualquer viajante facilmente seria induzido em erro, e Dick pensou para consigo próprio, com um vago sentimento de apreensão, no rapazinho a quem tão imperfeitamente havia orientado. Porque ele, com um olhar para trás, às velas do moinho que giravam, recortando-se no azul do céu, e um olhar em frente, para os cimos da floresta de Tunstall, estava suficientemente orientado e seguia avante, com a água pelos joelhos do cavalo, tão seguro como se fosse por uma estrada.

Ao meio da travessia e quando já lobrigava o caminho de passagem, subindo, em seco, do outro lado foi sobressaltado por um grande barulho da água agitada, á sua direita, e viu um cavalo ruço mergulhado até à barriga no lodo e lutando ainda espasmódicamente. Imediatamente, como se tivesse adivinhado a proximidade do auxílio, o pobre animal começou a relinchar mais lamentosamente, rolando nas órbitas os olhos injetados de sangue e loucos de terror. E como se contorcia, agitando o lodo, nuvens , de mosquitos levantavam-se e zumbiam no ar.

"Coitado!" - pensou Dick. "Terá morrido o pobre garoto? Este é certamente o cavalo dele:"- belo cavalo ruço! Não, camarada, se chamaste por mim tão tristemente, farei tudo quanto possa para te ajudar. Não te deixarei ficar para te afogares lentamente!

Apontou-lhe a besta e atravessou, com uma flecha, a cabeça do pobre bicho.

Dick continuou cavalgando, depois â este ato de rude misericórdia, um pouco apreensivo e olhando, em volta, atentamente, â procura de qualquer vestígio do seu infeliz antecessor naquele caminho.

"Deveria ter-me atrevido a dizer-lhe mais alguma coisa", pensou, porque temo que se tenha metido no atoleiro".

E, exatamente no momento em que assim pensava, uma voz gritou o seu nome do lado do caminho de passagem e, olhando por sobre o ombro, Dick viu o rosto do garoto a espreitar, de entre um tufo de juncos.

- Estás aí? - disse, sustendo as rédeas. - Estás tão bem escondido nos juncos, que te passei mesmo ao pé... Vi o teu cavalo atascado e acabei-lhe com a agonia. Por minha honra! devias tu próprio tê-lo feito, se fosses um cavaleiro mais caridoso! Mas, sai-me desse esconderijo! Nada aqui te ameaça.

- Não, meu rapaz. Não tenho armas, nem saberia usá-las, mesmo que as tivesse - disse o outro subindo para o caminho de passagem.

- Porque me chamas rapaz? - gritou Dick. - Penso que, de nós dois, não serás tu o mais velho!

- Bom Master Shelton - disse o outro - desculpa-me, por favor. Não tenho qualquer intenção de ofender-te, antes de todas as maneiras te peço a tua atenção e favor; porque estou, agora, em pior situação do que nunca. Perdi-me no caminho; perdi a minha capa e o meu pobre cavalo. Tenho esporas e chicote e estou a pé! E além disso... - acrescentou, olhando tristemente para o seu fato. - E além disso, estou lamentavelmente sujo.

- Basta - exclamou Dick - pensarás agora num banho. O sangue das feridas e o pó das jornadas são os melhores adornos para um homem!...

- Isso não! Gosto deles mais completos. Dize-me, por favor, que hei-de fazer. Peço-te, bom Master Ricardo, ajuda-me com o teu conselho. Se não chego salvo a Holywood, estou perdido!

- Não - disse Dick apeando-se -, dar-te-ei mais do que conselhos. Toma o meu cavalo. Eu irei correndo e, quando estiver cansado, mudaremos, de maneira que montando e correndo, iremos mais depressa.

Fizeram a troca e caminharam tão rapidamente quanto puderam sobre o caminho desigual, Assim levando Dick a mão posta sobre o joelho do outro.

- Como te chamas? - perguntou Dick.

- John Matcham - respondeu o rapaz.

- E que te leva a Holywood. - continuou Dick. - Procuo asilo para fugir a um homem que me oprimiria - foi a resposta. - O bom abade de Holywood é um forte amparo para os fracos.

- E como vieste com Sir Daniel, Master Matcham? - prosseguiu Dick.

- Ora - respondeu o outro -, à força. Raptou-me da minha terra. Vestiu-me este fato. Fez-me galopar até eu já não poder mais. Fez-me chorar até não poder verter uma lágrima e, quando alguns dos meus amigos nos perseguiram, pensando reaver-me colocou-me atrás da sela para apanhar os tiros. Fui mesmo atingido de raspão, no pé direito, e ando, ainda coxeando. Mas há-de chegar o dia do ajuste de contas! E será o meu dia mais feliz!...

- Queres chegar á Lua com uma espada? - disse Dick. - É um bravo cavaleiro e tem mão de ferro. Se ele adivinhasse que eu interviera na tua fuga, ou que te ajudara, ficaria

zangado comigo. - pobre rapaz! - replicou o outro. - És seu pupilo, bem sei. Na sua opinião eu também o sou, pelo menos ele assim o diz. Ou Tinha tratado o meu casamento, não sei muito bem com quem... Mas era uma forma de me oprimir...

- Outra vez rapaz?! - disse Dick.

- Então hei-de chamar-te rapariga, caro Ricardo? - perguntou Matcham.

- Não, não me fales de raparigas. - replicou Dick - Não preciso delas para nada!

- Falas como um garoto - disse o outro. - Pensas mais nelas do que queres fazer crer.

- Eu! Isso sim! - disse Dick convictamente. - Não me ocupam os pensamentos. É o que te digo. Que o diabo as leve! Dêem-me caçadas, guerra e festins e deixem-me viver com os alegres guardas de caça. Nunca ouvi falar de uma rapariga que servisse para qualquer coisa, a não ser uma única; e essa (coitada!) foi queimada por feitiçaria e por usar fatos de homem, contra a natureza.

Master Matcham persignou-se, com fervor, e pareceu

- Que estás a fazer? - perguntou Dick.

- Rezo por sua alma - respondeu o outro numa voz um pouco perturbada.

- Por alma da bruxa? - exclamou Dick. - Pois reza por ela, se isso te agrada. Foi a melhor donzela da Europa, essa Joana d'Arc! O velho Appleyard, o besteiro, contava ter fugido dela em Mahoun. Na verdade era uma valente rapariga!

- Está bem. Mas, caro Ricardo, se gostas tão pouco das mulheres, não és um verdadeiro homem; porque Deus fez os dois intencionalmente, e lançou o amor verdadeiro no mundo para que fosse a esperança dos homens e a consolação das mulheres.

- Deixa-te disso! - disse Dick. - És uma criança de mama, para falares de mulheres. E se pensas que eu não sou um verdadeiro homem, apeia-te e, como queiras: a murro, à espada ou com arco e seta, provar-te-ei a minha virilidade.

- Não, eu não sou guerreiro - disse Matcham, com veemência.

- Não quis, de maneira alguma, ofender-te. Estava só a brincar. E se falo de mulheres, é apenas por ter ouvido que te ias casar.

- Eu casar-me! - exclamou Dick. - Pois bem , é a primeira vez que ouço falar em tal. E com quem estou eu para casar?

- Com uma tal Joana Sedley - respondeu Matcham corando. - É obra de Sir Daniel, que ganha dinheiro das duas partes, e, na verdade, ouvi a pobre rapariga lamentando-se tristemente, por causa do casamento. Parece-me que é da tua opinião, ou, então, não gosta do noivo.

- Bom! O casamento é como a morte, chega a todos - disse Dick com resignação. - E ela lamentava-se? Vê lá como as raparigas são estúpidas! lamentar-se antes de me ter visto! Eu não me lamento. Se tiver de casar, casar-me-ei sem lamúrias. Mas se tu a conheces, dize-me cá: como é ela? Bonita ou feia? Desajeitada ou agradável?

- Que te importa? - disse Matcham - Se estás para casar, não tens mais do que casar. Que te importa que seja feia ou bonita? Isso são ninharias! Tu não és nenhum menino de

mama, Master Ricardo. De qualquer modo, casas sem lamúrias.

- É verdade - respondeu Shelton -, pouco me importa.

- Parece-me que a senhora tua mulher vai ter um agradável senhor - disse Matcham.

- Terá o senhor que o céu lhe destinou - respondeu Dick. - Julgo que tanto poderia ser pior como melhor.

- Pobre donzelinha! - exclamou o outro.

- Pobre porquê? - respondeu Dick.

- Pobre, por casar com um homem de pedra - replicou o seu companheiro. - Coitada! Um marido, um marido de pedra.

- Na verdade, o que vale é que sou um homem de pedra - disse Dick - para poder fazer o caminho a pé, enquanto tu vais no meu próprio cavalo, mas a pedra é rija, asseguro-te.

- Bom Dick, desculpa-me - exclamou o outro. - Não, tu és o melhor coração da Inglaterra. Eu dizia isso para me rir. Desculpa, querido Dick.

- Deixa-te de asneiras! - retorquiu Dick, um pouco embaraçado com o calor que tomara o seu companheiro.

- Não me ofendeste. Graças a Deus, não sou susceptível.

E neste momento o vento, que soprava a favor, trouxe-lhes as ásperas florituras do trombeteiro de Sir Daniel.

- Escuta - disse Dick. - A trombeta tocou.

- Valha-me Deus! - exclamou Matcham. - Deram pela minha fuga, e agora estou sem cavalo.

E fez-se pálido como a morte.

- Deixa-te de lamúrias! - tornou Dick. - Temos um grande avanço, e estamos perto do embarcadouro. Além disso, parece-me que quem está a pé sou eu...

- Pobre de mim, vou ser apanhado! - exclamou o fugitivo. - Dick, generoso Dick, peço-te, ajuda-me!

- Porquê? Que é que te dói agora? - disse Dick. - Parece-me que te estou a ajudar muito claramente, mas sinto-me realmente triste por seres uma criatura tão desanimada! E repara, João Matcham (se João Matcham é o teu nome), eu, Ricardo Shelton, aconteça o que acontecer, venha o que vier, hei-de ver-te a salvo em Holywood. Os santos me abandonem se eu te abandonar. Vamos! Anima-te, Senhor do Rosto Pálido! O caminho aqui é melhor, esporeia o cavalo. Mais depressa, mais depressa! Não te preocupes comigo; eu corro como um gamo.

E assim, com o cavalo a trote largo, e Dick correndo facilmente ao lado, atravessaram o resto do pântano e chegaram à margem do rio junto à cabana do barqueiro.

CAPÍTULO III - A BARCA DO PÂNTANO

O rio Till era uma larga, indolente e barrenta veia de água, que transbordava dos pântanos e nesta parte do seu curso se arrastava por entre uma quantidade de ilhotas alagadiças e cobertas de salgueiros.

Era uma sombria corrente; mas naquela luminosa e viva manhã tudo se tornava belo. O vento e as andorinhas quebravam-no em inumeráveis ondulações e o reflexo do céu espalhava-se por toda a sua superfície, em manchas de um ridente azul.

Uma enseada abria-se até o caminho e, perto, na parte baixa da margem, estava escondida a cabana do barqueiro. Era feita de juncos e barro, e no telhado crescia, verde, a erva.

Dick encaminhou-se para a porta e abriu-a. Dentro, sobre uma ordinária e velha capa surrada, jazia o barqueiro estirado e sucumbido. Era um homem enorme, mas magro e trémulo por causa das febres da região.

- Olá, Master Shelton, vem pela barca? Maus tempos! Maus tempos! Tenha cuidado consigo. Anda para aí um bando à solta. Fazia melhor se voltasse para trás depressa e experimentasse ir pela ponte.

- Nada, que o tempo está na mão - respondeu Dick. - O tempo urge, Hugo Barqueiro. Tenho muita pressa.

- Homem teimoso! - retorquiu o barqueiro, levantando-se. - Se conseguir chegar, a salvo, ao castelo, tem muita sorte. Não lhe digo mais nada. - E olhando, nesse momento, para Matcham: - Quem é este? - perguntou, enquanto parava, piscando os olhos, no limiar da cabana.

- Meu parente Master Matcham - respondeu-lhe Dick.

- Bom dia, bom barqueiro - disse Matcham, que se apeara e se aproximava com o cavalo à mão. - Por favor, lança à água a tua barca, nós temos muita pressa.

O magro barqueiro continuava pasmado.

- Santo Deus! - exclamou, por fim; e riu a bandeiras despregadas.

Matcham corou, até à raiz dos cabelos, e estremeceu. E Dick, de má catadura, pôs a mão no ombro do desastrado.

- Que há, meu bruto? - gritou. - Trata da tua vida e deixa-te de brincadeiras com os teus superiores.

Hugo Barqueiro, de má vontade, desamarrou o barco e empurrou-o um pouco para diante, para água mais funda.

Então Dick conduziu o cavalo e Matcham segurou-o.

- Sois muito pequeno, Master - disse Hugo, com uma larga careta irónica -, talvez a forma fosse defeituosa. Não, Master Shelton, eu dou-vos razão - acrescentou lançando mão dos remos. - Mas um gato pode olhar para um rei e eu não fiz mais do que dar uma vista de olhos a Master Matcham.

- Cala-te, vilão - disse Dick - e acata-me.

Estavam nesta altura á beira da enseada e a vista alargava-se, a montante e a jusante do rio. Por toda a parte estava cheio de ilhas. Margens barrentas desciam, salgueiros inclinavam-se, os juncos ondulavam e as andorinhas rasavam as águas chilreando. Não havia qualquer sinal de vida humana no labirinto das águas.

- Meu patrão - disse o barqueiro, conservando o barco firme com um dos remos. - Estou desconfiado de que João Fenne está na ilha. Ele tem grande rancor a tudo quanto é de Sir Daniel. Que diríeis se eu subisse um pouco a corrente e vos desembarcasse a um tiro de besta, acima do caminho? É melhor não nos intrrometermos com João Fenne.

- Então, é um dos do bando? - perguntou Dick.

- Não sei, não digo nada - disse Hugo -, mas irei rio acima, Dick. Que seria se Master Matcham apanhasse uma flecha? - E voltou a rir.

- Pois sim - respondeu Dick.

- Então repare - prosseguiu Hugo -, se há-de ser assim, tire-me a sua besta. Assim. Agora prepare-a. Bem. Ponha-lhe uma seta. Isso. Conserve-a assim e olhe para mim ferozmente.

- Que quer isto dizer? - perguntou Dick.

- Quer dizer meu patrão, que, se o passo, é só , pela força e por medo - retorquiu o barqueiro. - Porque, de outra maneira, se João Fenne o sabe, terei de experimentar o meu terrível vizinho.

- Então esses selvagens são assim tão ásperos? - perguntou Dick. - Já mandam na própria passagem de Sir Daniel?

- Olhe - segredou o barqueiro, piscando o olho.

- Tome nota, Sir Daniel cairá! O seu tempo já lá vai. Cairá... Cala-te boca!... - E inclinou-se sobre os remos.

Subiram um bocado rio acima, tornejaram a ponta de uma ilha e, lentamente, desceram um estreito canal, junto da margem oposta. Então, Hugo parou no meio da corrente.

- Tenho que vos deixar aqui entre os salgueiros - disse.

- Aqui não há nenhum caminho! São só pântanos com salgueiros e lodaçais - respondeu Dick.

- Master Shelton - replicou Hugo -, não me atrevo agora a levá-los mais próximo, no vosso próprio interesse. Ele vigia-me a passagem com o arco ao lado. E abate, como coelhos, todos aqueles que vão para Sir Daniel, ou que têm a sua proteção. Ouvi-o jurar isto pela cruz. E se o não conhecesse a si de bons tempos e não soubesse quem é, não o teria deixado passar; mas por lembrança desses velhos tempos e porque tem este boneco consigo, que não foi feito para ferimentos nem para combates, é que eu arrisco a minha cabeça, passando-os, apesar de tudo. Contento-se. Não posso fazer mais, pela minha salvação!

Hugo estava ainda falando, agarrado aos remos, quando se ergueu um grande ruído de entre os salgueiros da ilha, e se lhe seguiram os sons de um homem rompendo rijamente através do mato.

- Que praga! - gritou Hugo. - Esteve na parte de cima da ilha todo este tempo!

Recuou direto á margem.

- Ameace-me com o seu arco, patrão Dick; ameace-me com ele, deveras - acrescentou. - Tentei salvar-vos a pele, salvai-me agora a minha!

O barco deslizava para dentro de um flexível tufo de salgueiros, com um ruído de estalos. Matcham, pálido, mas firme e atento, a um sinal de Dick, correu ao longo do barco do remador e saltou para terra. Dick, segurando o cavalo pelo freio, pensou em segui-lo, mas não só o volume do animal, como também a proximidade das árvores, depressa o imobilizaram. O cavalo relinchava e empinava-se e o barco, que se agitava num remoinho, começou a oscilar e mergulhou violentamente.

- Não pode ser, Hugo, aqui não há onde desembarcar! - Mas ainda lutava com o matagal e com o animal espantado.

Um homem alto apareceu na praia da ilha com um arco na mão. Dick viu-o num momento, de fuga, esticar o arco, num grande esforço, com a face vermelha pela precipitação da corrida.

- Quem vai? - berrou. - Hugo, quem passa?

- Master Shelton, João - replicou o barqueiro.

- Parai, Dick Shelton! - gritou o homem da ilha. - Pela Santa Cruz, não tereis nada a recear! Parai! Para trás, Hugo Barqueiro!

Dick respondeu com um insulto.

- Ai não! Então ireis a pé! - replicou o homem. E disparou uma seta.

O cavalo, atingido por ela, estrebuchou de agonia e terror.

O barco voltou-se e, momentos depois, estavam todos debatendo-se nos torvelinhos do rio.

Quando Dick veio acima, estava a cerca de uma jarda da margem, e, antes ainda de poder ver claramente, a sua mão agarrara-se a qualquer coisa firme e forte, que imediatamente começou a puxá-lo para a frente. Era o chicote que Matcham, arrastando-se pelo tronco de um salgueiro pendente sobre a água, tinha oportunamente lançado ao alcance dele.

- Deus louvado! - exclamou Dick, enquanto se guindava para a margem. - Isto faz com que eu te deva a vida. Nado como um prego! - E imediatamente voltou-se para a ilha. A meio caminho, acima, Hugo Barqueiro nadava, com o seu barco voltado, enquanto João Fenne, furioso com a pouca sorte do tiro, lhe gritava que se apressasse.

- Anda, Jack - disse Shelton -, corre! Antes que Hugo possa atravessar, arrastando a barca, ou que os dois a possam endireitar, estaremos longe do seu alcance.

E, juntando o exemplo às palavras, começou a correr, esgueirando-se por entre os salgueiros e, nos atoleiros, saltando de moita para moita. Não tinha tempo para se orientar, tudo o que podia fazer era afastar-se do rio e pôr todo o seu esforço na corrida.

Agora, porém, o terreno começava a subir, o que lhe mostrou que ele estava quase no

bom caminho e, pouco depois, chegaram a uma vertente de sólida relva, onde os olmos começavam a misturar-se com os salgueiros.

Mas aqui, Matcham, que viera arrastando-se, muito para trás, estendeu-se completamente no chão.

- Deixa-me, Dick! - disse lamentosamente. - Já não posso mais!

Dick voltou-se e dirigiu-se ao lugar onde jazia o seu companheiro.

- Nada disso, Jack! Deixar-te! - exclamou. - Isso seria uma verdadeira vilania, quando tu te arriscaste a uma flecha, a um banho e até a teres-te afogado para salvar a minha vida. A teres-te afogado, na verdade; porque só Deus sabe como não te arrastei comigo.

- Não - disse Matcham -, ter-nos-íamos salvo ambos, caro Dick, porque eu sei nadar.

- Sabes? - exclamou Dick com os olhos muito abertos.

Era a única façanha viril de que era incapaz. Na ordem das coisas que ele mais admirava, depois da morte de um homem em combate singular, estava a natação.

- Bom - disse ele -, aqui está uma lição para que não desprezemos ninguém. Eu prometi encarregar-me de ti até Hollywood e (por Deus!) Jack, tu és mais capaz de te encarregares de mim.

- Bem, Dick, agora somos amigos - disse Matcham.

- Nunca fomos inimigos - respondeu Dick. - Tu és um valente moço, à tua maneira, apesar de seres, também, um pouco maricas. Não te conhecia bem antes disto. Mas, por favor, recupera o fôlego e vamos embora. Isto não é lugar para conversa.

- Dói-me muito o meu pé - disse Matcham.

- Realmente, esquecia-me do teu pé - replicou Dick. - Bem, vamos mais devagar. Julgo que sei exatamente onde estamos. Perdi a vereda, mas talvez fosse melhor assim. Se eles vigiam a passagem, vigiam, provavelmente, também o caminho. Gostaria que Sir Daniel voltasse com quarenta homens. Varria-me estes bandidos, como o vento varre as folhas. Anda, Jack, agarra-te ao meu ombro, pobrezinho. Tu és tão pequeno! Que idade tens? Aposto que tens doze anos!

- Não, tenho dezesseis - disse Matcham.

- Cresceste pouco - disse Dick. - Mas dá cá a mão. Vamos devagar, não tenhas medo. Devo-te a vida; e eu não esqueço nem o bem nem o mal.

Começaram a subir o declive.

- Temos que chegar à estrada, mais cedo ou mais tarde - continuou Dick - e, então, terá que ser um bom arranco. Mas, por Deus!, Jack, tens uma mão bem franzina. Se tivesse as mãos assim estaria envergonhado, asseguro-te - prosseguiu com uma súbita ternura. - Pela Santa Cruz! Não me admiro de que Hugo Barqueiro te tenha tomado por uma rapariga.

- Não, nunca! - gritou o outro, corando vivamente.

- No entanto, aposto que o pensou! - exclamou Dick. - Não há que censurá-lo por isso. Tu pareces mais uma rapariga que um rapaz. E digo-te mais: tens um aspecto esquisito

para rapaz; mas, como mulher, Jack, serias bonita. Serias bem favorecido, se fosses rapariga.

- Bem, tu bem sabes que o não sou.

- Bem sei. Digo isto apenas a brincar – disse Dick. - Serás um homem perante tua mãe, Jack. E que festa, meu valente! Daremos belas cutiladas.

O que eu penso agora é em qual de nós dois será primeiro armado cavaleiro, Jack! Porque ou serei armado cavaleiro ou morrerei. Sir Ricardo Shelton, cavaleiro, soa bem! Mas Sir João Matcham também não soa mal!

- Por favor, Dick, pára para eu beber - disse o outro, quedando-se junto de uma pequena nascente gorgolejando da encosta para uma taça cavada, não maior do que uma concha. - Se eu pudesse arranjar alguma coisa de comer, Dick? Estou cheio de fome.

- Porque não comeste em Kettley, meu pateta? - disse Dick.

- Tinha feito uma promessa; havia um pecado em que me haviam induzido - gaguejou Matcham.

- Mas agora, mesmo que fosse pão seco, comeria com agrado.

- Senta-te, então, e come - respondeu Dick. - Enquanto comes eu vou explorar o caminho até à estrada.

Tirou um saco do cinto onde havia pão e bocados de presunto e, enquanto Matcham se lançava a isto com apetite, afastou-se, avançando por entre as árvores.

Um pouco além, havia uma depressão no terreno, onde um ribeirão morria entre folhas secas, para além dele, de novo as árvores eram mais fortes e mais frondosas, e carvalhos e faias começavam a substituir os salgueiros e os olmos. O contínuo agitar e sussurrar do vento entre as folhas ocultava bem o som dos seus passos sobre as bolotas; era para o ouvido como uma noite sem lua é para a vista; mas, por isso mesmo, Dick caminhava cautelosamente, deslizando de um grosso tronco para outro e olhando penetrantemente em volta, á medida que avançava. Subitamente, uma corça passou, como uma sombra, através do mato, na sua frente, e ele parou, aborrecido com o encontro. Esta parte da floresta estava certamente deserta, mas agora a corçazinha fugitiva poderia ter sido como um mensageiro mandado á sua frente para anunciar a sua chegada; e, em vez de continuar a avançar, ele voltou-se para a árvore mais forte e mais próxima e, rapidamente, começou a trepar por ela. A sorte acompanhara-o. O carvalho a que subira era um dos mais altos nesta zona da floresta, e facilmente ultrapassava os seus vizinhos em cerca de toesa e meia, e, quando Dick trepara até à mais alta forquilha e aí se agarrou, balançando vertiginosamente ao largo vento, viu à sua retaguarda toda a planície pantanosa até Kettley, e o Till vagueando entre ilhotas arborizadas; e, na sua frente, a linha branca da estrada ondulando através da floresta: O barco tinha sido endireitado - estava ainda agora no meio da passagem. Além disto não havia qualquer sinal humano nem outro movimento a não ser o do vento. Ia descer, quando, lançando um último olhar, seus olhos descobriram uma fila de pequenos pontos móveis, mais ou menos a meio do pântano. Via-se claramente que uma pequena força passava pelo caminho em talude a toda a pressa. Isto preocupou-o, enquanto escorregava vigorosamente pelo tronco abaixo e

voltava, através da mata e até onde estava o seu companheiro.

CAPÍTULO IV - O BANDO DA FLORESTA

MATCHAM estava bem descansado e retomava forças; e os dois rapazes, excitados pelo que Dick vira, precipitaram-se através da clareira, atravessaram a estrada, a salvo, e começaram a subir as encostas da floresta de Tunstall. As árvores cresciam cada vez mais em maciços, com espaços de charneca nos intervalos arenosos, cobertos de urzes, pontuados de velhos teixos. O terreno tornava-se cada vez mais irregular, cheio de depressões e montículos. a cada passo, na subida, o vento soprava mais áspero e as árvores curvavam-se, ao seu impeto, como se fossem juncos.

Tinham exatamente entrado numa das clareiras, quando Dick bruscamente se lançou de bruços entre as sarças e começou a rastejar para trás, para o abrigo de um maciço. Matcham, com grande assombro, porque não podia ver a razão da sua fuga, imitou, contudo, o seu companheiro, e não foi senão quando atingiram o abrigo da moita que este se voltou e lhe deu explicações.

Por única resposta Dick apontava com o dedo. Na extremidade da clareira, um abeto crescia acima da mata vizinha e desenhava-se nitidamente sobre o azul do céu. Até cerca de cinquenta pés do solo, o tronco crescia direto e sólido como uma coluna.

Nesta altura separava-se em dois ramos maciços; e na forquilha, como um gajeiro de mastro real, estava um homem de tabardo verde vigiando todo o horizonte. O sol brilhava-lhe no cabelo. Com uma das mãos protegia os olhos para olhar ao longe, voltando lentamente a cabeça de um lado para outro, com a regularidade de um mecanismo. Os rapazes trocaram olhares.

- Experimentemos para a esquerda - disse Dick. - Estivemos quase a cair, parvamente, Jack.

Dez minutos depois chegaram a uma vereda batida.

- Aqui está um bocado da floresta que eu não conheço - notou Dick. - Onde levará este carreiro?

- Experimentemos - disse Matcham.

Poucos passos mais adiante a vereda chegou ao alto de um espinhaço de montes e começou a descer abruptamente para uma concavidade em forma de taça. Ao fundo, surgindo de um espesso bosque de espinheiros floridos, duas ou três empenas sem telhado, como que enegrecidas pelo fogo, e uma única e alta chaminé assinalavam as ruínas de uma casa.

- Que será isto?! - segredou Matcham.

- Por Deus! Não sei! - respondeu Dick. - Estou desorientado. Vamos prudentemente.

Com o coração batendo agitado, desceram através dos espinheiros. Aqui e ali, passavam junto de sinais de recente cultura; árvores de fruto e hortaliças cresciam, bravas, entre o mato, um relógio de sol estava caído na relva. Parecia estarem pisando o que já fora um jardim. Um pouco mais adiante chegaram em frente das ruínas da casa.

Tinha sido um agradável e forte solar. Havia um fosso seco profundamente cavado em volta, mas estava agora cheio de entulho e atravessado por uma trave caída. As duas

paredes mais afastadas estavam ainda de pé, e o sol brilhava através das janelas vazias. Mas o resto da construção caíra e jazia agora, num enorme montão de ruínas enegrecidas pelo fogo. No interior, já algumas plantas rebentavam, verdejantes, das fendas.

- Agora me lembro - segredou Dick. - Isto deve ser Grimstone. Era o feudo de um tal Simão Malmesbury ; Sir Daniel era o seu fidalgo inimigo!

Foi Bennet Hatch quem a queimou, há-de haver uns cinco anos. Na verdade, foi pena, porque era uma bela casa.

Em baixo, na cova, onde não soprava qualquer vento, havia calor e sossego, e Matcham, pondo uma mão sobre o braço de Dick, levantou um dedo, em sinal de aviso:

- Psiu! - disse.

Então ouviu-se um som estranho, quebrando a solidão. Repetiu-se duas vezes e eles reconheceram a sua origem. Era o som feito por um homem forte apurando a garganta; e imediatamente uma voz roufenha e desafinada começou a cantar:

Então, de pé, falou o senhor, o rei dos perseguidos:

- Que fazes aqui, folgazão, por entre os bosques floridos?

E Gamelin respondeu - Nunca tinha dificuldades

- Oh! Tem de passear por aqui quem não pode andar nas cidades!

O cantor parou, um fraco som de metal seguiu-se. E depois o silêncio...

Os rapazes ficaram olhando-se mutuamente. Quem quer que fosse, aquele invisível vizinho estava imediatamente por detrás das ruínas. Subitamente, um rubor subiu às faces de Matcham, e em seguida atravessou a trave caída e trepou cautelosamente pelo enorme monte de entulho que enchia o interior da casa destelhada. Dick tê-lo-ia impedido, se tivesse tido tempo; mas, assim, foi constrangido a segui-lo.

Exatamente ao canto das ruínas, duas traves tinham caído cruzadas e protegiam um espaço desocupado, que não era maior do que um confessionário. Aqui, os rapazes agacharam-se silenciosamente. Estavam perfeitamente escondidos e através de uma seteira avistavam o outro lado. Espreitando por ela, ficaram transidos de terror pela sua situação. Retirar era impossível; quase não ousavam respirar. Junto da margem do fosso, nem mesmo distante trinta pés do sitio onde se ocultavam, um caldeirão de ferro gorgolejava fervendo sobre um lume de brasas, e perto, em atitude de escuta, como se os tivesse ouvido subir pelas ruínas, um homem alto, vermelho, parecendo fatigado, estava em suspenso, com uma colher de ferro na mão e uma corneta de chifre e um enorme punhal à cinta. Certamente era este o cantor. Com certeza estava mexendo a panela, quando algum passo incauto entre os destroços lhe chegara ao ouvido. Um pouco mais longe um outro homem dormitava, enrolado numa capa castanha, enquanto uma borboleta lhe revolteava sobre a cara. Tudo isto se passava numa clareira toda branca de margaridas; lá ao fundo um arco, um feixe de setas e a carcaça de um veado pendiam de um espinheiro florido.

Agora, o homem abandonava a sua atitude de escuta. Levou a colher à boca, provou o seu conteúdo, acenou com a cabeça e voltou a mexer a panela e a cantar:

Aqui não há lei, na floresta florida,
Aqui não há falta de comida.
Alegre e quieta e há veado prà dieta
No doce Verão, quando tudo é vida.
E o Inverno volta com chuva e com vento.
E volta com neve e com geada.
E vai-te para casa, tu que és friorento,
Fazer ao lume uma petiscada,
Andei nas cidades - rouquejou ele, retomando a canção onde a tinha deixado.
Oh! senhor, passeamos aqui, mas não para fazer qualquer mal!
Só queremos caçar com uma flecha um valente veado real.

Enquanto cantava, tirava, de tempos a tempos, uma colherada de caldo e soprava-a, com ares de um experimentado cozinheiro.

Por fim, pareceu julgar pronta a refeição, porque, tirando a corneta do cinto, soprou três sinais modulados.

O outro acordou, voltou-se, sacudiu a borboleta e olhou em volta.

- Que há agora? - disse ele. - Jantar?

- Sim, pateta - respondeu o cozinheiro. - o jantar, e um jantar a seco, sem pão nem cerveja. Agora há poucos prazeres na floresta. Já lá vai o tempo em que uma pessoa aqui vivia como um rico abade. E não falando na chuva e na geada, a gente consolava o corpo com cerveja e vinho. Mas agora os espíritos dos homens morreram e este João-o-Justiceiro - que nos salve e guarde! - parece-me louco rematado em andar a espalhar medos.

- Não - retorquiu o outro. - Tu sabes muito mas é de comidas e bebidas. Espera um pouco; está a chegar o bom tempo.

- Olha - respondeu o cozinheiro. - Eu ando à espera disso desde o tempo em que era alguém. Fui franciscano, fui arqueiro do Rei, fui marinheiro e naveguei no mar alto, e vivi na floresta antes disto (por minha fé), fui caçador furtivo. E que lucrei com isso? Nada! Tinha sido melhor ter-me resignado ao convento. O abade João valia mais que João-o-Justiceiro. Virgem Santíssima! Eles aí vêm!

Uns após outros, homens de alta estatura começaram a chegar ao espaço arrelvado. Cada um que chegara sacava de uma faca e de uma taça de chifre, servia-se do caldeiro e sentava-se na relva a comer. Estavam equipados e armados de várias maneiras. Alguns, com velhos camisões surrados e apenas com uma faca e um velho arco; outros, na mais alta elegância da floresta, todos vestidos de verde, desde a coifa ao gibão, com elegantes setas de penas de pavão à cinta, a corneta de chifre num rico boldrié, espada e adaga ao lado. Chegavam, no silêncio da fome, e, mal murmuravam uma saudação, começavam

imediatamente a comer.

Havia, talvez, uns vinte reunidos, quando o som de uma aclamação abafada se levantou mesmo junto aos espinheiros e, imediatamente depois, cinco ou seis homens com uma padiola desembocaram no relvado. Um homem alto e forte, um pouco grisalho e tão queimado como um presunto fumado, caminhava na frente deles, com um ar de autoridade, o arco a tiracolo e uma brilhante alabarda na mão.

- Rapazes! - gritou. - Todos bons rapazes e meus verdadeiros e alegres amigos, tendes cantado mesmo com a goela seca e vivido com pouca fartura.! Mas que tenho eu dito sempre? Confiai constantemente na sorte, ela muda, roda depressa. E vede!

Aqui estão as suas primícias. Nesta bela coisa:cerveja!

Houve um murmúrio de aplauso quando os carregadores pousaram a padiola e mostraram um grande barril.

- E agora depressa, rapazes - continuou o homem. - Há trabalho para estes lados. Um punhado de arqueiros deve estar a chegar à passagem da barca. Vestem de encarnado e azul; são os alvos de que precisamos. Têm todos que experimentar as nossas setas. Nenhum deles atravessará este bosque. Porque, rapazes, nós somos cinquenta valentes, cada um de nós foi ferozmente espoliado; uns perderam terras, outros, amigos, outros foram postos á margem da lei. Todos fomos oprimidos! E quem fez isto? Pela Santa Cruz! Foi Sir Daniel! E há-de ele tirar-lhe o proveito? Há-de ele sentar-se confortavelmente nas nossas casas? Há-de ele cultivar os nossos campos? Há-de ele saborear o osso que nos roubou? Não, não o creio. Apoiou-se na lei, ganhou questões, mas há uma questão que ele não ganhará. Eu tenho aqui escrito no meu cinto que o vencerei, se Deus me ajudar!

Lawless, o cozinheiro, estava já nesta altura no seu segundo copo de cerveja. Levantou-o, como para apoiar o orador.

- Patrão Ellis - disse -, sois pela vingança.

Bem estou de acordo convosco! Mas o vosso pobre irmão da floresta, que nunca teve terras para perder, nem amigos em que pensar, olhava antes, pelo seu lado, para o proveito da coisa. Teríamos de melhor vontade preferido moeda de ouro ou um pote das Canárias a todas as vinganças do Purgatório.

- Lawless - replicou o outro. - Para atingir o castelo, Sir Daniel tem de passar pela floresta. Por Deus, tornaremos esta passagem mais cara do que qualquer batalha! Então, quando ele se apear, com um punhado de homens esfacelados, para se nos escapar - todos os seus grandes amigos caídos ou em fuga e sem ninguém para lhe prestar auxílio - , cercaremos essa velha raposa, e grande será a sua queda. É um chibo gordo e dará que comer para nós todos.

- Sim - retorquiu Lawless. - Já tenho comido muitos desses jantares antecipados, mas cozinhá-los é um valente trabalho, patrão Ellis. E entretanto que fazemos? Fazemos flechas pretas, escrevemos versos e bebemos água pura, essa desagradável bebida!

- Isso não é verdade, Will Lawless. Ainda cheiras à despensa dos franciscanos. A gula é o teu defeito - respondeu Ellis. - Apanhámos as vinte libras de Appleyard. Apanhámos sete

moedas ao mensageiro, a noite passada. Ontem arranjámos cinquenta, do mercador.

- E hoje - disse um dos homens - assaltei um gordo esmoleiro, que cavalgava a passo para Holywood. Aqui está a sua bolsa.

Ellis contou o que tinha dentro.

- Cem xelins! - rosnou. - Parvo, tinha mais na sandália ou alinhavado na gola! És uma criança, Tom Cockow, deixaste fugir o peixe!

Mas, apesar de tudo, Ellis guardou a bolsa com indiferença. Ficou encostado à alabarda e olhou em volta por sobre os outros. Estes, em várias atitudes, comiam gulosamente a sopa de caça e regavam-na liberalmente com cerveja. Era um dia feliz. Estavam com sorte, mas os negócios urgiam e, por isso, eram rápidos na refeição.

Os que primeiro haviam chegado tinham nesta altura já acabado o jantar. Deitavam-se na relva e adormeciam instantâneamente, como jibóias; conversavam ou esticavam ao máximo as suas um, cujo humor era particularmente alegre, mais um copo de cerveja, começou a cantar:

Aqui não há lei, na floresta florida,
Aqui não há falta de comida.
alegre e quieta e há veado prà dieta
No doce Verão, quando tudo é vida.
E o Inverno volta com chuva e com vento
E volta com neve e com geada.
E vai-te pra casa, tu que és friorento,
Fazer ao lume uma petiscada.

Durante todo este tempo os dois rapazes escutaram, apertados no seu esconderijo. Apenas Ricardo tinha desatado a sua besta e a conservava a postos, tendo numa das mãos o gancho ou esticador de ferro que usava para a esticar. Não tinham ousado mover-se de outra qualquer maneira; e esta cena da vida da floresta desenrolava-se-lhes perante os olhos como uma representação num teatro.

Mas, agora, houvera uma estranha interrupção.

A alta chaminé, sobranceira aos restos das ruínas, elevava-se exatamente por cima do seu esconderijo. Houve um assobio no espaço. Logo a seguir um estalo sonoro e os pedaços de uma seta partida caíram perto deles. Alguém, da zona mais alta da floresta, talvez mesmo a própria sentinela que tinham visto postada no cimo do abeto, lançara uma seta ao alto da chaminé.

Matcham não pôde evitar um pequeno grito, que imediatamente abafou, e o próprio Dick estremeceu e deixou cair o gancho dos dedos.

Para a gente que estava na relva, porém, esta seta era um sinal esperado. Puseram-se em pé, todos ao mesmo tempo, apertando os cinturões, experimentando as cordas dos

arcos, enfiando nas bainhas espadas e punhais.

Ellis levantou a mão, o rosto tinha-lhe subitamente tomado uma expressão de energia selvagem; o branco dos olhos brilhou-lhe na cara tisonada do sol. Outras armas; e erguendo

- Rapazes - disse -, sabeis os vossos lugares. Não deixeis escapar nem um só. Appleyard foi um aperitivo; mas agora vamos comer. Há três homens que eu tenho de vingar rudemente: Harry Shelton, Simon Malmesbury e - batendo no seu largo peito - Ellis Duckworth, se Deus quiser!...

Outro homem, vermelho da corrida, veio através dos espinheiros.

- Não é Sir Daniel! - disse sufocado. - São só sete. Já chegou a flecha?

- Bateu agora mesmo - replicou Ellis.

- Raios! - gritou o mensageiro. - Pareceu-me ouvi-la assobiar. E vou sem comer!

Num minuto, uns correndo, outros marchando vivamente, segundo os seus postos eram próximos ou longínquos, os homens da Flecha negra tinham todos desaparecido da vizinhança da casa arruinada; e apenas ficava o caldeirão, o fogo que ardia, agora baixo, e a carcaça de veado morto pendurada do espinheiro, a testemunhar que tinham ali estado.

CAPÍTULO V - CAÇADOR SANGUINÁRIO

OS rapazes ficaram quietos até que o som dos últimos passos se perdeu ao vento. Então levantaram-se e, com dores, porque estavam cansados da posição forçada, treparam através das ruínas e voltaram a atravessar o fosso, por cima da trave. Matcham tinha agarrado o esticador e caminhava na frente, e Dick seguia-o direto com a besta ao ombro.

- E agora - disse Matcham - a caminho para Hollywood.

- Para Hollywood! - exclamou Dick. - Quando bons companheiros são caçados? Não! Antes queria ver-te enforcado primeiro, Jack!

- Então deixas-me? Vais deixar-me? - perguntou Matcham.

- Decerto, por minha honra! - replicou Dick. - E se não houver tempo para preveni-los irei morrer com eles. O quê! Julgavas que abandonaria aqueles com quem tenho vivido? Não! Dá-me o gancho do arco.

Mas isto não estava na mente de Matcham. - Dick - disse ele -, juraste, perante Deus, que me verias salvo em Hollywood. Faltarás à tua palavra? Serás capaz de me abandonar, perjuro?

- Não, jurei na melhor das intenções - replicou Dick - e mantenho o que disse, mesmo agora! Mas olha, Jack, volta comigo. Deixa-me prevenir os homens e, se a necessidade obrigar, combater com eles.

Isto arrumar-se-á e, então, irei contigo para Hollywood e cumprirei o meu juramento.

- Estás a divertir-te à minha custa! - respondeu-lhe Matcham. - Esses homens que queres ajudar são os que me procuram, para desgraça minha.

Dick abanou a cabeça.

- Não sei que te faça, Jack - disse ele. - Aqui não há remédio. Que queres? Tu não corres grande perigo e estes homens vão a caminho da morte. Da morte! - acrescentou. - Pensa nisto! Para que diabo me queres segurar aqui? Dá-me o gancho. Por São Jorge! Hei-de deixá-los morrer a todos?

- Ricardo Shelton - disse Matcham, olhando abertamente para ele -, vais então tomar partido por Sir Daniel. Não tens ouvidos? Não ouviste o que disse esse tal Ellis? Ou não te fala ao coração o teu próprio sangue e a lembrança do pai que esse homem te matou? Ele disse Harry Shelton e Sir Harry Shelton era teu pai, tão certo como o Sol brilhar no céu.

- Que queres tu? - exclamou Dick, de novo. - És capaz de dar crédito a bandidos?

- Não, eu já ouvi isso antes - replicou Matcham. - Diz-se por toda a parte que foi Sir Daniel quem o assassinou. E matou-o sob juramento, espalhou o sangue inocente em sua própria casa. O céu espera a sua vingança, e tu (o filho da vítima) ainda vais auxiliar e defender o assassino!

- Jack - gritou o rapaz. - Eu não sei. Pode ser; mas que sei eu? Olha, este homem sustentou-me e alimentou-me, caçei e brinquei entre estes homens e não os abandonarei na hora do perigo. Se fizesse isso, ficaria imediatamente desonrado! Não, Jack, não me peças isso, não queiras que eu seja vil.

- Mas teu pai, Dick - disse Matcham, um pouco hesitante -, teu pai? E o juramento que me fizeste? Tomaste Deus por testemunha.

- Meu pai? - exclamou Shelton. - Não, ele desejaria que eu fosse! Se Sir Daniel o assassinou, quando chegar a hora, Sir Daniel morrerá às minhas mãos, mas não o abandonarei no perigo, nem a ele, nem aos seus. E quanto ao meu juramento, bom Jack, deves desligar-me dele. Pela salvação das vidas de muitos homens que te não fizeram mal e pela minha honra, deves libertar-me dele.

- Eu, Dick? Isso nunca! - retorquiu Matcham. - E se me abandonares és um perjuro e eu di-lo-ei em toda a parte.

- Estás a exasperar-me - disse Dick. - Dá-me o esticador! Dá-mo!

- Não - disse Matcham. - Salvar-te-ei contra tua própria vontade.

- Não? - gritou Dick - Eu te obrigarei!

- Experimenta - disse o outro.

Ficaram, olhando-se mutuamente nos olhos, e ambos prontos para o salto. Então Dick avançou; e se bem que Matcham se tivesse voltado imediatamente e fugido, em dois saltos foi agarrado, o esticador foi-lhe arrancado da mão, e foi atirado violentamente ao chão, e Dick ficou sobre ele, apoplético, ameaçando-o com os dois punhos cerrados. Matcham ficou onde caíra, de cara na relva e não pensando em resistir.

Dick esticou o arco.

- Eu te ensinarei! - gritou ferozmente. - Com juramento ou sem ele, vai para o diabo!

E, voltando-se, começou a correr. Matcham pôs-se em pé, por sua vez, e começou a correr atrás dele.

- Que é que queres? - gritou Dick parando. - Que fazes atrás de mim? Põe-te a andar!.

- Seguir-te-ei, se assim me agradar - disse Matcham. - O bosque é livre para mim.

- Pára, pela Virgem Santíssima! - retorquiu Dick, levantando o arco.

- Ah, és um valente! - replicou Matcham. Atira!

Dick baixou a arma, confuso.

- Vamos - disse ele. - Já me fizeste bastante mal, vai-te. Segue o teu caminho prudentemente, ou, mesmo contra a minha vontade, terei de obrigar-te a segui-lo.

- Bem - disse Matcham, mal humorado. - És o mais forte. O mal será para ti. Mas eu não deixarei de seguir-te, a não ser que me liquides - acrescentou.

Dick caíra em si. Era contra o seu feitio bater numa criatura assim indefesa e, pela própria vida dele, não sabia outra maneira de ver-se livre deste importuno, e - como começava a pensá-lo? - talvez falso companheiro.

- Parece-me que és maluco! - gritou. - louco, eu vou a toda a pressa para os teus inimigos, vou ter com eles tão depressa quanto puder!

- Não faz mal, Dick - replicou o rapaz. - Se estás condenado a morrer, Dick, morrerei também. Eu prefiro a prisão contigo a ficar livre para ai, sozinho.

- Bem - replicou o outro. - Não podemos estar a tagarelar mais tempo. Segue-me, se assim o queres, mas, se me atraíças, repara, não ganharás nada com isso. Apanharás uma seta pelas costas, rapazinho!.

Dizendo isto, Dick começou a andar, conservando-se à orla do bosque e olhando vivamente à volta enquanto avançava. A passo apressado, deslizou rapidamente para fora do vale. à esquerda aparecia uma pequena iminência manchada de urze amarela com tufos negros de abetos.

"Vejamos deste lado", pensou ele, atravessando, para isso, uma clareira de mato rasteiro. Tinha dado apenas poucos passos, quando Matcham lhe tocou num braço e apontou. Para nascente do cabeça havia uma profundidade e como que um vale passando para o outro lado. A charneca não acabara ainda. Todo o chão era áspero como um escudo enferrujado e escassamente arborizado de teixos dispersos, e aqui, em fila, Dick viu uns dez homens de gibão verde subindo o declive, e marchando na frente deles, importante com sua alabarda, Ellis Duckworth em pessoa. Atrás uns dos outros, foram chegando ao cimo, mostraram-se, por um momento, recortados no céu, e depois desceram para a outra encosta, até que o último desapareceu.

Dick olhou para Matcham com melhores olhos.

- Então, queres ser leal para mim, Jack? - perguntou. - Pensei que fosses do outro partido.

Matcham começou a soluçar.

- Que é isso? - exclamou Dick. - Valha-nos Deus! Agora choras por uma palavra?

- Magoaste-me - soluçou Matcham. - Magoaste-me, quando me atiraste ao chão. És um covarde porque abusas da força.

- Não, isso é tolice - disse asperamente Dick. - Tu não tinhas nada que tirar-me o meu esticador, Master John. Eu estava no meu direito se te tivesse chegado bem. Se queres ir comigo, tens que obedecer-me; assim, anda.

Matcham esteve meio tentado a ficar para trás, mas, vendo que Dick continuava a avançar a direita para a iminência e nem sequer olhava para trás, pensou melhor no caso e por sua vez começou a correr. Mas o caminho era muito difícil de andar; Dick alcançou um grande avanço. Tinha, sem dúvida, melhores pernas, e tinha já há muito tempo chegado ao cabeça, deslizado através dos abetos e escondera-se num ralo tufo de urze, antes que Matcham, ofegante como uma corça, o alcançasse e ficasse em silêncio ao seu lado.

Em baixo, ao fundo de um grande vale, o atalho do lugarejo de Tunstall serpenteava para a passagem da barca. Era bem construído e a vista seguia-o com facilidade de um lugar ao outro. Ali era ladeado por clareiras abertas; aqui a floresta fechava-se sobre ele; de cem em cem jardas corria perto de uma emboscada. Ao longe, em baixo, no caminho, o sol brilhou sobre sete elmos metálicos, e de vez em quando, nas aberturas das árvores, Selden e os seus homens podiam ver-se cavalgando apressados, todos entregues à missão que Sir Daniel lhes confiara. O vento diminuía um pouco, mas ainda lutava alegremente com as árvores, e se ali estivesse o velho Appleyard talvez tivesse lançado um olhar

vigilante à estranha conduta das aves.

- Repara - segredou Dick. - Já devem estar muito internados na floresta; a salvação deles agora será continuar a avançar. Mas vê aqui esta larga clareira, na nossa frente, e aquelas quarenta árvores no meio dela, como uma espécie de ilha? Ali é que estará a salvação deles. Se conseguiram chegar sãos e salvos até lá, eu arranjurei maneira de os avisar. Mas tenho muitas dúvidas. São só sete contra tantos e têm apenas bestas. Os arcos, Jack, terão sempre vantagem.

Entretanto, Selden e os seus homens ainda serpenteavam pela vereda, ignorantes do perigo que de momento a momento se aproximava. Uma vez, contudo, pararam, formaram um grupo e pareciam apontar e escutar. Mas tinha sido qualquer coisa de mais longinquo, através da planície, que lhes atraía a atenção. Um profundo trovejar de canhão veio, de tempos a tempos, trazido pelo vento, lembrar a grande batalha. Era justo que dessem atenção a isto, porque, se a voz dos canhões se tornava assim audível na floresta de Tunstall, a batalha devia ter-se deslocado para nascente e o dia, por consequência, corria mal para Sir Daniel e os senhores da rosa vermelha.

Mas de novo a pequena força começou a caminhar e chegou próximo de uma parte do caminho aberto na charneca, onde uma estreita lingua da floresta descia a aproximar-se da estrada. Estavam justamente ao lado dela, quando uma flecha brilhou voando. Um dos homens levantou os braços, o cavalo empinou-se-lhe, e ambos caíram, em massa, debatendo-se. Mesmo de onde estavam, os rapazes podiam ouvir o rumor das vozes dos homens, gritando, podiam ver os cavalos espantados, empinando-se, e, agora, que a tropa começava a recompor-se da primeira surpresa, um deles começou a apeiar-se. Uma segunda seta, partida de um pouco mais longe, cintilou numa larga curva e um segundo cavaleiro mordeu o pó.

O homem que se apeava deixou escapar da mão as rédeas, e o cavalo partiu galopando e arrastou-o pelo pé, estrada fora, atirando-o de pedra em pedra, atingido pelos seus cascos. Os quatro, que estavam ainda a cavalo, instantaneamente separaram-se e espalharam-se. Um voltou-se e galopou gritando para a passagem da barca, os outros três, à rédea solta, com as vestes esvoaçando, subiram, à carga, a estrada para Tunstall. De cada bosque por que passavam partia uma seta. Caiu logo um cavalo, mas o cavaleiro pôs-se em pé e continuou a seguir os seus camaradas até que um segundo tiro o liquidou. Outro homem caiu, depois outro cavalo, de toda a força não ficara mais do que um homem, e a pé. Apenas em diferentes direções o som do galope de três cavalos sem cavaleiros morria na distância. Durante todo este tempo nem um único dos assaltantes se mostrara por um momento. Aqui e ali, ao longo do caminho, cavalos ou homens contorciam-se, na agonia; mas nenhum inimigo piedoso se descobrira para pôr fim ao seu sofrimento.

O sobrevivente solitário ficara esgazeado, na estrada, ao lado do seu corcel caído. Tinha andado o comprimento daquela larga clareira com a ilha de verdura apontada por Dick. Não estava talvez a quinhentas jardas do lugar onde os rapazes se encontravam escondidos, e eles podiam nitidamente vê-lo, olhando de um lado para outro, numa mortal expectativa. Mas nada veio, e o homem começou a retomar coragem e subitamente desatou e esticou

o seu arco. Simultaneamente, por qualquer coisa do seu gesto, Dick reconheceu Selden.

Perante esta resistência oferecida, a toda a volta dele, do abrigo do bosque, subiu o som de uma gargalhada. Uns vinte homens, pelo menos, porque esta era a parte mais fraca da emboscada, juntaram-se nesta cruel e inoportuna alegria. Então uma flecha brilhou por sobre o ombro de Selden e ele saltou e recuou um pouco, correndo. Um outro dardo espetou-se, vibrando-lhe junto dos calcanhares. Procurou abrigo. Uma terceira seta partiu mesmo da sua frente e caiu-lhe adiante. E então o riso repetiu-se pesadamente, levantando-se e ecoando de diversas moitas. Via-se claramente que os seus assaltantes o estavam torturando como naquele tempo os homens torturavam o pobre touro ou como o gato ainda brinca com o rato. A escaramuça tinha acabado bem. Mais abaixo, na estrada, um homem de verde estava já juntando calmamente as setas; e agora, com um diabólico prazer, eles permitiam-se o espetáculo do pobre pecador, seu semelhante, na tortura.

Selden começou a perceber. Soltou um rugido de cólera, meteu à cara a sua besta e mandou uma seta ao acaso para a profundidade da floresta. A sorte favoreceu-o, porque lhe respondeu um grito fraco. Então, atirando fora a arma, Selden começou a correr, em frente, pela clareira acima e quase em linha reta para Dick e Matcham.

Os companheiros da Flecha Negra começavam agora a atirar à pressa. Mas tinham o que mereciam. A ocasião passara; a maior parte deles tinha agora de atirar contra o sol; e Selden corria, saltando de um lado para outro para iludir e frustrar as pontarias. Melhor do que isso: pelo fato de se dirigir pela clareira acima, tinha destruído os seus planos; não havia nenhuma sentinela postada mais acima, além daquela que ele acabava de matar ou ferir; e a confusão de opiniões dos homens da floresta depressa se tornou aparente. Um assobio soou três vezes, e depois ainda duas vezes. Foi repetido de uma outra zona. Os bosques enchiam-se, por todos os lados, do ruído de gente rompendo através do matagal. Um veado assustado surgiu na clareira, parou por um momento, sobre três patas, com o focinho no ar, e mergulhou depois na espessura.

Selden continuava a correr saltando; a todo o momento seguia-o uma flecha, mas ainda não lhe haviam acertado. Começou a parecer que ele escaparia. Dick tinha o seu arco armado, pronto para o auxiliar, e o próprio Matcham, esquecido do seu interesse, tomava intimamente partido pelo pobre fugitivo; e os dois rapazes apaixonavam-se e tremiam no entusiasmo dos seus corações. Estava cerca de cinquenta jardas deles quando, atingido por uma seta, caiu. Levantou-se de novo num instante; mas agora corria vacilante e como um cego mudara de direção.

Dick pôs-se em pé e fez-lhe sinal.

- Aqui! - gritou. - Por aqui! Há aqui auxílio! Corre, homem, corre!

Mas exatamente então uma segunda flecha atingiu-o nas costas, entre as chapas da armadura, e, atravessando-lhe a cota de malha, lançou-o a terra como uma pedra.

- Oh! coitado! - exclamou Matcham, com os punhos cerrados.

Dick ficara de pé, petrificado sobre o monte, como um alvo para os arqueiros. Dez contra um, ele teria sido rapidamente atingido, porque os homens da floresta estavam furiosos consigo próprios, e haviam sido colhidos de surpresa pelo aparecimento de Dick

na retaguarda das suas posições - se instantâneamente de uma zona surpreendentemente próxima dos dois rapazes, se não tivesse levantado uma voz de estentor: a voz de Ellis Duckworth.

- Tenham mão! - rugiu. - Não atirem! Apanhem-no vivo! É o moço Shelton, o filho de Henrique.

- Ah! Pouca sorte! - exclamou Dick. - Estamos apanhados. Depressa, Jack, anda depressa.

E o par deu meia volta e correu através do ralo bosque de pinheiros que cobria o cimo do monte.

CAPÍTULO VI – AO CAIR DO DIA

ERA, na verdade, mais do que tempo de fugir.

De todos os lados o bando da Flecha Negra estava escalando o monte. Alguns melhores corredores, ou tendo campo aberto para correr, tinham ultrapassado muito os outros, e estavam já quase a atingir a meta; outros, seguindo os vales, tinham-se espalhado, para a esquerda e para a direita, e cercavam os rapazes por dois lados.

Dick mergulhou no abrigo mais próximo. Era um alto maciço de carvalhos, de terreno firme e limpo da vegetação rasteira; e como era a descer, deram boa velocidade. Seguiu-se-lhe um espaço de clareira, que Dick evitou, cortando para a esquerda. Dois minutos depois, tendo surgido o mesmo obstáculo, os dois rapazes seguiram o mesmo caminho. Assim aconteceu que, enquanto os rapazes, tomando continuamente para a esquerda, se aproximavam cada vez mais da estrada e do rio que haviam atravessado uma hora ou duas antes, o grosso dos seus perseguidores avançava para o outro lado, correndo em direção a Tunstall.

Os rapazes pararam para tomar fôlego. Não havia qualquer rumor de perseguição. Dick apoiou o ouvido no chão e também não ouviu nada, mas como o vento ainda redemoinhava nas árvores era difícil ter a certeza.

- Para a frente, outra vez! - disse Dick; e cansados como estavam, com Matcham coxeando do seu pé ferido, amparavam-se um ao outro e, uma vez mais, se lançaram pelo monte abaixo.

Três minutos mais tarde, iam arquejantes através de uma moita rasa de carrascos. Ao alto, sobre as suas cabeças, árvores enormes faziam um teto contínuo de folhagem. Era um maciço com troncos que pareciam colunas, tão alto como uma catedral e, exceptuando as moitas com que nesse momento lutavam, aberto e atapetado de relva.

Do outro lado, atravessando a última faixa de carrascos, mergulhavam mais uma vez na penumbra aberta da mata.

- Parem! - gritou uma voz.

Ali, entre os enormes fustes, a menos de cinquenta passos, encararam com um homem forte, vestido de verde, arquejante da corrida, que imediatamente puxou de uma flecha e lhe apontou.

Matcham estacou, com um grito. Mas Dick, sem parar, correu direto ao homem, puxando ao mesmo tempo do punhal. O outro, ou porque tivesse ficado espantado pela audácia do ataque, ou porque estivesse manietado por ordens recebidas, não atirou: ficou hesitante e, antes de ter tempo de se refazer, Dick saltou-lhe à garganta e lançou-o ao comprido, de costas na relva. A seta foi para um lado e o arco para outro, com um baque sonoro. O homem desarmado agarrou o seu assaltante, mas o punhal brilhou e desceu duas vezes. Então ouviram-se dois estertores. Dick pôs-se de pé e o homem ficou inerte, apunhalado no coração.

- Para diante! - disse Dick, e uma vez mais se lançou para a frente, arrastando Matcham atrás de si.

Realmente iam agora com pouca velocidade, cansando-se terrivelmente na corrida e esforçando-se por tomar fôlego, como peixes fora de água. Matcham tinha uma forte pontada e a cabeça andava-lhe á roda. Os joelhos de Dick pareciam de chumbo, mas os dois continuavam a correr com inalterável coragem.

Neste momento haviam chegado ao extremo da mata. Acabava abruptamente e ali, poucas jardas na frente deles, corria a estrada de Risingham para Shoreby, passando, neste ponto, entre duas muralhas cerradas de verdura.

Ao ver isto, Dick estacou e, logo que parou de correr, começou a aperceber-se de um rumor confuso que rapidamente se tornou mais forte. Foi, primeiro, como a passagem de uma forte rajada de vento, mas pouco depois tornou-se mais definido e revelou-se, finalmente, como uma galopada de cavalos. E então, num relâmpago, um esquadrão de homens de armas surgiu na curva, desfilou á carga em frente dos rapazes, e voltou a desaparecer, num momento. Fugiam como para salvar as vidas, em completa desordem. Alguns deles estavam feridos; cavalos sem cavaleiro galopavam-lhe ao lado com as selas ensanguentadas. Eram, claramente, fugitivos da grande batalha.

Ainda mal o ruído da sua passagem começara a sumir-se para os lados de Shoreby, e já o som de novos cascos viera despertar-lhes a atenção. Desta vez era um cavaleiro solitário e, pela sua esplêndida armadura, um homem de alta classe. Imediatamente atrás dele, seguiam vários carros de bagagens, fugindo num galope desajeitado, com os condutores malhando desesperadamente nos cavalos. Estes deviam ter fugido ainda cedo, mas a sua covardia não deveria salvá-los. Porque um pouco antes de chegarem a par do sitio onde os rapazes estavam espreitando, um homem de armadura manchada, e com a cabeça aparentemente perdida de fúria, alcançou os carros e à pranchada lançou-se aos condutores. Alguns saltaram dos seus lugares e mergulhavam na mata, outros eram acutilados mesmo sentados, insultando-os de covardes numa voz que nem parecia humana. Durante todo este tempo o barulho ao longe tinha continuado a aumentar; troar de carros, barulho de cavalos, gritos de homens, um grande e confuso rumor veio, aumentado pelo vento, e percebia-se que era a fuga em debandada de todo um exército espraiando-se como uma inundação pela estrada fora.

Dick conservava-se sombrio. Tencionava seguir a estrada até à encruzilhada para Holywood, e agora tinha que mudar de projetos. Mas além do mais havia reconhecido as cores do conde de Risingham; e percebeu que a batalha se tinha finalmente decidido contra a rosa de Lancaster. Ter-se-lhe-ia juntado Sir Daniel e seria neste momento um fugitivo arruinado? Ou teria desertado para o partido de Iorque e estaria desonrado? Era uma triste alternativa.

- Bem - disse ele gravemente; e dando meia volta começou a andar através da floresta, com Matcham, coxeando, atrás.

Por algum tempo continuaram a avançar em silêncio. Estava escurecendo; o sol descia na planície para além de Kettleby. Os cimos das árvores brilhavam doirados, no alto, mas as sombras haviam começado a aumentar e o frio da noite a cair.

- Se houvesse qualquer coisa para comer! - exclamou Dick subitamente, parando.

Matcham sentou-se e começou a chorar.

- Choras pela ceia, mas, quando se tratava de salvar vidas humanas, o teu coração era bastante duro - disse Dick desprezivamente. - Tens sete mortes na consciência; Master John, nunca te deverás esquecer disto.

- Consciência! - exclamou Matcham olhando altivamente para ele. - Na minha! E tu tens o sangue do homem no teu punhal. E porque assassinaste o pobre diabo? Ele puxou a seta, mas não a lançou, teve-te nas mãos e poupou-te. É tão heróico matar um gatinho como um homem que se não defende.

Dick fora reduzido ao silêncio.

- Eu assassinei-o lealmente. Lancei-me sob o risco do seu arco.

- Foi um golpe covarde - replicou Matcham. - És um estúpido e um fanfarrão, Master Dick. Apenas sabes abusar das tuas vantagens. Deixemos vir um mais forte e ver-te-emos de rojo a seus pés! Não queres saber de vinganças, nem mesmo a da morte de teu pai, que continua impune e o seu pobre espírito clamando justiça. Mas se alguém inábil e sem força chegar e te tratar como amigo, pobre dela! Será lançada por terra!

Dick estava furioso de mais para reparar neste "dela".

- Realmente! - gritou. - Isso é uma novidade! De dois, um é sempre mais forte. O melhor domina o pior e este tem o que merece. Tu mereces uma sova de correia, Master Matcham, pela tua má conduta e ingratidão para comigo. E o que mereces terás.

E Dick, que, mesmo na maior exaltação do seu génio, conservava uma aparência de compostura, começou a desapertar o cinto.

- Esta será a tua ceia - disse sarcástico.

Matcham parara de chorar, estava branco como a cal, mas olhou para Dick firmemente de frente, e não se mexeu. Dick deu um passo balançando o cinto. Depois parou embaraçado pelos largos olhos e a cansada face franzina do seu companheiro. A sua coragem começou a enfraquecer.

- Dize que não tens razão - disse hesitante.

- Não - respondeu Matcham. - Tenho razão. Anda, selvagem! Estou estropiado; estou cansado, não resisto, nunca te fiz mal; vá, bate-me, covarde!

Dick levantou o cinto ao ouvir a última provocação, mas Matcham tremeu e encolheu-se com tanto receio que a coragem lhe faltou de novo. A correia pendeu-lhe da mão e ficou irresoluto, sentindo-se como doído.

- Diabos te levem, patife! - disse. - Se tens braços tão fracos deves pensar melhor o que dizes. Mas antes quero ser enforcado do que bater-te! - E pôs novamente o cinto.

- Não quero bater-te - continuou -, mas nunca te desculparei! Não te conheço, tu és inimigo do meu senhor; emprestei-te o meu cavalo, comeste o meu jantar, chamaste-me homem de pedra, covarde e fanfarrão. Não, por Deus! A medida transborda, sai-me da vista! É uma grande coisa ser-se fraco, decerto. Pode fazer-se todo o mal, que ninguém nos castigará. Pode roubar-se as armas de um homem num momento de necessidade, ainda que esse homem não possa reavê-las. É assim que tu és fraco. Então, se alguém

vier e carregar sobre ti com uma lança, gritando que é fraco, deves deixar-te matar. Basta! Estás doido!

- E contudo não me batestes - retorquiu Matcham.

- Está bem! - exclamou Dick. - Deixa-me. Eu te guiarei. Parece-me que foste malcriado, apesar de teres praticado algumas boas ações e, principalmente, de me teres salvo do rio. Não, eu esqueci isso, fui tão ingrato como tu. Mas, vamos, continuemos. Se queres estar em Holywood esta noite ou amanhã de manhã cedo, o que temos a fazer é andar para a frente e depressa.

Mas apesar de Dick ter falado outra vez com o seu usual bom humor, Matcham não esquecera nada. A sua violência, a lembrança do homem que ele matara, e sobretudo a visão do cinto levantado, não eram coisas que pudessem ser facilmente esquecidas.

- Agradeço-te apenas por forma - disse Matcham. - Mas, na verdade, caro Master Shelton, prefiro seguir só o meu caminho. A floresta é grande, cada um de nós pode seguir a sua rota. Devo-te um jantar e uma lição. Adeus!

- Bom - gritou Dick -, se essa é a tua disposição, então vai. E que o diabo te leve!

Cada um deles se virou para seu lado e começaram a andar separadamente, sem qualquer ideia de direção, unicamente absorvidos pela disputa. Mas ainda Dick não tinha andado dez passos, já ouvia chamar pelo seu nome e Matcham veio, correndo, para ele.

- Dick - disse -, não é bonito separarmo-nos tão friamente. Aqui está a minha mão cordialmente estendida. Eu agradeço-te não simplesmente por forma, mas de todo o coração, por tudo aquilo em que tão bem me serviste e auxiliaste. Adeus!

- Bem, meu rapaz! - replicou Dick tomando a mão que se lhe oferecia. - Desejo-te que vás depressa, se é que podes andar, mas duvido muito. Tu és muito quesalento...

E assim se separaram pela segunda vez; e agora era Dick quem corria atrás de Matcham.

- Olha - disse -, toma o meu arco, para não ires desarmado.

- Um arco! - disse Matcham. - Bom, meu rapaz, eu não tenho nem força para o esticar nem habilidade para acertar com ele. Não me serviria de nada, bom moço! Mas, no entanto, obrigado.

A noite tinha agora caído, e sob as árvores juntas não podiam ver-se mutuamente as caras.

- Irei um pouco contigo - disse Ricardo. - A noite está escura. Deixar-te-ei, pelo menos, numa vereda. Tinha-me esquecido de que provavelmente te perderias.

Sem mais palavras, começou a avançar e o outro seguiu-o uma vez mais. A escuridão tornava-se cada vez mais densa, apenas aqui e além, nas clareiras, viam o céu pontilhado de pequenas estrelas. Na distância, o ruído da retirada do exército de Lancaster ainda continuava, apenas audível; Mas a cada passo iam-no deixando mais para trás.

Ao fim de meia hora de caminho silencioso, encontravam-se num largo espaço de clareira com moitas, que brilhava à luz das estrelas, vestida de fetos e com ilhas de mato de teixo. Aqui pararam e olharam um para o outro.

- Estás cansado - perguntou Dick.

- Estou tão cansado - respondeu Matcham -, que penso que se me deitasse morria, Dick. Vamos ver de um rio. Tenho uma sede terrível.

O terreno descia suavemente, em declive, e ao fundo encontraram o riacho murmurante, correndo entre salgueiros. Estenderam-se os dois na margem; e, pondo as bocas ao nível de um pego semeado de estrelas, beberam a fartar.

- Dick - disse Mátcham. - Não pode ser. Eu não posso mais.

- Vi uma cova, quando descíamos. Vamos deitar-nos lá para dormir.

- Ah! De todo o meu coração - exclamou Matcham.

A cova era arenosa e seca; um maciço de espinheiros pendia-lhe sobre uma das extremidades e fazia um abrigo parcial. Aqui se deitaram os dois rapazes, muito juntos para conservar o calor, tendo esquecido a sua disputa. Depressa o sono os envolveu como uma nuvem. Sob o orvalho e as estrelas descansaram pacificamente.

CAPÍTULO VII - A FACE VELADA

ACORDARAM ao dealbar. Os pássaros ainda não cantavam, mas pipilavam aqui e além no meio da mata. O sol não nascera ainda, e do lado nascente o céu listrava-se de belas cores. Meio esfomeados e sobrefatigados como estavam, deixaram-se ficar quietos, sem um movimento, mergulhados numa deliciosa lassidão. E enquanto assim estavam, o som de uma campainha chegou-lhes, de súbito, aos ouvidos.

- Uma campainha! - exclamou Dick, sentando-se. - Estaremos nós, então, tão perto de Hollywood?

Um pouco depois a campainha voltou a soar, mas, desta vez, mais perto ainda, e a partir de então, aproximando-se cada vez mais, continuou tocando, intermitentemente, pelo silêncio da manhã fora.

- Que quer isto dizer? - exclamou Dick, que estava agora completamente desperto.

- É alguém caminhando - replicou Matcham - e a campainha soa, quando anda.

- Isso vejo eu - disse Dick -, mas para quê? Que faz esse alguém na floresta de Tunstall, Jack? - acrescentou. - Ri-te de mim, se quiseres, mas não gosto deste som triste.

- Não - anuiu Matcham, arrepiado. - Tinha uma nota fúnebre. Se o dia não estivesse a nascer...

Mas, exatamente então, a campainha, dando-se pressa, começou a tocar de uma maneira densa e rápida e, depois de uma única badalada discordante, calou-se por um bocado.

- Parece que quem a traz correu um pouco e saltou o riacho - observou Dick.

- E agora começa outra vez a caminhar vagarosamente - acrescentou Matcham.

- Não - replicou Dick -, não tão vagarosamente como isso, Jack. É um homem que caminha bastante depressa. um homem que teme pela sua vida, ou que vai em qualquer negócio urgente. Não vêis quão rapidamente a pancada se aproxima.

- Está agora muito perto - disse Matcham.

Eles estavam agora na borda da cova; e como a própria cova era a uma certa altura, podiam ver dali grande extensão da clareira, e, para cima, os densos bosques que a fechavam.

O amanhecer, muito claro e cinzento, mostrou-lhes a fita branca de uma vereda serpenteando entre as urzes. Passava a umas cem jardas da cova e corria a todo o comprimento da clareira de poente para nascente. Pela linha do seu curso, Dick pensou que ela conduziria, mais ou menos, diretamente ao castelo.

Nessa vereda, avançando da orla da floresta, um vulto branco apareceu. Parou um pouco e parecia olhar em roda. E depois disso, com passos vagarosos e quase dobrado em dois, começou a aproximar-se, através do mato. A cada passo a campainha soava. Rosto não tinha; um capuz branco, nem mesmo perfurado no sitio dos olhos, velava-lhe a cabeça e, enquanto andava, parecia apalpar o caminho com a pancada de um bordão. O ruído tolheu

os rapazes, tão frio como a morte.

- Um leproso! - murmurou Dick, surdamente.

- O seu contato é a morte - disse Matcham. - Fjamos!

- Não - replicou Dick. - Não vê? É completamente cego. Guia-se pelo bordão. Fiquemos quietos; o vento sopra para a vereda e ele passará sem nos tocar. Coitado! Devíamos antes ter dó dele!

- Terei dó dele quando o vir pelas costas - replicou Matcham.

O leproso cego estava agora a cerca de meio caminho na direção deles e exatamente então o sol nasceu e brilhou, em cheio, sobre a sua face velada. Deveria ter sido um homem alto antes de ter sido vergado pela sua nojenta doença e, mesmo assim, ainda caminhava com um andar vigoroso. O sombrio toque da sua campainha, o bater do bordão, a venda que lhe tapava a cara e a ideia de que ele não só sofria e estava condenado à morte, mas para sempre expulso do convívio dos seus semelhantes, encheu os rapazes de horror; e, a cada passo que o aproximava, a coragem e a força pareciam abandoná-los. Quando chegou próximo da cova parou e voltou abertamente a cara para o lado onde eles estavam.

- A Virgem Santíssima nos proteja! Vê-nos! - disse Matcham.

- Psiu! - segredou Dick. - Está apenas a escutar. És louco! Ele é cego!

O leproso olhou ou escutou, porque esteve realmente fazendo uma das coisas durante alguns segundos. Então, começou a andar, mas, depois, parou mais uma vez e de novo se voltou, parecendo olhar para os rapazes. O próprio Dick ficou pálido como um cadáver e fechou os olhos, como se, apenas pela vista, pudesse ficar infectado. De novo a campainha soou, e desta vez, sem mais qualquer hesitação, o leproso atravessou o resto da pequena moita e desapareceu a coberto do bosque.

- Ele viu-nos - disse Matcham. - Posso jurá-lo!

- Não! - retorquiu Dick, recuperando umas fracas centelhas de coragem. - Apenas nos ouviu. Estava com medo, o desgraçado! Se fosses cego e caminhasse numa noite perpétua, pararias também, se um ramo se agitasse ou se um pássaro piasse.

- Dick, caro Dick, ele viu-nos - repetiu Matcham. - Quando alguém está à escuta, não faz como aquele homem fez. E de outra maneira, Dick. Este estava vendo e não ouvindo. Isto não me agrada. Escuta, agora, se a sua campainha se não calou?!...

Assim era. A campainha já não tocava.

- Não! - exclamou Dick. - Não gosto disto! Não! - exclamou de novo. - Que pode isto augurar? Por Deus, vamos embora!

- Ele foi para o lado do nascente - acrescentou Matcham. - Bom, Dick, vamos nós para o poente. Não respirarei enquanto não virar costas a este leproso.

- Jack, és muito medroso - replicou Dick. - Teremos que ir diretos a Holywood, ou, pelo menos, tão diretos quanto eu te possa guiar, e o caminho é para o norte.

Levantaram-se ao mesmo tempo. Passaram a corrente por sobre as passadeiras e

começaram a subir, na outra margem, que era alagadiça, para a orla da floresta. O terreno tornou-se muito desigual, cheio de montículos e depressões, com árvores espalhadas ou em grupos, e por isso era-lhes difícil encontrar uma vereda, e os rapazes vagueavam um pouco á sorte.

Estavam, além disso, cansados pelos esforços da véspera e pela falta de alimento, e andavam dificilmente, arrastando os pés na areia.

Agora, tendo chegado ao alto de um montículo, viram o leproso algumas centenas de pés na frente deles, atravessando o caminho que seguiam, numa baixa. A campainha estava silenciosa. Já não batia o solo com o bordão, e seguia em frente com os passos rápidos e seguros de um homem que vê. Momentos depois tinha desaparecido, num pequeno maciço.

Os rapazes, logo que o viram, esconderam-se atrás de uma moita de urze e ai ficaram, horrorizados.

- Ele persegue-nos, certamente - disse Dick.

- Certamente...

- Segurava o badalo da campainha com a mão, viste? para que não fizesse barulho. Os santos nos ajudem e guiem, porque eu não tenho forças para lutar contra a peste!

- Que faz ele? - gritou Matcham. - Que quer ele? Já ouviste alguma vez que um leproso, a não ser por maldade, tenha perseguido infelizes? I Não tem ele a campainha exatamente para que as pessoas o possam evitar? Dick, por detrás disto há qualquer outra coisa ignorada.

- Não sei, nem me importa! - gemeu Dick.

- Perdi a força. Não sinto as pernas. Valha-me Deus!...

- Queres ficar aqui, imóvel? - exclamou Matcham. - Voltemos para a clareira. Ali temos mais Probabilidades a nosso favor. Não nos pode apanhar desprevenidos.

- Não posso - disse Dick. - A minha hora soou e talvez ele venha passar ao pé de nós.

- Estica o teu arco! - gritou o outro. - Porta-te como um homem!

Dick opôs-se:

- Querias ver-me atirar sobre um leproso? gritou. - Não teria coragem. Não, isso não! - acrescentou. - Deixa! Com homens válidos serei capaz de combater, mas não com fantasmas e leprosos. O que este seja não sei; seja uma coisa ou outra, que o céu nos proteja!

- Se isso é - disse Matcham - a coragem dos homens, que triste coisa é o homem! Mas se não queres fazer nada, então escondamo-nos.

Soou, então, uma única badalada de campainha...

- Largou o badalo - replicou Matcham. - Meu Deus, como está perto!

Dick não respondeu uma palavra; batia os dentes.

Depressa viram um bocado do manto branco entre as ramagens. Depois a cabeça do leproso avançou por detrás de um tronco e pareceu espiar minuciosamente a vizinhança

antes de aparecer outra vez. Para os seus sentidos atentos parecia que todo o mato estava cheio de ruídos e do estalar dos ramos. E ouviram bater o coração um do outro.

Subitamente, com um grito, o leproso saltou para a clareira, aproximou-se e correu sobre os rapazes. Estes, gritando alto, separaram-se e fugiram em direções diferentes. Mas o terrível inimigo, que fixara Matcham, correu rapidamente sobre ele e, quase instantaneamente, agarrou-o. O rapaz deu um grito que ecoou alto e longe na floresta, teve um espasmo convulsivo, depois todos os seus membros afrouxaram e caiu inerte, nos braços do seu captor. Dick ouviu o grito e voltou-se. Viu cair Matcham e, num momento, voltou-lhe a força e a coragem. Com um grito de piedade e de raiva, desatou e esticou a sua besta. Mas, antes de ter tido tempo de atirar, o leproso levantou o braço.

- Tem mão, Ricardito! - gritou uma voz familiar. - Tem mão, meu tonto! Não conheces um amigo?

E então, depondo Matcham na relva, desfez a venda que lhe tapava a cara e mostrou as feições de Sir Daniel Brackley.

- Sir Daniel! - exclamou Dick.

- Sim, por Deus, Sir Daniel! - replicou o cavaleiro. - Eras capaz de atirar ao teu tutor, patife? Mas aqui está este - e, interrompendo-se, apontou para Matcham e perguntou:

- Como o trataas?

- Sei lá! - disse Dick. - Chamo-lhe master Matcham. Não o conheceis? Ele disse que vos conhecia!

- Sim! - respondeu Sir Daniel. - Conheço o garoto. - E deu uma gargalhada. - Está desmaiado, na verdade, já terá tido menos razões para desmaiar, não achas, Dick? Eu preguei-vos um susto mortal?

- Realmente, Sir Daniel, assim foi - disse Dick, e suspirou de novo, só a esta lembrança. - Não, senhor, salvo o devido respeito, teria preferido o próprio diabo em pessoa. E, para falar a verdade, ainda estou trémulo. Mas que fazeis, Sir, num tal disfarce?

Sir Daniel franziu subitamente as sobrancelhas, com ódio.

- Que faço? - disse. - Fazes bem em lembrar-mo! O quê? Escondo-me, para salvar a vida, na minha própria floresta de Tunstall, Dick. Fomos derrotados na batalha. Mal chegámos, fomos envolvidos pelo pânico da derrota. Onde estavam os meus homens de armas? Por Deus, Dick, não sei! Só sei, fomos varridos, o fogo caía, denso, entre os nossos. E nem um único homem com as minhas cores, até ao momento que vi tombar três. Quanto a mim, cheguei salvo até Shoreby e, preocupado com a Flecha Negra, arranjei estas vestes e a campainha e vim vagarosamente pela vereda em direção ao castelo. Não há disfarce que possa comparar-se com este. O som desta campainha afasta o mais forte bandido da floresta. Fugiriam todos, pálidos, ao ouvi-lo. Por fim cheguei perto de ti e de Matcham via mal através da venda. Não tinha a certeza que fosses tu, e estava principalmente admirado, por várias razões, de vos encontrar juntos. Além disso, nas clareiras onde era obrigado a caminhar devagar e a ir tateando com o bordão, tinha medo de me denunciar. Mas olha: este pobre pateta começa a voltar a si. Um pouco de vinho

dar-te-á força e coragem.

O cavaleiro tirou de sob as suas longas roupagens uma bojuda garrafa e começou a esfregar as temporas e a humedecer os lábios do doente, que gradualmente retomou a consciência e começou a olhar, com olhos mortiços, ora um ora outro.

- Que susto, Jack! - disse Dick. - Afinal não era nenhum leproso; era Sir Daniel! olha!

- Bebe um bom trago disto - disse o cavaleiro. - Dar-te-á força. Depois comereis ambos qualquer coisa e partiremos os três para Tunstall. Porque, Dick - continuou ele, pondo pão e carne sobre a relva -, quero confessar-te que, em boa verdade, estou ansioso por me encontrar a salvo entre quatro paredes. Desde que monto um cavalo, nunca estive tão apertado: perigo da vida, perda de terras e dos bens de fortuna, e, acima de tudo, todos esses bandidos na floresta para me caçar. Mas ainda não estou perdido. Alguns dos meus homens conseguirão chegar a casa. Hatch tem dez homens, Selden tinha seis. Não, seremos outra vez fortes, e, se eu puder fazer a paz com o afortunado e pouco merecedor Senhor de Iorque, serei de novo um homem e estarei outra vez de cima!

E, dizendo isto, o cavaleiro serviu-se de um copo de vinho e brindou o seu pupilo, em silêncio.

- Selden - balbuciou Dick - Selden... - E calou-se de novo.

Sir Daniel pôs de parte o vinho intacto.

- Como? - gritou, numa voz transtornada. - Selden? Fala! Que aconteceu a Selden?

Dick contou a história da emboscada e do massacre. O cavaleiro escutou, em silêncio, mas, à medida que ouvia, a sua expressão convulsionava-se de dor e raiva.

- Agora, aqui juro - exclamou -, sobre a minha mão direita, que vingarei isso! Se não o conseguir, se não destruir dez homens por cada um deles, que me cortem esta mão. Quebrei esse Duckworth como um junco. Pu-lo a pedir esmola à sua própria porta, queimei-lhe o teto sobre a própria cabeça, expulsei-o desta terra, e agora volta a fazer-me frente? Não, Duckworth, desta vez isto será um pouco mais duro!

Esteve silencioso durante algum tempo, com aspecto de meditar.

- Comei! - gritou subitamente. - E tu - acrescentou, dirigindo-se a Matcham -, faz-me um juramento de que seguirás direto ao castelo.

- Juro por minha honra - replicou Matcham.

- Quero lá saber da tua honra! - exclamou o cavaleiro. - Jura-me pela felicidade de tua mãe!

Matcham fez o juramento pedido e Sir Daniel tornou a pôr a venda sobre a cara e preparou a campainha e o bordão. Vê-lo uma vez mais, neste medonho disfarce, reavivou um pouco o horror dos seus dois companheiros.

- Correi depressa - disse -, e segui prontamente para minha casa.

Com isto caminhou para a floresta e, imediatamente depois, a campainha começou a tocar, marcando-lhe os passos. Os dois rapazes, sentados junto da refeição intacta, ouviram-na morrer lentamente na distância.

- E, assim, vais para Tunstall? - inquiriu Dick.

- É verdade - disse Matcham -, a necessidade obriga! Sou mais valente na ausência de Sir Daniel do que na sua presença.

Comeram rapidamente e partiram pela vereda, através dos arejados cimos da floresta, onde grandes corças ficavam, a distância, entre relvas verdes e os pássaros e os esquilos brincavam nos ramos.

Duas horas mais tarde começavam a descer a outra encosta, e logo, entre as frondes das árvores, viram diante deles os muros vermelhos e os telhados do castelo de Tunstall.

- Aqui - disse Matcham, parando -, tens de despedir-te do teu amigo Jack, a quem não mais verás. Vamos, Dick, perdoa-lhe o mal que ele fez , como ele, pela sua parte, alegremente e de todo o coração, te perdoa.

- Mas para que é isso - perguntou Dick, - se vamos ambos para Tunstall? E se, com certeza , eu te hei-de ver ainda muitas vezes...

- Nunca voltarás a ver o pobre Jack Matcham - replicou o outro -, que era tão medroso e pouco ágil, mas que, apesar disso, te pescou do rio. Nunca mais o verás, Dick, palavra de honra!

Abriu os braços e os dois abraçaram-se e beijaram-se.

- E, Dick - continuou Matcham -, tenho maus presságios. Vais conhecer, agora, um outro Sir Daniel. Porque, até aqui, tudo, nas suas mãos , prosperava extraordinariamente e a sorte acompanhava-o. Agora, porém, quando a sorte lhe é adversa e corre perigo de vida, parece-me que se mostrará um cruel senhor para nós dois. Pode ser valente na guerra, mas tem o olhar dos traidores. Há medo nos seus olhos, Dick! E o medo é feroz como um lobo! Vamos entrar nesta casa. Que Nossa Senhora nos guie mais uma vez.

E assim continuaram, silenciosos, na descida, e, por fim, chegaram diante da fortaleza da floresta de Sir Daniel. Ela ali estava, baixa e sombria, com torres redondas manchadas de musgo e líquenes, nas águas do fosso cobertas de plantas aquáticas. No momento em que eles surgiram, as portas abriram-se A ponte desceu e o próprio Sir Daniel, ladeado por Hatch e pelo padre, esperavam para recebê-los.

LIVRO II - O CASTELO

CAPÍTULO I - DICK FAZ PERGUNTAS

O castelo não ficava longe da acidentada estrada da floresta. Por fora era um rectângulo compacto de pedra vermelha, flanqueado a cada canto por uma torre redonda, perfurada de seteiras e com ameias no cimo. Dentro, encerrava um pequeno pátio. O fosso tinha uns doze pés de largo e era atravessado por uma ponte levadiça. Era abastecido de água por um canal, que levava a um charco da floresta, vigiado em todo o seu comprimento, das ameias das duas torres, do lado sul. Apenas uma ou duas árvores altas e delgadas haviam sido deixadas dentro do espaço de meio tiro de besta das muralhas. O castelo estava bem situado para a defesa.

No pátio, Dick encontrou uma parte da guarnição, atarefada com preparativos de defesa e discutindo tristemente as probabilidades de um cerco. Alguns faziam arcos, outros afiavam espadas que havia muito não tinham uso. E enquanto trabalhavam abanavam as cabeças.

Doze dos da companhia de Sir Daniel tinham escapado da batalha, corrido à rédea-solta através do bosque e chegado a salvo ao castelo. Mas, destes doze, três tinham sido gravemente feridos; dois em Risingham, na desordem da fuga e um pelas sentinelas de João-o-Justiceiro. Isto elevava o efetivo da guarnição, contando Hatch, Sir Daniel e o moço Shelton, a vinte e dois homens válidos. E esperava-se continuamente que chegassem mais. O perigo não estava, contudo, na falta de gente. Era o terror da Flecha Negra que oprimia a alma dos soldados. Por causa dos seus inimigos declarados do partido de Iorque, nestes tempos incertos, tinham apenas longínquas preocupações. O mundo, como se dizia então, mudaria ainda antes de o mal chegar. Mas, por causa dos seus vizinhos da floresta, tremiam. Não era somente Sir Daniel o alvo da aversão. Os seus homens, convencidos da impunidade, tinham sido cruéis, em toda a região. Ordens cruéis tinham sido cruelmente executadas. E do pequeno grupo sentado, a conversar, no pátio, nem um só poderia deixar de ser acusado de algum ato de opressão ou de barbaridade. Agora, pela sorte das armas, Sir Daniel tornava-se impotente para proteger os seus instrumentos! Agora, em consequência de algumas horas de um combate a que muitos deles não haviam assistido, tinham-se transformado nos primeiros traidores do Estado, fora da protecção da lei; numa diminuta força, numa pobre fortaleza dificilmente sustentável e exposta de todos os lados á vingança das suas vitimas. Nem sequer lhes faltavam sinistros avisos do que os esperava.

Por diferentes vezes, durante a tarde e a noite, nada menos de sete cavalos sem cavaleiro haviam chegado, relinchando assustados à porta do castelo. Dois eram da força de Selden; cinco pertenciam a homens que tinham ido com Sir Daniel para o campo de batalha.

Por último, um pouco antes de amanhecer, um lanceiro chegara, arrastando-se, até à margem do fosso, atravessado por três flechas. Morrera no momento em que o levavam, mas, pelas palavras que murmurou na agonia, deveria ter sido o último sobrevivente de uma força numerosa.

O próprio Hatch mostrou, sob a sua pele tisonada do sol, a palidez da ansiedade e,

quando, tendo chamado Dick, soube o destino de Selden, caiu sobre um banco de pedra e chorou sinceramente. Os outros homens, sentados em escabelos e nos degraus das portas, do lado soalheiro do pátio, olhavam para ele com espanto e alarme, mas nenhum deles se atreveu a inquirir da causa da sua comoção.

- Vede, Master Shelton - disse Hatch, por fim -, que dizia eu? Iremos todos. Selden era um valente, era como um irmão para mim. Pois bem, ele foi o segundo; iremos todos! Não era o que diziam esses miseráveis versos? - Com Uma seta preta no coração,. E não tem sido assim? Appleyard, Selden, Smith e o velho Humphrey morreram, e aí está o pobre John Carter gritando, pobre pecador, pelo padre.

Dick escutou. De uma janela baixa, muito perto do sitio onde conversavam, gemidos e murmúrios chegaram-lhe ao ouvido.

- Está ali? - perguntou.

- Sim, no quarto do segundo porteiro - respondeu Hatch. - Já não o podíamos suportar, alma e corpo estão lutando violentamente. A cada passo que dávamos pensava morrer. Mas agora parece-me que é a alma que sofre. Grita sempre pelo padre, e Sir Oliver, não sei porquê, ainda não veio. Deve ter grandes pecados, mas o pobre Appleyard e o pobre Selden não tinham nada a confessar.

Dick parou ao pé da janela e olhou para dentro.

A pequena cela era baixa e escura, mas pôde distinguir o soldado ferido, gemendo, deitado na sua enxerga.

- Carter, pobre amigo, que tal vai isso? - perguntou.

- Master Shelton - replicou o homem, num murmúrio agitado -, pela bendita luz do céu, traga-me o padre. Ai de mim! Estou pronto. Deitaram-me abaixo. A minha ferida é mortal. Não me prestará qualquer outro serviço; este será o último.

Agora, pela salvação da minha alma e como um fidalgo que sois, apressai-vos, porque tenho este pecado na consciência que me arrastará para as profundas.

Gemeu, e Dick ouviu-o ranger os dentes de sofrimento ou de terror.

Nesse instante, Sir Daniel aparecia no limiar da sala de entrada. Tinha uma carta na mão.

- Rapazes - disse ele -, sofreremos um choque, demos um trambolhão. Porque negá-lo? Importa, antes de tudo, tratar de ficarmos de cima rapidamente. O velho Henrique Sexto foi derrotado. Lavemos daí as nossas mãos. Tenho um bom amigo que segue o Duque: é o Senhor de Wensleydale. Pois bem, escrevi uma carta ao meu amigo, pedindo-lhe a sua boa proteção e dando-lhe largas satisfações pelo passado e razoáveis garantias para o futuro. Não tenho dúvidas de que ele verá isto com bons olhos. Um pedido sem ofertas é como uma canção sem música. Eu encho-o de promessas, rapazes; nunca me furto a prometer. O que falta então? Uma coisa importante, ficareis desanimados por isso?, uma coisa importante e difícil: um mensageiro para a levar. Os bosques, não o ignorais, estão cheios de inimigos nossos. muito necessário ser rápido, mas sem astúcia e cautela de nada serve isso. Quem, então, de vós todos, quer levar esta carta a Lord Wensleydale e trazer-me a

resposta?

- Irei eu, se vos agrada - disse. - Arriscarei a pele.

- Não, Dick Bower, não - replicou o cavaleiro. - Não me agradas. Tu és esperto, na verdade, mas não és rápido. És sempre um retardatário.

- Se assim é, Sir Daniel, aqui estou eu! - gritou um outro.

- Deus nos livre! - disse o cavaleiro. - Tu és rápido, mas não és astuto. Ir-te-ias lançar, de cabeça, no acampamento de João-o-Justiceiro. Agradeço a ambos a vossa coragem, mas, na verdade, não pode ser.

Então o próprio Hatch se ofereceu e foi também recusado.

- Fazes-me aqui falta, bom Bennet, tu és, na verdade, a minha mão direita - replicou o cavaleiro. E, como avançassem, então, vários em grupo, Sir Daniel escolheu um deles e deu-lhe a carta.

- Agora - disse -, dependemos todos da tua velocidade e melhor descrição. Traz-me uma resposta favorável, e antes de três semanas terei limpa a minha floresta desses vagabundos que vêm desafiar-nos em nossa própria casa. Mas, repara bem, Throgmorton, a incumbência não é fácil. Tens de deslizar, a coberto da noite, e de caminhar como a raposa. E não sei como atravessarás o Till, sem ponte nem barca.

- Eu a darei - retorquiu Throgmorton. - Eu voltarei são e salvo, não tendes receio.

- Bem, amigo, vai à despesa - replicou Sir Daniel. - Deverás nadar, antes de mais, em boa cerveja escura.

E, com isto, Sir Daniel voltou para a casa de entrada.

- Sir Daniel sabe falar - disse Hatch, ao lado de Dick. - Vede, onde muitos homens inferiores teriam evitado o assunto, ele falou claramente á sua gente. "Aqui há um perigo", disse ele, "aqui há uma dificuldade", e troçou abertamente do assunto. Por Santa Bárbara! é um chefe nato! Outro homem não se teria tão depressa referido! Olhai como ele volta outra vez à obra.

Este elogio a Sir Daniel despertou pensamentos na cabeça do jovem.

- Bennet - disse -, como morreu meu pai?

- Não me pergunteis isso - tornou Hatch. - Não tive nisso intervenção, nem foi do meu conhecimento; e além do mais nem mesmo quero falar em tal, Master Dick. Porque, repare, dos nossos próprios assuntos poderemos falar, mas de coisas de ouvir dizer e de mexericos, não. Perguntai a Sir Oliver ou a Carter, se quiserdes, mas não a mim.

E Hatch partiu para fazer a ronda, deixando Dick preocupado.

"Porque me não contou ele?", pensou o rapaz. "E Porque nomeou Carter? Carter... Carter então, teve, talvez, interferência nisso!", Entrou em casa, e caminhando um pouco através duma passagem em abóbada, lajeada, chegou à porta da cela onde o ferido gemia. À sua entrada, Carter estremeceu vivamente.

- Trouxe o padre? - exclamou.

- Ainda não - replicou Dick -, tens primeiro que dizer-me uma coisa. Como morreu meu

pai, Harry Shelton?

A face do homem alterou-se imediatamente.

- Não sei - respondeu de mau humor.

- Não. Tu sabes bem - respondeu Dick. - Não penses que me enganas.

- Já disse que não sei - repetiu Carter.

- Então - disse Dick -, morrerás sem confissão. Aqui estou e aqui ficarei. E podes ter a certeza que não chegará nenhum padre ao pé de ti. De que vale o arrependimento, se não tens a intenção de emendar os erros que conheces? E sem o arrependimento a confissão é uma farsa.

- Dizeis o que não pensais, Master Dick - disse Carter, serenamente. - É mal feito ameaçar um moribundo e, para falar a verdade, diminui-vos. E se isso vos recomenda pouco, de menos ainda vos servirá. Ficai, se vos agrada. Condenais a minha alma, mas não sabereis nada. - E o ferido voltou-se para o outro lado.

Dick, realmente, falara depressa de mais, e estava envergonhado da sua ameaça. Mas fez, ainda, mais um esforço.

- Carter - disse ele -, não me enganas. Sei que foste apenas um instrumento nas mãos de outros, um vilão tem de obedecer ao seu senhor. Eu não responsabilizarei seriamente senão esse. Mas começo a ter conhecimento, de vários lados, que a minha juventude e ignorância tem um grande dever a cumprir: vingar meu pai. Por favor, Carter, esquece as minhas ameaças e, de boa vontade e com sincero arrependimento, dá-me uma palavra de auxílio.

O ferido continuava silencioso, e, dissesse Dick o que dissesse, não lhe arrancaria mais uma palavra.

- Bem - disse Dick -, irei chamar o padre como desejas, porque, apesar de estares em falta comigo ou com os meus, eu não ficarei voluntariamente em falta para com ninguém e ainda menos tratando-se de quem está na hora da morte!

De novo o velho soldado o ouviu sem falar ou mover-se. Cessara mesmo de gemer, e, quando deixou o quarto, Dick ia cheio de admiração por esta rude força de vontade.

Contudo, pensou, "de que lhe serve esta coragem sem inteligência? Se ele tivesse as mãos limpas, teria falado. O seu silêncio revela o segredo mais alto do que as palavras. Não, de todo o lado me chegam provas. Ou o próprio Sir Daniel ou os seus homens foram os autores da façanha".

Dick parou no corredor com um peso no coração. Era neste momento, no declínio da sorte de Sir Daniel, quando ele estava cercado pelos arqueiros da Flecha Negra e proscrito pelo partido de Iorque, vitorioso, que ele Dick ia também revoltar-se contra o homem que o havia sustentado e ensinado? Realmente ele várias vezes o tinha severamente castigado, mas, apesar disso, e incansavelmente protegera a sua juventude. A necessidade, se se provasse havê-la, era na realidade cruel.

- Deus queira que ele esteja inocente - disse.

Então, soaram passos no lajedo, e Sir Oliver caminhou

gravemente para o rapaz.

- Alguém vos deseja vivamente - disse Dick.

- Vou a caminho, caro Ricardo - disse o padre. - o pobre Carter; coitado, não tem cura...

- E contudo a sua alma está mais doente que o seu corpo - respondeu Dick.

- Viste-o? - perguntou Sir Oliver, com manifesto sobressalto.

- Deixei-o agora mesmo - respondeu Dick.

- Que disse ele? Que disse ele? - interrompeu o padre, com extraordinária vivacidade.

- Não faz senão chamar por vós de uma maneira que faz dó, Sir Oliver! Faríeis bem em ir mais depressa, porque o ferimento dele é grave - replicou o rapaz.

- Vou imediatamente - foi a resposta -, todos temos os nossos pecados. E teremos todos a nossa última hora, meu bom Ricardo.

- Sim, senhor, e seria bom que todos lá chegássemos com a consciência tranquila - respondeu Dick.

O padre baixou os olhos, e, com uma bênção ininteligível, afastou-se á pressa.

"Também ele", pensou Dick. "Ele, que me criou na religião! Mas então que mundo é este; se todos os que olharam por mim estão maculados de sangue da morte de meu pai! Vingança! Meu Deus! Que triste destino é o meu se tenho que vingar-me dos meus próprios amigos!"

Esta ideia trouxe-lhe Matcham á lembrança. Sorriu ao recordar o seu estranho companheiro; e perguntou-se, a si mesmo, onde estaria. Desde que tinham chegado, junto às portas do castelo, o rapazinho desaparecera e Dick começava a desejar falar com ele.

Cerca de uma hora depois, tendo sido dita, um pouco rapidamente, a missa, por Sir Oliver, a companhia juntou-se na casa de entrada para jantar. Era um compartimento baixo e longo, juncado de plantas verdes, com as paredes cobertas com panos de arrás, com figuras de selvagens e de cães de fila caçando. Aqui e ali, pendiam espadas, arcos e escudos, um fogo brilhava na grande chaminé. Havia bancos cobertos de panos de arrás em roda, junto da parede, e no meio a mesa, bem posta, esperava a chegada dos comensais. Nem Sir Daniel nem a mulher apareceram. O próprio Sir Oliver estava ausente, e também aqui não ouviu qualquer alusão a Matcham. Dick começou a estar alarmado, a relembrar os tristes pressentimentos do seu companheiro, e a perguntar-se a si próprio se alguma coisa grave lhe não teria acontecido naquela casa. Depois de jantar encontrou a Tia Hatch, que corria para os aposentos de Lady Brackley.

- Tiazinha - disse ele -, por favor, onde está Master Matcham? Vi-te ir com ele quando chegámos.

A boa mulher riu alto.

- Ah! Master Dick - disse ela -, tendes belos olhos, não há dúvida! - E voltou a rir-se.

- Não é isso! Mas onde está ele, na verdade? - persistiu Dick.

- Nunca mais o vereis - replicou ela. - Nunca mais... Podeis estar tranquilo.

- Mas não o estou. E quero saber, por que razão o não verei mais. Ele não veio para aqui de sua livre vontade. E seja como for sou eu o seu melhor protetor e quero vê-lo justamente tratado. Há aqui muitos mistérios, e eu começo a estar cansado deste Jogo!

Mas, enquanto Dick falava, uma pesada mão caiu sobre o seu ombro. Era Bennet Hatch que tinha chegado, por detrás dele, sem ser apercebido. Com um gesto do dedo polegar o mercenário despediu a sua mulher. - Amigo Dick - disse ele, logo que ficaram sós -, é doido varrido? Se não deixar certas coisas em paz, estará melhor no mar alto do que no castelo de Tunstall. Já me interrogou, torturou Carter, e assustou o padre com insinuações. Porte-se mais prudentemente, louco! E mesmo agora quando Sir Daniel o chamar, por boa prudência, mostre-lhe cara alegre.

Vai ser apertadamente interrogado. Pense nas suas respostas.

- Hatch - replicou Dick -, em tudo isto pressinto consciências culpadas...

- E se não se portar mais prudentemente, cedo pressentirá o cheiro do sangue - replicou Bennet. - Não faça mais do que preveni-lo. Ali vem alguém chamá-lo.

E realmente, neste momento, um mensageiro atravessara o pátio para intimar Dick a apresentar-se perante Sir Daniel.

CAPÍTULO II - OS DOIS JURAMENTOS

SIR Daniel estava na sala de entrada; e passeava, furioso, em frente do fogão, esperando a chegada de Dick. Não estava mais ninguém, a não ser Sir Oliver, e esse discretamente sentado ao fundo, rolando os polegares um sobre o outro e murmurando o seu brevíário.

- Mandou-me chamar, Sir Daniel? - disse o jovem Shelton.

- Na verdade mandei-te chamar - replicou o cavaleiro -, pelo que me chegou aos ouvidos. Fui eu, para ti, um tão duro tutor que te apresses a acreditar o mal que dizem de mim? Ou propositadamente, porque me vês vencido, pensas em deixar o meu partido? Por Deus, teu pai não era assim! Viesses o que viesse, ficava junto dos que estimava! Mas tu, Dick, és, parece-me, um amigo dos dias felizes, e agora trata tu próprio de explicar a tua fidelidade.

- Desculpáveis, Sir Daniel, mas não é assim - replicou Dick, com firmeza. - Eu sou grato e fiel quando a gratidão e a fidelidade são devidas. E antes de dizer mais, quero agradecer-vos e a Sir Oliver. Tendes ambos grandes direitos sobre mim.

Ninguém pode ter mais. Seria um cão se o esquecesse.

- Está bem - disse Sir Daniel. E depois, enfurecendo-se: - Gratidão e fidelidade são palavras, Dick Shelton, mas eu olho para os fatos. Nesta hora de perigo para mim, quando o meu nome é atingido, as minhas terras confiscadas, quando a floresta está cheia de homens ansiando pela minha ruína, para que serve a gratidão? para que serve a fidelidade? Tenho apenas uns restos da minha gente, e é grato ou fiel envenenar-lhes o espírito com os teus insidiosos segredos? Deus me livre de tal gratidão! Mas, vejamos, o que queres tu? Fala; estou aqui para responder. Se alguma coisa tens contra mim, sustenta-a e di-la.

- Sir - replicou Dick -, meu pai morreu quando eu era ainda criança. Chegou-me aos ouvidos que ele havia sido traiçoeiramente morto. Chegou-me aos ouvidos, e não o dissimularei, que vós tínheis tido interferência neste crime. E realmente não poderá haver paz no meu espírito, nem muita disposição para auxiliar-vos enquanto não tiver resposta segura para estas dúvidas.

Sir Daniel sentou-se num banco baixo. Segurou o queixo com a mão e olhou para Dick fixamente.

- E pensas que eu seria capaz de ser o tutor do filho do homem que assassinasse? - perguntou.

- Não é bem assim - respondeu Dick. - Perdoai-me se vos respondo de uma forma grosseira; mas, na verdade, sabeis muito bem que uma tutela é muito rendosa. Durante todos estes anos, não tendes vós gozado os meus rendimentos e conduzido os meus homens? Não tendes contratado o meu casamento? Não quero saber o que vale. Vale alguma coisa. Perdoai-me de novo, mas, se fostes bastante vil para assassinar um homem que confiava em vós, há talvez razões bastantes capazes de vos conduzirem às maiores baixezas.

- Quando era rapaz da tua idade - replicou Sir Daniel, tristemente -, o meu espírito não

era tão inclinado à suspeita. E Sir Oliver – acrescentou -, como pode ser ele, um sacerdote, acusado de um tal ato?

- Não sei, Sir Daniel - disse Dick. - Mas para onde ordena o dono é que vai o cão. Toda a gente sabe que este padre não é mais do que o vosso instrumento. Falo claramente. O momento não é de cortesias. Assim mesmo como falo é que desejo que me respondam. E não obtenho qualquer resposta! Vós apenas fazeis mais perguntas. Devo prevenir-vos; Sir Daniel, que desta maneira antes suscitareis do que acalmareis as minhas dúvidas.

- Responder-te-ei francamente, Master Ricardo - disse o cavaleiro. - Se te dissesse que não me tinhas encolerizado, não seria verdade. Mas eu serei justo mesmo na cólera. Volta a dizer-me isso quando cresceres e fores maior, quando eu já não seja o teu tutor e então, irremediavelmente, lhe sentirás as conseqüências. Volta então, que eu te responderei como mereces, com uma bofetada. Até lá tens dois caminhos a seguir: um é engolir esses insultos, ficares calado e, entretanto, combater pelo homem que te sustentou e defendeu a tua infância; o outro é a porta aberta e a floresta cheia dos meus inimigos. Vai!

A paixão com que estas palavras foram pronunciadas, os olhares que as acompanharam, empolgaram Dick, mas, apesar disso, não pôde deixar de observar que lhe não havia sido dada qualquer resposta.

- Não desejo nada mais vivamente, Sir Daniel, do que poder acreditar-vos - replicou. - Assegurai-me de que estais livre dessa culpa.

- Aceitarás a minha palavra de honra; Dick? - perguntou o cavaleiro.

- Certamente - respondeu o rapaz.

- Dou-ta - replicou Sir Daniel. - Sob minha palavra de honra, pela eterna salvação da minha alma, e tão certo como eu ter de responder mais tarde pelos meus atos, não tive interferência nem participação na morte de teu pai.

Estendeu a mão e Dick apertou-lha vivamente.

Nenhum deles observou o padre, que, ao ser pronunciado este solene e falso juramento, se tinha quase levantado do seu lugar numa angústia de horror e de remorso.

- Ah! - exclamou Dick. - Precisais encontrar na vossa magnanimidade força para perdoar-me! Fui na verdade um vilão em ter duvidado de vós! Mas aqui vos juro que não duvidarei mais!

- Não, Dick - disse Sir Daniel -, estás desculpado. Tu não conheces o mundo nem as suas calúnias.

- Devo ser ainda mais censurado - acrescentou Dick -, porquanto os bandidos não vos acusam diretamente a vós, mas a Sir Oliver.

Enquanto falava voltou-se para o padre e parou no meio da última palavra. Este homem, grande, corado, corpulento e majestoso, estava, pode dizer-se, completamente sucumbido. Tinha perdido a cor, os seus membros estavam frouxos e os lábios murmuravam orações. E no momento em que os olhos de Dick se fixaram subitamente sobre ele, deu um grito rouco, como o de um animal bravo, e enterrou a face nas mãos.

Sir Daniel estava junto dele de um salto, e sacudiu-o violentamente por um ombro. No

mesmo momento as suspeitas de Dick despertaram.

- Não - disse. - Sir Oliver, terá de jurar também. Era a ele a quem acusavam.

- Jurará - disse o cavaleiro.

Sir Oliver, sem fala, agitava os braços.

- Sim, por Deus, jurareis! - gritava Sir Daniel, junto dele, com fúria. - Aqui sobre este livro, jurareis - continuou, apanhando o breviário que caíra. - O quê? Fazeis-me suspeitar de vós! Jurai, já vos disse, jurai!

Mas o padre estava ainda incapaz de falar. O seu terror de Sir Daniel, o seu terror do perjúrio, ambos da mesma força, estrangulavam-no!

Exatamente, então, através da alta janela de vitrais da sala, com o ruído de vidros partidos, uma seta preta passou e ficou vibrando espetada no meio da comprida mesa.

Sir Oliver, com um enorme grito, caiu desmaiado sobre os juncos do chão, enquanto o cavaleiro, seguido de Dick, se lançava para o pátio e subia a escada de caracol, mais próxima, para as ameias. As sentinelas estavam todas a postos. O sol brilhava docemente sobre as verdes relvas, pontilhadas de árvores, e sobre os arborizados montes da floresta que fechavam a vista. Não havia qualquer sinal de sitiante.

- Onde veio o tiro? - perguntou o cavaleiro.

- Daquele maciço, Sir Daniel - respondeu uma sentinela.

O cavaleiro ficou-se um pouco, meditando. Depois voltou-se para Dick:

- Dick - disse ele -, olha-me por estes homens. Deixo-te aqui de guarda. Quanto ao padre, ele há-de explicar-se ou eu saberei a razão disto. Quase começo a compartilhar das tuas suspeitas. Jurará, acredita-me, ou, então, confessar-se-á culpado.

Dick respondeu um pouco friamente, e o cavaleiro, lançando-lhe um olhar perscrutador, voltou, apressadamente, para a sala. O seu primeiro olhar foi para a flecha. Daqueles projéteis, era o primeiro que via. E como o virasse de um e outro lado, o seu negro aspecto fez-lhe sentir medo. De novo havia qualquer coisa ali escrita: duas palavras - ana tocalp.

- Bem - exclamou -, sabem então que estou em casa. Cercado! Sim, mas não há um cão de entre eles capaz de me desencovar.

Sir Oliver tinha voltado a si e agora arrastava-se a seus pés.

- Ai! Sir Daniel - gemeu -, haveis feito um medonho juramento! Estais condenado para sempre!

- Sim - replicou o cavaleiro -, fiz na verdade um juramento. Mas vós fareis um mais grave ainda. Será sobre a bendita cruz de Holywood. Reparai, tende as palavras prontas. Porque tereis de jurar esta noite.

- Que o céu vos ilumine! - respondeu o padre. - Que vos não permita cometer uma tal iniquidade!

- Reparai, meu bom padre - disse Sir Daniel. - Se tomais o partido da piedade, não vos direi mais nada. Começais tarde, na verdade. Mas se de qualquer forma estais inclinado à

prudência, ouvi-me. Este rapaz começa a importunar-me como uma vespa. Preciso dele, porque negociaria o seu casamento. Mas digo-vos, com toda a franqueza, que, se ele continua a maçar-me, irá fazer companhia ao pai. Já dei ordens para que ele fosse mudado para o quarto por cima da capela. Se puderdes jurar a vossa inocência com um belo e sólido juramento e com segura aparência, está bem: o rapaz será deixado em paz e eu poupá-lo-ei. Se gaguejardes ou pestanejardes, ou de qualquer maneira hesitardes no juramento, não vos acreditareis; e por Deus, será um homem morto. Pensai agora no caso.

- O quarto sobre a capela! - suspirou o padre.

- Esse mesmo - replicou o cavaleiro. - Assim, se desejais salvá-lo, salvai-o; e se não o desejais, então deixai-me em paz! Porque, se tivesse sido um homem precipitado, já vos haveria traspassado com a espada, pela vossa intolerável covardia e loucura. Já escolhestes? Dizei!

- Escolhi - disse o padre -, Deus me perdoe, farei o mal para o bem. Jurarei para salvar o rapaz.

- Assim é melhor! - disse Sir Daniel. - Então mandai-o chamar depressa. Encontrar-se-á só convosco. Contudo vigiar-vos-ei. Estarei aqui no quarto do painel.

O cavaleiro levantou um pano de arrás e deixou-o cair de novo atrás de si. Houve o som de uma mola abrindo, e depois seguiu-se o estalar de escadas sob os passos. Sir Oliver, deixado só, lançou um olhar timorato para o alto da parede coberta de panos de arrás e pensou-se com toda a aparência do terror e do arrependimento.

- Não, se ele está no quarto da capela - murmurou o padre -, mesmo à custa da minha alma, devo salvá-lo.

Três minutos mais tarde, Dick, que havia sido chamado por outro mensageiro, encontrou Sir Oliver, de pé, junto da mesa da sala, resolutos e pálidos.

- Ricardo Shelton - disse -, existe de mim um juramento. Poderia lamentar-me, poderia negar-to, mas o meu coração está contigo pela lembrança do passado e satisfarei o teu desejo, como quiseste. Pela verdadeira cruz de Holywood, não assassinei teu pai.

- Sir Oliver - replicou Dick -, quando tivemos, pela primeira vez, o papel de João-o-Justiceiro, estava convencido disso. Mas permiti-me fazer duas perguntas. Vós não o assassinastes; está bem. Mas não tivestes qualquer interferência nisso?

- Nenhuma - disse Sir Oliver. E, ao mesmo tempo, começou a contorcionar a face e a fazer sinais com a boca e as sobrancelhas, como alguém que deseja dar um aviso e que contudo não ousa pronunciar um som.

Dick olhava para ele espantado; então, voltando-se, perscrutou tudo à sua volta na sala vazia.

- Que fazeis? - perguntou.

- Eu!? Nada! - replicou o padre, mudando rapidamente de expressão. - Não faço nada. Apenas sofro; estou doente. Eu... Eu Por favor, Dick, tenho que me ir embora. Sobre a Sagrada cruz de Holywood, juro-te que estou absolutamente inocente de qualquer violência ou traição. Contenta-te com isto, meu rapaz. Adeus! - E escapou-se da sala com invulgar

rapidez. Dick ficara pregado ao chão, os olhos vagueavam em volta da sala, e a face era o variável reflexo de diversas emoções: pasmo, dúvida, suspeita e divertimento.

Gradualmente, á medida que começou a ver mais claro, a suspeita impôs-se e foi seguida pela certeza do pior. Levantara a cabeça e, no momento em que fez este gesto, estremeceu violentamente. No alto da parede havia a figura de um caçador selvagem tecida na tapeçaria. Com uma das mãos segurava na boca uma trompa, com a outra brandia uma forte lança. O seu rosto era negro, porque representava um africano. Eis o que fizera tremer Ricardo Shelton.

O sol tinha desaparecido das janelas da sala, e ao mesmo tempo o lume tinha ardido em altas chamas na larga lareira, e lançara um passageiro clarão sobre o teto e as colgaduras. Nesta luz, a figura do caçador negro tinha pestanejado com uma pálpebra branca. Continuou fitando o olho. A luz brilhava sobre ele, como sobre uma gema; era líquido, vivo. De novo a pálpebra branca se fechou sobre ele a fração de um segundo e, no momento seguinte, desaparecera.

Não poderia haver engano. O vivo olhar que o vigiava, através de um buraco na tapeçaria, desaparecera. A luz do fogão não voltou mais a cintilar sobre uma superfície brilhante.

E imediatamente Dick acordou para os terrores da sua situação. O aviso de Hatch, os mudos sinais do padre, este olhar que o tinha vigiado da parede, juntaram-se no seu espirito.

Pensou que tinha sido experimentado, que tinha uma vez mais traído as suas suspeitas, e que, assim, a não ser por um milagre, estava perdido.

"Se não me puder safar desta casa" pensou, "estou liquidado! E aquele pobre Matcham, também, para que vespeiro eu o trouxe!"

Estava ainda pensando nisto, quando alguém veio, à pressa, pedir-lhe auxilio na mudança das suas armas, roupas e dos seus dois ou três livros para um novo quarto.

- Um novo quarto? - repetiu. - Para que é isso? Qual quarto?

- O quarto sobre a capela - respondeu o mensageiro.

- Há muito tempo que está vazio - disse Dick, pensativo. - Que espécie de quarto é esse.

- É um belo quarto - replicou o homem -, mas apesar disso - baixando a voz - dizem que está assombrado.

- Assombrado? - repetiu Dick, com um arrepio. - Ainda não tinha ouvido dizer. E assombrado por quem? O mensageiro olhou em roda, e então disse num murmúrio:

- Pelo bibliotecário de São João. Tiveram-no ali a dormir uma noite e na manhã seguinte tinha marchado! Dizem que o diabo se apossara dele. Mas a maior parte explica que ele bebera até tarde, na noite anterior.

Dick seguiu o homem, com negros pressentimentos.

CAPÍTULO III - O QUARTO POR CIMA DA CAPELA

DAS ameias nada mais fora visto. O Sol caminhava para ocidente e finalmente sumira-se; mas aos olhos das atentas sentinelas nem um ser vivo aparecera na vizinhança do castelo de Tunstall.

Quando a noite desceu completamente, Thorogmorton foi conduzido para um quarto sobranceiro a um canto do fosso. Daqui desceram ao rio com toda a precaução. O marulho do seu nadar ouviu-se por momentos. Depois viu-se um vulto negro atingir a terra pelos ramos de um salgueiro e deslizar entre a relva. Durante perto de meia hora Sir Daniel e Hatch estiveram à escuta, mas tudo permanecia tranquilo. O mensageiro afastara-se são e salvo.

Sir Daniel desfranziu o sobreceño. Voltou-se para Hatch:

- Bennet - disse -, este João-o-Justiceiro não é mais do que um homem, vês?

- Também dorme! Nós acabaremos com ele! Vamos a isto.

Durante todo o serão, Dick tinha sido mandado aqui e ali. As ordens seguiram-se umas às outras, até ele ficar espantado com o número e a pressa das incumbências. Durante todo este tempo nunca mais vira Sir Oliver e nada soubera de Matcham; e, contudo, tanto o pobre padre como o garoto Ihe estavam constantemente no espírito. Agora o seu principal intento era fugir do castelo de Tunstall, tão depressa quanto possível, mas antes disso desejava falar com os dois.

Finalmente, com uma lanterna na mão, subiu para os seus novos aposentos. Eram grandes, baixos e um pouco escuros. A janela dava para o fosso e, apesar de ser tão alta, estava fortemente gradeada. A cama era luxuosa, com um travesseiro de plumas e outro de alfazema e uma coberta vermelha bordada com desenhos de rosas. Em torno de toda a parede havia armários fechados e com cadeados que ficavam escondidos da vista por colgaduras de panos de arrás de cor escura. Dick deu volta ao quarto levantando as colgaduras, sondando os painéis, tentando em vão abrir os armários. Assegurou-se de que a porta era boa e o ferrolho sólido. Então, pôs a lanterna sobre um aparador e, uma vez mais, olhou em volta.

Por que razão Ihe havia sido dado este quarto? Era melhor e maior do que o seu. Esconderia ele uma armadilha? Haveria uma entrada secreta? Estaria na realidade assombrado? um arrepio percorreu-lhe o corpo.

Imediatamente, por cima dele, soou o passo pesado de uma sentinela. Por baixo sabia estar o teto em abóbada da capela e a seguir à capela a sala-de-estar.

Certamente havia uma passagem secreta na sala. O olho que o espreitava do pano de arrás provava-lhe isso. Era mais que provável que essa passagem se estendesse até à capela; e se, sendo assim, tivesse uma saída neste quarto?

Dormir em tal lugar, sentiu que seria loucura. Aprontou as suas armas e tomou posição a um canto do quarto, ao lado da porta. Estava disposto a vender caro a vida.

O som de muitos passos, as vozes de alerta e de contra-senha soavam-lhe por cima, ao longo das ameias. A guarda estava sendo rendida.

Exatamente nesse momento ouviu arranhar na porta do quarto. O som tornou-se um pouco mais forte e, depois, um murmúrio:

- Dick, Dick, sou eu!

Dick correu à porta, puxou o ferrolho e deixou entrar Matcham.

Estava pálido e trazia a lanterna numa das mãos e na outra um punhal.

- Fecha a porta - segredou. - Depressa, Dick, esta casa está cheia de espíões. Ouço os seus passos atrás de mim, nos corredores. Ouço-os respirar atrás dos reposteiros.

- Bem, alegre-te - replicou Dick. - Está fechada. Estás salvo neste momento, se é que há segurança dentro destas paredes. Mas sinto-me contente de ver-te. Por Deus, meu rapaz, pensei que tivesses morrido. Onde te escondeste?

- Não importa - retorquiu Matcham -, desde que nos encontramos outra vez, já não importa. Mas, Dick, estás a par do que se passa? Contaram-te o que tencionam fazer amanhã?

- Isso não - replicou Dick. - Mas que é que farão amanhã?

- Amanhã, ou esta noite, não sei - disse o outro. - Mas hoje ou amanhã tencionam matar-te. Tenho provas. Ouvi-os segredar, tão bem como se me tivessem contado.

- Sim - replicou Dick. - Será assim? Tenho pensado bastante nisso.

E relatou-lhe completamente todos os acontecimentos do dia.

Quando ele acabou, Matcham levantou-se e começou, por sua vez, a examinar o aposento.

- Não - disse ele -, aparentemente não há aqui nenhuma entrada. Contudo, é certo haver uma. Dick, quero ficar aqui ao pé de ti. Se tiveres de morrer, morrerrei contigo. E posso ajudar-te. Olha! roubei um punhal, farei o que puder! E entretanto, como não sabes de qualquer saída, de qualquer porta falsa que possamos apanhar aberta ou de alguma janela por onde possamos descer, encararei mais alegremente qualquer perigo, se fugir contigo.

- Jack - disse Dick -, por Deus, Jack! Tu és o melhor, mais leal e mais valente coração de toda a Inglaterra! Dá-me a tua mão, Jack! apertou com força, em silêncio, a mão do outro.

- Vou-te contar - disse apressadamente. - Há uma janela por onde desceu o mensageiro. A corda deve estar ainda no quarto uma esperança.

- Psiu! - disse Matcham.

Ambos ficaram à escuta. Ouvia-se um ruído por baixo do pavimento. Depois, parou e recomeçou de novo.

- Alguém caminha no quarto de baixo - segredou Matcham.

- Não - retorquiu Dick -, não há nenhum quarto por baixo deste. Estamos por cima da capela. Deve ser o meu assassino, na passagem secreta. Bem, deixá-lo vir! Terá que fazer! - E cerrou os dentes.

- Apaga as luzes - disse o outro. - Podem, por acaso, trair-te.

Apagaram as duas lanternas e ficaram quietos, como mortos. Os passos em baixo

eram muito cautelosos, mas ouviam-se nitidamente. Por várias vezes foram e vieram; depois houve o chiar áspero de uma chave numa fechadura, seguido de um enorme silêncio.

Agora os passos recomeçavam. Então, de repente, uma tira de luz apareceu no soalho do quarto num canto afastado. Alargou-se. Um alçapão abriu-se, deixando entrar um feixe de luz. Puderam ver uma mão forte empurrando-o. Dick levantou o arco, esperando que a cabeça surgisse. Mas neste momento houve uma interrupção.

De um canto distante do castelo vinham gritos. E primeiro uma voz, depois várias, gritavam um nome. Este barulho tinha, evidentemente, desconcertado o assassino, porque o alçapão descera em silêncio para o seu lugar. Os passos voltaram apressados a ouvir-se, uma vez mais, mesmo por baixo dos rapazes, e sumiram-se na distância.

Houve um momento de descanso. Dick respirou fundo, e então, só então, deu atenção ao ruído que interrompera o ataque e que antes aumentava do que diminuía.

Por todo o castelo havia passos correndo, portas abrindo-se e batendo e a própria voz de Sir Daniel sobressaía de todo este tumulto, gritando:

- Joana!

- Joana! - repetiu Dick. - Quem diabo pode ser? Aqui não há, nem nunca houve, nenhuma Joana. Que quer dizer isto?

Matcham estava silencioso. Parecia mergulhado em longínquos pensamentos. Mas apenas a desmaiada claridade das estrelas entrava pela janela e, no canto do quarto onde o par se encontrava, a escuridão era completa.

- Jack - disse Dick -, não sei onde estiveste todo o dia. Viste esta tal Joana?

- Não - retorquiu Matcham -, não vi.

- Nem ouviste falar dela? - continuou.

Os passos aproximaram-se. Sir Daniel estava rugindo o nome de Joana, do lado do pátio.

- Ouviste falar dela? - repetiu Dick.

- Ovi - disse Matcham.

- Como a tua voz treme! que tens? - disse Dick. - É uma bela coisa para nós esta Joana. Distraí-los-á de nós!

- Dick! - exclamou Matcham -, estou perdida! Estamos ambos perdidos! Fugamos, se ainda é tempo. Não descansarão enquanto não me encontrarem. Ou antes: deixa-me ir. Quando me encontrarem, poderás fugir. Deixa-me ir, Dick, deixa-me sair!

Procurava, às apalpadelas, o ferrolho, e então finalmente Dick compreendeu.

- Santo Deus! Tu não és Jack! És Joana Sedley, a rapariga que não queria casar comigo!

A jovem parou e ficou silenciosa e imóvel. Também Dick esteve calado algum tempo. Depois voltou a falar:

- Joana - disse -, salvaste-me a vida e eu salvei a tua. Vimos juntos correr sangue e fomos amigos e inimigos. Sim! Tirei o meu cinto para te bater, e durante todo esse tempo

pensei que fosses um rapaz. Agora, porém, a morte aproxima-se. O meu tempo está contado. Mas antes de morrer quero dizer-te isto: és a melhor e mais valente rapariga debaixo do sol e, se conseguisse escapar, casar-me-ia contigo cegamente. Mas, ou viva ou morta, amo-te.

Ela não respondeu nada.

- Vamos - disse ele -, fala, Jack. Vamos, sê boa e diz que me amas!

- Dick - exclamou ela -, porque estarei eu aqui?

- Sim, é verdade - continuou Dick. - Se escaparmos de tudo isto, casar-nos-emos e, se tivermos de morrer, morreremos juntos e acabar-se-á tudo. Mas, agora penso, como deste com o meu quarto?

- Perguntei á Tia Hatch onde era - respondeu ela.

- Bom, a Tia Hatch é segura - respondeu ele -, não dirá nada de ti. Teremos ainda tempo.

Exatamente nesse instante, como uma contradição a estas palavras, soaram passos no corredor e um punho bateu fortemente na porta.

- Aqui! - gritou uma voz. - Abra, Master Dick, abra!

Dick não se moveu nem respondeu.

- Acabou-se - disse a rapariga, e lançou os braços ao pescoço de Dick.

Uns após outros, vieram homens em tropel para a porta. Depois chegou o próprio Sir Daniel e houve uma súbita interrupção no barulho.

- Dick! - gritou o cavaleiro - não sejas idiota! Os Sete Dormentes já teriam acordado. Nós já sabemos que ela está aí dentro. Abre a porta, homem!

Dick continuava em silêncio.

- Metam-na dentro - disse Sir Daniel. Imediatamente os homens que o seguiam caíram brutalmente sobre a porta com os punhos e com os pés. Apesar de sólida e bem fechada, depressa deveria ceder, mas a sorte interveio mais uma vez. Sobre a rajada de pancadas, ouviu-se o grito de uma sentinela, logo seguido por outro. Gritos corriam ao longo das ameias. Gritos respondiam da floresta. No primeiro momento de alarme parecia que os homens da floresta estavam dando assalto ao castelo. E Sir Daniel e os seus homens, desistindo momentaneamente do ataque ao quarto de Dick, correram a defender as muralhas.

- Agora - exclamou Dick -, estamos salvos. Agarrou-se à enorme cama antiga com as duas mãos e violentamente tentou deslocá-la.

- Ajuda-me, Jack. Pela tua salvação, ajuda-me com força! - gritou.

Ambos com um tremendo esforço, arrastaram a enorme peça de carvalho através do quarto e arrumaram-na de encontro á porta.

- Estás a fazer mal as coisas - disse Joana. - Ele entrará pelo alçapão.

- Nada disso - replicou Dick -, não ousará mostrar o seu segredo a tanta gente. Será pelo alçapão que fugiremos. Depressa! O ataque passou, não foi, mesmo, nada!

Na verdade não houvera nenhum ataque. Tinha sido a chegada de uma outra força de retardatários da derrota de Risingham que perturbara Sir Daniel. Tinham vindo á rédea solta, a coberto da noite. Haviam entrado pelo portão grande e agora, com o tropear de cavalos e o ruído de equipamentos e armas, apeavam-se no pátio.

- Voltarão depressa - disse Dick. - Para o alçapão!

Acendeu a lanterna e os dois avançaram para o canto do quarto. A estreita fresta através da qual cintilava ainda alguma luz foi facilmente descoberta, e Dick, munindo-se de uma forte espada do seu pequeno arsenal, introduziu-a profundamente no interstício e pesou, com quanta força tinha, sobre o punho. O alçapão moveu-se, abriu-se um pouco e ficou depois com uma larga fenda. Agarrando-o com as duas mãos, os dois jovens puseram-no para trás. Descobriu uns tantos degraus descendo a seus pés, onde o frustrado assassino deixara uma lanterna acesa.

- Agora - disse Dick -, desce primeiro e pega na lanterna. Eu irei depois, para fechar o alçapão.

Assim desceram, um atrás do outro. E, no momento em que Dick fechava o alçapão, as pancadas começavam a soar sobre as almofadas da porta.

CAPÍTULO IV – A PASSAGEM

A passagem em que Dick e Joana agora se encontravam era estreita, viscosa de humidade e curta. No seu outro extremo havia uma porta meio aberta; sem dúvida a mesma porta que eles tinham ouvido o homem desferrolhar. Pesadas teias de aranha pendiam do teto e o pavimento ecoava sonoramente sob a mais leve pressão. Além da porta havia dois ramais em ângulo reto.

Dick escolheu um deles, ao acaso, e o par fugiu com passos sonoros ao longo do vão do teto da capela. O topo do teto abobadado cresceu, como um lombo de baleia, ao fraco bruxulear da lanterna. Aqui e ali havia buracos de escuta, escondidos do outro lado, pelo esculpido da cornija; e, olhando para baixo, através de um deles, Dick viu o chão lajeado da capela - o altar com as velas ardendo e estendido diante dele, nos degraus, o vulto de Sir Oliver, orando de mãos postas.

Na outra extremidade, desceram alguns degraus. A passagem tornou-se mais estreita. A parede de um dos lados era de madeira; o barulho de gente falando e um ténue brilho de luzes veio através dos interstícios; agora chegavam a um buraco redondo, quase do tamanho de um olho humano, e Dick, olhando para baixo através dele, dominou o interior da sala-de-estar e uma meia dúzia de homens sentados, de cotas de malha, em volta da mesa, bebendo abundantemente e atacando um empadão de caça. Pertenciam, certamente, às últimas forças chegadas.

- Por aqui não há salvação - disse Dick -, - experimentemos para trás.

- Não - disse Joana. - Pode ser que a passagem vá mais adiante.

E avançou. Mas poucas jardas à frente a passagem terminava no topo de um curto lance de escadas, e via-se, claramente, que era impossível a fuga por este lado, enquanto os soldados ocupassem a sala.

Voltaram pelo mesmo caminho, a toda a velocidade possível, e avançaram para explorar o outro ramo. Era excessivamente estreito, com uma largura que escassamente permitia a passagem de um homem forte, e conduzia-os continuamente para cima e para baixo, por pequenas escadas perigosas, de tal forma que o próprio Dick perdera a noção da sua situação.

Por fim tornou-se ainda mais estreita e mais baixa. As escadas continuavam a descer, as paredes dos dois lados tornavam-se húmidas e viscosas ao tato. E mais adiante sentiram a chiada e a correria dos ratos.

- Devemos estar nas masmorras - notou Dick.

- E mais uma vez sem saída - continuou Joana.

- Não. Tem de haver uma saída! - respondeu Dick.

Agora, na verdade, chegavam a uma volta brusca e, aí, a passagem acabava num lance de escadas, no alto do qual havia um sólido bloco de pedra, com aspecto de alçapão. Os dois encostaram-lhe as costas. Era impossível movê-lo.

- Alguém o segura - sugeriu Joana.

- Não - respondeu Dick -, porque, ainda que um homem tivesse a força de dez, mal o

poderia mover. Isto resiste como um rochedo. Há um peso sobre o alçapão. Não temos saída e, na realidade, querido Jack, estamos aqui tão verdadeiramente prisioneiros como se tivéssemos correntes nos tornozelos. Senta-te aí e conversemos. Daqui a pouco ele voltará, quando, por acaso, estiverem menos preocupados com a guarda. E, quem sabe?, poderemos fazer uma sortida e confiar na sorte. Mas, na minha fraca opinião, estamos perdidos.

- Dick - exclamou ela -, desgraçado dia em que me viste! Porque fui eu que, como a mais infeliz e ingrata das raparigas, te conduzi a isto.

- Qual história! - replicou Dick. - Tudo estava escrito, e o que está escrito, queiramo-lo ou não, tem de acontecer. Mas, diz-me, que espécie de rapariga és tu e como vieste cair nas mãos de Sir Daniel? Isto será melhor do que gemer, mesmo que seja pela minha ou pela tua salvação.

- Sou órfã, como tu, de pai e mãe - disse Joana -, e por minha infelicidade, Dick, e também por tua, sou um rico casamento. Lord Foxham era meu tutor. Contudo apareceu Sir Daniel, que comprou o meu casamento ao Rei e pagou por ele um alto preço. Assim, aqui me tens a mim, pobre criança, com dois poderosos senhores combatendo entre si por qual deles havia de casar-me. E eu ainda na ama! Bem, quando as coisas mudaram e houve um novo Chanceler, Sir Daniel comprou a minha tutela pela cabeça de Lord Foxham. Depois as coisas mudaram, de novo, e Lord Foxham comprou o meu casamento pelo de Sir Daniel. Mas, enquanto estive entregue à guarda de Lord Foxham, ele foi um bondoso senhor para mim. Por fim, estava para ser casada, ou vendida, se preferes. Lord Foxham queria por mim quinhentas libras. O noivo chamava-se Hamley, e ontem, Dick, exatamente ontem, deviam ter-me casado. Se Sir Daniel o não tivesse sabido, estaria, seguramente, casada; e nunca te teria visto, Dick, querido Dick!

E aqui, ela pegou-lhe na mão e beijou-lha, com graciosíssimo jeito.

Dick levou a mão dela aos lábios e fez o mesmo.

- Pois bem - continuou ela -, Sir Daniel apanhou-me desprevenida no jardim. Fez-me vestir este fato de homem, o que é um pecado mortal para uma mulher, e além disso não me fica bem. Levou-me a cavalo para Kettley, como viste, dizendo-me que me casaria contigo. Mas eu estava intimamente convencida de que me casaria com Hamley.

- Sim! - exclamou Dick. - Amavas então esse tal Hamley?

- Não - replicou Joana -, não o amava. Apenas odiava Sir Daniel. Então ajudaste-me, Dick.

Foste bom e corajoso e eu amei-te, mesmo sem o querer. E agora, se pudéssemos consegui-lo, casar-me-ia contigo de livre vontade. E se, pela força de um cruel destino, assim não for, ser-me-ás ainda mais querido. Enquanto o meu coração bater, ser-te-á fiel.

- E eu - disse Dick -; que nunca olhei para qualquer mulher até hoje, afeiçoei-me a ti quando te julgava um rapaz. Tinha piedade de ti, sem saber porquê. Quando te deveria ter batido com o cinto, o meu braço fraquejou. Mas desde que te soube rapariga, Jack - porque ainda te chamo Jack! -, tive a certeza de que eras a que me estava destinada. Escuta! - disse ele, interrompendo-se -, vem alguém!

E, na verdade, pesados passos ouviam-se, neste momento, na passagem sonora, e os exércitos de ratos fugiam de novo.

Dick estudou a sua posição. A volta apertada dava-lhe uma situação vantajosa. Poderia assim atirar, a coberto da parede. Mas era evidente que a luz estava demasiado perto dele. E correndo um pouco, foi pôr a lanterna no meio da passagem e voltou a vigiar. Agora, na extremidade do corredor, Bennet apareceu. Parecia estar só e trazia na mão um archote aceso, que o transformava num ótimo alvo.

- Pára, Bennet - gritou-lhe Dick -, mais um passo e estás morto!

- Então está aqui - replicou Hatch, perscrutando a escuridão. - Não o vejo. Olá! .Fez bem, Dick! - Pôs a lanterna na frente. - Ainda que isso tivesse sido feito para me atingir, alegre-me por ver como aproveitou as minhas lições! E agora, que faz? Que pretende daqui? Como, ia atirar sobre um velho amigo? Está aí a menina consigo?

- Não, Bennet, sou eu quem deve interrogar e tu responder - replicou Dick. - Porque estou em perigo de vida? Porque vieram homens expressamente para assassinar-me, na cama? Porque estou eu agora fugitivo no próprio castelo do meu tutor, fugindo dos amigos com quem sempre vivi e a quem nunca fiz mal?

- Master Dick, Master Dick - disse Bennet -, que lhe disse eu? É valente, mas é também o rapaz mais ingénio que tenho visto!

- Bom - retorquiu Dick -, vejo que sabes tudo e que, na verdade, estou condenado. Pois bem. Onde estou ficarei. Sir Daniel que me venha buscar, se for capaz.

Hatch esteve silencioso por momentos.

- Escute - começou -, eu volto para junto de Sir Daniel a dizer-lhe onde está, e como está preparado, porque, na verdade, foi para isso que ele me mandou. Mas, se não for louco, o melhor é partir antes de eu voltar.

- Partir! - repetiu Dick - já teria partido há muito se adivinhasse como! Não posso mexer o alçapão.

- Ponha a mão no canto! Veja o que lá encontra - explicou Bennet. - A corda de Throgmorton está ainda no quarto castanho. Adeus!

E Hatch, rodando nos calcanhares, desapareceu, de novo, na escuridão da passagem.

Dick voltou imediatamente pela lanterna e tratou de proceder conforme a indicação. A um canto do alçapão havia uma profunda cavidade na parede. Mergulhando o braço na abertura, encontrou Dick uma barra de ferro, que vigorosamente empurrou para cima. Então seguiu-se um ruído áspero e o bloco de pedra afastou-se do seu encaixe.

Tinham a passagem livre. Com um pequeno exercício de força, facilmente levantou o alçapão e entraram num quarto abobadado, que de um dos lados dava sobre o pátio, onde um ou dois homens de braços nus enxugavam os cavalos das últimas tropas chegadas. Dois archotes, enfiados em anéis de ferro, na parede, iluminavam, oscilantes, a cena.

CAPÍTULO V – COMO DICK MUDOU DE PARTIDO

DICK, apagando a lanterna, para não chamar a atenção, seguiu o caminho das escadas e ao longo do corredor.

No quarto castanho a corda havia sido atada à pressa à armação de uma velha cama extraordinariamente pesada. Não tinha sido ainda desatada, e Dick, levando o rolo de corda para a janela, começou a descê-la vagarosa e cautelosamente, na escuridão da noite. Joana estava ao lado dele, mas, à medida que a corda se estendia, e Dick continuava a largá-la, um extraordinário medo a dominava.

- Dick - disse ela -, é tão fundo? Não posso tentar isso. Cairei irremediavelmente, querido Dick.

Foi exatamente no momento mais delicado da operação que ela falou. Dick estremeceu. O resto do rolo escapou-lhe da mão e a extremidade caiu com um baque sonoro na água do fosso. Imediatamente, das ameias, por cima, a voz de uma sentinela gritou:

- Quem vem lá?

- Raios! - exclamou Dick. - Estamos apanhados agora? Desce, toma a corda.

- Não posso - exclamou ela, recuando.

- Se não puderes também eu não posso - disse Shelton. - Como posso eu atravessar o fosso, a nado, sem ti? Abandonas-me então?

- Dick - murmurou ela -, não posso. As forças abandonam-me.

- Por Deus! Então estamos perdidos! -esclamou ele, batendo o pé. - E, ouvindo passos nesse momento, correu para a porta do quarto para a fechar. Antes de ter podido correr o ferrolho, do outro lado, braços fortes empurraram a porta sobre ele. Lutou por um segundo. Depois, vendo-se impotente, correu para a janela. A jovem caíra contra a parede no vão da janela. Estava meio insensível, e, quando tentou levantá-la nos braços, o corpo dela era imóvel e inerte.

No mesmo instante, os homens que haviam forçado a porta lançaram-se sobre ele. O primeiro foi apunhalado de um só golpe e, tendo os outros recuado por um momento, numa rápida desordem, ele aproveitou a ocasião, saltou o parapeito, agarrou a corda com as duas mãos e deixou-se escorregar. A corda tinha nós que lhe tornaram mais fácil a descida, mas a sua pressa era tão grande, e tão pequena a sua experiência de uma tal ginástica, que ficou rodando como um fuso, no espaço, ou como um criminoso na forca; e umas vezes batia com a cabeça, outras arranhava as mãos de encontro à áspera cantaria da muralha.

O ar zumbia-lhe nos ouvidos. Viu as estrelas, no alto, e as estrelas refletidas em baixo, no fosso, agitando-se como folhas mortas antes da tempestade. Então perdeu a serenidade e caiu mergulhando completamente na água gelada.

Quando voltou à superfície, a sua mão achou a corda que, aliviada do seu peso, balançava livremente.

Havia um clarão vermelho por sobre a sua cabeça, e, olhando para cima, viu, à luz de vários archotes, e de uma lanterna cheia de carvão ardente, as ameias debruçadas de

caras. Viu os olhos dos homens, rodando de um lado para outro, à procura dele. Mas estava já cá muito em baixo. A luz não o atingia e eles olhavam em vão. Nesse momento, percebendo que a corda era extraordinariamente comprida, começou a debater-se tanto quanto podia, dirigindo-se para o outro lado do fosso e conservando a cabeça fora de água. Desta maneira conseguiu fazer mais de metade do caminho. Na verdade a margem estava quase ao seu alcance, antes de a corda começar a puxá-lo para trás pelo seu próprio peso. Enchendo-se de coragem, largou-a e deu um salto para os ramos flutuantes do salgueiro que já naquela mesma noite tinham auxiliado a atingir terra ao mensageiro de Sir Daniel. Foi ao fundo, voltou de novo à superfície, mergulhou novamente e, finalmente, a sua mão agarrou um ramo e com a rapidez do pensamento arrastou-se até à espessura da árvore e aí se aferrou, escorrendo, ofegante, e ainda meio incerto de ter escapado.

Mas nada disto tinha sido feito sem um extraordinário chapinhar que fora o bastante para indicar aos homens, nas ameias, a sua posição. Flechas e dardos caíram densos na escuridão em torno, cerrados como uma saraivada. Subitamente atiraram um archote, que brilhou através do espaço, na sua rápida queda, bateu por momentos na borda da margem, lançou aí uma alta chama, e iluminou tudo à volta como um fogo de artifício e, numa boa hora para Dick, escorregou, mergulhou no fosso e extinguiu-se instantaneamente.

Mas tinha alcançado os seus fins. Os vigias tinham tido tempo para ver o salgueiro e Dick escondido entre os ramos. E apesar de o rapaz ter imediatamente escalado a margem e corrido quanto podia, não tinha sido bastante rápido para escapar a um tiro. Uma flecha atingiu-o no ombro, outra roçou-lhe pela cabeça.

A dor das feridas deu-lhe asas. Mal se apanhou em terra firme, correu quanto pôde em frente, no escuro, sem pensar na direção da fuga.

Durante alguns passos, os projéteis seguiram-no. Mas em breve cessaram. E quando, finalmente, parou e olhou para trás, estava já muito longe do castelo, embora ainda pudesse ver os archotes correndo, de um lado para outro, ao longo das ameias.

Apoiou-se a uma árvore, escorrendo sangue e água, arranhado, ferido e só. Assim por este golpe salvara a vida, e, apesar de Joana ter ficado para trás, nas mãos de Sir Daniel, não se acusou de um acidente que lhe fora impossível evitar, nem pressagiu qualquer consequência fatal para a rapariga. Sir Daniel era cruel, mas provavelmente não o seria para uma jovem fidalga, que tinha outros protetores poderosos e capazes de o obrigar a prestar contas. Mais provável seria que se apressasse a casá-la com qualquer dos seus amigos.

"Bem", pensou Dick, "entretanto arranjarei meios de abater esse traidor. Agora, por Deus, julgo-me desobrigado de qualquer gratidão ou dever, e quando a guerra está declarada há probabilidade de tudo".

Entretanto, ele ali estava num estado lamentável.

Por algum tempo mais, avançou dificilmente através da floresta, mas, com a dor das suas feridas, a escuridão da noite e o extremo cansaço e confusão do seu espírito, depressa se tornou incapaz tanto de se orientar como de continuar a romper através do mato. Por fim foi forçado a sentar-se, encostando-se a uma árvore. Quando despertou de

um estado entre o sono e o desmaio, o cinzento da manhã começara a substituir a noite. Uma brisazinha fria soprava através das árvores, e como ficasse olhando em frente, meio acordado, começou a notar uma coisa escura que oscilava entre os ramos, a umas cem jardas adiante.

A crescente luz do dia e o regresso aos seus próprios sentidos habilitaram-no, por fim, a reconhecer o objeto. Era um homem enforcado no ramo de um enorme carvalho. A cabeça caíra-lhe sobre o peito. Mas a cada sopro mais forte do vento o corpo rodava como um fuso e os braços e as pernas agitavam-se, como os de qualquer ridículo brinquedo.

Dick levantou-se e avançou, arrastando-se, encostado aos troncos das árvores, até chegar perto do sinistro objeto.

O ramo estava talvez a uns vinte pés acima do solo e a pobre criatura tinha sido guindada tão alto pelos seus algozes, que as botas oscilavam muito acima do alcance de Dick. E como o barrete lhe havia descido sobre a face, era impossível reconhecê-la.

Dick olhou em torno, para a esquerda e para a direita. Por fim apercebeu-se de que a outra extremidade da corda havia sido atada ao tronco de um pequeno espinheiro que crescia, coberto de flores, sob a alta frente do carvalho.

Com o punhal, única arma que lhe restava, o jovem Shelton cortou a corda e imediatamente, com um baque surdo, o cadáver caiu, enrodilhado, no solo.

Dick levantou o barrete. Era Throgmorton, o mensageiro de Sir Daniel. Não tinha ido longe na sua viagem. Um papel que aparentemente escapara à vista dos homens da Flecha Negra, rompia-lhe do peito da véstia, e Dick, puxando-o, viu que se tratava da carta de Sir Daniel para Lord Wensleydale.

"Vamos", pensou ele, "se as coisas mudarem, ainda mais uma vez terei com que me vingar de Sir Daniel e talvez mesmo com que levá-lo ao suplício".

Meteu o papel no peito, disse uma oração pelo morto e partiu de novo através dos bosques..

O cansaço e a fraqueza aumentavam. Os ouvidos zumbiam-lhe. Os passos hesitavam. De espaço a espaço, desmaiava, tão abatido ficara pela perda de sangue. Fez com certeza muitos desvios do seu verdadeiro caminho, mas, por fim, veio sair à estrada, não muito longe do lugarejo de Tunstall.

Uma voz áspera intimou-o a parar.

- Parar? - repetiu Dick. - Por Deus! Estou quase a cair!

E a ação seguiu-se às palavras: caiu ao comprido na estrada.

Dois homens surgiram da espessura do bosque, ambos de gibões verdes, arcos, aljavas e espada curta.

- Olha, Lawless - disse o mais novo dos dois -, é o moço Shelton.

- Sim, será uma delícia para João-o-Justiceiro - replicou o outro. - Mas, por minha fé!, deve ter andado a combater. Tem aqui uma ferida na cabeça que lhe deve ter custado muito sangue.

- E aqui - acrescentou Greensheve -, tem um buraco num ombro que deve ter sido bem profundo. Quem te parece que tenha feito isto? Se foi um dos nossos, bem pode encomendar-se a Deus. Ellis lhe dará uma confissão curta e uma corda comprida.

- Upa com o cachorro - disse Lawless. - Põe-mo às costas.

E quando Dick foi içado aos seus ombros e ele pôde agarrar os braços do rapaz em volta do pescoço e finalmente o segurou, o ex-franciscano disse:

- Continua tu de guarda, irmão Greensheve, eu o levarei sozinho.

Desta maneira Greensheve voltou para a sua emboscada, ao lado do caminho, e Lawless desceu o monte, assobiando, com Dick, ainda que completamente desmaiado, confortavelmente instalado às costas.

O Sol nasceu no momento em que saía da orla da floresta e viu o lugarejo de Tunstall espalhado no monte em frente. Tudo parecia tranquilo, mas uma grande força de uma dezena de arqueiros estava postada junto da ponte de ambos os lados da estrada. Logo que avistaram Lawless, com a sua carga, começaram a agitar-se e a pôr as setas nos arcos, como sentinelas vigilantes.

- Quem vem lá? -- perguntou o comandante.

- Will Lawless, pela Santa cruz! Vocês conhecem-me tão bem como às vossas próprias mãos - replicou o bandido desdenhosamente.

- Dá a senha, Lawless - retorquiu o outro.

- Deus te ilumine, meu grande parvo - replicou Lawless -, não te disse já quem era? Mas vocês andam todos loucos por brincar aos soldados. Quando estou na floresta, quero os costumes da floresta, e a minha senha nesta ocasião é esta: uma figa para todos os falsos soldados!

- Lawless, estás dando um mau exemplo. Dá-nos a senha, bobo - disse o comandante do posto.

- E se me tiver esquecido dela - respondeu o outro.

- Se a tiveres esquecido, embora saiba que não, apanhas uma flecha nas banhas - replicou o primeiro.

- Não, não sou um bobo tão mau - disse Lawless. - Dar-te-ei a senha. Duckworth e Shelton é a senha, e aqui trago, para ilustrá-la, Shelton às costas e quero levá-lo a Duckworth.

- Passa, Lawless - disse a sentinela.

- Onde está João? - perguntou o franciscano.

- Dá audiência, por Cristo!, e recebe impostos como um grande senhor! - replicou um outro do grupo.

Assim era. Quando Lawless chegou à aldeia, junto da estalagem, encontrou Ellis Duckworth rodeado dos reideiros de Sir Daniel, e, com o direito que lhe dava a sua bela força de arqueiros, recebendo friamente as rendas e dando em troca recibos escritos. Pela cara dos reideiros via-se quanto isto lhes agradava pouco, porque deduziam muito

razoavelmente que teriam simplesmente que pagar dobrado.

Logo que soube quem Lawless trouxera, despediu os restantes rendeiros e com todos os sinais de interesse e apreensão conduziu Dick para um quarto interior da estalagem. Ai as feridas foram examinadas e, com remédios de plantas medicinais, reanimaram-no.

- Meu caro rapaz - disse Ellis, apertando-lhe a mão. - Estás nas mãos de um amigo que estimou teu pai e que, pela memória dele, te estima. Descansa tranquilamente, porque estás um pouco estropeado. Depois me contarás a tua história e, entre nós, arranharemos o remédio para tudo.

Nesse dia, um pouco mais tarde, e depois de Dick ter acordado de um confortável sono e de se ter achado, embora ainda muito fraco, lúcido de espirito e mais descansado do corpo, Ellis voltou e, sentando-se ao lado da cama, pediu-lhe, pela alma do pai, que lhe contasse todas as circunstâncias da sua fuga do castelo de Tunstall.

Havia qualquer coisa na forte compleição de Duckworth, na honradez da sua face tisonada, na clareza e agudeza dos seus olhos, que levou Dick a obedecer-lhe; e do primeiro ao último acontecimento o rapaz contou toda a história das suas aventuras de há dois dias.

- Bem - disse Ellis, quando ele acabou -, repara no que os Santos fizeram por ti, Dick Shelton, não somente salvando-te, em tantos e tão mortais perigos, mas trazendo-te para mim, que não tenho outro desejo mais caro do que agradar ao filho de teu pai. Sê apenas franco comigo, e eu vejo que tu és franco, e nós ambos levaremos à morte esse falso traidor.

- Assaltaremos o castelo? - perguntou Dick.

- Seríamos loucos se pensássemos nisso - replicou Ellis. - Tem ainda bastante força, os seus homens estão-se-lhe juntando. Aqueles que se me escaparam a noite passada e que, por Deus!, chegaram tão a propósito para ti, aqueles que te salvaram. Não, Dick. Pelo contrário, tu, eu e os nossos valentes arqueiros devemos safar-nos rapidamente da floresta e deixar livre Sir Daniel.

- Tremo por Jack - disse o rapaz.

- Por Jack? - repetiu Duckworth. - Ah! bem sei, pela pequena. Não, Dick, eu prometo-te aqui que se tivermos notícia de algum casamento atuaremos imediatamente. Até lá, ou melhor, até que o tempo passe, devemos desaparecer como as sombras ao nascer do Sol. Sir Daniel procurará por todos os lados e não verá inimigos; pensará, por Deus!, que sonhou e que acordou na sua cama. Mas os nossos quatro olhos, Dick, segui-lo-ão de perto, e as nossas quatro mãos, assim Deus nos ajude!, liquidarão esse traidor.

Dois dias mais tarde a guarnição de Sir Daniel engrossava de tal força, que ele se aventurou a uma sortida e, à frente de uns quarenta cavaleiros, avançou sem oposição até ao lugarejo de Tunstall. Nem uma seta, nem um homem espreitando nos bosques. A ponte já não estava guardada, mas aberta a quem passasse. E quando Sir Daniel a atravessava, viu os aldeões olhando timidamente das portas.

Nesse momento, um deles, fazendo uma cara risonha e com a mais servil das

saudações, apresentou uma carta ao cavaleiro.

Dizia assim:

Para o mais desleal e cruel fidalgo, Sir Daniel Brackley:

Acho que sois falso e cruel desde sempre. Tendes sangue de meu pai nas vossas mãos. Deixai, que ele não desaparecerá. Algum dia morrereis às minhas mãos. Até lá, deixo-vos esperar, e deixar-vos-ei esperar até que penseis em casar, com qualquer outro, a fidalga Dona Joana Sedley com quem prometi casar-me, sob juramento. Então, o golpe será rápido. O primeiro passo nesse sentido será o primeiro passo para a sepultura.

Dick Shelton

LIVRO III - LORD FOXHAM

CAPÍTULO I - A CASA JUNTO DA COSTA

PASSARAM-SE meses depois de Ricardo Shelton ter escapado das mãos do seu tutor.

Estes meses haviam sido ricos de acontecimentos para a Inglaterra. O partido de Lancaster, que então estava em verdadeiro artigo de morte, tinha uma vez mais erguido a cabeça. Com os Iorquistas derrotados e dispersos, com o seu chefe morto, em campo, parecia, durante um curto espaço de tempo do Inverno seguinte aos fatos já registados, que a casa de Lancaster tinha finalmente triunfado dos seus inimigos.

A pequena cidade de Shoreby sobre o Till estava cheia dos fidalgos Lancastrianos da vizinhança. O conde de Risingham estava presente com trezentos homens armados, Lord Shoreby com duzentos. O próprio Sir Daniel, de novo nas boas graças, e uma vez mais enriquecendo com as confiscações, habitava em casa própria na rua principal, com uns sessenta homens. Na verdade, as coisas haviam mudado. Era uma negra e frígida noite da primeira semana de Janeiro, com áspera geada, vento alto e probabilidade de neve antes do amanhecer. Numa obscura taberna de uma ruela do porto, três ou quatro homens estavam sentados bebendo cerveja e comendo uma apressada refeição de ovos. Eram todos, provavelmente, rústicas criaturas habituadas a todas as estações, de mãos duras e olhar audaz, e, apesar de usarem simples tabardos, como lavradores, até um soldado ébrio teria pensado duas vezes antes de provocar uma risa com tal gente. Um pouco afastado, em frente de um enorme lume, estava sentado um jovem, quase um garoto, vestido da mesma maneira, se bem que fosse fácil ver, pelo aspecto, que ele era mais bem nascido e que poderia ter usado uma espada, se assim tivesse calhado.

- Não - disse um dos homens da mesa. - Não gosto disto. Deve vir coisa má. Isto não é lugar para salteadores. Um salteador ama o ar livre, bom abrigo e poucos inimigos, mas aqui estamos fechados numa cidade, rodeados de inimigos, e, para cúmulo de pouca sorte, veremos se não neva antes de amanhã.

- É por causa de Master Shelton - disse um outro apontando com a cabeça para o rapaz junto do lume.

- Eu gostaria de ajudar Master Shelton - replicou o primeiro -, mas ir para a forca, seja por quem for, não, irmãos, isso não.

A porta da taberna abriu-se e um outro homem entrou apressadamente e aproximou-se do jovem junto do lume.

- Master Shelton - disse ele -, Sir Daniel saiu com dois archotes e quatro arqueiros.

Dick (porque era este o nosso jovem amigo) pôs-se instantaneamente de pé.

- Lawless - disse -, substituiremos João Capper na vigia. Greensheve vem comigo. Capper guiar-nos-á. Segui-lo-emos desta vez se ele se passar para Iorque.

Daí a pouco estavam lá fora, na rua escura, e Capper, o homem que acabava de chegar, apontava para dois archotes que flamejavam ao vento a certa distância.

A cidade estava já profundamente adormecida, ninguém andava pelas ruas e não havia nada mais fácil do que seguir o grupo sem ser observado. Os dois homens dos archotes iam na frente, logo atrás seguia um homem só, cuja longa capa flutuava ao vento, e a

retaguarda era formada por quatro arqueiros levando, cada um, seu arco ao ombro. Avançavam, num andamento vivo, através das intrincadas vielas e aproximavam-se cada vez mais da beira-mar.

- Têm ido todas as noites nesta direção? acrescentou Dick em segredo.

- É a terceira noite que faz isto, Master Shelton - replicou Capper. - E sempre à mesma hora e com o mesmo pequeno séquito, como se o seu destino fosse secreto.

Sir Daniel e os seus seis homens haviam agora chegado às extremas do campo. Shoreby era uma cidade aberta e, apesar de os Lords Lancastrianos que ali habitavam manterem uma forte guarda nas estradas principais, era possível chegar ou sair sem ser visto por qualquer das ruas de menos importância ou através de campo aberto.

A viela que Sir Daniel seguira chegou a um fim abrupto. Diante dele havia uma extensão de dunas fundas e o ruído das ondas ouvia-se de um dos lados. Não havia guardas ou vizinhança, nem qualquer luz neste bairro da cidade. Dick e os dois salteadores aproximaram-se um pouco mais do objetivo da sua perseguição, e agora, que saíam de entre as casas e podiam ver um pouco mais de longe, do outro lado, perceberam-se de um outro archote aproximando-se em sentido contrário...

- Olá! - disse Dick -, cheira-me a traição.

Entretanto, Sir Daniel fizera uma paragem. Os archotes foram espetados na areia e os homens sentaram-se, como se esperassem a chegada do outro grupo.

Este aproximara-se com rapidez. Era formado apenas por quatro homens: dois arqueiros, um pajem com um archote e um fidalgo embuado, caminhando no meio.

- Sois vós, meu Senhor? - exclamou Sir Daniel.

- Realmente sou eu; e qualquer leal cavaleiro dirá que sou eu - replicou o chefe da segunda força -, porque quem não preferiria, a este frio diabólico, enfrentar gigantes, feitiços ou gentios?

- Meu Senhor - replicou Sir Daniel -, a beleza, sem dúvida, deve ser a coisa mais admirada. Seguimos? Porque quanto mais depressa tivermos visto a minha mercadoria, mais depressa voltaremos ambos para casa.

- Mas porque a conservais aqui guardada, nobre cavaleiro? - perguntou o outro. - Se ela é tão nova, tão linda e tão rica, porque a não apresentais entre os seus pares? Arranjar-lhe-íeis mais depressa um bom casamento e não teríeis necessidade de gelar os dedos e de arriscar-vos a uma flechada andando por fora, de noite, com tempo destes.

- Já vos disse, senhor - replicou Sir Daniel -, a razão disso diz-me somente respeito. Nem pretendo explicar-me mais. Se estiverdes aborrecido do vosso velho amigo Daniel Brackley, basta que espalheis a notícia de que estais para casar com Joana Sedley, dou-vos a minha palavra de que depressa estareis livre dele. Encontrá-lo-eis com uma flecha nas costas.

Entretanto os dois fidalgos avançavam apressadamente pela duna, com os três archotes adiante, lutando contra o vento, espalhando nuvens de fumo e línguas de chamas. A retaguarda era fechada pelos seis besteiros.

Mesmo atrás destes seguia Dick. Não ouvira, naturalmente, uma única palavra desta conversa, mas reconhecera no segundo interlocutor o próprio velho Lord Shoreby, homem de uma infame reputação, a quem Sir Daniel, em público, aparentava condenar.

Nesse momento chegavam exatamente à praia. O ar era salino; o marulho das ondas aumentava. Aqui, num grande jardim murado, havia uma pequena casa de dois andares, com cavalariças e outras dependências.

O homem do archote mais avançado abriu a porta do muro, e, depois de todo o grupo ter entrado no jardim, aferrolhou-a de novo do outro lado.

Dick e os seus homens foram assim impedidos de levar mais longe as suas pesquisas, a não ser que escalassem o muro, o que poderia levá-los a uma cilada.

Sentaram-se numa moita de urze e esperaram. O vermelho reflexo dos archotes andava para baixo e para cima e de cá para lá, dentro da cerca, como se os seus portadores atentamente patrulhassem o jardim.

Passaram vinte minutos e então todo o grupo saiu de novo para a duna, e Sir Daniel e o barão, depois de uma reverenciosa despedida, separaram-se e voltaram, em direções opostas, para casa, cada um com o seu próprio séquito e as suas luzes.

Logo que o som dos passos foi levado pelo vento, Dick levantou-se tão depressa quanto pôde, porque estava hirto e dorido do frio.

- Capper, tens que me dar as tuas costas - disse.

Avançaram os três para o muro. Capper parou e Dick, trepando-lhe aos ombros, guindou-se sobre o dorso da parede.

- Agora, Greensheve - segredou Dick -, segue-me aqui. Deita-te de bruços, para não seres visto, e está sempre pronto a prestar auxílio, se eu for surpreendido do outro lado. - dizendo isto, deixou-se cair no jardim.

Estava tudo negro como pez. Não havia qualquer luz na casa. O vento assobiava asperamente entre os arbustos raquiticos e as ondas quebravam na praia. Não havia qualquer outro som. Cautelosamente, Dick avançou, tropeçando entre as moitas, às apalpadelas; e agora o ruído áspero de areia, sob os pés, indicava-lhe que chegara a uma arruada.

Aqui parou e, tirando a sua besta de sob o tabardo, onde a escondera, preparou-se para uma ação urgente e avançou, uma vez mais, com grande resolução e segurança. O caminho levou-o direto ao grupo de edifícios. Todos pareciam estar tristemente abandonados. As janelas da casa eram fechadas por portadas decrépitas. As cavalariças estavam abertas e vazias. Não havia feno no palheiro, nem ração na arca do grão. Qualquer pessoa suporia o lugar deserto, mas Dick tinha boas razões para pensar de outro modo. Continuou a sua inspeção, visitando as dependências e experimentando todas as janelas. Por fim, foi contornando até ao lado da casa que dava para o mar e, aqui, não havia dúvida, brilhava uma pálida luz numa das janelas do andar de cima. Recuou uns passos, até que lhe pareceu ver o movimento de uma sombra na parede do aposento. Então lembrou-se de que na cavalariça a sua mão, tateando, poisara por momentos sobre

uma escada, e voltou, a toda a pressa, a buscá-la. A escada era muito curta, mas, apesar disso, chegando ao último degrau, ele poderia alcançar com as mãos as barras de ferro da janela; e, agarrando-as, erguer-se-ia a pulso até que os seus olhos dominassem o interior do quarto.

Duas pessoas estavam lá dentro. Na primeira prontamente reconheceu a mulher de Hatch, a segunda era uma alta, bela e grave rapariga, com um comprido vestido bordado. Poderia ela ser Joana Sedley? Jack, o seu velho companheiro da floresta a quem quisera castigar com o cinto?

Deixou-se cair de novo no último degrau da escada, numa espécie de deslumbramento. Nunca sonhara a sua bem-amada um ser tão superior, e instantaneamente foi tomado de um sentimento de desconfiança. Mas tinha pouca oportunidade para pensar. Em baixo um assobio soou junto dele, e apressou-se a descer da escada.

- Quem vem lá? - segredou.

- Greensheve - foi a resposta, num tom igualmente abafado.

- Que queres? - perguntou Dick.

- A casa está vigiada, Master Shelton - replicou o salteador. - Não somos só nós a vigiá-la porque, mesmo enquanto estive de barriga, em cima do muro, vi homens rondando na escuridão e ouvi-os assobiar baixinho uns para os outros.

- Por minha fé - disse Dick. - Mas isso é muito estranho! Não era gente de Sir Daniel?

- Não, senhor, não era - replicou Greensheve -, porque eu tenho olhos na cara e todos eles usavam uma insígnia branca nos gorros, uma coisa qualquer com quadrados pretos.

- Branca com quadrados pretos? - repetiu Dick. - Realmente é uma insígnia que eu não conheço. Não deve ser nenhuma das da região. Bem, se é assim, safemo-nos do jardim tão tranquilamente quanto pudermos, porque estamos aqui numa péssima situação para a defesa. Sem dúvida há gente de Sir Daniel nesta casa, e ser apanhado entre dois inimigos é uma posição precária. Segura esta escada. Tenho de deixá-la onde a encontrei.

Voltaram a pôr a escada na cavaliça e tatearam o caminho para o lugar onde tinham entrado.

Capper tinha tomado o posto de Greensheve, sobre o muro e, estendendo-lhes a mão, puxou-os e guindou-os, primeiro a um, depois a outro.

Cautelosamente, silenciosamente, saltaram de novo para o outro lado. Nem sequer ousaram falar enquanto não alcançaram o velho esconderijo entre as urzes.

- Agora, João Capper - disse Dick -, volta a toda a pressa para Shoreby. Traze-me quantos homens possas arranjar. O encontro será aqui, ou, se os homens estiverem espalhados e o dia estiver a romper antes de se reunirem, o encontro será um pouco mais longe, junto à entrada da cidade.

- Greensheve - continuou, logo que Capper partira -, vamos nós dois, á volta do jardim, fazer um largo circuito. Quero certificar-me se os teus olhos te não enganaram.

Conservando-se bastante afastados do muro e aproveitando todas as elevações e depressões, passaram por dois lados, não tendo observado nada. Do terceiro lado o muro

do jardim era construído mesmo sobre a praia, e para conservarem a distância necessária aos seus fins tiveram que fazer algum caminho, em baixo, no areal. Apesar de o mar estar ainda bastante longe, a ondulação era tão alta e a areia tão lisa que, a cada vaga, uma grande toalha de espuma e de água subia, cobrindo toda a extensão. E Dick e Greensheve fizeram esta parte da sua inspeção, mergulhando umas vezes até aos tornozelos, outras até aos joelhos, nas salgadas e geladas águas do mar do Norte.

Subitamente, contra a relativa brancura do muro do jardim, um vulto humano desenhouse, como uma débil silhueta, fazendo sinais violentamente com os dois braços. Como este se estendesse de novo no chão, outro se levantou, um pouco mais longe, e repetiu a mesma operação. E assim, como um silencioso alerta, estes gestos deram a volta ao jardim cercado.

- Fazem boa guarda - segredou Dick.

- Vamos para terra outra vez, meu rico senhor - replicou Greensheve. - Estamos aqui muito descobertos, porque, reparai, quando o mar quebra pesado e branco atrás de nós, eles devem ver-nos claramente contra a espuma.

- Dizes bem --- replicou Dick. - Para terra e depressa.

CAPÍTULO II - UMA ESCARAMUÇA NA NOITE

COMPLETAMENTE encharcados e arrepiados, os dois aventureiros voltaram para a sua posição entre as urzes.

- Peço a Deus que Capper se despache! - disse Dick. - Prometo uma vela a Santa Maria de Shoreby, se ele voltar antes de uma hora!

- Tendes tanta pressa, Master Dick? - perguntou Greensheve.

- Sim, meu amigo - respondeu Dick -, porque naquela casa está a minha dama, aquela que eu amo. Quem sabe quem serão estes que, secretamente, a rodeiam de noite? Seguramente, inimigos.

- Bem - replicou Greensheve -, se João voltar depressa, daremos boa conta deles. Não há quarenta do lado de fora, calculo-o pelo espaço das suas sentinelas, e apanhados como estão, assim espalhados, vinte homens espantavam-nos como a pardais. Além disso, Master Dick, se ela já está em poder de Sir Daniel, pouco mal viria se passasse para outras mãos. Quem poderá ser este?

- Desconfio de Lord Shoreby - replicou Dick. - Quando vieram eles?

- Começaram a chegar, Master Dick - disse Greensheve -, na ocasião em que saltávamos o muro. Ainda cá não estava há minuto quando vi o primeiro dos mariolas rastejando, a virar a esquina.

A última luz já se estinguira na pequena casa quando eles estavam vadiando, na ressaca das ondas, e era impossível predizer em que momento o homem de vigia, junto ao muro do jardim, se teria apercebido deles. De dois males, Dick preferia o menor. Preferia que Joana continuasse sob a tutela de Sir Daniel a que passasse para as garras de Lord Shoreby, e tomara a decisão, se a casa fosse assaltada, de correr imediatamente em auxílio aos sitiados.

Mas o tempo passava e ainda não houvera qualquer movimento. De quarto em quarto de hora, o mesmo sinal passava em volta do muro do jardim, como se o chefe desejasse certificar-se da vigilância dos seus dispersos subordinados, mas, sob qualquer outro aspecto, os arredores da pequena casa continuavam tranquilos.

Agora os reforços de Dick começavam a chegar. Ainda a noite não ia alta e já perto de vinte homens estavam estendidos ao lado dele entre as urzes.

Separando-os em duas forças, tomou o comando da mais pequena e confiou a maior ao comando de Greensheve.

- Agora, Kit - disse para este último -, leva-me os teus homens para a esquina do muro do jardim mais próximo da praia. Coloca-os em boa posição e espera ouvir-me cair sobre o outro lado. sobre o mar que eu quero ter assegurada a derrota porque é aí que está o chefe. O resto fugirá, deixá-los ir. agora, rapazes, não atireis nem uma seta. Poderia ir ferir amigos. Tirai a espada e conservai-a, e, se ficarmos vencedores, eu prometo, a cada um de vós, uma moeda de ouro quando tomar posse dos meus bens.

Da variada coleção de foragidos, ladrões, assassinos e camponeses arruinados, que Duckworth tinha reunido para servir os fins da sua vingança, alguns dos mais audazes e

mais experimentados na guerra tinham, de boa vontade, seguido Ricardo Shelton. O trabalho de espiar os movimentos de Sir Daniel, na cidade de Shoreby, tinha sido, desde o princípio, aborrecido para os seus temperamentos e tinham, por fim, começado a rosnar alto e a tentar dispersar-se. A perspectiva de um rude recontro e dos possíveis despojos restituiu-lhes o bom humor, e prepararam-se alegremente para o combate.

Postos de parte os seus longos tabardos, alguns apareceram de gibões completamente verdes e outros com fortes coletes de pele. De baixo dos barretes, muitos usavam bonés reforçados por chapas de ferro, e, como armas ofensivas, espadas, adagas e algumas fortes alabardas; uma dúzia de brilhantes lanças punham-nos em situação de enfrentar mesmo tropas feudais regulares. Os arcos, aljavas e tabardos foram escondidos entre as urzes, e os dois grupos avançaram resolutamente.

Quando Dick atingiu o lado oposto da casa, juntou os seus seis homens em linha, a cerca de vinte jardas do muro do jardim, e ele próprio tomou posição alguns passos em frente. Então todos gritaram à uma e caíram sobre os inimigos.

Estes, que estavam largamente espaçados, hirtos de frio e colhidos de surpresa, puseram-se estupidamente em pé e ficaram indecisos. Antes que tivessem tido tempo de recobrar ânimo, ou mesmo de formar ideia do número e coragem dos seus assaltantes, um igual grito de ataque soou-lhes aos ouvidos do lado mais afastado da cerca. Nesta altura julgaram-se perdidos e fugiram.

Desta maneira, as duas pequenas forças dos homens da Flecha Negra carregaram sobre o muro do jardim do lado do mar e apanharam uma parte dos adversários, que estavam entre dois fogos, enquanto todos os restantes corriam, desesperadamente, em todos os sentidos e em breve se dispersaram na escuridão.

No entanto, o combate estava apenas no começo.

Os salteadores de Dick, apesar de terem a vantagem da surpresa, eram ainda consideravelmente escedidos em número pelos homens que haviam cercado. A maré, entretanto, tinha subido. A praia estava reduzida a uma tira, e nesta superfície seca, entre as ondas e o muro do jardim, começou, na escuridão, uma duvidosa, furiosa e mortífera contenda.

Os desconhecidos estavam bem armados. Cairam em silêncio sobre os seus assaltantes, e a luta transformou-se numa série de combates singulares.

Dick, que primeiro se lançara na refrega, era enfrentado por três. Ao primeiro, atirou-o abaixo de um golpe, mas os outros dois caíram sobre ele tão energeticamente que foi forçado a ceder terreno em face dos ataques. Destes dois um era enorme, quase um gigante na estatura e armado com um montante, que brandia como uma varinha. Com o alcance, o comprimento e o peso da sua arma, Dick e a sua lança estavam quase sem defesa com um tal adversário. E se o outro continuasse a aproximar-se vigorosamente do ataque, o rapaz teria indubitavelmente succumbido. O segundo, contudo, de menor estatura e mais lento de movimentos, parou, por instantes, para perscrutar em roda, no negrume da noite, e para ouvir os ruidos do combate.

O gigante continuava a manter a sua superioridade, e Dick continuava a fugir em frente

dele, esperando um momento de sorte. Então a enorme lâmina rebrilhou e desceu, e o rapaz, saltando para o lado e correndo, feriu de lado e para cima com a lança. Um rugido de agonia respondeu-lhe e, antes que o homem ferido pudesse levantar a formidável arma, Dick, por duas vezes, repetiu o golpe e lançou-o a terra.

No momento seguinte estava combatendo, em situação mais igual, com o seu segundo perseguidor. Mas não havia grande diferença de estatura, e se bem que o homem, que combatia com espada e punhal contra uma lança, e era prudente e rápido na defesa, tivesse uma certa superioridade de armas, Dick suplantava-o pela grande agilidade. Nenhum deles a princípio ganhou uma nitida vantagem, mas o homem mais velho ia-se insensivelmente aproveitando do ardor do mais novo para o levar para onde queria e, nesse momento, Dick notou que tinham atravessado toda a largura da praia e que estavam agora combatendo com o borbulhar e a espuma das ondas por cima dos joelhos. que a sua maior agilidade tornava-se inútil. Sentiu-se mais ou menos à mercê do inimigo. Ainda um pouco mais e estaria de costas voltadas para os seus próprios homens. Viu, então, que o seu hábil e esperto adversário se empenhava em arrastá-lo cada vez para mais longe.

Dick cerrou os dentes. Resolveu decidir o combate imediatamente, e quando o lençol de água da onda seguinte desceu e os deixou em seco, atirou-se, aparou um golpe na lança e saltou direto à garganta do adversário. O homem caiu de costas, com Dick em cima, e a onda seguinte, sucedendo-se rapidamente à última, sepultou-o sob um turbilhão de água.

Enquanto ele estava ainda submerso, Dick arrancou-lhe o punhal da mão e levantou-se vitorioso.

- Rendei-vos! - disse. - Concedo-vos a vida.

- Rendo-me - disse o outro, pondo-se de joelhos. - Combatestes como um jovem, ignorante e loucamente, mas, por todos os santos!, combatestes valentemente.

Dick voltou-se para a praia. O combate bramia ainda duvidoso, na noite; acima do surdo rugido das ondas o aço soava contra o aço e exclamações de dor e gritos de guerra ressoavam.

- Conduzi-me ao vosso chefe, jovem - disse o cavaleiro vencido. - preciso acabar com esta carnificina.

- Senhor - replicou Dick -, se estes valentes têm um chefe, ele é quem se vos dirige.

- Chamai então os vossos cães, que eu mandarei parar os meus peões - replicou o outro.

Havia tal nobreza tanto na voz como nas maneiras do seu último adversário, que Dick, imediatamente, pôs de parte todos os receios de uma traição.

- Homens! Deponham as armas - gritou o desconhecido cavaleiro. - Eu rendi-me sob promessa da vida.

O tom do desconhecido era de absoluto comando e, quase instantaneamente, o barulho e a confusão da refrega cessaram.

- Lawless - gritou Dick -, estás salvo?

- Sim - gritou Lawless -, são e salvo.

- Acende-me uma lanterna - disse Dick.
- Não está aqui Sir Daniel? - perguntou o cavaleiro.
- Sir Daniel? - repetiu Dick. - Agora, pela cruz, julgo que não. Dar-se-ia mal comigo se aqui estivesse.

- Mal convosco, nobre senhor? - perguntou o outro. - Não, então se não sois do partido de Sir Daniel, confesso que não percebo nada! Porque caístes, então, sobre a minha emboscada? Por que motivo, meu jovem e fogoso amigo? Com que fim? E para acabar com estas perguntas, a que nobre fidalgo me rendi eu?

Mas, antes de Dick poder responder, uma voz falou da escuridão, ali perto. Dick pôde ver a insígnia branca e preta do que falava e a respeitosa saudação que dirigia ao seu superior.

- MyLord - disse ele -, se estes senhores são inimigos de Sir Daniel, é, na realidade, pena termos lutado com eles. Mas ainda que fossem dez vezes mais, nem eles nem nós deveremos demorar-nos aqui. Os guardas da casa, a não ser que estivessem todos mortos ou surdos, ouviram a nossa briga, neste último quarto de hora, e imediatamente devem ter comunicado para a cidade. A não ser que sejamos muito rápidos na partida, temos probabilidades de sermos apanhados todos por um inimigo fresco.

- Haksley tem razão - acrescentou o Lord. - Às vossas ordens, senhor; para onde marchamos?

- Oh, MyLord - disse Dick. - Por mim, ide para onde quiserdes. Começo a desconfiar de que há entre nós qualquer fundo de amizade, e se, na verdade, travei relações convosco um pouco brutalmente, não as continuarei tão grosseiramente.

Separemo-nos então, senhor, mas dando-me a vossa mão, e na hora e lugar que indicardes encontrar-nos-emos e acordaremos.

- Sois um rapaz muito confiante - disse o outro - mas desta vez a vossa confiança não é mal dada. Encontrar-nos-emos, ao romper do dia, na cruz de St. Bride. Vamos, rapazes, sigam-me!

Os desconhecidos desapareceram de cena com uma rapidez que parecia suspeita; e enquanto os salteadores se lançavam na sua tradicional tarefa de despojar os mortos, Dick fez uma vez mais a ronda do muro do jardim para examinar a frontaria da casa. Num pequeno e alto óculo do telhado observou uma luz, e como devia ser certamente visível, na cidade, das janelas das traseiras do palácio de Sir Daniel, não duvidou que isto era o sinal temido de Haksley, e que daí a pouco as lanças de Sir Daniel entrariam em cena.

Pôs o ouvido em terra e pareceu-lhe ouvir uma vibração e um ruído surdo do lado da cidade. Voltou para a praia a correr. Mas o trabalho já estava feito. O último cadáver estava desarmado e nu e quatro homens metiam-se á água para confiá-los à misericórdia das profundidades.

Poucos minutos mais tarde, quando desembocavam das mais próximas vielas de Shoreby, uns quarenta cavaleiros, apressadamente equipados e lançados ao galope dos seus corcéis, os arredores da casa perto do mar estavam completamente silenciosos e

desertos.

Entretanto Dick e os seus homens tinham voltado para a taverna da "Cabra e Gaita de Foles" para aproveitar algumas horas de sono, antes do encontro matinal.

CAPÍTULO III - A CRUZ DE ST. BRIDE

A cruz de St. Bride ficava um pouco à retaguarda de Shoreby, junto às orlas da floresta de Tunstall. Encontravam-se aí duas estradas: uma, vinda de Hollywood através da floresta; outra era aquela estrada de Risingham, descendo a qual vimos os destroços de um exército de Lancaster, fugindo em desordem. Juntavam-se aqui as duas e seguiam, descendo o monte, para Shoreby. E, um pouco antes do ponto de junção, o cabeço de um pequeno monte era encimado por uma velha cruz esposta ao tempo.

Aqui chegou, portanto, Dick, cerca das sete horas da manhã. Continuava frio, a terra era toda cinza e prata da geada, e o dia começara a romper do nascente colorido de púrpura e alaranjado. Dick sentou-se no degrau mais baixo da cruz, embrulhou-se bem no seu tabardo e olhou vigilante para todos os lados. Não teve muito que esperar. Descendo a estrada de Hollywood, um nobre, de realíssima e brilhante armadura e usando, sobre ela, um manto das mais caras peles, avançava ao passo de uma magnífica montada. Vinte jardas atrás, seguia um grupo de lanceiros que pararam logo ao avistar o lugar do encontro, enquanto o cavaleiro da capa de peles continuava a avançar sozinho.

A sua viseira levantada mostrava umas feições autoritárias e cheias de dignidade, que correspondiam à riqueza do equipamento e das armas. E foi com algum acanhamento que Dick se levantou do cruzeiro e caminhou para a berma, para se encontrar com o seu prisioneiro.

- Agradeço-vos, senhor, a vossa pontualidade - disse, curvando-se muito. - Dignar-se-á Vossa Senhoria aprear-se?

- Estais sozinho aqui, jovem? - inquiriu o outro.

- Não era tão ingênuo - respondeu Dick - e, para ser franco com Vossa Senhoria, a floresta, dos dois lados do cruzeiro, está cheia dos meus bravos companheiros, de armas na mão.

- Procedestes prudentemente - disse o Lord. - Isso agrada-me, pois que a noite passada combatestes imprudentemente e mais como um louco sarraceno selvagem do que como um guerreiro cristão. Mas a mim, que fui o vencido, não me compete queixar-me.

- Venci realmente, MyLord, uma vez que o dizeis - replicou Dick -, mas se as ondas me não tivessem auxiliado teria sido eu o vencido. Atingistes-me com alguns golpes de punhal que ainda tenho. E em conclusão, MyLord, parece-me que se corri todo o perigo, também colhi todo o proveito daquela pequena refrega de cegos, na praia.

- Sois bastante astuto, esclarecendo isso, bem vejo - replicou o desconhecido.

- Não, MyLord, não é por astúcia - replicou Dick -, eu não combati por qualquer vantagem para mim próprio. Mas quando, agora, á luz deste novo dia, vejo quão forte era o cavaleiro que venci, não somente pelas armas mas também com a ajuda da sorte, da escuridão e do mar, e quão facilmente a batalha poderia ter corrido de outra forma com um soldado tão inesperante e rústico como sou, não acheis estranho, My Lord, se vos disser que me sinto confundido com a minha vitória.

- Falais bem - disse o desconhecido. - O vosso nome?

- Chamo-me Shelton - respondeu Dick.

- Eu chamo-me Lord Foxham - ajuntou o outro.

- Então, My Lord, pela vossa boa graça, sois o tutor da mais doce rapariga de Inglaterra - replicou Dick.- E para vosso resgate e para resgate de alguns que foram apanhados convosco na praia não haverá dificuldade de condições. Peço-vos, senhor, que por bondade e caridade me confieis a mão de minha dama, Joana Sedley; e que aceiteis pela nossa parte a vossa liberdade e a dos vossos e (se o desejadres) a minha gratidão e serviços até á morte.

- Mas não sois o pupilo de Sir Daniel? Penso que sois o filho de Harry Shelton de quem tenho ouvido falar - disse Lord Foxham.

- Quereis aprear-vos, My Lord. Eu contar-vos-ei completamente, com prazer, quem sou, em que situação me encontro e porque sou tão ousado nos meus pedidos. Dignai-vos, senhor, tomar assento nestes degraus, ouvi-me de princípio ao fim e julgai-me com indulgência.

E dizendo isto, Dick estendeu a mão a Lord Foxham para que este se apeasse, conduziu-o pelo montículo até ao cruzeiro; instalou-o no lugar onde ele próprio estivera, e, ficando respeitosamente de diante do seu nobre prisioneiro, contou-lhe a história do seu destino até aos acontecimentos da noite anterior. Lord Foxham ouvia gravemente, e quando Dick acabou:

- Master Shelton - disse ele -, sois o mais feliz e, ao mesmo tempo, o mais infeliz jovem fidalgo; mas a felicidade que tendes tido, tende-la amplamente merecido, e quanto à pouca sorte não a tendes merecido até hoje. Alegrai-vos porque haveis feito um amigo que não é desprovido nem de poder nem de favor. Não fica bem, contudo, a uma pessoa do vosso sangue arrancar com salteadores. Sei, por experiência própria, que sois valente e honrado, perigoso no combate e perfeitamente cortês na paz; um jovem de excelente carácter e de bravo comportamento. Quanto aos vossos bens, nunca os vereis até que a situação mude outra vez. Enquanto o partido Lancaster dominar, Sir Daniel desfrutá-los-á como seus próprios. Quanto à minha pupila, isso é outro assunto. Eu já a prometi anteriormente a um fidalgo, aparentado com a minha casa, chamado Hamley. A promessa é velha...

- Sim, My Lord. E agora Sir Daniel prometeu-a a Lord Shoreby - interrompeu Dick.: - E a sua promessa, apesar de ser mais recente, é a que, provavelmente, prevalecerá.

- Isso é verdade - replicou Sua Senhoria. - E considerando, além de tudo o mais, que somos vosso prisioneiro, não tendo para dar-vos qualquer compensação que não seja a minha vida, e, ainda acima de tudo o mais, que a rapariga está infelizmente em poder de outro, consentirei. Ajudai-me com a Vossa gente...

- My Lord - exclamou Dick -, são os mesmos salteadores com quem me censurastes haver-me associado.

- Sejam o que forem, podem combater - replicou Lord Foxham. - Ajudai-nos. E se nós dois recuperarmos a jovem, pela minha honra de cavaleiro, ela casará convosco!

Dick dobrou o joelho diante do seu prisioneiro.

Mas este, saltando agilmente do cruzeiro, levantou-o e abraçou-o como a um filho.

- Vamos - disse ele -, se estais para casar com Joana, depressa seremos amigos.

CAPÍTULO IV - O BOA ESPERANÇA

UMA hora depois, Dick estava novamente na taberna da "Cabra e Gaita de Foles" almoçando e recebendo informações de mensageiros e sentinelas. Duckworth estava ainda ausente de Shoreby; e isto acontecia frequentemente, porque ele representava muitos papéis na vida, seguia muitos interesses diferentes e dirigia muitos e variados negócios. Tinha fundado aquele bando da Flecha Negra, como um homem arruinado sonhando com vingança e riqueza, e mesmo entre aqueles que melhor o conheciam se pensava que ele era agente e emissário do grande Faz - Reis : de Inglaterra, Ricardo, conde de Warwick.

Na sua ausência, houvesse o que houvesse, recaía sobre Ricardo Shelton a direção dos assuntos de Shoreby, e, enquanto se sentava a comer, o seu espírito estava preocupado e o seu rosto grave de apreensões. Havia sido combinado, entre ele e Lord Foxham, dar um golpe audacioso naquela noite e, pela força, libertar Joana.

Contudo os obstáculos eram muitos, que, um após outro, chegaram os seus vigias e lhe vinham chegando notícias mais desagradáveis.

Sir Daniel ficara alarmado com a escaramuça da noite anterior. Tinha reforçado a guarnição da casa, no jardim, e, não contente com isto, havia postado homens a cavalo em todas as ruelas vizinhas, de maneira a ter notícia imediata de qualquer movimento. Entretanto, no pátio do seu palácio, os corcéis estavam selados e os cavaleiros, armados de ponto em branco, esperavam apenas o sinal de montar.

A aventura da noite parecia-lhe de execução cada vez mais difícil, até que subitamente a expressão de Dick se iluminou.

- Lawless - exclamou -, tu que foste marinheiro, serás capaz de roubar-me um barco?
- Master Dick - replicou Lawless -, se me auxiliares roubarei mesmo o mosteiro de Iorque.

Imediatamente os dois saíram e desceram para o porto. Era uma grande bacia entre montes de areia, rodeada de bocados de duna, entulho de velhas ruínas e acidentadas ruelas da cidade. Muitos navios cobertos e muitos barcos estavam ali ancorados ou tinham sido arrastados para a praia. Um longo período de mau tempo trouxera-os do alto mar para o abrigo do porto; e o grande volume de nuvens negras e as frias rajadas seguindo-se, uma sobre outras, umas vezes com o polvilhado da neve seca, outras apenas com a violência do vento, não prometiam calma, antes ameaçavam uma tempestade mais séria num futuro próximo.

Os marítimos, por causa do frio e do vento, tinham na sua maioria desembarcado e agora estavam vociferando e cantando nas tabernas junto da praia. Já muitos dos barcos estavam sem guarda nos seus ancoradouros; e, à medida que o dia avançava e o tempo não dava esperança de melhorar, o número deles aumentava continuamente. Foi sobre estes barcos abandonados, e principalmente sobre aqueles que estavam mais longe, que Lawless dirigiu a sua atenção; quanto a Dick, sentado sobre uma âncora meio enterrada na areia, e escutando, umas vezes, as rudes, potentes e perigosas vozes do vento, outras, o roufenho canto dos marinheiros na taberna próxima, depressa esqueceu o lugar onde

estava e mergulhou na agradável recordação da promessa de Lord Foxham.

Foi interrompido por uma pancada no ombro. Era Lawless, apontando-lhe um pequeno navio isolado e apenas a pouca distância da entrada do porto onde, regular e docemente, se elevava ao sabor da ondulação. Um pálido raio de sol de Inverno caiu nesse momento sobre a coberta do barco, fazendo-o ressaltar sobre um fundo de nuvens ameaçadoras; e, a esta luz momentânea, Dick pôde ver dois homens arranjando um pequeno barco ao longo do costado.

- Ali, senhor - disse Lawless -, reparei bem! Ali está o barco para logo à noite.

Nesse momento o bote afastara-se do costado do barco e os dois, baixando as cabeças contra o vento, remaram vigorosamente para terra. Lawless virou-se para um vadio:

- Como se chama? - perguntou, apontando o pequeno navio.

- É o "Boa Esperança", de Darmouth - explicou o vagabundo. - O seu comandante chama-se Arblaster. É o que rema, á proa, naquele bote...

Era tudo quanto Lawless desejava. Agradecendo apressadamente ao homem, circundou a praia em direção a uma enseada arenosa para onde o bote se dirigia. Ai tomou posição e, logo que estiveram ao alcance da voz, abriu fogo sobre os marinheiros do "Boa Esperança".

- Olá! Compadre Arblaster! - gritou. - Ainda bem que te encontrei, compadre, ainda bem que te encontrei, pela Santa Cruz! Aquele é que é o "Boa Esperança"? Sim! Eu devia conhecê-lo entre milhares! Uma seta! Um rico barco! Mas, pela Virgem, anda cá, compadre, vamos beber! Estou rico, o que deves lembrar-te de ter ouvido dizer. Agora, sou rico e deixei-me de navegar no mar! Agora navego, a maior parte do tempo, em cerveja com especiarias. Vamos, camarada, dá-me a tua mão! Vem beber um copo com um velho camarada!

Mestre Arblaster, um homem de cara comprida, avelhentada, curtida de todos os climas, com uma navalha pendendo do pescoço de uma corda entrançada, e em tudo semelhante a um marinheiro moderno, pelo andar e atitude, inclinava-se para trás com claro espanto e desconfiança. Mas o fato de lhe falarem numa fortuna, e o ar de simplicidade de bêbado e a boa camaradagem tão bem afetados por Lawless, combinavam-se para conquistar o seu suspeitoso terror. A sua expressão abandonou-se e, por fim, estendeu a mão e sacudiu a do salteador num formidável aperto.

- Então - disse ele -, não posso recordar-me. Mas que tem isso? Beberei com qualquer camarada, e o mesmo fará o meu marinheiro Tom. Tom - acrescentou, dirigindo-se ao seu companheiro -, aqui está o meu compadre, de cujo nome me não lembro, mas é, sem dúvida, um bom marinheiro. Vamos beber com ele e com o amigo.

Lawless conduziu-os. E depressa se encontraram sentados numa taberna, que, mais recente e situada num local exposto e solitário, estava menos apinhada do que as próximas do centro do porto. Era, apenas, uma barraca de madeira, muito semelhante às cabanas das florestas de hoje, e estava grosseiramente mobilada com uma ou duas prensas, um certo número de bancos nus e tábuas postas sobre barris, substituindo as mesas. No meio, e cercado por um meio cento de valentes bebedores, um fogo de madeira de salvados flamejava e vomitava denso fumo.

- Agora - disse Lawless -, aqui está a alegria do marinheiro: um belo lume e uma bela copada rija em terra, com mau tempo, fora, e o temporal a soprar, no telhado! Pelo "Boa Esperança"! Que navegue sempre bem!

- Sim - disse Mestre Arblaster -; faz, realmente, um tempo bom para estar em terra. Valente Tom, que dizes disto? Compadre, tens razão. Apesar de não ser capaz de me lembrar do teu nome, tens muita razão: Que o "Boa Esperança" vogue sempre bem! Ámen.

- Amigo Dick - disse Lawless, dirigindo-se ao seu chefe. - Se me não engano, tens negócios a resolver. Pois bem, o melhor é fazeres favor de ir tratar disso o mais depressa possível. Porque eu estou aqui com a mais fina flor da boa companhia! Dois rijos marinheiros e, até que tu voltes, garanto a estes valentes camaradas que ficaremos aqui e beberemos copo sobre copo. Nós não somos como a gente da terra, nós, velhos e rijos homens do alcatrão.

- É bem dito - replicou o mestre. - Podes ir, rapaz, porque eu ficarei em companhia do teu amigo e meu compadre até ao recolher... e, pela Santíssima Virgem!, até amanhã. Porque, repara, quando um homem esteve muito tempo no mar, o sal entra-lhe no corpo e mesmo que lhe dêem um poço nunca matará a sede.

Assim, animado de todos os lados, Dick levantou-se, despediu-se dos companheiros e, saindo de novo para a tarde tempestuosa, dirigiu-se o mais depressa possível para a estalagem da "Cabra e Gaita de Foles". Daí mandou dizer a Lord Foxham que, logo que a noite caísse, teriam um belo barco para se fazerem ao mar.

Então, levando consigo dois salteadores com alguma experiência de mar, voltou para o porto, para a pequena enseada de areia.

O bote do "Boa Esperança" estava entre muitos, dos quais fàcilmente se distinguia pela sua extrema pequenez e fragilidade. Na verdade, quando Dick e os seus dois homens tomaram lugar nele e começaram a singrar para fora da baía, no porto aberto, a pequena embarcação mergulhava na ondulação e tremia sob cada rajada de vento como se estivesse prestes a afundar-se.

O "Boa Esperança", como já dissemos, estava fundeado ao largo, onde a ondulação era mais forte. Não havia qualquer outro barco à distância de muitas braças, e mesmo os mais próximos estavam completamente desertos. À medida que o bote se aproximava, uma densa bâtega de neve e o súbito escurecer do céu ocultaram melhor o movimento dos salteadores de qualquer possível vigilância. Num ápice, saltaram para a coberta oscilante e o bote ficou balançando, à popa. O "Boa Esperança", fora apesado.

Era um belo e forte barco, coberto à proa e a meia nau, mas aberto à popa. Tinha um mastro e estava aparelhado entre falua e lugre. Parecia que mestre Arblaster tivera boa sorte, porque o porão estava cheio de barris de vinho francês, e na pequena câmara, ao lado da Virgem, no tabique, que provava a devoção do comandante, havia cestos fechados a cadeado e armários que o mostravam rico e cuidadoso.

Um cão, que era o único ocupante do barco, ladrou furiosamente e mordeu os calcanhares dos abordantes, mas depressa foi levado aos pontapés para a câmara e lhe

fecharam a porta sobre o seu justo ressentimento. Acendeu-se uma lanterna e fixou-se no cordame para tornar o barco visível da praia. Um dos barris de vinho do porão foi aberto e esvaziou-se um copo de esplêndido "Gasconha", pela aventura da noite. E, então, enquanto um dos salteadores aprontava o seu arco e as suas setas e se preparava para defender o barco de quem viesse, o outro guindou-se para o bote e ficou ali esperando por Dick.

- Bem, Jack! faz boa guarda - disse o jovem comandante, preparando-se para seguir o seu subordinado. - Levarás tudo a bom fim.

- Como? - replicou Jack. - Realmente, poderei fazer bom serviço enquanto aqui estivermos, mas, uma vez que deitemos a proa deste pobre barco fora do porto... Vede, aqui já ele treme! Não, o pobrezinho já nos ouviu e está com o coração aos pulos, dentro das suas costelas de madeira. Olhai, Master Dick, como o céu se fez negro!

A escuridão, sobre as suas cabeças, era, na verdade, espantosa. Grandes vagas subiam do negrume umas após outras, e uma após outra o "Boa Esperança" as subia com ligeireza e vertiginosamente mergulhava do outro lado. Uma débil poalha de neve e ténues flocos de espuma vinham voando a polvilhar a coberta, e o vento soava terrivelmente no cordame.

- Na verdade, isto está mal encarado! - disse Dick. - Mas, que fazer?! Isto é só uma rajada, que vai passar já.

Apesar destas palavras estava depressivamente impressionado pela sombria desordem do céu e pelo gemer e assobiar do vento. E, enquanto se afastava, ao longo do costado do "Boa Esperança", e se encaminhava de novo para desembarcar na enseada, a toda a velocidade dos remos, benzeu-se devotamente e encomendou ao céu a vida de todos os que tivessem de aventurar-se ao mar.

Na enseada já se haviam juntado cerca de uns doze salteadores: Foi-lhes deixado o bote e foram mandados embarcar sem demora.

Um pouco acima, na praia, Dick encontrou Lord Foxham, correndo à sua procura, com o rosto escondido com um barrete escuro e a sua brilhante armadura coberta com uma longa capa parda, de pobre aparência.

- Jovem Shelton - disse ele. - Então, na verdade, pensais ir por mar?

- My Lord - replicou Ricardo -, cercaram a casa com homens a cavalo. Não poderemos atingi-la de terra sem alarme, e se Sir Daniel é, uma vez mais, prevenido da nossa aventura, nunca mais a levaremos a bom fim, a não ser, salvo o devido respeito, que voemos como o vento. Agora, indo pelo mar, correremos algum perigo, por causa dos elementos, mas, o que compensa tudo isso!, temos as possibilidades de conseguir o nosso intento e de raptar a rapariga.

- Bem - retorquiu Lord Foxham. - Vamos. Eu, até certo ponto, sigo-vos por vergonha, porque reconheço que melhor faria tendo ficado na cama.

- Por conseguinte - disse Dick -, vamos buscar, ali, o nosso piloto.

E encaminhou-se para a tosca taberna onde havia marcado encontro a uma porção dos seus homens.

Encontrou alguns deles, esperando fora, junto da porta; outros, mais ousadamente,

havia entrado e, procurando lugar o mais perto possível uns dos outros, tinham-se juntado em torno de Lawless e dos dois marinheiros.

Estes, a julgar pelo seu desordenado aspecto e olhares enevoados, tinham há muito ultrapassado os limites da moderação. E quando Ricardo entrou, seguido de perto por Lord Foxham, estavam os três entoando uma velha e tristonha canção de marítimos com o coro dos gemidos do vento.

O jovem comandante lançou um rápido olhar pela barraca. O fogo acabara de ser ateado e espalhava nuvens de fumo negro, de tal maneira que se tornava difícil ver os cantos mais afastados. Contudo, era evidente o número de salteadores ser muito superior ao dos restantes convivas. Satisfeito com isto, para o caso de falharem os seus planos, Dick lançou-se por cima da mesa e conseguiu um lugar no banco.

- Que é lá? - gritou o mestre embriagado. - Quem és tu?

- Quero falar-lhe, Senhor Arblaster - replicou Dick. - E aqui está do que falaremos. - E mostrou-lhe uma moeda de ouro, brilhando ao clarão do lume. Os olhos do marinheiro cintilaram, ainda que parecesse tentar reconhecer o nosso herói.

- Sim, rapaz - disse. - Estou às tuas ordens. Compadre, eu volto já. Bebe-lhe bem, compadre. - E agarrando-se ao braço de Dick, para amparar os passos cambaleantes, caminhou para a porta da taberna.

Logo que chegou ao limiar da porta, dez braços fortes o agarraram e ataram e, dois minutos depois, com os membros amarrados e uma boa mordança na boca, foi atirado, de cabeça, para um palheiro próximo. Imediatamente o seu marinheiro Tom, igualmente preso, foi lançado a seu lado. E os dois foram deixados entregues às suas estranhas reflexões, durante a noite.

E agora, que o momento dos disfarces havia passado, os homens de Lord Foxham foram chamados por um sinal pré-combinado, e o bando, tomando ousadamente posse de tantos barcos quantos os necessários para o seu número, avançou, em flotilha, para a luz colocada no cordame do navio. Muito antes de o último homem haver trepado para a cobertura do "Boa Esperança", o som de uma furiosa gritaria, do lado da terra, deu-lhes a conhecer que, pelo menos, parte dos marítimos havia descoberto a perda dos seus botes.

Mas já era tarde, fosse para retomá-los, ou para se vingarem. Dos quarenta homens de armas, agora reunidos no barco roubado, oito tinham vivido no mar e podiam desempenhar funções de marinheiros. Com a ajuda destes, um pano de vela foi içado. Cortaram as amarras. Lawless, vacilante sobre as pernas e berrando ainda o coro da balada marítima, apossou-se da longa vara do leme, e o "Boa Esperança" começou a avançar na escuridão e a enfrentar as grandes vagas, para além dos bancos do porto.

Ricardo tomou lugar junto do cordame da manobra. Excetuando a própria lanterna do barco e algumas luzes na cidade de Shoreby, que já esmoreciam para sotavento, tudo em volta era negro como um abismo. Somente, de tempos a tempos, quando o "Boa Esperança" mergulhava vertiginosamente nos vales de vagalhões, uma onda quebrava-se, uma grande catarata de espuma gelada surgia num momento, e pouco depois escorria para a esteira do barco e morria.

Muitos dos homens mantinham-se deitados, rezando alto. Outros estavam enjoados, e arrastavam-se no porão ou reboavam no meio da carga. E, não só com a extrema violência do movimento, mas também com as contínuas fanfarronadas de bêbedo de Lawless, que continuava cantando e berrando ao leme, mesmo os mais fortes espíritos de bordo tinham tristes preocupações sobre o resultado. Mas Lawless, como se fosse auxiliado pelo instinto, manteve o barco através dos escolhos, procurou o abrigo de um grande banco de areia, onde navegaram, por algum tempo, em águas tranquilas, e conduziu-o, depois, ao longo de um grosseiro cais de pedra onde, apressadamente, foi amarrado e ficou oscilando e rangendo na escuridão.

CAPÍTULO V - O "BOA ESPERANÇA" (Continuação)

O cais não era muito distante da casa onde se encontrava Joana. Restava agora desembarcar os homens, cercar a casa com uma boa força, arrombar a porta e trazer a prisioneira.

Deviam julgar-se livres do "Boa Esperança", que os colocara na retaguarda dos seus inimigos; e a retirada, quer triunfassem, quer fossem derrotados naquela importante empresa, seria dirigida, com maiores possibilidades de esperança, na direção da floresta e dos reforços de Lord Foxham.

Desembarcar os homens, contudo, não era fácil tarefa. Muitos estavam enjoados, todos completamente gelados. E se a promiscuidade e a desordem de bordo tinham abalado a disciplina, a agitação do barco e o negrume da noite haviam-nos acovardado. Lançaram-se, em magote, sobre o cais, e o Lord, de espada erguida para os seus próprios mercenários, teve de lhes fazer frente, e este ímpeto de amotinação não foi dominado sem um certo clamor de vozes, lamentável em tal momento. Quando foi restabelecida alguma ordem, Dick, com um punhado de homens escolhidos, avançou. Escuridão em terra, por contraste com o espadanar da ressaca, surgiu-lhe na frente como um corpo sólido, e o bramir e assobiar do temporal abafaram qualquer outro menor ruído.

Contudo, mal atingira a extremidade do cais, deu-se uma acalmia no vento, e então pareceu-lhe ouvir, na costa, o cavo som de passos de cavalo e o bater das armas. Mandou parar os que imediatamente o seguiam, e deu, sozinho, um ou dois passos em frente, sempre perscrutando a escuridão. Assim se certificou, distinguindo as sombras de cavalos e homens em movimento. Um forte desânimo se apoderou dele. Se os inimigos estavam realmente de atalaia, se tinham cercado a extremidade do cais do lado da terra, ele e Lord Foxham estavam colocados numa péssima situação para a defesa: o mar pelas costas e os homens amontoados, no escuro, sobre uma estreita passagem. Soltou um cauteloso assobio, o sinal previamente combinado. Foi um sinal também para outros, além dos que desejava. Imediatamente, através da negra noite, caiu uma saraivada de setas atiradas ao acaso. Mas os homens estavam tão juntos sobre o molhe, que mais do que um foi atingido e as flechas foram recebidas com gritos de medo e de dor. Nesta primeira descarga Lord Foxham foi derrubado. Hawksley teve de transportá-lo, imediatamente, outra vez para o barco, e os seus homens, durante a curta duração da escaramuça, combateram sem comando. Isto foi, talvez, a principal causa do desastre que rapidamente se seguiu. Na ponta do molhe, do lado da terra, talvez durante um minuto, Dick aguentou-se com um punhado de homens. Um ou dois foram feridos de cada lado. As espadas cruzavam-se. Ainda não houvera sinal de superioridade de qualquer dos lados, quando, subitamente, num abrir e fechar de olhos, a maré se voltou contra o grupo do navio. Alguns gritavam que tudo estava perdido. Os homens estavam em estado favorável a prestar ouvidos a qualquer louco conselho e o grito passou de boca em boca.

- Para bordo, rapazes, salve-se quem puder! - exclamou outro. Um terceiro, com o verdadeiro instinto dos covardes, ergueu o inevitável grito de todas as derrotas: "Fomos traídos!"

Num momento, toda aquela multidão voltou para trás, atropelando-se, sobre o molhe, oferecendo as costas indefesas aos seus perseguidores e lançando, na noite, gritos de pavor.

Um poltrão empurrou a popa do barco enquanto outro o aguentava com os remos. Os fugitivos saltaram gritando, e eram guindados para bordo ou caíam e morriam no mar. Outros eram acutilados sobre o molhe pelos seus perseguidores. Muitos feriam-se na coberta do navio, na cega precipitação e terror do momento, saltando uns sobre os outros e atropelando-se. Por fim, fosse por desígnio ou por acidente, a proa do "Boa Esperança" libertou-se. E sempre pronto, Lawless, que se mantivera no seu lugar, ao leme, durante a confusão, simplesmente à custa da sua força física e pelo farto uso do punhal, instantaneamente o lançou na verdadeira rota. O barco começou a deslocar-se, uma vez mais, para o tempestuoso mar alto, com os embornais escorrendo sangue, a coberta cheia de homens caídos, rebolando e debatendo-se na escuridão.

Nesta altura, Lawless embainhou o punhal e, voltando-se para o vizinho mais próximo:

- Marquei-os, compadre - disse ele -, a estes covardes cachorros ganidores.

Enquanto tinham estado saltando e tratando de salvar as vidas, os homens pareciam não ter observado os fortes empurrões e os golpes com que Lawless mantivera o seu posto, na desordem. Mas talvez começassem já a compreender as coisas mais claramente, ou, então, outros ouvidos tivessem escutado a fala do homem do leme. As tropas atingidas de pânico refazem-se lentamente. E os homens que exatamente se desgraçaram pela covardia própria, como que para lavar a memória do seu crime, lançam-se, muitas vezes, no extremo oposto da insubordinação. Assim sucedeu. Os mesmos homens que haviam abandonado as armas e tinham sido içados de cabeça para baixo para o "Boa Esperança", começaram a vociferar contra os seus chefes e a pedir que alguns fossem punidos.

Este ódio crescente recaiu sobre Lawless.

Com o fim de fazer-se ao largo, o velho salteador apontara a proa do "Boa Esperança" para o lado do mar.

- O quê? - berrou um dos descontentes. - Leva-nos para o mar largo!

- É verdade - gritou outro. - É isso, fomos traídos, com certeza!...

E começaram todos a gritar em coro que haviam sido traídos, e em agudos gritos e com terríveis pragas intimavam Lawless a voltar o barco e a levá-los, rapidamente, para terra. Lawless, rangendo os dentes, continuava, em silêncio, a manter o verdadeiro rumo, guiando o "Boa Esperança", entre formidáveis ondas. Aos seus infundados terrores, e às suas vergonhosas ameaças, entre bêbedo e digno, não se dignava responder. Os descontentes juntaram-se do lado da popa, do mastro, e era evidente que faziam como galos de quinta: cacarejavam para tomar coragem. Neste momento, iriam, facilmente, a todos os extremos da injustiça e da ingratidão.

Dick começou a subir a escada, pronto a interpor-se, mas um dos salteadores, que era também um pouco marinheiro, adiantou-se-lhe.

- Rapazes - começou -, sois cabeças ocas, julgo. Porque, para voltar para trás, temos de fazer-nos ao mar, não é assim? É este velho Lawless... Alguém atingiu o orador na boca, e momentos depois, como um fogo que se ateia em palha seca, tinha sido derrubado na coberta, espezinhado e assassinado pelos punhais dos seus covardes companheiros. Nesta ocasião a fúria de Lawless aumentou e explodiu.

- Governem-no vocês - exclamou, com uma praga. E, sem querer saber do resultado, abandonou o leme.

O "Boa Esperança", nesta ocasião, vibrava na crista de uma onda. Desceu com apavorante velocidade para o outro lado. Uma vaga, como uma enorme e negra muralha, levantou-se imediatamente na sua frente e, com um arranco hesitante, o barco mergulhou de proa nesta montanha líquida. A água verde passou-lhe por cima, da proa à ré, com a altura do joelho de um homem. A espuma foi mais alta que o mastro e o barco surgiu do outro lado numa medonha, trémula indecisão, como um animal mortalmente ferido.

Seis ou sete dos descontentes haviam sido arrastados, borda a fora, e, quanto aos restantes, quando recuperaram o uso da fala, foi para implorar os santos e rastejar junto de Lawless para este retomar a barra do leme.

Lawless não esperou que lhe pedissem duas vezes. O terrível resultado da sua explosão de justo ressentimento prostrara-o completamente. Sabia, melhor do que qualquer outro a bordo, quão próximo estivera o "Boa Esperança" de se afundar sob os seus pés, e podia dizer, pela lentidão com que aguentava o mar, que o perigo de nenhum modo ainda passara.

Dick, que fora atirado abaixo pelo choque e que, meio afogado, se pusera de pé com água até aos joelhos no inundado porão da popa, subira para o lado do velho piloto.

- Lawless - disse ele -, todos dependemos de ti. Tu és, na verdade, um homem valente, tenaz e hábil na condução de um barco. Mandarei para aqui três homens capazes para garantir a tua segurança.

- Inútil, meu patrão, inútil... - disse o homem do leme, perscrutando, em frente, através do negrume. - A cada momento vamos estando mais livres destes bancos de areia, mas, também, a cada momento o mar cai sobre nós mais pesadamente. E quanto a esses choramingas, devem estar agora estendidos de costas. Porque, meu patrão, é realmente um mistério, mas é verdade que nunca um mau homem foi capaz de ser bom marinheiro. Só os honestos e os valentes podem suportar este balanço de um navio.

- Não, Lawless - disse Dick, rindo. - Isso é mesmo uma fanfarronada de marujo e não tem mais sentido do que o assobiar do vento. Mas, por favor, como vamos nós? Vamos bem? Estamos em boa situação?

- Master Shelton - replicou Lawless -, Já fui franciscano, louvado seja o destino!, fui arqueiro, ladrão e marinheiro. De todos estes hábitos, aquele em que mais desejo ser amortalhado é no de franciscano, como facilmente podereis perceber, e a última coisa que desejo é morrer amortalhado no alcatroado gibão do marujo. E isto por duas excelentes razões: primeiro, porque a morte deve colher-nos de surpresa; e segundo, pelo horror desta grande sufocação e do mergulho salgado aqui debaixo dos pés.

E Lawless bateu os pés com força.

- Apesar disso - continuou -, se não tiver morte de marujo, esta noite, devo uma grande vela a Nossa Senhora.

- Estamos assim? - perguntou Dick.

- Exatamente assim - replicou o salteador.

- Não sentis como ele se move, pesado e indolente, sobre as vagas? Não ouvís a água a chocalhar no porão? Mesmo agora, quase não obedece ao leme. Se o deixarmos encher um pouco mais, irá para o fundo sob os nossos pés como uma pedra, ou encalhará ali junto à costa e ficará feito em estilhas, como uma casca de noz.

- Falas com boa coragem! - replicou Dick. - Não estás então aterrado!

- Porquê, patrão? - respondeu Lawless. - Se alguma vez alguém teve má tripulação para chegar a um porto, esse alguém sou eu. Eu, um frade renegado, um ladrão e tudo o mais. Bem podereis admirar-vos. Mas conservo, no íntimo, uma boa esperança, e já que tenho de pilotar assim, pilotarei, Master Shelton, com olhar atento e mão firme.

Dick não respondeu, mas ficou surpreendido com a rija têmpera do velho vagabundo. E receando qualquer nova violência, ou traição, mandou para sua guarda três homens fiéis. A maioria dos homens tinha agora abandonado o convés, que era, continuamente, varrido pelas ondas e onde estavam expostos à rudeza do vento de Inverno. Tinham-se, na realidade, reunido no porão das mercadorias, no meio dos barris de vinho, iluminados por duas lanternas oscilantes.

Aqui, alguns conservavam ainda os ares de rebelião, e brindavam-se uns aos outros, bebendo à farta do vinho de Gasconha de Arblastar. Mas, à medida que o "Boa Esperança" continuava a cortar as vagas vagaroso, e balançava a popa e a proa alternadamente, muito alto, fora de água e profundamente na espuma branca, o número destes foliões diminuía, de momento a momento, e a cada ondulação, muitos sentavam-se, isolados, pensando os ferimentos. Mas a maioria estava já prostrada pelo enjoo e jazia, gemendo, no porão.

Greensheve, Cuckov e o jovem de Lord Foxham, que Dick já notara pela sua inteligência e coragem, estavam, contudo, tão capazes de compreender, como desejosos de obedecer. A estes, encarregou Dick da guarda de corpo do piloto e então, com um último olhar para o negrume do mar e do céu, voltou-se e desceu para o camarote onde Lord Foxham fora conduzido pelos seus criados.

CAPÍTULO VI - O "BOA ESPERANÇA" (Continuação)

OS gemidos do fidalgo misturavam-se com o uivar do cão de bordo. O pobre animal, ou porque estivesse simplesmente triste por ter sido separado dos seus amigos, ou porque, na realidade, pressentisse algum perigo no oscilar do navio, erguia os seus uivos de minuto a minuto, acima do ruído das vagas e do temporal; os homens mais supersticiosos ouviam, nestes sons, os dobres fúnebres pelo "Boa Esperança".

Lord Foxham havia sido deitado numa rede sobre uma capa de peles. Uma pequena lâmpada ardia tristemente em frente da Virgem, no tabique, e à sua luz Dick pôde ver as pálidas feições e os olhos cavados do ferido.

- Estou gravemente ferido - disse ele. - Vinde para o meu lado, moço Shelton. Que esteja, pelo menos, uma pessoa bem nascida ao pé de mim. Porque depois de ter vivido rico e nobre toda a vida, é triste ter sido ferido numa pequena escaramuça vergonhosa, e morrer aqui, num mau e frio barco, no alto mar, entre foragidos e vilões.

- Não, Mylord - respondeu Dick. - Eu pedirei a todos os santos para que vos restabeçam do vosso ferimento e chegueis depressa a terra firme.

- Como? - perguntou Sua Senhoria. - Chegar a terra firme? Há, então, dúvidas sobre isso?

- O barco luta contra as vagas. O mar está bravo e contrário - replicou o rapaz. - E, pelo que pude saber do homem que nos pilota, será uma grande coisa se chegarmos, em seco, a terra.

- Ah! - disse o barão, sombriamente. - Assim, todos os terrores me esperam, na hora da morte. Senhor, pedi antes para viver pobremente, para morrerdes bem, do que ser, durante toda a vida, enganado e sacudido, sem descanso, e ser, por fim, no último momento, mergulhado em infortúnios! Contudo, tenho uma preocupação que não admite demoras. Há algum padre a bordo?

- Nenhum - replicou Dick.

- Então, pelos meus interesses materiais - resumiu Lord Foxham -, devereis ser para mim tão bom amigo depois de eu morrer, como fostes leal inimigo enquanto vivi. Caí em má hora para mim, para a Inglaterra e para aqueles que em mim confiavam. Os meus homens estão sendo dirigidos por Hamley, aquele que era vosso rival. Devem reunir-se na praça grande de Holywood. Este anel do meu dedo vos acreditará para transmitir as minhas ordens; e, além disso, escreverei duas palavras neste papel, convidando Hamley a entregar-vos a donzela. Quereis obedecer-me? Não sei...

- Mas, Mylord, quais são as ordens? - perguntou Dick.

- Sim - disse o barão -, sim... as ordens... - e olhou Dick com hesitação. - Sois por Lancaster ou por Iorque? - perguntou finalmente.

- Envergonho-me de dizê-lo - respondeu Dick -, mas não posso responder com muita certeza. Mas, se o que penso é certo, desde que sirvo com Ellis Duckworth, sirvo a casa de Iorque.

- Está bem-retorquiu o outro. - Está, mesmo, muito bem. Porque, na verdade, se vos

tivésseis declarado por Lancaster, não sei o que teria feito. Mas, desde que sois por Iorque, dai-me atenção. Eu vim aqui, apenas, para vigiar aqueles nobres de Shoreby, enquanto o meu excelente e jovem senhor, Ricardo de Gloucester . . . , prepara forças suficientes para lhes cair em cima e os desbaratar. Tomei apontamento das suas forças, das sentinelas que mantinham, e como estavam, e devia entregar isto ao meu jovem senhor, no domingo, uma hora antes do meio-dia, na cruz de St. Bride, junto da floresta. Não posso ir a este encontro, provavelmente, mas peço-vos, por favor, para irdes em meu lugar e que nem prazeres, nem dores, tempestades, feridas ou a peste vos desviem desta hora e lugar, porque disto depende a salvação da Inglaterra.

- Tomarei isso à minha conta - disse Dick. - E, tanto quanto puder, a vossa vontade será cumprida.

- Bem - disse o ferido. - Meu senhor, o duque, vos dará mais ordens. E se lhe obedecerdes, com coragem e boa vontade, tereis feito a vossa fortuna. Trazei a lanterna um pouco mais perto dos meus olhos para que possa escrever-vos essas linhas.

Escreveu uma carta para o seu nobre parente Sir John Hamley, e depois uma segunda, que deixou sem endereço exterior.

- Esta é para o duque - disse. - A senha é: "Inglaterra e Eduardo". E a contra-senha: e "Inglaterra e Iorque".

- E Joana, Mylord, - perguntou Dick.

- Deveis tentar alcançá-la como puderdes - replicou o barão. - Mencionei-vos como escolhido por mim em ambas as cartas, mas tendes que a conquistar pelos vossos meios, meu rapaz. Tentei, como vistes, na vossa presença, e perdi a vida. Nenhum homem seria capaz de fazer mais.

Neste momento, o ferido começara a estar muito fatigado, e Dick, metendo os preciosos papéis no peito, disse-lhe algumas palavras animadoras e deixou-o para repousar. O dia começava a romper frio e azul, com rápidas rajadas de neve. Ao alcance do "Boa Esperança" aparecia a costa alternadamente com escarpas rochosas e baías de areia, e, mais para o interior, os cumes arborizados da floresta de Tunstall desenhavam-se no céu.

Tanto o vento como o mar haviam acalmado. Mas o barco ia profundamente mergulhado, pouco saía fora de água.

Lawless continuava agarrado ao leme, e nesta ocasião quase todos os homens tinham subido ao convés e olhavam ansiosamente, com faces lívidas, para a inóspita costa.

- Vamos desembarcar? - perguntou Dick.

- Sim - disse Lawless -, a não ser que, antes disso, vamos para o fundo.

Exatamente, então, o barco elevou-se tão vagarosamente para cortar a vaga, e a água marulhou tão fortemente no porão, que Dick, involuntariamente, agarrou o piloto pelo braço.

- Por Deus! - gritou Dick, quando a proa do "Boa Esperança" reapareceu por cima da espuma.

- Pensei, na verdade, que estávamos naufragados. Apertou-se-me o coração.

Entretanto, Greensheve, Hawksley e os melhores homens das duas forças estavam atarefados a desfazer o convés para construir uma jangada.

Dick juntou-se-lhes, tentando esquecer o seu pressentimento. Mas, mesmo enquanto trabalhava, cada onda que embatia no pobre barco, a cada um dos seus desajeitados mergulhos quando caía debatendo-se entre as vagas, lhe recordava com uma horrível apreensão a proximidade da morte.

Agora, levantando os olhos do trabalho, viu que estavam mesmo por baixo de um promontório. Era uma mole de rochedos desfeituosos, contra a base da qual o mar quebrava pesado e branco, que estava quase sobranceira à coberta, e para além dela aparecia uma casa, coroando uma duna.

Dentro da baía, as ondas corriam vivamente. Levantavam o "Boa Esperança", nos seus ombros de espuma e arrastavam-no, sem obedecer ao homem do leme e, nesse momento, atiraram-no, num enorme choque, sobre a areia e começaram a quebrar sobre ele com a altura de meio mastro e a agitá-lo de um lado para outro. Uma outra grande vaga se seguiu, levando-o mais para diante. Depois uma terceira deixou-o para além dos escolhos mais perigosos, varado num banco.

- Agora, rapazes - gritou Lawless -, os santos encarregaram-se de nós, na verdade. A maré despeja. Sentemo-nos. Bebamos um copo de vinho, e antes de meia hora poderemos todos caminhar para terra tão seguros como sobre uma ponte.

Abriram um barril, e, sentando-se em todos os abrigos que podiam encontrar para se proteger da neve e da espuma, o grupo dos náufragos passou em volta o copo e pensou em aquecer o corpo e reanimar as forças.

Dick, entretanto, voltou para junto de Lord Foxham, que jazia mergulhado em grande perplexidade e pavor, com o chão da sua câmara coberto de água até à altura dos joelhos, e com a lâmpada, que era a sua única luz, partida e extinta pela violência do choque.

- Mylord - disse o jovem Shelton -, não vos assusteis. Os santos estão conosco. As ondas lançaram-nos sobre um banco de areia e, logo que a maré tenha baixado um pouco, poderemos desembarcar completamente em seco.

Isto passava-se quase uma hora antes de o barco estar suficientemente livre das águas e de eles poderem caminhar para terra, que aparecia fracamente a seus olhos, no meio de um véu de neve caindo.

Sobre um montículo, de um dos lados do caminho que seguiam, um grupo de homens aglomerava-se observando os movimentos dos recém-chegados.

- Aproximar-se-ão e prestar-nos-ão algum auxilio - comentou Dick.

- E se não vierem ter conosco, iremos nós ter com eles - disse Hawksley. - Quanto mais depressa chegarmos a um bom lume e a uma cama seca, melhor será para o meu pobre amo.

Mas ainda pouco tinham avançado em direção do montículo e já os homens, à uma, se haviam levantado subitamente e atiravam uma saraivada de setas bem apontadas sobre o

grupo dos náufragos.

- Parai, parai! - gritava o Lord. - E em nome do céu, não riposteis!

- Não - respondeu Greensheve, tirando uma flecha do seu gibão de couro -, não estamos em condições de combater, é certo; encharcados, cansados como cães e quase esgotados, mas, por Deus, porque atacam eles, assim cruelmente, no seu próprio país, criaturas em desgraça?

- Tomam-nos por piratas franceses - respondeu Lord Foxham. - Nestes perturbados e decadentes tempos nem sequer somos capazes de guardar as costas de Inglaterra. E os nossos velhos inimigos, que já derrotámos em terra e no mar, batem o terreno a seu belprazer, roubando, chacinando e queimando. E a tristeza é a vergonha desta pobre terra.

Os homens, sobre o montículo, mantinham-se juntos observando-os atentamente, enquanto eles mareavam na praia e atingiam o interior, por entre desoladas dunas de areia. Durante aproximadamente uma milha seguiram-lhes no encalço, prontos a lançar, a um sinal, outra saraivada de setas sobre os cansados e desanimados fugitivos. E foi apenas quando, tendo atingido estes, por fim, uma boa estrada, Dick começou a chamar os seus homens a uma atitude mais marcial, que estes ciosos guardas das praias inglesas desapareceram silenciosamente entre a neve. Tinham feito o que desejavam. Tinham protegido os seus próprios lares e terras, as suas famílias e os seus gados; e tendo assegurado assim os seus interesses particulares, nada mais importava a cada um deles, embora os franceses pudessem levar tudo a ferro e fogo em qualquer outra região do reino de Inglaterra.

LIVRO IV - O DISFARCE

CAPÍTULO I – A CAVERNA

O lugar onde Dick atingira a estrada não ficava longe de Hollywood, e distava cerca de nove a dez milhas de Shoreby - sobre-o-Till. Aqui, depois de se terem certificado de que já não eram perseguidas, as duas forças separaram-se. Os partidários de Lord Foxham partiram, levando o seu amo ferido para o conforto e segurança da grande abadia. Dick, quando os viu desvanecer-se e desaparecer na espessa cortina de neve que caía, ficou só com uns doze salteadores - o resto da sua força de voluntários.

Alguns estavam feridos, todos estavam furiosos com o desastre e as longas provações, e, apesar de bastante gelados e esfomeados para serem capazes de se atrever a mais alguma coisa, rosnavam e lançavam olhares ferozes sobre os seus chefes. Dick despejou entre eles a sua bolsa, ficando sem nada. Agradeceu-lhes a coragem de que haviam dado provas, ainda que mais sinceramente tivesse palavras para censurar a sua covardia; e, tendo assim adoçado um pouco o efeito dos seus prolongados infortúnios, mandou-os embora, ou isoladamente ou aos pares, para a taberna da "Cabra e Gaita de Foles" em Shoreby.

Pela sua parte, influenciado pelo que vira a bordo do "Boa Esperança", escolheu Lawless para seu companheiro de caminho. A neve caía sem intervalo ou variação, numa nuvem igual que cegava. O vento parara, agora não soprava, e toda a terra jazia branca e amortalhada sob esta inundação silenciosa. Era um grande perigo perderem-se no caminho e morrer nos turbilhões da neve. E Lawless, meio passo adiante do seu companheiro, e estendendo a cabeça para a frente, como um cão de caça, no rasto, procurava o caminho pelas árvores e estudava a rota como se estivesse pilotando um barco em perigo.

A cerca de uma milha, para o interior da floresta, chegaram a uma encruzilhada de vários caminhos sob um maciço de altos e contorcidos carvalhos.

Mesmo no estreito horizonte da neve caindo, havia um lugar que não podia deixar de ser reconhecido. E Lawless reconheceu-o, evidentemente, com especial deleite.

- Agora, Master Ricardo - disse ele -, se não sois demasiado orgulhoso para ser hóspede de um homem que não é nobre de nascença, nem sequer é um bom cristão, posso oferecer-vos um copo de vinho e um belo lume para derreter o tutano dos vossos ossos gelados.

- Vamos embora, Will - respondeu Dick.- Um copo de vinho e um bom lume ! Andaria um longo caminho para encontrá-los !

Lawless deu uma volta, ' sob os ramos nus do maciço, e, caminhando decididamente em frente, durante algum tempo, chegou a um profundo buraco ou caverna que estava agora cheia de neve amontoada num quarto das suas dimensões. Sobre a sua borda uma grande faixa pendia precariamente enraizada. Aqui, o velho salteador, afastando algum mato denso, desapareceu inteiramente na terra.

A faixa devia ter sido meio desenraizada por algum violento vendaval e tinha levantado uma enorme extensão de relva. Era debaixo disto que o velho Lawless cavara o seu esconderijo na floresta. As raízes serviam-lhe de traves, a relva de telhado e por paredes e chão tinha ele a terra maternal. Apesar de rústica como era, a lareira a um canto,

enegrecida pelo lume, e a presença, no outro canto, de uma grande arca de carvalho, bem reforçada com cintas de ferro, mostravam-na, à primeira vista, como a caverna de um homem e não como o covil de qualquer animal bravo. Apesar de a neve se ter amontoado à entrada e ter polvilhado o chão desta caverna de terra, o ar era muito mais quente do que no exterior, e, quando Lawless fez saltar uma faísca e os ramos da urze seca começaram a arder, estalando, na lareira, o lugar tomou, mesmo à vista, um aspecto de conforto e de lar.

Com um suspiro de grande contentamento, Lawless abriu as suas largas mãos em frente do lume e pareceu respirar o fumo.

- Aqui está - disse ele - a cova de coelho do velho Lawless. Pedi ao céu que nunca venha aí nenhum podengo! Por longe tenho andado, daqui para acolá, e por aqui e além, desde os catorze anos, quando fugi, pela primeira vez, do meu convento com a corrente de ouro do sacristão e um livro de missa, que vendi por quatro moedas. Estive em Inglaterra, na França, na Borgonha e em Espanha também, numa peregrinação pela salvação da minha alma. Estive no mar, que é a terra de ninguém. Mas aqui é que é o meu lugar, Master Shelton. Esta é a minha terra natal: este covil subterrâneo.

Que venha chuva ou vento, que seja Abril e cantem todos os pássaros e as flores caíam em volta da minha cama, ou seja Inverno e me sente aqui, sozinho, com o meu amigo fogo, e o pintarroxo pie nos bosques; isto aqui é a minha igreja e a minha praça, a minha mulher e os meus filhos. É aqui que volto sempre e aqui é que, se Deus quiser, desejaria morrer.

- É, na verdade, um cantinho quente - replicou Dick -, agradável e bem escondido.

- É preciso que seja assim - replicou Lawless -, porque, se o descobrissem, Master Shelton, isso arrasaria-me-ia. Aqui - acrescentou, cavando com os seus fortes dedos no chão arenoso -, aqui está a minha adega e teremos um garrafão de uma excelente e velha pinga.

Com segurança, depois de ter cavado um pouco, mostrou uma borracha de cerca de um galão, nas suas três partes cheias de vinho doce e capitoso. E depois de terem bebido como camaradas à saúde um do outro e terem aivado o fogo, que voltou a flamejar, ambos se estenderam ao comprido, a dedelar e a evaporar. E divinamente quentes.

- Master Shelton - observou o saltador -, tivestes dois infortúnios nestes últimos tempos e provavelmente estais para perder a rapariga. Compreendi bem?!

- Sim - replicou Dick, acenando com a cabeça.

- Bem, então - continuou Lawless -, ouvi um velho louco que tem estado um pouco em toda a parte e tem visto um pouco de tudo. Andais metido de mais nos assuntos da outra gente, Master Dick. Seguis os de Ellis; mas ele prefere a tudo a morte de Sir Daniel. Seguis os de Lord Foxham; bem, que Deus o conserve!, sem dúvida ele pretende coisas boas. Mas tratai de vós mesmo, bom Dick. Ide direto à jovem. Fazei-lhe a corte, evitai que ela vos esqueça. Estais a postos e, quando a sorte deixar, fora com ela no arção da sela.

- Sim, Lawless, mas, sem dúvida, ela está agora na própria casa de Sir Daniel - respondeu Dick.

- Pois iremos lá! - respondeu o salteador.

Dick olhava-o, pasmado.

- É isto mesmo! - afirmou Lawless. - E se tendes tão pouca fé e duvidais das palavras, olhai! E o salteador, tirando uma chave dependurada ao pescoço, abriu a arca de carvalho e, mergulhando as mãos e procurando entre o seu conteúdo, exibiu, primeiro, um hábito de frade, depois um cinto de corda e, por fim, um enorme rosário de madeira, bastante pesado para poder considerar-se uma arma.

- Isto - disse ele - é para vós. Vesti-vos!

E, então, quando Dick já havia vestido este disfarce eclesiástico, Lawless exibiu algumas tintas e um lápis e começou, com a maior arte, a disfarçar-lhe as feições. As sobrancelhas foram adensadas e salientadas, ao bigode, apenas visível, fez o mesmo serviço, enquanto que, com poucos traços em volta dos olhos, lhes mudou a expressão e aumentou a idade aparente do jovem frade.

- Agora - resumiu - quando eu tiver feito o mesmo, seremos um belo par de frades à vista de toda a gente. Iremos, ousadamente, diretos a Sir Daniel e seremos hospitaleiramente recebidos pelo amor da Santa Madre Igreja.

- E como, caro Lawless - exclamou o rapaz-, te poderei pagar isto?

- Psiu, irmão - replicou o salteador -, eu não faço nada sem proveito. Não pensem em mim. Eu sou daqueles, por Deus!, que tratam de si. Quando me falta qualquer coisa, tenho boca para pedir e uma voz que parece um sino de convento. Peço, meu filho, e, quando pedir não chega, mais vulgarmente roubo.

O velho patife fez uma carantonha humorística e, apesar de não agradar a Dick dever favores a um indivíduo tão equívoco, não podia reprimir o seu contentamento. Com isto, Lawless voltou ao grande arcaz, e em breve estava igualmente disfarçado. Mas Dick espantou-se ao vê-lo meter debaixo do manto um punhado de flechas negras.

- Para que fazes isso? - perguntou o rapaz. - Para que são as setas, se não levamos arco?

- Não - replicou Lawless, alegremente -, isto serão, provavelmente, quebra-cabeças, para não dizer fura-costas. Primeiramente porque voltaremos, a salvo, do sitio para onde vamos, e, se algum for apanhado, creio que os nossos camaradas acorrerão, se lhes forem apresentadas como credenciais. Uma flecha negra, Master Dick, é o sinete da nossa confraria. Mostra quem escreveu a ordem.

- Se te preparas tão cuidadosamente - disse Dick -, tenho aqui alguns papéis que, para minha própria segurança, e no interesse daqueles que confiam em mim, seria melhor deixar noutra sitio do que poderem ser encontrados comigo. Onde os hei-de esconder, Will?

- Não - replicou Lawless. - Eu afastar-me-ei um pouco, na floresta, e esperarei algum tempo, entretanto enterrá-los-eis onde vos aprouver e alisareis a areia sobre eles.

- Nunca! - exclamou Ricardo. - Confio em ti. E, na realidade, seria vil se não confiasse em ti.

- Irmão, não és mais do que uma criança - replicou o velho salteador, parando e voltando-se para Dick, no limiar da caverna. - Eu sou um bom e velho cristão. Não sou traidor de outro homem e não me poupo quando um amigo está em perigo. Mas, criança louca!, sou ladrão por negócio, por nascimento e por hábito. Se a minha garrafa estiver vazia e a boca seca, roubar-vos-ei, meu querido filho, tão seguramente quanto estimo, honro e admiro as vossas qualidades de pessoa. Pode falar-se mais claramente? Não.

E partiu, através das moitas, com um estalido dos seus fortes dedos.

Dick, deixado assim sozinho, depois de um pensamento sobre as inconsistências de carácter do seu companheiro, apressadamente, sacou, revistou e enterrou os seus papéis. Apenas reservou um para levar consigo, porque de nenhuma maneira compro metia os seus amigos e, além disso, poderia servir-lhe, num aperto, contra Sir Daniel. Era a própria carta do cavaleiro para Lord Wensleydale, mandada por Throgmorton, na madrugada da derrota de Risingham, e achada, no dia seguinte, por Dick no cadáver do mensageiro.

Então, calcando as cinzas do lume, Dick abandonou a caverna e juntou-se ao velho salteador, que o esperava sob os carvalhos despidos e que começara já a estar polvilhado pela neve que caía. Olharam um para o outro e riram-se, tão completo e estranho era o seu disfarce.

- Apesar de tudo, desejaria que fosse Verão e dia claro - rosnou o salteador - para poder mirar-me no espelho de um charco. Há muitos homens de Sir Daniel que me conhecem. E, se formos reconhecidos, ainda poderá haver duas palavras para vós, meu irmão, mas, quanto a mim, em menos de um momento estarei dançando na ponta de uma corda.

Assim partiram, juntos, pela estrada que levava a Shoreby e que, nesta parte do seu curso, se conservava próxima da orla da floresta, avançando de vez em quando em campo aberto e passando perto de casas de gente pobre ou de pequenas fazendas.

Neste momento, à vista de uma delas, Lawless avançou.

- Irmão Martinho - disse ele numa voz completamente disfarçada e condizendo com o seu hábito de frade -, entremos e esmolemos para as almas junto destes pobres pecadores. Pax vobiscun ! Sim - acrescentou ele na sua própria voz -, é o que eu temia. Perdi um pouco a toada, e com vossa licença, Master Shelton, tendes que suportar que eu pratique nestes lugares campestres antes de arriscar o meu rico pescoço entrando em casa de Sir Daniel. Mas reparai como é uma bela coisa ser um homem de sete ofícios! Se eu não tivesse sido marinheiro, teríeis marchado infalivelmente para o fundo no "Boa Esperança". Se não tivesse sido ladrão, não poderia ter-vos pintado o rosto. Se não tivesse sido franciscano, cantado forte no coro, e comido fartamente no refeitório, não poderia ter usado este disfarce, sem que os próprios cães nos descobrissem e nos ladrassem pela mascarada.

Estava, nesta altura, junto da janela da casa da herdade e, levantando-se na ponta dos pés, espreitou para dentro.

- Belo! - exclamou. - Cada vez melhor! Experimentaremos aqui as nossas falsas caras e, como vingança, aproveitaremos fazer uma boa partida ao irmão Capper.

Dizendo isto, abriu a porta e avançou para dentro de casa.

Três dos seus companheiros estavam sentados comendo sofregamente. Os punhais espetados na mesa, ao lado deles, e os negros e ameaçadores olhares que dardejavam sobre a gente da casa provavam que deviam a sua refeição mais à força do que à boa vontade. Para os dois frades que, neste momento, com uma espécie de humilde dignidade, entravam na cozinha, voltaram-se aparentando particular ressentimento, e um deles - o próprio João Capper - que parecia desempenhar o lugar de chefe, imediata e rudemente lhes ordenou que saíssem.

- Não queremos aqui pedintes! - berrou.

Mas um outro, ainda que não reconhecendo Dick e Lawless, tomou uma atitude mais moderada.

- Não! - disse ele. - Nós somos fortes e roubamos, estes são fracos e pedem. Mas, na hora final, estes serão recompensados e nós seremos castigados. Não façais caso, meu Padre. Vinde, bebei do meu copo e dai-me a vossa bênção.

- Sois homens de má cabeça, pecadores e excomungados - disse o frade. - Os santos permitam sempre que eu não beba em tal companhia! Mas, pela piedade que consagro aos pecadores, aqui vos deixo uma relíquia benta que, no interesse das vossas almas, vos peço para beijar e venerar!

Assim trovejou Lawless contra eles, como um frade pregador. E, enquanto pronunciava estas palavras, sacou, de sob o hábito, uma flecha negra e lançou-a sobre a mesa, no meio dos três salteadores espantados. Imediatamente voltou-se, arrastando Dick, saiu da casa e sumiu-se entre a cortina de neve, antes de eles terem tido tempo de pronunciar uma palavra ou de mexer um dedo.

- Assim - disse ele -, experimentámos as nossas falsas caras, Master Shelton. Agora aventurarei a minha pobre cabeça, onde quiserdes.

- Bom - retorquiu Ricardo -, estou ansioso por fazê-lo. Partamos para Shoreby.

CAPÍTULO II - EM CASA DO INIMIGO

A habitação de Sir Daniel em Shoreby era um grande e cómodo palácio, estucado, guarnecido de carvalho esculpido e coberto com um telhado de colmo muito inclinado. Nas traseiras abria-se um jardim, cheio de árvores de fruto, arruadas, densos caramanchões, encimado, ao fundo, pela torre do convento.

A casa podia conter, se fosse necessário, o aparato de uma muito maior personagem do que Sir Daniel. Mas mesmo neste momento estava cheia de tumulto. No pátio soavam armas e ferraduras de cavalos. Na cozinha zumbia o pessoal como um enxame. Menestréis e tocadores de instrumentos e gritos de saltimbancos soavam na casa de entrada. Sir Daniel, na riqueza, alegria e galhardia da sua casa, rivalizava com Lord Shoreby e eclipsava o conde de Risingham.

Todos os hóspedes eram bem-vindos. Menestréis, saltimbancos, jogadores de xadrez, vendedores de relíquias, drogas, perfumes e encantamentos e, com estes, toda a espécie de padres, frades ou peregrinos, eram bem-vindos á mesa do pessoal, e dormiam juntos nos amplos celeiros, ou em tábuas unas, no longo refeitório.

Na tarde seguinte ao naufrágio do "Boa Esperança", a despensa, cozinhas, cavaliças e o alpendre coberto dos carros estavam apinhados de várias gentes, em parte pertencendo ao pessoal de Sir Daniel e vestidos com a sua libré escarlate e azul, em parte estrangeiros indefiníveis atraídos à cidade pela avidez, e recebidos pelo cavaleiro por política e por ser moda do tempo.

A neve, que continuava a cair sem interrupção, o ar extremamente frio e a aproximação da noite combinavam-se para os manter abrigados. Vinho, cerveja e dinheiro abundavam. Muitos jogavam estendidos na palha do celeiro, outros estavam ainda embriagados da refeição do meio-dia. Aos olhos de uma pessoa de hoje aquilo teria parecido o saque de uma cidade. Para os olhos de um contemporâneo era igual a qualquer outra casa rica e nobre, numa ocasião festiva.

Dois frades - um jovem e um velho - haviam chegado ultimamente, e estavam-se aquecendo, agora, num belo lume, a um canto do alpendre. Um grupo variado os cercava: - Jograis, saltimbancos e soldados, e com estes o mais velho dos dois, que encetara uma animada conversa, dizia tantas graças pesadas, e tantas espertezas saloias, que momentaneamente o grupo aumentou de número. O companheiro mais novo, em quem o leitor já reconheceu Dick Shelton, estava sentado um pouco atrás do primeiro e gradualmente foi-se afastando. Escutava, na verdade, com atenção, mas nem sequer abria a boca, e pela sua grave expressão parecia não fazer caso dos gracejos do companheiro.

Finalmente os seus olhos, que continuamente andavam de um lado para outro e que mantinham a vigilância sobre todas as entradas da casa, descobriram um pequeno cortejo que, tendo entrado pelo portão principal, atravessava o pátio numa direção oblíqua. Duas damas, embrulhadas em espessas peles, iam à frente e eram seguidas por duas aias e por quatro fortes homens de armas. Um momento depois haviam desaparecido no interior da casa, e Dick, deslizando através da multidão dos ociosos, no alpendre, seguiu-as apressadamente.

"A mais alta das duas era Lady Brackley", pensou. "E, onde está Lady Brackley, Joana não deve andar longe".

À porta da casa os quatro soldados deixaram de escoltá-las e as damas subiam agora a escada de carvalho polido, sem outra escolta a não ser a das duas aias.

Dick seguiu-as muito de perto. Era ao lusco-fusco, e na casa já entrava a escuridão da noite.

Nos patamares havia brandões em suportes de ferro e ao longo dos corredores alcatifados ardia uma lanterna junto de cada porta. E onde as portas estavam abertas, Dick podia ver paredes forradas de panos de arrás e soalhos cobertos de junco brilhando na luz de lumes de lenha.

Tinham subido dois andares e, em cada patamar, a mais jovem das duas senhoras olhava penetrantemente para o frade que as seguia. Este, conservando os olhos baixos e afetando a compostura de maneiras que convinha ao seu disfarce, apenas - a vira uma vez e não sabia que atraía a sua atenção. Agora, no terceiro andar, o grupo separou-se, continuando a mais nova a subir sozinha e a outra, seguida das aias, tomando o corredor da direita.

Dick subiu com passos cautelosos e, cosendo-se com uma esquina, avançou a cabeça e seguiu com a vista as três mulheres. Sem se voltarem para trás, continuavam a avançar no corredor.

"Está bem" pensou Dick. "Procuremos o quarto de Lady Brackley e será difícil não encontrar a Tia Hatch no caminho."

Exatamente nesse momento, alguém lhe pousou a mão no ombro. Com um salto e um grito sufocado voltou-se para agarrar o seu assaltante e ficou um pouco desconcertado ao reconhecer, na pessoa que tão brutalmente agarrara, a mais baixa das duas damas das peles. Pelo seu lado, ela estava confusa; e aterrorizada de uma forma indescritível, e tremia, pendendo-lhe dos braços.

- Senhora - disse Dick soltando-a -, peço-vos mil perdões, mas não podia ver-vos e, por Deus!, não poderia pensar que fosse uma jovem...

A rapariga continuava a olhá-lo. Mas, neste momento, do terror passara à surpresa e da surpresa à suspeita. Dick, que pudera ler estas mudanças nas suas feições, começou a recear pela sua segurança naquela casa hostil.

- Linda menina - disse ele, afetando à-vontade -, permiti que vos beijei-a a mão, desculpai a minha brutalidade e eu ir-me-ei.

- Sois um estranho frade, senhor! - replicou olhando-o ao mesmo tempo ousada e penetrantemente nos olhos. - E agora, que o meu primeiro espanto passou um pouco, vejo claramente o mundano em cada palavra que proferis. Que fazeis aqui?

Porque estais assim sacrilegamente disfarçado?

Vindes como amigo ou como inimigo? Porque seguis Lady Brackley, como um ladrão?

- Senhora - respondeu Dick -, de uma coisa vos peço que tenhais a certeza: não sou ladrão. E mesmo que tenha vindo aqui como inimigo, como até certo ponto vim, não

combato contra lindas mulheres, e rogo-vos que me imiteis, deixando-me partir. Porque na verdade, linda senhora, se quiserdes gritar, basta que griteis uma vez e que digais o que haveis visto, para que o pobre rapaz que está aqui presente seja um homem morto. Não posso pensar que sejais tão cruel - acrescentou Dick. E tomando docemente a mão da jovem, nas suas duas mãos, olhou para ela com galanteadora admiração.

- Sois então um espião... um Iorquista? - perguntou a rapariga.

- Senhora - replicou ele -, sou na verdade um Iorquista, e, de certa maneira, um espião. Mas o que me trouxe a esta casa, aquilo que me garantirá a piedade e o interesse do vosso bondoso coração, não é nada que se relacione com os partidos de Iorque ou de Lancaster. Confiarei totalmente a minha vida à vossa discrição. Sou um amoroso e chamo-me...

Mas nesse momento a jovem pôs súbitamente a mão sobre a boca de Dick, olhou apressadamente para todos os lados e, vendo o caminho livre, começou a conduzir o rapaz com grande força e entusiasmo pela escada acima.

- Psiu! - disse. - Vinde! Falaremos depois...

Um pouco espantado, Dick deixou-se conduzir pela escada, arrastar por um corredor, ser empurrado para dentro de um quarto, iluminado como tantos outros, por um tronco flamejante na lareira.

- Agora - disse a rapariga, forçando-o a sentar-se num escabelo -, sentai-vos e aguardai os meus soberanos desejos. Tenho sobre vós direito de vida e de morte e não hesitarei em usar dos meus poderes. Tomai cuidado! Haveis-me cruelmente magoado um braço... Dissestes que não sabíeis que eu era uma rapariga! Se o tivésseis sabido, com certeza que me teríeis querido bater com o cinto!

E com estas palavras desapareceu do quarto, deixando Dick boquiaberto de espanto, e não muito certo de estar acordado ou sonhando.

- Puxar do cinto para ela! - repetiu. - Puxar do cinto para ela!

E a lembrança da tarde na floresta voltou-lhe ao espírito e viu, mais uma vez, o trémulo corpo de Matcham e os seus olhos suplicantes.

Então voltou aos perigos de momento. No quarto ao lado ouviu um ruído, como o de uma pessoa movendo-se, depois seguiu-se um suspiro que soou estranhamente próximo, e de novo começou o roçar de vestidos e o som de passos. Enquanto estava à escuta viu a colgadura ondular ao longo da parede, houve o som de uma porta abrindo-se, os reposteiros afastaram-se e, com uma lanterna na mão, Joana Sedley entrou no aposento. Estava vestida de tecidos caros, de escuro e quente colorido, como era próprio do Inverno e da neve. Os cabelos juntavam-se-lhe no alto da cabeça e formavam como uma coroa. E aquela que tão pequena e tão desgraciosa parecia sob o disfarce de Matcham, era agora esbelta como um salgueiro novo, e deslizava pelo soalho como se desdenhasse o esforço de caminhar.

Sem um sobressalto, sem um temor, levantou a lanterna e olhou para o jovem frade.

- Que fazeis aqui, meu bom irmão? - perguntou. - Fostes com certeza mal

encaminhado. Quem procurais? - e pôs a lanterna sobre uma cómoda.

- Joana - disse Dick, e a voz estrangulou-se-lhe -, Joana - repetiu ele -, amavas-me, disseste, e eu fui louco, mas acreditei-te!

- Dick! - exclamou ela -, Dick!

E então, perante o espanto do rapaz, esta linda e esbelta rapariga, num só gesto, lançou-lhe os braços em volta do pescoço, e deu-lhe, num único beijo, centos de beijos.

- Oh, querido louco! - exclamou. - Oh, querido Dick! Se pudesses ver-te a ti próprio! Ai! disse parando. - Eu estraguei-te a caracterização! Mas isso pode remediar-se. O que não pode remediar-se, Dick, ou melhor, o que temo não tenha remédio, é o meu casamento com Lord Shoreby.

- Está então decidido?! - perguntou o rapaz.

- Amanhã, antes do meio-dia, Dick, na igreja do convento - respondeu ela -, John Matcham e Joana Sedley chegarão ambos a um triste fim. Não servem de nada as lágrimas; poderei chorar à vontade. Não me tenho poupado a preces, mas o céu despreza os meus pedidos. E meu bom, meu querido Dick, a não ser que me possas arrancar desta casa até antes do amanhecer, não temos mais nada a fazer do que beijarmo-nos mais uma vez e dizermo-nos adeus para sempre.

- Não! - disse Dick. - Isso não! Nunca pronunciarei tal palavra. Adeus é o mesmo que desespero e enquanto vivemos, Joana, devemos ter esperança. Ainda quero ter esperança! E, por Deus, triunfarei! Lembras-te? Quando tu eras, para mim, apenas um nome, não te seguí eu? Não assassinei um pobre homem? Não arrisquei a minha vida diante de uma flecha? E agora, que te vi como tu és, a rapariga mais linda e ricamente vestida de Inglaterra, pensas que te abandonaria? Se aqui houvesse as profundidades marinhas lançar-me-ia através delas. Se o caminho estivesse cheio de leões, afugentá-los-ia como se fossem ratos.

- Sim - disse ela secamente -, dás uma grande importância a um pobre vestido azul!

- Não, Joana - protestou Dick -, não é só pelo vestido. Quando te conheci estavas disfarçada. E para o provar não estou eu também aqui igualmente disfarçado, fazendo uma figura ridícula, uma verdadeira figura de bobo?

- Sim, Dick, é verdade! - respondeu ela sorrindo.

- Então, bem - replicou ele triunfante. - Assim sucedeu contigo, pobre Matcham, na floresta. Na verdade eras uma rapariga ridícula. Mas agora!...

Assim falando, caminhavam, com as mãos nas mãos, trocando sorrisos e olhares apaixonados enquanto os minutos passavam como segundos. E assim teriam continuado toda a noite se, neste momento, não tivesse havido um ruído por detrás deles e não tivessem visto a rapariga baixinha com um dedo posto nos lábios.

- Por Deus! - exclamou. - Mas que barulho fazeis? Não podeis falar mais baixo? E agora, Joana, minha linda donzela dos bosques, que darás á tua amiga por te ter trazido o teu apaixonado?

Joana correu para ela, em vez de responder, e abraçou-a com ardor.

- E vós, senhor - acrescentou a jovem -, que me dais?
- Senhora - respondeu Dick -, de boa vontade vos pagaria na mesma moeda.
- Vinde, então - disse a dama -, é-vos permitido.

Mas Dick, corando como um pimento, apenas lhe beijou a mão.

- O que é que na minha cara vos não agrada, meu senhor? - perguntou ela, curvando-se quase até ao chão. E então quando Dick, friamente, por fim, a beijou:

- Joana - acrescentou -, o teu apaixonado é muito acanhado diante de ti. Mas garanto-te que a primeira vez que nos encontrámos foi muito mais expedito. Estou cheia de nódoas negras. Nunca mais me acredites se eu não estou cheia de nódoas negras! E agora - acrescentou -, já disseram tudo quanto tinham para dizer? Tenho que mandar embora rapidamente o teu herói.

Neste momento, porém, ambos protestaram que não haviam dito nada, que era ainda muito cedo, que não queriam ainda separar-se.

- E a ceia? - perguntou a jovem. - Não descas para cear?
- Sim, na verdade - exclamou Joana -, tinha-me esquecido!

- Escondam-me, então - pediu Dick. - Metam-me atrás dos panos de arrás, escondam-me numa arca ou onde queiram, contanto que eu esteja aqui quando voltares. E pensai, gentil senhora - acrescentou -, que estamos na verdade numa triste situação e que, talvez, nunca mais nos vejamos até ao dia da nossa morte.

Comoveu-se com isto a donzela, e quando, um pouco depois, a sineta convocou para a mesa os familiares de Sir Daniel, Dick fora colocado imóvel contra a parede, num sítio onde uma divisão de tapeçarias lhe permitia respirar mais livremente e mesmo ver o interior do quarto.

Não estava havia muito nesta posição quando foi estranhamente perturbado. O silêncio, naquele andar superior da casa, era somente quebrado pelo crepitar das chamas e pelo chiar de um cepo verde na chaminé. Mas, nesse momento, ao exercitado ouvido de Dick chegou o som de alguém caminhando com extraordinária cautela, e, pouco depois, a porta abriu-se e uma pequena criatura de face escura, com aspecto de anão e a libré de Lord Shoreby, adiantou primeiro a cabeça e depois o corpo curvado, no interior do quarto. Tinha a boca aberta, como que para ouvir melhor, e os olhos, muito brilhantes, moviam-se sem descanso e rapidamente de um lado para outro. Deu várias vezes a volta ao aposento, apalpando aqui e ali as colgaduras, mas Dick, por milagre, escapou a esta inspeção. Depois olhou para debaixo dos móveis e examinou a lanterna. E, por fim, com um ar de cruel desilusão, preparava-se para sair tão silenciosamente como viera, quando se ajoelhou, apanhou qualquer coisa de entre as plantas que juncavam o chão, examinou-a com verdadeiros sinais de deleite e escondeu-a no bolso do cinto.

Dick sentiu-se desfalecer, porque o objeto em questão era uma conta do seu rosário e era evidente que este espião raquitico, que punha um tão maligno prazer na sua ocupação, não perderia tempo em levá-la a seu amo: o Lord. Esteve meio tentado a afastar as colgaduras, cair sobre o miserável e, com risco de vida, liquidar o alvissareiro. Enquanto

ainda assim estava hesitante, surgiu uma nova razão de apreensões. Uma voz roufenha e entrecortada pela bebida começou a ouvir-se, vinda da escada e, imediatamente depois, desiguais, hesitantes e pesados passos soaram ao longo do corredor.

- Que fazeis aí, folgazão, por entre os bosques floridos? - cantou a voz. - Que fazeis aí? Olá, idiota, que fazeis aí? - acrescentou com uma gargalhada de bêbedo. E depois, uma vez mais, voltou a cantar: Se beberdes o belo Licor, meu bom amigo, gordo Frei João, Se eu comer e vós beberdes, Quem dirá a missa então..

O pobre Lawless, perdido de bêbedo, vagueava pela casa, procurando um canto onde curar o efeito das suas libações. Dick enraiveceu-se intimamente.

O espião, primeiro aterrado, sentiu-se mais seguro quando percebeu tratar-se de um homem embriagado, e, com um rápido movimento de felino, saiu do quarto e desapareceu da vista de Ricardo. Que deveria fazer? Se perdesse o contato com Lawless, durante a noite, ficaria impossibilitado de planejar ou de executar o rapto de Joana. Se, por outro lado, ousasse dirigir-se ao salteador bêbedo, o espião devia estar à espera, escondido, e poderiam advir-lhe as mais funestas consequências.

Foi, contudo, por este último acaso que Dick se decidiu. Saindo silenciosamente detrás da tapeçaria, ficou a postos, à porta do quarto, de mão erguida.

Lawless, vermelho ao rubro, com os olhos injetados, vacilante sobre as pernas, aproximava-se cada vez mais inquietadoramente. Por fim, viu confusamente o seu chefe e apesar dos imperiosos sinais de Dick chamou-o imediatamente, gritando pelo seu próprio nome. Dick saltou e sacudiu furiosamente o bêbedo.

- Animal! - sibilou. - Animal, e não homem!

Uma tal estupidez é pior que a traição! Vamos perder-nos pela tua loucura!... Mas Lawless apenas ria e cambaleava, tentando dar palmadas nas costas do jovem Shelton.

Exatamente nesse momento o apurado ouvido de Dick percebeu um rumor na tapeçaria. Saltou na direção do som e um segundo depois um dos panos da colgadura caíra e Dick e o espião debatiam-se ambos nas suas dobras. Rolaram, qual por baixo qual por cima, procurando atingir-se mutuamente na garganta, ora frustrados pelo próprio pano, ora silenciosos pela sua fúria mortal. Mas Dick era muito mais forte e, em breve, o espião jazia prostrado sob os seus joelhos e com um único golpe do seu longo punhal deixara de viver.

CAPÍTULO III - O ESPÃO MORTO

A este violento e rápido passo, Lawless havia ficado, olhando indiferente. E mesmo quando tudo acabara, e Dick, que já voltara a levantar-se, escutava com a mais concentrada atenção o distante bulício dos andares inferiores da casa, o velho salteador estava ainda oscilando nas pernas como um ramo ao vento e olhando estupidamente as feições do homem morto.

- Está bem - disse finalmente Dick. - Graças a Deus, não nos ouviram! Mas que vou fazer agora deste pobre espão? Pelo menos tirarei da sua bolsa a minha conta.

Dizendo isto, Dick abriu a bolsa. Dentro dela encontrou algumas moedas, a conta e uma carta dirigida a Lord Wensleydale e fechada com o selo de Lord Shoreby. O nome avivou as recordações de Dick; e imediatamente quebrou a cera e leu o conteúdo da carta. Era curta, mas, para felicidade de Dick, provava à evidência que Lord Shoreby traiçoeiramente se correspondia com a casa de Iorque.

O rapaz trazia habitualmente consigo um pequeno recipiente de chifre com tinta e os seus utensílios de escrita e, agora, dobrando um joelho junto do cadáver do espão morto, escrevia estas palavras num bocado do papel:

Lord Shoreby, vós que escrevestes esta carta, sabeis porque morreu o vosso homem! Dou-vos um conselho: não vos caseis. João-o-Justiceiro.

Deixou este papel no peito do cadáver, e Lawless, que começava a olhar para estes últimos acontecimentos com alguns lampejos de inteligência nascente, tirou de súbito uma seta negra de sob as vestes e com ela espetou ali o papel. À vista desta falta de respeito, ou, como melhor parecia, desta crueldade para com o morto, o jovem Shelton soltou um grito de horror, mas o velho bandido pôs-se a rir.

- Não! É preciso justificar a minha ordem - resmungou. - É preciso que os camaradas sejam acreditados, meu irmão.

E logo, fechando completamente os olhos e abrindo a boca como um mestre de coro, começou a trovejar com uma voz formidável:

Se beberdes o belo licor...

- Cala-te, louco! - gritou Dick empurrando-o rudemente contra a parede. - Em duas palavras, se é que um tal homem, que tem muito mais vinho do que siso, pode entender-me, por uma vez, e pela Virgem, vai-te desta casa, onde farás, se assim continuas, não só com que te enforcuem a ti, mas a mim também! Safa-te, pois, e tem cautela ou, por Deus, eu me esquecerei que se sou, de certo modo, teu chefe, também sou, de certo modo, teu devedor. Vai-te!

O falso frade estava agora recuperando, num certo grau, o uso da razão, e o tom de voz de Dick e o brilho dos seus olhos gravaram-lhe no espírito o sentido das suas palavras.

- Por Deus! - exclamou Lawless. - Se não sou desejado, posso ir-me embora. - E cambaleando voltou pelo corredor fora e começou a descer a escada, aos bordos, de encontro à parede.

Logo que este desapareceu, Dick voltou para o seu esconderijo, absolutamente decidido a ver o fim daquela cena. A prudência, na realidade, incitava-o a partir, mas a curiosidade e o amor foram mais fortes.

O tempo passava vagarosamente para o rapaz escondido, de pé, atrás do pano. O lume no quarto começou a esmorecer e a lanterna a dar uma luz mortiça e a fumar. Ainda não houvera qualquer sinal de regresso de alguém a esta parte mais alta da casa, ainda o débil zumbido e a conversa das pessoas, na ceia, soavam em baixo longinquamente; e ainda debaixo de um denso nevão, a cidade de Shoreby dormia, silenciosa, em volta.

Finalmente, contudo, passos e vozes começaram a aproximar-se, subindo a escada e, pouco depois, vários dos hóspedes de Sir Daniel chegavam ao patamar e, desembocando no corredor, viram a tapeçaria arrancada e o cadáver do espião.

Uns avançavam, outros recuavam, mas todos em coro começaram a gritar. Ao som dos seus gritos, hóspedes, soldados, senhoras, criadas e, numa palavra, todos os habitantes daquela grande casa vieram correndo, de todos os lados, e começaram a juntar as suas vozes ao tumulto.

Em breve se abriu caminho e Sir Daniel em pessoa avançou, seguido pelo noivo do dia seguinte:

Lord Shoreby.

- MyLord - disse Sir Daniel -, não vos havia eu falado dessa maldita Flecha Negra? Para prová-lo, olhai! Aqui está ela e, pela Santa Cruz! ; meu amigo, é um homem dos vossos, ou alguém que lhe roubou uma librê.

- Na verdade, é um dos meus homens - replicou Lord Shoreby inclinando-se. - Nunca terei outro assim. Era fino como um podengo, misterioso como uma toupeira.

- Era assim, na verdade, meu amigo? - perguntou Sir Daniel astutamente. - que veio ele, então, farejar para os andares mais afastados da minha pobre casa? Não farejará mais.

- Sir Daniel - disse alguém -, dignai-vos dar atenção. Está um papel com qualquer coisa escrita espetado no seu peito.

- Dai-mo com a seta e tudo - disse o cavaleiro.

E depois que teve na mão a flecha, continuou por algum tempo a olhar para ela, pensando sombriamente.

- Sim - disse dirigindo-se a Lord Shoreby -, há aqui um ódio que me persegue, sem tréguas. Esta seta negra, ou uma como esta, ainda me matará. E, meu amigo, permiti que com franqueza de leal cavaleiro vos dê um conselho. Se estes cães começarem a farejar-vos, fugi! Isto é como uma doença que nos não abandona. Mas vejamos o que escreveram. como se, Mylord, estivésseis assinalado, como um velho carvalho pelo lenhador. Amanhã ou depois chegará o machado. Mas que escrevestes vós na carta?...

Lord Shoreby arrancou o papel da seta, leu-o, a machucou-o entre as mãos e, vencendo a relutância que até aí lhe não permitira aproximar-se, lançou-se de joelhos junto do corpo e ansiosamente revolveu a bolsa. Levantou-se com um aspecto um tanto inquieto.

- Amigo - disse ele -, na realidade, perdi aqui uma carta de muita importância. E se

pudesse lançar mão do malvado que a apanhou, seria imediatamente agraciado com o barão da forca. Mas, antes de mais nada, devemos guardar as saídas da casa. Por São Jorge, isto já é bastante mau!

Postaram-se sentinelas em volta de toda a casa e do jardim, uma sentinela em cada patamar da escada, uma força completa na entrada principal e ainda outra junto da fogueira do alpendre. Os partidários de Sir Daniel eram reforçados pelos de Lord Shoreby; Não havia falta de homens ou de armas para garantir a segurança da casa, ou para encurralar algum inimigo escondido, se ali houvesse.

Entretanto o corpo do espião era transportado, através da neve que caía, para a igreja do convento.

Não foi senão quando todas estas disposições foram tomadas e tudo voltou a um silêncio conveniente, que as duas raparigas tiraram Ricardo do seu esconderijo e o puseram completamente ao facto do que se havia passado. Por sua vez este contou a visita do espião, a sua perigosa descoberta e o seu rápido fim. quase desfalecida Joana encostou-se à parede coberta de colgaduras.

- De pouco servirá - disse ela. - Apesar de tudo casar-me-ei amanhã de manhã!

- Está aqui o quê. O teu herói que caça leões como se fossem ratos - exclamou a amiga. - Tens pouca fé, com certeza. Mas vinde cá, amigo caçador de leões, dai-nos alguma esperança. Falai e dai-nos conselhos audaciosos.

Dick estava um pouco confuso por ser assim contrariado com as suas próprias e exageradas palavras, mas, apesar de ter corado, respondeu energicamente:

- Na verdade - disse ele - estamos numa situação difícil. Contudo, se eu pudesse sair desta casa, por meia hora, confesso sinceramente a mim próprio que tudo se arranjará e o casamento seria evitado.

- E os leões - troçou a rapariga - serão caçados?

- Peço-vos desculpa, - replicou Dick. - mas não falo agora em tom de jactância. Procedo como alguém que deseja ajuda e conselho porque senão sair desta casa através das sentinelas, não poderei fazer nada. Peço-vos por isso que me ouçais seriamente.

- Porque disseste tu, Joana, que ele era um campónio? - Perguntou a rapariga. - Garanto-te que tem a cabeça no seu lugar, e que fala perfeitamente com vontade, com facilidade e audácia. Que querias mais?

- Não - suspirou Joana sorrindo -, o meu amigo Dick está bastante mudado. Quando eu o vi era na verdade rude. Mas isso não importa; não pode haver solução para o meu difícil caso, e serei, apesar de tudo, Lady Shoreby.

- Pois bem - disse Dick -, tentarei a sorte.

Não se repara muito num frade e, se encontrei uma boa fada que me trouxe até aqui, encontrarei novamente outra para me conduzir até lá baixo. Qual era o nome daquele espião?

- Rutter. - disse a jovem -, um nome que lhe ia a matar. Mas que quereis dizer, caçador de leões? Que pensais fazer?

- Avançar abertamente - retorquiu Dick - e, se alguém me fizer parar, manter um aspecto inalterável e dizer que vou orar pela alma de Rutter.

Devem, neste momento, estar orando junto dos seus pobres despojos. - O estratagema é bastante simples - replicou a rapariga. - Contudo pode ser que dê resultado.

- Não - disse o jovem Shelton não são os estratagemas, mas apenas a audácia, que muitas vezes serve nas grandes ocasiões.

- Assim é - disse ela. - Ide, em nome da Virgem! E que Deus vos acompanhe! Deixais aqui uma pobre donzela que é vossa inteiramente, e outra que, do fundo do coração, é vossa amiga. Acautelai-vos por amor delas, e não arrisqueis a vossa segurança.

- Sim - acrescentou Joana. - Parte, Dick, não correrás mais perigo indo do que ficando. Vai, que o meu coração te acompanha! Que os santos te protejam!

Dick passou a primeira sentinela com tanta decisão que o homem apenas se moveu e olhou, mas no segundo patamar o guarda atravessou a lança e perguntou-lhe o nome e o assunto que pretendia.

- Pax vobiscum. - respondeu Dick. - Vou orar junto do corpo do pobre Rutter.

- Está bem - replicou a sentinela -, mas não vos é permitido ir só. - Inclinou-se sobre os balaústres de carvalho e deu um agudo assobio. - Vai gente! - gritou, e só então se moveu para Dick passar.

Ao fundo das escadas, encontrou a guarda de pé e esperando a sua chegada. E depois de, uma vez mais ter repetido a sua história, o comandante da força mandou quatro homens acompanhá-lo à igreja.

- Não o deixeis escapar, rapazes - disse ele. - Levai-o a Sir Oliver, senão arriscais a pele!

Abriu-se então a porta. Dois deles agarraram Dick pelos braços, de cada lado, outro marchava à frente com um archote, e o quarto, com o arco esticado e a seta na corda, fechava a retaguarda.

Nessa ordem caminharam através do jardim, na espessa escuridão da noite, na neve turbilhonando, e se aproximaram das janelas debilmente iluminadas da igreja do convento.

Na porta ocidental estava reunida uma força de arqueiros abrigando-se conforme podiam no recôncavo das portas ogivais, todos polvilhados de neve, e foi só depois de os condutores de Dick terem trocado a senha com estes que lhe foi permitido passar e entrar na nave do edifício sagrado.

A igreja era frãcamente iluminada pelos círios do altar-mor e por uma lâmpada, ou duas, pendentes dos arcos do teto, diante das capelas reservadas às famílias ilustres. No meio do coro jazia, num esquife, o espião morto com os membros piedosamente compostos.

Um apressado murmúrio de orações soava nas abóbadas. Vultos de capuz estavam ajoelhados junto dos cadeirais do coro e, nos degraus do altar-mor, um padre paramentado dizia missa. No momento desta recente entrada, um dos vultos de capuz levantou-se e, descendo os degraus que elevavam o nível do coro acima do da igreja, perguntou ao chefe

da força qual o assunto que ali o levara. Respeitando o ofício e o morto, falavam em voz baixa, mas os ecos do enorme edifício vazio repetiam cavamente as suas palavras, ao longo das naves.

- Um frade! - replicou Sir Oliver, depois de ter ouvido o relato do arqueiro. - Meu irmão, não esperava a vossa vinda - acrescentou voltando-se para o moço Shelton. - Em boa verdade, quem sois? E por que razão desejas juntar as vossas à nossa prece?

Dick, conservando o capuz sobre a cara, fez sinal a Sir Oliver para se afastar um ou dois passos dos arqueiros. E, logo que o padre fez isto:

- Não desejo enganar-vos, senhor - disse ele. - A minha vida está nas vossas mãos.

Sir Oliver teve um vivo sobressalto. As suas gordas bochechas fizeram-se pálidas e por algum tempo - ficou silencioso.

- Ricardo - disse ele -, não sei por que vens, mas penso que será por mal. Contudo, pela nossa antiga amizade, julgo que não te entregas ao mal de livre vontade. Ficarás toda a noite ao meu lado nos cadeirais. Ficarás aí até que Lord Shoreby se tenha casado, e que o cortejo tenha chegado, a salvo, a casa. Se tudo correr bem e não tiveres feito qualquer ruim projeto, no fim, poderás ir para onde quiseres. Mas, se tencionas derramar sangue, sangue recairá sobre a tua cabeça! Ámen!

E o padre persignou-se devotamente e, voltando-se, curvou-se perante o altar. Depois disto, disse algumas palavras mais aos soldados e, tomando Dick pela mão, conduziu-o para o coro e colocou-o no cadeiral junto do seu, e aí, por mera decência, o rapaz ajoelhou e mostrou-se ocupado com as suas orações.

O seu espírito e os seus olhos estavam, contudo, em permanente vagabundagem. Reparou que três dos soldados, em vez de voltarem para casa, se haviam colocado numa posição dominante, na nave da igreja, e não pôde duvidar de que o haviam feito por ordem de Sir Oliver.

Aqui estava, portanto, encurralado. Aqui teria que passar a noite, na luz fantástica e na sombra da igreja, olhando a face pálida daquele que assassinara. E de manhã veria a sua amada casar com outro homem, na sua presença.

Mas, por tudo isso, conseguiu dominar os seus pensamentos e encher-se de paciência para aguardar os resultados.

CAPÍTULO IV - NA IGREJA DO CONVENTO

NA igreja do convento de Shoreby, as preces sucederam-se toda a noite, sem interrupção, uma vez com o cântico dos salmos, outras vezes com uma ou duas badaladas de sino.

Rutter, o espião, foi velado como um nobre. E ali estava, como o haviam composto, com as mãos cadavéricas cruzadas sobre o peito e os olhos mortos, muito abertos, olhando o teto. Muito próximo, no cadeiral do coro, o rapaz que o assassinara aguardava, cheio de tristes apreensões, a próxima manhã.

- Ricardo - segredou -, meu filho, se me tencionas fazer mal, juro-te, pela salvação da minha alma, que o farás a um homem inocente. Pecador perante Deus me confesso, mas não sou pecador contra ti, nem nunca o fui.

- Meu padre - replicou Dick, no mesmo tom de voz -, acreditai-me, não tenho tal intenção. Quanto à vossa inocência, não posso esquecer-me de que vos defendestes desastrosamente.

- Um homem pode ser acusado e estar inocente - replicou o padre. - Pode ser enviado, sem saber, a cumprir uma missão, ignorando o seu verdadeiro fim. Assim aconteceu comigo. Eu atraí o teu pai para a mas, tão certo como Deus nos está vendo no lugar sagrado, não sabia o que fazia.

- Pode ser - replicou Dick. - Mas vede que estranha teia haveis tecido, para eu ser neste momento vosso prisioneiro e vosso juiz. E ao mesmo tempo que ameaçais a minha vida, pretendeis evitar a minha cólera. Parece-me que se, durante toda a vida, houvésseis sido um verdadeiro homem e um bom padre, não me temeríeis nem detestaríeis. E agora tratai das vossas orações. Obedeço-vos, por que a necessidade a isso me obriga, mas não desejo ter de suportar a vossa companhia.

O padre soltou um tão profundo suspiro que quase provocou no rapaz um sentimento de piedade, e enterrou a cara nas mãos como um homem vergado ao peso das preocupações. Não voltou a juntar-se aos salmos, mas Dick ouviu-lhe correr as contas entre os dedos e as orações murmuradas entre dentes.

Um pouco depois, o cinzento da madrugada começou a penetrar através dos vitrais da igreja e a fazer esquecer o brilho das velas. Pouco a pouco, a luz alastrou e agora brilhava, através das clarabóias do lado de sudeste, num facho rosado de luz de sol que cintilava nas paredes. A tempestade passara, as grandes nuvens pareciam ter descarregado a sua neve e seguido mais longe. E o novo dia abria-se sobre uma alegre paisagem de Inverno coberta de branco. Os oficiantes apressaram-se. O esquife foi levado para a casa mortuária e as nódoas de sangue lavadas dos tijolos. para que um espetáculo de tão mau agouro não afetasse o casamento de Lord Shoreby. Ao mesmo tempo, os mesmos eclesiásticos, que tão tristemente haviam passado a noite, começaram a compor faces prazenteiras em honra da alegre cerimónia que devia seguir-se. E, anunciando mais ainda a chegada do dia, os devotos da cidade começaram a juntar-se, orando perante os seus altares favoritos, ou à espera da sua vez junto dos confessionários.

Favorecido por esta agitação, era naturalmente fácil para qualquer pessoa evitar a

vigilância das sentinelas de Sir Daniel, colocadas à porta. E nesse momento Dick, olhando prudentemente, viu nada mais nada menos do que Will Lawless, ainda com o seu hábito de frade.

O salteador, na mesma ocasião, chefe e, cautelosamente, fez-lhe com os olhos.

Dick estava longe de ter perdoado ao velho, o patife reconheceu o seu sinais com as mãos a sua inoportuna embriaguez. Mas não desejava envolvê-lo nas suas próprias dificuldades e, por isso, fez-lhe para trás sinais, tão claros quanto podia, para que ele se fosse embora.

Lawless, como se os tivesse entendido, desapareceu por trás de uma coluna. Dick respirou de novo.

Qual não foi, porém, o seu espanto ao sentir-se puxado pela manga e ao ver o velho ladrão instalado a seu lado, no lugar seguinte, e aparentemente mergulhado nas suas orações.

Imediatamente Sir Oliver se levantou do seu lugar e, passando por trás dos cadeirais, dirigiu-se para os soldados na nave. Embora as suspeitas do padre tivessem sido ligeiras, o mal já estava feito.

E Lawless estava também prisioneiro na igreja.

- Não te mexas - segredou Dick. - Estamos numa terrível situação, graças, antes de tudo, à tua estupidez de ontem à noite. Quando me viste aqui tão estranhamente sentado, aqui onde não tenho qualquer interesse ou razão para estar, porque diabo não te apercebeste do perigo e não te safaste dele?

- Não - retorquiu Lawless.- Julguei que tivésseis sabido qualquer coisa de Ellis e que estivesse aqui por sua ordem.

- Ellis! - repetiu Dick. - Ellis voltou então.

- É verdade - replicou o salteador. - Veio a noite passada, e açoitou-me fortemente por estar embriagado. Estais vingado, meu patrão. É uma fera o tal Ellis Duckworth! Veio, à carga, de Craven, para evitar este casamento. E, sabeis bem o seu costume, há-de evitá-lo!

- Então - retorquiu Dick, com serenidade -, tu e eu, meu pobre irmão, somos homens mortos; porque eu estou aqui como um prisioneiro suspeito e a minha cabeça responde pelo casamento que ele se propõe impedir. E é uma linda alternativa - pela Santa Cruz! - ou perder a minha amada ou perder a vida! Bem, a sorte está deitada : será a vida!

- Por Deus - exclamou Lawless, quase levantando-se. - Vou-me embora!

Mas Dick pusera-lhe a mão no ombro:

- Amigo Lawless, está quieto - disse ele. - Se tens olhos, repara naquele canto junto do arco da entrada. Não vês ali, com o movimento que fizeste levantando-te, que aqueles homens armados estão a postos para te não deixarem sair? Resigna-te, amigo. Foste valente no navio, quando pensaste que terias morte no mar. Sê valente agora de novo, agora que estamos para morrer na forca.

- Master Dick - murmurou Lawless -, a coisa revelou-se-me um pouco

inesperadamente. Mas dai-me um momento para retomar coragem e, por Deus!, serei tão corajoso como vós próprio.

- Ora cá está o meu valente! - replicou Dick. - E, contudo, Lawless, bem pouca vontade tenho de morrer; mas para quê lamentarmo-nos, se os lamentos nada evitam?

- Isso é verdade - concordou Lawless. - Que importa a morte?! É uma coisa que tem de vir cedo ou tarde, meu patrão. E ficar espetado por uma boa flecha é uma boa morte, dizem, apesar de nunca ninguém ter voltado para o declarar.

E dizendo isto o valente e velho patife encostou-se ao cadeiral, cruzou os braços e começou a olhar em volta com um grande ar de insolência e desrespeito.

- Quanto a isso - ajuntou Dick -, a nossa maior probabilidade será se estivermos quietos. Não sabemos as intenções de Duckworth, e, ainda que tudo esteja combinado e que aconteça o pior, devemos lavar daí as mãos.

Agora que haviam acabado de falar, aperceberam-se de um distante e débil som de música festiva que continuamente se foi tornando mais próximo, mais forte e mais alegre.

Os sinos da torre começaram a soar, num toque repicado, e uma multidão, cada vez mais numerosa, a encher a igreja, sacudindo a neve dos pés e batendo ou soprando as mãos. A porta ocidental estava completamente aberta, mostrando um retalho da soalheira, coberta de neve, e deixando entrar uma lufada do fino ar da manhã. Dentro de pouco tempo tornou-se evidente, sob todos os aspectos, que Lord Shoreby desejava casar-se muito cedo e que o cortejo nupcial se aproximava.

Alguns dos homens de Lord Shoreby abriam, agora, passagem na nave central, empurrando os espectadores com os cotos das suas lanças e, exatamente nesse momento, distinguiram-se na rua os músicos aproximando-se sobre a neve endurecida, os gaiteiros e trombeteiros, com as bochechas vermelhas do esforço do soprar, e os tambores e timbaleiros batendo à compita.

Estes, logo que chegaram à porta do edifício sagrado, alinharam-se, dos dois lados, marcando o compasso com a sua ruidosa música, e ficaram firmes na neve. Como, assim, abrissem fileiras, as primeiras pessoas do nobre cortejo nupcial apareceram, no meio deles. E era tal a variedade e brilho dos seus trajes, havia um tal espanto de sedas e veludos, peles e cetins, rendas e laços, que o cortejo parecia, sobre a neve, um caminho juncado de flores ou uma garrida janela, num muro branco.

Primeiro vinha a noiva, de triste aspecto, pálida como a cera, agarrando-se ao braço de Sir Daniel e acompanhada pela sua dama, a rapariga baixinha que se havia tornado amiga de Dick na noite anterior. Logo atrás, no mais flamante traje, seguia-a o noivo coxeando de reumático. E como passasse o limiar da igreja e tirasse o chapéu, pode ver-se-lhe a cabeça calva, vermelha pela comoção.

E chegou então o momento de Ellis Duckworth.

Dick, que estava sentado, atordoado por sentimentos contraditórios, arranhando o genuflexório na sua frente, observou um movimento na multidão; empurrando-se, recuando e olhos e braços levantados. Seguindo estes sinais, observou três ou quatro homens com

os arcos esticados e debruçados da galeria das clarabóias. No mesmo instante, deram uma descarga e, antes que os clamores e os gritos da surpreendida população pudessem ter sido ouvidos, haviam saltado do seu piso e desaparecido.

A nave estava cheia de cabeças que se agitavam e de vozes gritando. Os religiosos abandonavam em massa os seus lugares. A música cessara e, apesar dos sinos, no alto, terem continuado a tocar, durante alguns segundos, a notícia do desastre deveria mesmo ter chegado ao compartimento onde os sineiros se suspendiam das cordas, porque terminaram também a sua alegre ocupação.

Mesmo no meio da nave, o noivo jazia duro, atravessado por duas flechas negras. Sir Daniel, de pé, sobressaía da multidão, cheio de surpresa e de raiva, com uma seta vibrando no antebraço esquerdo e o rosto escorrendo sangue de uma outra que lhe aflorara a sobrancelha.

Muito antes de poder fazer-se qualquer busca, os autores desta trágica interrupção haviam-se lançado por uma escada de caracol, e fugido por uma porta secreta.

Mas Dick e Lawless permaneciam ainda como reféns. Na verdade haviam-se levantado, ao primeiro alarme, e tentado todos os esforços para alcançar a porta. Mas já pela estreiteza dos cadeirais, já pela acumulação dos padres aterrados e meninos de coro, o intuito fora vão e tiveram que resignar-se a continuar nos seus lugares. E agora, pálido de horror, Sir Oliver levantava-se e, chamando Sir Daniel, apontava, com uma das mãos, para Dick:

- Aqui - gritou ele - está Ricardo Shelton, em má hora culpado do assassinio! Prendei-o! Mandai-o prender! Pela vossa própria segurança, prendei-o e atai-o com firmeza! Ele jurou perder-nos!

Sir Daniel estava cego pela ira, cego pelo sangue quente que ainda lhe corria pelas faces.

- Onde está? - perguntou. - Pela Santa Cruz de Holywood, ainda amaldiçoará esta hora!

A multidão recuou e um grupo de arqueiros invadiu o coro, lançou duramente as mãos a Dick, arrastou-o de cabeça baixa para fora do cadeiral e, agarrado pelos ombros, empurrou-o pelos degraus do altar. Lawless, por seu lado, ficara sentado, quieto como um rato.

Sir Daniel, limpando o sangue dos olhos, olhava pestanejando para o seu prisioneiro.

- Sim - disse ele -, traidor e insolente, tenho-te seguro, e juro-te, por tudo, que por cada gota de sangue que corre agora nos meus olhos farei arrancar um gemido do teu corpo. Fora com ele! - acrescentou. - Não é aqui lugar para isso. Levem-no para minha casa. Hei-de cortar-te todas as articulações do corpo com torturas.

Mas Dick, afastando os seus captóres, ergueu a voz:

- Asilo! - gritou. - Asilo! Como assim, meus padres! Arrancam-me desta igreja!

- Da igreja que profanastes com um crime, rapaz - acrescentou um homem alto, magnificamente vestido.

- Com que prova? - gritou Dick. - Acusam-me, na verdade, de cumplicidade, mas não

provaram coisa nenhuma. É certo eu ser pretendente à mão desta donzela e (não serei atrevido dizendo-o) ela correspondia à minha corte com agrado. Mas, que tem isso? Amar uma mulher não é crime (penso), nem o é conquistar o seu amor. Em tudo o resto estou livre de culpa.

Houve um murmúrio de aprovação entre os espectadores tão honradamente Dick proclamara a sua inocência. Mas, Ao mesmo tempo uma multidão de acusadores ergueu-se do outro lado, gritando que ele havia sido encontrado, na noite anterior, em casa de Sir Daniel, com um disfarce sacrílego e, no meio da confusão, Sir Oliver indicou por palavras e gestos Lawless como cúmplice, que por sua vez foi arrastado do lugar e posto ao lado do seu chefe. Os sentimentos da multidão dividiram-se. E, enquanto alguns puxavam de um lado para o outro os prisioneiros para favorecer a sua fuga, outros amaldiçoavam-nos e agrediam-nos com os punhos.

Os ouvidos de Dick zumbiam e a cabeça andava-lhe à roda vertiginosamente como se lutasse com os redemoinhos de um rio. Mas um homem alto, que já respondera a Dick, com um prodigioso esforço da sua voz restabeleceu o silêncio e a ordem na multidão.

- Apalpem-nos a ver se têm armas. Assim, julgaremos das suas intenções.

Em Dick encontraram apenas o seu punhal e isto foi-lhe favorável, até que um homem, sem que ninguém lho houvesse ordenado, o desembainhou e o encontrou ainda sujo do sangue de Rutter.

Quando viram isto, houve um imenso clamor entre a gente de Sir Daniel, que o homem alto fez calar com um gesto e um olhar imperioso. Mas, quando chegou a vez de Lawless, foi-lhe achado, sob o hábito, um molho de flechas ,idênticas às que haviam sido disparadas.

- Que dizeis agora? - Perguntou a Dick o homem alto, de sobrecenho carregado.

- Senhor! - replicou Dick -, Estou aqui numa igreja. É ou não assim? Pois bem, senhor, vejo pelo vosso porte que tendes uma alta posição e no vosso aspecto leio os sinais da benevolência e da justiça.

A vós, pois, entrego-me prisioneiro, e faço-o com prazer, desprezando a vantagem que me dá este santo lugar. Mas prefiro-o a entregar-me nas mãos deste homem, que aqui acuso, alto e bom som, de ter sido o assassino de meu pai, e o injusto detentor das minhas terras e rendimentos. Se tiver de lhe ser entregue, antes vos peço, como grande favor, que por vossas próprias mãos me acabeis neste mesmo lugar.

Ouistes, com os vossos ouvidos, como, antes de a minha culpa ter sido provada, ele me ameaçou com torturas. Não fica bem à vossa dignidade entregar-me ao meu confesso inimigo e velho opressor, mas antes deveis julgar-me dentro da lei e, se for culpado, matar-me misericordiosamente.

- Mylord - gritou Sir Daniel -, não deis ouvidos a esse lobo! O seu punhal sujo de sangue desmente-o claramente!

- Não. Mas permiti que vos diga, bom cavaleiro - retorquiu o alto desconhecido: - a vossa própria veemência diz alguma coisa contra vós próprio.

Nesta ocasião, a noiva, que poucos minutos antes voltara a si, olhou esgazeada para esta cena, soltou-se dos que a agarravam e ajoelhou-se diante do último que falara.

- Senhor conde de Risingham - exclamou, ouvi-me por amor da justiça. Estou aqui guardada por este homem, á força, raptada á minha gente. Desde o dia em que isto aconteceu, nunca tive piedade, consideração ou conforto de ninguém - a não ser unicamente dele: Ricardo Shelton - a quem agora acusam e querem perder! Senhor, se ele ontem á noite esteve em casa de Sir Daniel, foi por minha causa. Veio a meu pedido e sem intenção de fazer qualquer mal. Enquanto Sir Daniel, foi bom tutor para ele, combateu por ele contra os da Flecha Negra, lealmente, mas, quando o seu odioso tutor procurou atentar contra a sua vida, e teve que fugir de noite, para se salvar, daquela casa sangrenta, para onde havia ele de ir? - ele que estava sem auxilio e sem dinheiro? Ora, se caiu entre más companhias, quem deverá ser acusado: o rapaz que foi tratado injustamente ou o tutor que abusou da sua missão?

Então, a rapariga baixa ajoelhou-se ao lado de Joana.

- E eu, meu bom senhor e tio - acrescentou - posso testemunhar, em minha consciência, e diante de todos, que o que ela disse é verdade. Fui eu, infelizmente, quem conduziu o rapaz.

O conde de Risingham ouvira em silêncio e, quando o ruído das vozes cessou, conservou-se ainda silencioso por momentos. Então deu a mão a Joana, para esta se levantar, ainda que pudesse ter sido visto que não procedera de igual modo com aquela que se havia intitulado sua sobrinha.

- Sir Daniel - disse ele - isto é um negócio complicado que vossa licença, tomarei a meu cargo, para examinar e resolver. Alegrai-vos, porém: o vosso assunto está em mãos cuidadosas, e justiça será feita. Entretanto, ide para casa imediatamente e tratai dos vossos ferimentos. O ar está frio e não deveis apanhar frio nas feridas.

Fez um sinal com a mão que foi transmitido, ao longe, por serviços atentos, que aguardavam o seu mais pequeno gesto. Imediatamente, fora da igreja, uma trombeta soou vibrantemente através da porta aberta. Arqueiros e homens de armas, fardados de igual com as cores de Lord Risingham, começaram a entrar em fila na igreja, tiraram Dick e Lawless aos que os seguravam e, unindo fileiras em torno dos presos marcharam de novo e desapareceram.

Quando passavam, Joana ergueu as mãos para Dick e disse-lhe adeus, e a dama de honor, em nada afetada pelo desagrado evidente de seu tio, atirou-lhe um beijo, dizendo:

- Coragem, caçador de leões, pela primeira vez, depois do crime, um sorriso aflorou os rostos da multidão.

CAPÍTULO V - O CONDE DE RISINGHAM

O conde de Risingham, apesar de ser, sem dúvida, a pessoa mais importante de Shoreby, estava pobremente alojado em casa de um particular nos subúrbios da cidade. Só os homens às portas e os mensageiros montados, que chegavam e partiam, assinalavam a residência temporária de um grande senhor.

Assim foi que, por falta de espaço, Dick e Lawless foram encerrados no mesmo quarto.

- Bem dito, Master Ricardo - disse o salteador. - Foi tudo muito bem dito e, pela minha parte, agradeço-vos do coração. Aqui estamos entregues, seremos justamente julgados e, esta tarde, a qualquer hora, decentemente enforcados na mesma árvore.

- Na verdade, meu pobre amigo, assim o creio - respondeu Dick.

- Temos ainda uma corda no nosso arco - replicou Lawless. - Ellis Duckworth é um homem, como há poucos, tem-vos verdadeira afeição, não só por vós, mas em memória de vosso pai e, sabendo-vos acusado deste crime, será capaz de revolver a terra e o céu para provar que estais inocente.

- Isso não pode ser - disse Dick. - Que pode ele fazer? Tem apenas um punhado de homens. Ai! se isto fosse amanhã e se pudesse ter tido um certo encontro, uma hora antes do meio-dia, tudo seria de outra maneira. Mas assim não poderemos esperar auxílio.

- Bem - concluiu Lawless -, se jurardes a minha inocência, eu jurarei a vossa, firmemente. De nada nos servirá, mas se for enforcado não será por falta de juramentos.

E nesse momento, quando Dick voltava a entregar-se às suas reflexões, o velho patife enrolou-se num canto, puxou o seu capuz de frade para a cara e preparou-se para dormir. Em breve ressonava profundamente, de tal forma a sua longa vida de dificuldades e aventuras lhe obliterava os sentimentos de apreensão. Era já tarde, estava caindo o dia, quando a porta se abriu e Dick foi conduzido ao andar superior, onde, num agasalhado gabinete, o conde de Risingham, sentado, meditava, junto do lume.

À entrada do seu prisioneiro levantou os olhos.

- Senhor - disse ele -, conheci vosso pai, que era um homem de honra, e isto dispõe-me a ser indulgente o mais possível. Mas não devo esconder-vos que acusações graves pesam sobre vós. Acompanhais com assassinos e ladrões. Com evidentes provas, haveis perturbado a paz deste reino. Sois - suspeito de ter tomado, como um pirata, posse de um navio. Fostes encontrado escondido, com um disfarce, em casa do vosso inimigo e, nessa mesma noite, um homem foi assassinado.

- Se permitis, Mylord - interrompeu Dick - confessarei de uma vez a minha culpa, tal como é.

Matei o tal Rutter e, para prová-lo - e procurou no seu peito -, aqui está uma carta achada na sua bolsa.

Lord Risingham abriu-a e leu-a duas vezes.

- Haveis lido isto? - perguntou.

- Li - respondeu Dick.

- Sois por Iorque ou por Lancaster? - perguntou o conde.

- Mylord, há pouco tempo me foi feita essa mesma pergunta e eu não sabia como responder-lhe - disse Dick -, mas, tendo já respondido de uma certa maneira, não mudarei de resposta. Mylord, sou por Iorque.

O Lord acenava com a cabeça, em sinal de aprovação.

- Respondestes honestamente - disse ele. - Mas por que razão me entregais esta carta?

- Não devem os traidores, Mylord, ser combatidos por ambas as facções?

- Penso que sim, meu rapaz - retorquiu o conde - e estou de acordo convosco. Estou percebendo que há em vós mais juventude do que manha, e, se não fosse Sir Daniel ser um poderoso partidário nosso, eu estaria quase tentado a tomar o vosso partido nessa questão. Informe-me e soube que havíeis sido rudemente tratado e tendes muita desculpa. Mas reparai, sou antes de tudo um comandante ao serviço dos interesses da Rainha, e ainda que julgue ser, por natureza, um homem justo e sempre inclinado aos excessos de clemência, tenho de orientar os meus atos pelo interesse do meu partido e, para conservar Sir Daniel, irei até onde for preciso.

- Mylord - retorquiu -, deveis julgar-me atrevido por me permitir dar-vos conselhos: mas contaís com a fidelidade de Sir Daniel? Parece-me que ele tem já mudado de partido vezes sem conto.

- Não, isto é assim em Inglaterra. Que quereis? - perguntou o conde. - Mas sois injusto para o cavaleiro de Tunstall, porque, tanto quanto é possível a fidelidade nesta infiel geração, ele afinal tem sido honradamente sincero para o partido de Lancaster. Mesmo durante os nossos últimos reveses, manteve-se firmemente.

- Se vos dignardes agora - disse Dick - lançar os olhos sobre esta carta, pode ser que mudeis um pouco de opinião a seu respeito.

E estendeu ao conde a carta de Sir Daniel para Lord Wensleydale.

O efeito sobre a expressão do conde foi instantâneo; baixou-se como um leão irado, e a sua mão, com um movimento súbito, contraiu-se sobre o punhal.

- Haveis lido isto? - Perguntou.

- Li também - disse Dick. - Oferece os próprios domínios de Vossa Senhoria a Lord Wensleydale.

- E o meu próprio domínio, como dizeis! - retorquiu o conde. - Sou vosso devedor por esta carta.

Haveis-me mostrado onde está o covil da raposa.

Mandai Master Shelton; não serei mesquinho na gratidão e, para começar, quer sejais por Iorque ou por Lancaster, homem honesto ou ladrão, dou-vos, desde já a liberdade. Ide em nome da Virgem! Mas é razoável que eu mantenha preso e enforque o vosso companheiro Lawless. o crime foi cometido publicamente e é necessário que se lhe siga um castigo público.

- Mylord, o primeiro pedido que vos faço é que o poupeis também - suplicou Dick.

- É um velho criminoso condenado, ladrão e vagabundo, Master Shelton - disse o conde.

- Há vinte anos, já, deveria ter sido executado. E por uma coisa ou por outra, hoje ou amanhã, não terá por onde escolher!

- Contudo, Mylord, foi por me ser dedicado que ele veio aqui - respondeu Dick -, e seria vil e ingrato da minha parte abandoná-lo.

- Master Shelton, - Certamente sois escrupuloso - replicou o conde severamente. - Isso é mau caminho para triunfar neste mundo. Contudo, para livrar-me de vós, hei-de fazer-vos, mais uma vez, a vontade. Parti os dois, mas parti com prudência. Abandonai rapidamente a cidade de Shoreby. Porque esse Sir Daniel (que os santos confundam!) está avidamente sequioso do vosso sangue.

- Mylord, ofereço-vos em palavras a minha gratidão, esperando poder, em breve, demonstrar-vos-la em serviços - replicou Dick. E saiu do aposento.

CAPÍTULO VI - DE NOVO ARBLASTER

QUANDO foi permitido a Dick e a Lawless saírem furtivamente, por uma porta das traseiras, da casa onde Lord Risingham tinha os seus arraiais, entardecia.

Pararam ao abrigo da parede do jardim para trocar impressões sobre o melhor caminho. O perigo era grande. Se alguns dos homens de Sir Daniel os vissem e dessem alarme, seriam abatidos e esquartejados instantaneamente. E não somente a cidade de Shoreby era uma rede de perigos para as suas vidas; porque, se sáíssem para o campo, arriscavam-se a cair nas mãos das patrulhas.

Um pouco adiante, em terreno descoberto, viram um moinho de vento e, perto deste, um grande celeiro com as portas abertas.

- Que dirias se ficássemos aqui até cair a noite? - propôs Dick não tendo Lawless nada a opor, deram uma corrida em direção ao celeiro e esconderam-se atrás da porta, no meio de alguma palha. A luz do dia desapareceu rapidamente; e agora a lua prateava a neve endurecida. Ou agora ou nunca teriam oportunidade de atingir a taberna da "Cabra e Gaita de Foles", sem serem observados, e despir ali os conhecidos disfarces. Mesmo assim, era prudente ir pelos subúrbios e não arriscar-se pela praça do mercado onde, no meio da multidão, corriam o perigo iminente de serem reconhecidos e assassinados.

Esta volta era longa. Levava-os, não longe da casa, junto da praia, agora escura e silenciosa, e a seguir pela margem do porto.

Muitos dos navios, como podiam ver ao claro luar, tinham levantado ferro, e, aproveitando a calmaria do céu, haviam partido para mais longe. Por isso as toscas tabernas, ao longo da praia, ainda que, desafiando a lei de recolher, estivessem iluminadas, já não estavam apinhadas de freguesia, nem ressoavam já com os coros das canções marítimas.

Apressadamente, quase correndo, com os hábitos de frade arregaçados até ao joelho, lançaram-se através da espessa camada de neve, e esforçaram-se através do labirinto dos silvados. E já haviam feito mais de metade do caminho à volta do porto, quando, no momento em que passavam em frente de uma taberna, a porta se abriu subitamente, lançando um jato de luz sobre os seus vultos fúgitivos.

Pararam imediatamente e tomaram a atitude de estarem entretidos numa interessante conversa.

Atrás uns dos outros, três homens haviam saído da taberna e o último fechara a porta atrás de si. Todos três estavam pouco firmes nas pernas, como se tivessem passado o dia em abundantes libações, e agora oscilavam ao luar, como homens que não soubessem onde ir depois.

O mais alto dos três falava alto, num tom lamurioso:

- Sete barris de velho "Gasconha", do melhor que já se embarrilou - dizia ele -, o melhor barco que saiu do porto de Dartmouth, uma imagem da Virgem dourada, e treze libras em boas moedas de ouro...

- Também tive prejuízos - interrompeu um dos outros. - Também perdi bens, compadre

Arblaster. Roubaram-me, pelo São Martinho, cinco xelins e uma bolsa de couro que valia bem uma moeda.

O coração de Dick bateu ao ouvir isto. Até àquele momento, não pensara talvez duas vezes no pobre comandante que ficara arruinado com a perda do "Boa Esperança", tão descuidosos eram, naqueles tempos, os homens que usavam armas, dos bens e interesses dos seus inferiores. Mas este súbito encontro recordou-lhe vivamente a violência e mau fim da sua empresa, e ambos, ele e Lawless, voltaram as cabeças para o lado contrário para evitar serem reconhecidos.

O cão do navio tinha, contudo, conseguido escapar-se do naufrágio e encontrara o caminho para voltar a Shoreby. Agora, ia atrás de Arblaster e, subitamente, farejando e arrebitando as orelhas, saltou e começou a ladrar furiosamente aos dois frades.

O dono, oscilante, seguiu-o.

- Olá, camaradas! - gritou. - Tendes um cobre para um pobre e velho marítimo completamente arruinado pelos piratas? Sou um homem que vos teria podido pagar qualquer coisa na quinta-feira de manhã e que tem agora, desde, sábado á noite, de pedir para um copo de cerveja. Perguntai ao meu marinheiro Tom, se duvidais de mim. Sete barris de bom vinho da Gasconha, um barco, que era minha propriedade e que fora de meu pai, antes de mim, uma imagem da Virgem, em talha dourada, e treze libras em ouro e prata. Olá! Então que direis! Um homem que combateu também os franceses, sim!, porque eu combati os franceses! Eu decapitei mais franceses no mar do que qualquer outro marítimo de Dartmouth. Vamos, dai-me uma esmola.

Nem Dick nem Lawless ousavam pronunciar palavra, receando que ele lhes conhecesse as vozes, e continuavam de pé, desamparados como um barco em seco, e sem saber para onde voltar-se, nem por que esperar.

- És mudo, rapaz? - perguntou o mestre. Companheiros - acrescentou, com um soluço -, são mudos. Mas não me agrada esta má-criação. Porque, mesmo que um homem seja mudo, se for bem-criado, poderá corresponder quando se fala, parece-me.

Nesta altura o marujo Tom, que era um homem de grande força física, devia ter suspeitado destes dois vultos silenciosos, e, estando menos embriagado do que o seu comandante, avançou subitamente, agarrou rudemente Lawless pelo ombro, e perguntou-lhe, com uma praga, o que o obrigava a calar-se. A isto respondeu o salteador, pensando que tudo estava perdido, com um golpe de luta que estendeu o marinheiro na areia e, chamando por Dick para que este o seguisse, fugiu por entre os destroços.

Tudo se passou num segundo. Antes que Dick pudesse ter dado um passo, Arblaster apertou-o nos braços, e Tom, arrastando-se de bruços, agarrava-o por um dos pés. O terceiro homem puxava de um cutelo e brandia-lho sobre a cabeça.

Não era tanto o perigo, nem o aborrecimento, que faziam agora sucumbir o jovem Shelton. Era a profunda humilhação de haver escapado de Sir Daniel, de haver convencido Lord Risingham, para cair, sem auxilio, nas mãos de um marujo bêbedo; e não somente sem auxilio, mas, como a sua consciência o acusava, embora um pouco tarde, na verdade culpado: culpado da ruína do homem a quem roubara e perdera o navio.

- Traz-mo para dentro da taberna. Quero ver-lhe a cara - disse Arblaster.

- Não, não - replicou Tom. - Primeiro, aliviemos-lhe a bolsa, não vão os outros reclamar também a sua parte.

Apesar de o terem apalpada dos pés á cabeça, não lhe encontraram uma única moeda; nada, a não ser o sinete de Lord Foxham, que barbaramente lhe arrancaram do dedo.

- Vira-mo para a lua - disse o mestre. E agarrando Dick pelo queixo, levantou-lhe brutalmente a cabeça:

- Virgem Santa! - exclamou. - Cá está o pirata!

- O quê! - exclamou Tom.

- Pela Virgem de Bordéus, é ele mesmo! - repetiu Arblaster. - Ah! pirata! Tenho-te nas mãos! - gritou. - Onde está o meu barco? Onde está o meu vinho? Olá, tenho-te nas mãos! Tom, dá-me dai uma ponta de corda, vou atar este pirata de pés e mãos, como um peru. Ato-o e depois desfaço-o com pancada!

E assim avançou, enrolando, ao mesmo tempo, a corda aos membros de Dick com aquela peculiar destreza dos marítimos, e a cada volta ou cruzamento, segurando-a, com um nó, e apertando tudo, com um violento esticção.

Quando acabou, o rapaz parecia um embrulho, nas suas mãos, inofensivo como um morto. O mestre conservou-o à distância de um braço estendido e deu uma gargalhada. Então, numa estrondosa bofetada, apanhou-lhe a orelha. E, depois, voltando-o, deu-lhe furiosos pontapés, uns sobre outros.

A raiva ergueu-se no peito de Dick, como uma tempestade, estrangulando-o. Desejou morrer. Mas quando o marinheiro, cansado da sua brutal tarefa, o estendeu ao comprido na areia e se voltou para trocar impressões com os seus companheiros, dominou-se instantaneamente. Houve uma trégua momentânea. Até que, de novo, voltassem a torturá-lo, poderia achar maneira de escapar a esta vexatória e mortal desventura.

Agora, já mais seguro, e enquanto os seus captores estavam ainda discutindo o destino a dar-lhe, fez boa cara e, em voz bastante tranquila, dirigiu-se-lhes:

- Meus patrões - começou -, estais completamente doidos? O céu pôs, agora, nas vossas mãos uma ocasião de enriquecer como nunca teve outra um marinheiro: - uma ocasião tal que, podereis ter todas as aventuras que quiserdes!, nunca tornareis a encontrar outra. E, por Deus, que fazeis? Bater-me! Isso faria qualquer criança zangada! Mas para velhos homens do alcatrão, que não temem nem o fogo nem a água e que amam o ouro como a comida, parece-me que não sois bem avisados.

- Sim - disse Tom -, agora que estás amarrado, queres ver se nos intrujas.

- Intrujar-vos! - repetiu Dick. - Não. Se fôsseis parvos, talvez fosse fácil. Mas sendo espertos, como sois, podeis ver claramente aquilo que mais vos interessa. Quando vos apanhei o barco, éramos muitos, estávamos bem equipados e armados. Mas já pensastes um pouco sobre quem teria reunido essa força? Sem dúvida, só alguém que tivesse muito dinheiro. E se esse alguém, sendo já tão rico, continuava a buscar mais fortuna, mesmo fazendo frente aos temporais - pensai mais uma vez! Não haverá um tesouro escondido

em qualquer parte?

- Que quer ele dizer? - perguntou um dos homens.

- Se perdestes um velho bote e alguns barris de vinho azedo - continuou Dick -, esquecei-os, porque não valem nada, e juntai-vos, antes, a uma aventura que possa, em algumas horas, fazer-vos prosperar ou perder-vos para sempre. Mas tirai-me de onde estou e vamos para qualquer sítio falar disto, em frente de um copo, porque estou magoado e gelado e tenho a boca quase metida na neve.

- Quer intrujar-nos - disse Tom, violentamente.

- Enganar! Enganar! - disse o terceiro homem. - Ainda gostava de conhecer o homem que fosse capaz de me enganar! Precisava de ser realmente um grande intrujão! Não, eu cá não nasci ontem. Tenho os olhos bem abertos e, pela minha parte, compadre Arblaster, parece-me que este rapaz tem juízo. Vamos, realmente, ouvi-lo! Que dizes, vamos ouvi-lo?

- Eu olharia alegremente para uma caneca de boa cerveja, caro mestre Pirret - retorquiu Arblaster. - Que dizes, Tom? Mas a bolsa está vazia...

- Pagarei - disse o outro -, pagarei eu. Estou morto por ver este assunto esclarecido, em minha consciência, creio que nisto deve andar dinheiro.

- Não, se vamos beber outra vez, está tudo perdido! - exclamou Tom.

- Compadre Arblaster, permites muita liberdade ao teu subordinado - retorquiu o patrão Pirret. - Deixas-te levar por um assalariado? Oh! Oh!

- Cala-te, homem! - disse Arblaster, dirigindo-se a Tom. - Queres meter a viola no saco? Realmente é bonito a tripulação a querer mandar no comandante!

- Bom, então ide! Eu cá lavo daí as minhas mãos!

- Põe-mo de pé - disse Pirret. - Conheço um bom lugar para bebermos e conversarmos.

- Se tenho de andar, meus amigos, tendes de libertar-me os pés - disse Dick, quando o puseram de pé, direto como um pau.

- É verdade - disse Pirret. - Realmente não pode andar, atacado como está. Dá-lhe um golpe nas cordas, tira a navalha e dá-lhe um golpe, compadre.

Mesmo Arblaster hesitou perante esta proposta, mas, como o seu companheiro continuasse a insistir, e Dick tivesse tido o bom-senso de conservar uma indiferença de expressão inalterável e apenas encolhesse os ombros em face da demora, o mestre consentiu, por fim, e cortou as cordas que atavam os pés e as pernas do seu prisioneiro. Isto não só habilitou Dick a caminhar, mas, como toda aquela rede foi proporcionalmente alargada nas voltas, sentiu que o seu braço atrás das costas começava a mover-se mais livremente e podia esperar, com tempo e trabalho, livrar-se completamente dela. Isto já ele devia à estúpida avidez de mestre Pirret.

Este assumira, agora, a dignidade do comando e conduziu-os para a mesma taberna ordinária onde Lawless levava Arblaster no dia do temporal. Estava agora quase deserta. O fogo era um monte de cinzas vermelhas irradiando calor, e, logo que escolheram os lugares e o patrão lhes colocou na frente a caneca de cerveja com especiarias, tanto Pirret

como Arblaster estenderam as pernas e deram-se os braços como homens ligados por um momento de prazer.

A mesa a que estavam sentados, como todas as outras da taberna, era formada de uma pesada tábua quadrada, posta sobre dois barris, e cada um destes companheiros, estranhamente juntos, se sentou em cada um dos lados do quadrado: Pirret em frente de Arblaster e Dick em frente do simples marujo.

- E agora, jovem - disse Pirret -, vamos à tua história. Contudo, parece-me que abusaste um pouco do nosso compadre Arblaster, mas então? Ajuda-o agora - mostra-lhe essa maneira de enriquecer, que eu lhe pedirei e ele desculpar-te-á.

Dick tinha falado bem, mas ao acaso, e, agora, era necessário, sob a vigilância de seis olhos, inventar e contar qualquer história maravilhosa e, se fosse possível, reaver o sinete, de toda a importância para ele. Levar tempo era da maior necessidade, porque, quanto mais durasse a sua estadia ali, mais os seus captores beberiam e mais seguro estaria no momento em que tentasse a fuga.

Dick não era um imaginativo. O que ele contou era quase a história de Ali-Babá, com Shoreby e a floresta de Tunstall substituindo o Oriente, os tesouros da caverna antes exagerados do que diminuídos. Como o leitor sabe, é uma excelente história e tem, apenas, um inconveniente: não ser verdadeira.

Mas como estes três marítimos a ouviam, agora, pela primeira vez, estavam de olhos esgazeados e boca aberta, como peixes numa canastra de peixeiro.

Depressa pediram uma segunda medida de cerveja com especiarias e, enquanto Dick, astuciosa mente, tecia os pormenores, seguiu-se-lhe uma terceira.

Era esta a situação do grupo quando ele estava a acabar: Arblaster, quase bêbedo e meio adormecido, pendia, inerte, no seu escabelo. O próprio Tom se interessara muito pela história e a sua vigilância diminuía proporcionalmente. Entretanto, Dick fizera deslizar o seu braço direito, libertara-o das cordas e estava pronto a arriscar o todo pelo todo?

- E assim - disse Pirret -, tu és um desses?

- Fui - replicou Dick -, contra minha vontade. Mas se, agora, pudesse apanhar um saco ou dois de moedas, à minha parte, seria um louco se continuasse a viver numa toca imunda e a levar tiros e pancada como um soldado. Estamos aqui os quatro. Pois bem! Vamos todos para a floresta amanhã, logo que rompa o Sol. Se pudéssemos honestamente conseguir um burro, seria melhor, mas, se não pudermos, temos as nossas belas costas e eu garanto-vos que viremos para casa vergando.

Pirret lambeu os beiços:

- E a palavra mágica? - disse ele -, essa senha com que se abre a caverna, como lhe chamas tu, amigo?

- Não. Ninguém conhece essa palavra a não ser os três chefes - retorquiu Dick -, mas aqui é que está a nossa boa sorte. Hoje mesmo, à noite, serei o portador de um sortilégio para abri-la. É uma coisa que não sai, sequer, duas vezes por ano da bolsa do capitão.

- Um sortilégio! - disse Arblaster, acordando e espreitando Dick com um só olho. -

Arrengo-te! Nada de encantos! Eu sou bom cristão. Pergunte, também, ao meu marinheiro Tom.

- Não faz mal. Isto é magia branca - disse Dick. - Não tem nada que ver com o diabo. É só o poder dos números, ervas e plantas.

- Sim, sim - disse Pirret -, é só magia branca, compadre, não há pecado nenhum nisso asseguro-te. Mas continua, bom rapaz. Esse encantamento em que consiste?

- É simples e posso mostrar-to imediatamente - respondeu Dick. - Tens ai o anel que me tiraste do dedo? Bom! Agora segura-o o mais longe de ti que puderes pela ponta dos dedos. Estende os braços a todo o comprimento e contra a luz destas cinzas. Assim, exatamente. Assim é que é o encantamento.

Com um rápido olhar, Dick viu se o espaço entre ele e a porta estava desimpedido. Fez intimamente uma oração. Depois, libertando o braço, deu apenas um esticão ao anel e, no mesmo instante, erguendo a mesa, virou-a, em peso, sobre o marujo Tom. Este pobre diabo caiu debatendo-se sob os destroços, e, antes que Arblaster tivesse compreendido que havia qualquer coisa de anormal e Pirret pudesse esclarecer a sua inteligência nublada, correr para a porta e escapara-se na noite de luar.

A Lua, agora no zénite, e a extrema brancura da neve, tornavam o campo aberto, junto da porta, tão claro como de dia, e o jovem Shelton, saltando, de vestes arregaçadas, por meio do entulho, era uma imagem visível de longe.

Tom e Pirret seguiam-no, gritando. De cada taberna acorriam outros, alarmados pelos seus gritos. E agora uma multidão de marítimos corria em sua perseguição. Mas o marujo, em terra, é mau corredor. Já assim era no século XV, e, além disso, Dick tinha um avanço que rapidamente aproveitou até ao ponto de, ao chegar à entrada de uma estreita via, parar, olhando risonhamente para trás.

Sobre o terreno branco de neve, todos os marítimos de Shoreby corriam amontoados numa mancha negra e, à retaguarda, arrastavam-se alguns isolados. Todos gritavam e guinchavam. Todos gesticulavam de braços erguidos. Alguns caíam constantemente e, para completar o quadro, quando um caía, caía uma dúzia sobre ele.

A confusa vozaria que elevavam na noite de luar era em parte cómica e em parte aterrorizadora para o fugitivo que perseguiam. Em si mesmo, era inofensiva, porque ele sabia não haver nenhum marítimo no porto capaz de agarrá-lo. Mas o próprio barulho poderia acordar os adormecidos habitantes de Shoreby e, trazendo para a rua as sentinelas escondidas, ameaçá-lo, realmente, com um perigo pela frente. Assim, tendo visto um escuro vão da porta, a um canto, deslizou para lá rapidamente, e deixou passar a estranha matilha perto dele, ainda berrando e gesticulando, com os homens todos afogueados pela pressa e brancos dos trambolhões dados na neve.

Decorreu, na verdade, um grande espaço de tempo, antes que esta invasão da cidade pela gente do porto tivesse acabado. E demorou muito a restabelecer o silêncio. Durante muito tempo ouvia-se ainda marinheiros isolados batendo e gritando através das ruas em todos os bairros da cidade. Seguiram-se disputas, umas vezes entre eles próprios, outras vezes com os homens das patrulhas; houve navalhas puxadas, golpes trocados e mais de

um cadáver ficou para trás, sobre a neve.

Quando, uma hora mais tarde, o último marítimo voltou balançando-se para o lado do porto e para a sua taberna habitual, poder-se-ia perguntar-lhe, à vontade, se ele alguma vez tinha sabido que espécie de homem perseguia, porque era certo ter esquecido tudo.

Na manhã seguinte corriam muitas e estranhas histórias. E, um pouco depois, a lenda de uma visita noturna do diabo era um artigo de fé para todos os garotos de Shoreby. Mas nem mesmo a volta do último marítimo libertou o moço Shelton do seu frio esconderijo no portal.

Algum tempo depois houve uma grande atividade das patrulhas. forças especiais vieram fazer a ronda dos locais para informar um ou outro dos grandes senhores cujos sonos tinham sido, assim, tão extraordinariamente interrompidos.

A noite ia já alta quando Dick se aventurou a sair do seu esconderijo e chegou são e salvo, mas dorido do frio e das contusões, à porta da "Cabra e Gaita de Foles". Como mandava a lei, não havia na casa lume nem luz, mas bateu o seu caminho para um canto do dormitório, encontrou uma ponta de manta, que lançou sobre os ombros, e, chegando-se ao companheiro mais próximo, rapidamente adormeceu.

LIVRO V - CROOKBACK

CAPÍTULO I - A TROMBETA VIBRANTE

MUITO cedo, na manhã seguinte, antes do primeiro alvorecer do dia, Dick levantou-se, mudou de roupas, armou-se, de novo, como um cavaleiro fidalgo e partiu para a caverna de Lawless, na floresta. Ali, como o leitor se lembrará, deixara ele os documentos de Lord Foxham; e ir buscá-los e voltar a tempo do encontro com o jovem duque de Gloucester, só podia conseguir-se partindo cedo e caminhando velozmente.

O frio era mais rigoroso do que nunca. O ar seco e sem vento picava no nariz. A Lua desaparecia mas as estrelas eram ainda brilhantes e numerosas e o reflexo da neve claro e alegre. Não havia necessidade de lanterna para caminhar, nem, naquela tranquila mas vibrante atmosfera, qualquer tentação para demoras.

Dick havia atravessado a maior parte do terreno descoberto, entre Shoreby e a floresta, e atingira o sopé do pequeno monte, a cerca de cem jardas abaixo da cruz de St. Bride, quando, na solidão da negra madrugada, souo a nota de uma trombeta, tão aguda, clara e penetrante que lhe pareceu nunca ter ouvido um som assim. Souo, de novo e rapidamente, uma segunda vez e sucedeu-lhe o som do aço, cruzando-se.

Neste momento, o jovem Shelton escutou atentamente e, desembainhando a espada, correu subindo o monte.

Agora, chegando á vista da cruz, pôde ver um combate feroz que se desenrolava na estrada á sua frente. Eram sete ou oito os assaltantes, apenas um homem se lhes opunha, mas em ataque rápido e dextro, carregava sobre os seus inimigos e desbaratava-os de tal sorte, conservando-se firmemente especado na neve, que, já antes de Dick poder intervir, havia morto um, ferido outro e mantinha os restantes a distância.

Contudo, só por milagre continuava a defender-se. E, de um momento para outro, por qualquer acidente, por qualquer passo em falso ou erro da sua mão teria a vida perdida.

- Aguentai-vos, senhor! Aqui vem auxílio! - gritou Ricardo. E esquecendo que estava só e que o grito era inconveniente: - Pela Flecha! Pela Flecha! - gritou, enquanto caía sobre a retaguarda dos assaltantes.

Estes eram também homens corajosos, porque não cederam um palmo perante esta surpresa, mas voltaram-se, fazendo-lhe frente, e caíram, com espantosa fúria, sobre Dick. Quatro contra um, o aço cintilava em volta dele, à luz das estrelas, soltando brilhantes centelhas. Um dos seus inimigos caiu, sem que, na agitação do combate, soubesse bem como. Depois ele próprio foi atingido na cabeça e, apesar do elmo de aço, sob o barrete, o proteger, a pancada deitou-o abaixo, forçando-o a cair sobre um dos joelhos, sentindo a cabeça rodar como uma vela de moinho.

Entretanto, o homem em cujo auxílio viera, em vez de se lhe juntar na refrega, tinha montado a cavalo, ao primeiro sinal de intervenção, e tocava de novo, e ainda mais urgente e fortemente, a mesma trombeta de som vibrante e fino que já dera o alarme. Momentos depois, na verdade, os inimigos caíam-lhe em cima e, uma vez mais, ele carregava e fugia saltando, acutilando, ajoelhando-se e usando indiferentemente a espada e o punhal, pés e mãos com a mesma indômita coragem e febril energia e rapidez.

Mas os penetrantes chamamentos haviam sido ouvidos, finalmente. Houve um surdo tumulto na neve, e, em boa hora para Dick, que via já o brilho das pontas das espadas próximo da garganta, rebentou da floresta, de todos os lados, uma torrente desordenada de cavaleiros, armados, todos de armadura, viseira caída e lança em riste ou espada erguida, e trazendo todos, por assim dizer, um pajem passageiro sob a forma de um besteiro que, uns após outros, saltavam dos cavalos e, rapidamente, duplicavam a força.

Os primeiros assaltantes, vendo-se excedidos em número e cercados, lançaram ao chão as armas sem uma palavra.

- Agarreem-me essa gente - disse o herói da trombeta. E, logo que a sua ordem foi cumprida, aproximou-se de Dick e olhou-o de frente.

Dick, correspondendo a esse olhar perscrutador, ficou surpreendido ao ver que aquele que demonstrara uma tal força, habilidade e energia, era um rapaz da sua idade, levemente aleijado, com um ombro mais alto que o outro, e de pálido, doentio e deformado aspecto. Os olhos, contudo, eram muito lúcidos e ousados.

- Senhor - disse o rapaz -, chegastes em boa hora para mim e fostes o primeiro a auxiliar-me.

- Mylord - replicou Dick, com a ligeira percepção de que estava em presença de uma alta personagem -, sois um tão maravilhoso esgrimista que, decerto, sozinho os teríeis derrotado. Contudo, foi certamente bom para mim que os vossos homens se não tivessem demorado mais um pouco.

- Como sabéis quem eu era? - perguntou o desconhecido.

- Mesmo agora, Mylord, ignoro com quem estou falando.

- Na verdade? - perguntou o outro. - E contudo, lançaste-vos ousadamente neste combate desigual.

- Vi um homem só, combatendo valentemente contra muitos - replicou Dick -, e julgaria desonrado se não o auxiliasse. Um estranho sorriso escarninho aflorou à boca do jovem fidalgo enquanto respondia:

- Isso são belas palavras. Mas o essencial é isto: sois por Lancaster ou por Iorque?

- Mylord, não faço segredo, sou abertamente por Iorque - respondeu Dick.

- Por Deus! - replicou o outro. - Ainda bem para vós!

E, dizendo isto, voltou-se para um dos do seu séquito:

- Vejamos - disse no mesmo tom escarninho e cruel -, vejamos um fim asseado para esses bravos fidalgos. Pendurai-os.

Havia apenas cinco sobreviventes da força atacante. Os besteiros agarraram-nos pelos braços, levaram-nos apressadamente para as orlas da floresta e cada um deles foi colocado debaixo de uma árvore de dimensões apropriadas, e a corda foi ajustada.

Um arqueiro, levando a extremidade da corda, trepou rapidamente para a árvore e, antes de minuto, e sem uma palavra, os cinco homens estavam balançando dependurados pelo pescoço.

- E agora - gritou o comandante aleijado -, de novo para os vossos postos e quando voltar a chamar-vos sede mais prontos a atender.

- Senhor Duque - disse um homem -, suplico-vos que não fiquéis aqui sozinho. Conservai algumas lanças ao vosso alcance.

- Amigo - respondeu o duque -, abster-me de vos censurar pela vossa lentidão. Portanto, não me contrarieis. Confio nas minhas mãos e armas, apesar de ser corcunda. Estáveis muito atrasado quando a trombeta soou e avançais, agora, de mais, com os vossos conselhos. Mas é sempre assim: o último a combater é sempre o primeiro a falar. É preciso o contrário.

E com um gesto, que não era destituído de uma espécie de nobreza perigosa, despediu-o.

Os peões treparam de novo para os seus lugares, à garupa dos cavaleiros, e toda a força se pôs em movimento e desapareceu em vinte diferentes direções a coberto do bosque.

Nesta ocasião, o dia começava a romper e as estrelas esmoreciam. O primeiro raio cinzento da alvorada brilhou sobre as feições dos dois jovens que, mais uma vez, voltando-se, se encararam.

- Aqui - disse o duque -, haveis visto a minha vingança, que é como a minha espada cortante e rápida. Mas não desejaria que, por Cristo, me julgásseis ingrato. Vós, que viestes em meu auxílio com uma boa espada e melhor coragem, vinde a meus braços. A não ser que recueis perante a minha deformidade.

E dizendo isto o jovem chefe estendeu os braços para abraçá-lo.

No íntimo do seu coração, Dick nutria já um grande terror e alguma repulsa pelo homem que salvara. Mas o convite fora formulado de tal maneira que teria sido não somente descortês, mas cruel, recusá-lo ou hesitar. E, assim, apressou-se a aceder.

- E, agora, Senhor Duque - disse ele, quando se libertou -, suponho, com razão, que sois o Senhor Duque de Gloucester?!

- Sim, Ricardo de Gloucester - replicou o outro.

- E vós, como vos chamais?

Dick disse o seu nome e apresentou o sinete de Lord Foxham que o duque reconheceu imediatamente.

- Haveis chegado cedo de mais - disse ele. - Mas como posso censurar-vos? Sois como eu, que já aqui estava, à espera, duas horas antes de o dia romper. Mas é a primeira sortida das minhas hostes. Desta aventura depende, Master Shelton, a exaltação ou a mácula da minha fama. Ali estão os meus inimigos sob o comando de dois velhos e hábeis capitães: Rishingam e Brackley, bem postados em força, quero crê-lo, mas, contudo, com a retirada cortada por dois lados, fechados entre o mar, o porto e o rio. Parece-me, Shelton, que pode dar-se ali um bom golpe, e que nós poderemos dá-lo silenciosa e subitamente.

- Na verdade, também penso isso - disse Dick calorosamente.

- Tendes os apontamentos de Lord Foxham? - Perguntou o duque.

Então, Dick, tendo explicado porque estava naquele momento sem eles, ofereceu-se para dar todas as informações possíveis, do seu próprio conhecimento.

- No vosso lugar, Senhor Duque - acrescentou - se tivesse homens bastantes, atacaria imediatamente. Porque, reparai, ao romper d'alva, as guardas da noite são retiradas. E de dia não têm nem guardas; apenas rondam os subúrbios com homens a cavalo. Agora, portanto, quando a guarda da noite já está desarmada, e os restantes estão no mata-bicho, agora é que é ocasião de destruçá-los.

- Quantos serão eles? - perguntou o duque de Gloucester.

- Devem ser dois mil - respondeu Dick.

- Tenho setecentos, na floresta por detrás de nós - disse o duque. - Setecentos vêm de Kettley e em breve estarão aqui. Além destes, há mais quatrocentos e Lord Foxham tem quinhentos a meio dia de marcha daqui, em Holywood. Deveremos esperar a sua chegada, ou atacar já?

- Mylord - disse Dick -, quando mandastes enforcar aqueles cinco pobres diabos haveis decidido a questão. Apesar de serem plebeus, nestes agitados tempos, devem dar pela falta deles e procurá-los. E o alarme será dado. Portanto, Mylord, se quereis contar com a vantagem da surpresa, não tendes, em minha fraca opinião, mais de uma hora na vossa frente.

- Na verdade, também penso assim - replicou Crookback.

- Bem, antes de uma hora, cair-lhes-emos em cima, ganhando as esporas de cavaleiros. Um homem rápido para Holywood levando o sinete de Lord Foxham, outro pela estrada fora para fazer despachar os meus retardatários. Pela cruz, Shelton faremos isso!

Então, mais uma vez, levou a trombeta aos lá bios e tocou.

Desta vez não esperou muito tempo. Num momento a clareira, em volta da cruz, encheu-se de cavaleiros e peões.

Ricardo de Gloucester colocou-se nos degraus, e enviou um mensageiro após outros para abreviar a concentração dos setecentos homens escondidos na imediata vizinhança, no meio da floresta; e, antes de decorrido um quarto de hora, tendo tomado todas as disposições, comandando-os, começou a descer o monte em direção a Shoreby.

O seu plano era simples. Tinha por fim apoderar-se de um bairro da cidade de Shoreby que ficava à direita da estrada e consolidar aí a sua posição nas estreitas vielas até que chegassem reforços.

Se Lord Risingham preferisse retirar, Ricardo cairia sobre a sua retaguarda e apanhá-lo-ia entre dois fogos. Se preferisse defender a cidade ficaria numa ratoeira e seria gradualmente sufocado pela superioridade do número.

Havia apenas um perigo, mas era grande e iminente: os setecentos homens de Gloucester poderiam ser desbaratados e desfeitos no primeiro recontro, e, para evitar isto, necessário era que a surpresa da sua chegada fosse tão completa quanto possível.

Os peões foram, mais uma vez, montados á garupa dos cavaleiros e Dick teve uma

prova da honra que lhe era dispensada, no fato de montar atrás do próprio Gloucester. Enquanto houve proteção as tropas moviam-se lentamente e, quando chegaram perto do limite das árvores que ladeavam a estrada, pararam para tomar fôlego e reconhecer o terreno.

O Sol rompera completamente, cintilando, com um brilho álgido, envolto num halo amarelo, e, exatamente recortando-se sobre o astro luminoso, Shoreby; um amontoado de telhados, cobertos de neve e vermelhas empenas, soltava as colunas do seu fumo matinal.

Gloucester voltou-se para Dick:

- Naquele pobre lugar - disse -, onde as gentes estão cozinhando os seus almoços, ou ganhareis vós as esporas de cavaleiro e eu começarei a minha vida de poderosa honra e glória, aos olhos do Mundo, ou ambos tombaremos, e morreremos esquecidos. Ambos somos Ricardos. Pois bem, Ricardo Shelton, daremos que falar os dois. As nossas espadas não soarão mais pesadas nos elmos dos guerreiros, do que os nossos nomes nos ouvidos das gentes.

Dick estava espantado perante uma tal avidez de glória, expressa com tão grande veemência de voz e de linguagem; e respondeu sensibilizado, mas e, tranquilamente, que pela sua parte, prometia cumprir o seu dever e que não duvidava da vitória, se todos fizessem o mesmo.

Nesta altura, os cavalos já haviam descansado, e tendo o chefe levantado a espada e dado rédea, toda a cavalaria partiu a galope e trovejou, com a sua dupla carga de guerreiros, pelo resto da encosta e através da planície coberta de neve que os separava de Shoreby.

CAPÍTULO II - A BATALHA DE SHOREBY

TODA a distância a atravessar não era de mais de um quarto de milha. Mas apenas haviam desembocado, de sob a proteção das árvores, viram gente fugindo e gritando nos prados brancos de neve de um e de outro lado. Quase ao mesmo tempo, um grande burburinho se ergueu, espalhou e cresceu cada vez mais forte, na cidade; e ainda não estavam a meio caminho da casa mais próxima, já os sinos haviam começado a tocar a rebate no campanário.

O jovem duque cerrou os dentes.

Por estes antecipados sinais de alarme temeu encontrar preparados os seus inimigos. E se não conseguisse estabelecer-se na cidade, sabia que o seu pequeno grupo seria em breve destroçado e exterminado em campo aberto.

Na cidade, contudo, os lancastrianos estavam longe de se encontrar em tão boa situação. Era como Dick havia dito. A guarda da noite havia sido rendida, o resto estava ainda vacilante - desprevenidos, descuidados, desarmados para a batalha nos seus aquartelamentos. E em toda a cidade de Shoreby não havia talvez cinquenta homens completamente equipados ou cinquenta corcéis prontos a serem montados.

Os toques dos sinos, os terríficos avisos dos homens que corriam pelas ruas, gritando e batendo nas portas, ergueram, num espaço de tempo incrivelmente curto, pelo menos quarenta daqueles cinquenta. Estes montaram rapidamente a cavalo e, espalhando um alarme brusco e contraditório, galoparam em diferentes direções.

Assim, aconteceu que, quando Ricardo Gloucester atingiu a primeira casa de Shoreby, lhe saiu ao encontro, à entrada da rua, apenas um punhado de lanças, que ele levou na frente do assalto como a tempestade faz às folhas.

A uns cem passos, no interior da cidade, Dick Shelton tocou no braço do duque. Em resposta, o duque recolheu as rédeas, pôs à boca a vibrante trombeta, e, tocando a reunir, voltou à direita da direção que traziam. Obedecendo, como um único cavaleiro, toda a sua força voltou após ele e, ainda a todo o galope dos corcéis, varreram a estreita ruela. Apenas a última vintena de cavaleiros parou e fez frente, à entrada da rua. Os peões que vinham à garupa saltaram imediatamente em terra e começaram uns a esticar os arcos, outros a tomar as casas de um e outro lado.

Surpreendidos por esta súbita mudança de direção e intimidados pela firmeza da retaguarda, os poucos lancastrianos, depois de uma rápida consulta, deram meia volta e correram para o interior da cidade em busca de reforços.

O bairro da cidade que, por conselho de Dick, Ricardo de Gloucester havia tomado, era constituído por cinco ruas de casas pobres e mal habitadas, ocupando uma ligeira iminência e aberto pela retaguarda.

Tendo sido as cinco ruas ocupadas por boas guardas, as forças de reserva ocuparam, assim, o centro fora de alcance de tiro e ficaram aptas a prestar auxílio onde fosse preciso. Era tal a pobreza da vizinhança, que nenhum dos Lords do partido de Lancaster e apenas poucos dos seus mercenários ali haviam sido alojados. E os habitantes, à uma,

tinham deixado desertas as casas e haviam fugido, gritando pelas ruas fora ou saltando os muros dos quintais.

No centro, na encruzilhada das cinco ruas, uma taberna de mau aspecto ostentava a tabuleta de O Xadrez. Foi aqui que o duque de Gloucester estabeleceu o seu quartel-general para aquele dia.

A Dick entregou a guarda de uma das cinco ruas.

- Ide - disse ele - ganhar as vossas esporas de cavaleiro. Conquistai glória para o meu nome; um Ricardo pelo outro. Em verdade vos digo que, se eu subir, subireis pela mesma escada. Ide" - acrescentou, apertando-lhe a mão.

Mas, mal Dick partira, voltou-se para um pequeno arqueiro miserável que estava ao seu lado:

- Vai, Dutton, e muito depressa - acrescentou. - Segue aquele rapaz. Se achares que ele me é fiel, respondes pela sua segurança, cabeça por cabeça. Estarás perdido, se voltares sem ele! Mas, se ele não for fiel, ou duvidares dele, um momento que seja, mata-mo pelas costas.

Entretanto, Dick apressava-se a consolidar a sua posição.

A rua que tinha de guardar era estreita e ladeada de casas que, muito juntas, formavam saliência e se projetavam sobre a calçada, mas, apesar de estreita e escura, e porque desembocava na praça do mercado da cidade, o resultado principal da batalha deveria, provavelmente, ser decidido ali.

A praça do mercado estava cheia de povo da cidade fugindo desordenadamente, mas não havia ainda sinal de qualquer inimigo, pronto para o ataque, e Dick pensou que deveria ter algum tempo para aprontar a defesa.

As duas casas ao fundo estavam desertas, com as portas escancaradas, exatamente como os habitantes as haviam deixado na fuga, e delas depressa foi lançada a mobília e posta em monte, formando barricada à boca da viela. Uma centena de homens fora posta à sua disposição e destes mandou a maior parte para o interior das casas onde ficavam protegidos e de onde, das janelas, podiam lançar os dardos. Com os restantes, sob o seu próprio comando imediato, guarneceu a barricada. ; Entretanto, mantinha-se o maior burburinho e confusão através da cidade. E com o apressado repicar de sinos, o soar das trombetas, o rápido movimento das forças de cavalaria, as vozes de comando e os gritos das mulheres, o barulho era ensurdecedor. Agora, a pouco e pouco o barulho começara a diminuir, e, pouco depois formações de soldados e corpos de arqueiros começaram a juntar-se e a formar em linha de batalha na praça do mercado.

Grande parte destas forças estava vestida de escarlate e azul, e, no cavaleiro montado que organizava a sua formatura, reconheceu Dick, Sir Daniel Brackley.

Então, sucedeu-se uma longa pausa, que foi seguida pelo som simultâneo de quatro trombetas vindo de diferentes bairros da cidade. Uma outra soou, respondendo da praça do mercado e, no mesmo momento, as formações começaram a mover-se e uma saraivada de setas desabou sobre a barricada e soou, em pancadas, nas paredes das suas casas

laterais.

O ataque começava por um sinal comum nas cinco saídas do bairro. Gloucester estava cercado de todos os lados, e Dick calculou que se quisesse assegurar a sua posição tinha que contar apenas com os cem homens da sua força.

Sete descargas de setas se seguiram umas após outras. No meio delas, Dick sentiu que lhe tocavam no braço e viu um pajem estendendo-lhe um gibão de couro reforçado de brilhantes chapas de malha.

- É da parte do meu senhor, o duque de Gloucester - disse o pajem. - Reparou Sir Ricardo que havíeis partido sem defesa.

Dick, com um sobressalto do seu coração por ser assim tratado, levantou-se e, com a ajuda do pajem, envergou a cota de malha. Exatamente quando fazia isto, duas setas resvalaram, inofensivas, sobre a malha, e a terceira abateu o pajem, mortalmente ferido a seus pés.

Entretanto, todas as forças do inimigo se haviam firmemente aproximado, atravessando a praça e, neste momento, estavam tão próximas que Dick deu ordem de ripostar. Imediatamente, detrás da barricada e das janelas das casas, partiu uma saraivada de setas mortíferas. Mas os lancastrianos, como se apenas tivessem esperado sinal, em resposta, soltavam altos gritos, e começaram uma carga contra a barricada, com os cavaleiros inclinados e de viseiras baixas.

Então, seguiu-se um renhido e mortífero combate corpo-a-corpo. Os assaltantes, segurando com uma das mãos as espadas, tentavam com a outra desfazer a barricada. Do outro lado a situação era inversa e os defensores expunham-se, como loucos, para defender a muralha. Assim durante algum tempo, a contenda decorreu, quase em silêncio, caindo os inimigos e os amigos mortos uns sobre os outros. Mas é sempre mais fácil destruir. E quando uma única nota chamou os atacantes daquela desesperada missão, a maior parte da barricada havia sido arrastada em bocados, e toda a construção ficara em metade da altura e vacilava já para a destruição completa.

Agora, os peões na praça do mercado recuavam correndo de ambos os lados. Os cavaleiros, que se haviam conservado em formatura profunda, rodavam subitamente desdobrando-se numa larga frente, e, tão rápida como uma serpente atacando, a longa coluna de aço lançou-se sobre a barricada em ruínas.

Dos dois primeiros cavaleiros, um caiu, e, cavalo e cavaleiro, foram atropelados pelos camaradas. o segundo saltou por cima da barricada, atravessando um arqueiro com a lança. Quase no mesmo momento foi arrancado da sela e o seu cavalo foi morto. Então, todo o peso e ímpeto da carga caiu sobre a barricada e espalhou os seus defensores. Os soldados, passando sobre os companheiros caídos e levados mais além pela fúria do ataque, precipitaram-se através da linha rota de Dick, e espalharam-se, em tumulto, pela via, como uma corrente que extravasa e corre através de uma barragem esbarrondada.

Contudo o combate não acabara. Ainda, nas estreitas bocas da entrada, Dick e alguns sobreviventes usavam as suas achas de armas como lenhadores, e já à largura da passagem se tinha formado uma segunda muralha mais alta e mais eficaz, de homens

caídos e cavalos esventrados, agitando-se nas agonias da morte.

Desconcertado por este novo obstáculo, o resto da cavalaria recuou e à vista desta retirada a chuva de setas redobrou dos postigos das casas, e a retirada, por momentos, degenerou quase em fuga. Simultaneamente, aqueles que, tendo atravessado a barricada, carregavam pela rua acima, eram recebidos em frente da entrada da taberna de O Xadrez pelo formidável corcunda e por toda a reserva de homens de Iorque, e começavam a recuar destroçados, no cúmulo da desordem e do terror.

Dick e os seus homens voltaram-se. Forças frescas surgiram das casas e uma feroz saraivada de setas colheu os fugitivos pela frente, enquanto Gloucester, a cavalo, carregava sobre a retaguarda.

Em menos de minuto e meio não havia na rua um único lancastriano vivo.

Então, e só então, Dick ergueu a sua arma fumegante e ordenou as aclamações. Entretanto, Gloucester apeava-se e avançava para examinar a posição. Tinha a face pálida como o linho, mas os olhos brilhavam-lhe, como estranhas gemas, e a voz, quando falava, era cava e entrecortada com a excitação da batalha e do êxito. Olhou para a muralha de que nem amigos nem inimigos podiam, agora, aproximar-se sem precaução, tão furiosamente se agitavam os cavalos nas vascas da agonia, e, à vista desta enorme carnificina, sorriu ironicamente.

- Acabai esses cavalos - disse. - Servem para a vossa defesa. Ricardo Shelton - acrescentou - haveis-me agradado. Ajoelhai.

Os lancastrianos haviam já reunido os seus arqueiros e os dardos caíam, densos, na entrada da rua. Mas o duque, não fazendo reparo nisso, puxou da espada e armou cavaleiro a Ricardo nesse mesmo lugar.

- E agora, Sir Ricardo - continuou - se virdes Lord Risingham, mandai-me um próprio imediatamente. Mesmo que seja o vosso último homem, mandai-mo sem delongas. Antes quero perder a posição do que perder o golpe que lhe destino. Porque, tomai sentido, todos - acrescentou erguendo a voz -: Se o conde de Risingham cair a outras mãos que não às minhas, considerarei esta vitória como uma derrota.

- Senhor Duque - disse um dos circunstantes -, não está Vossa Graça fatigado de expor, sem necessidade, a sua preciosa vida? Para que estamos nós aqui?

- Catesby - replicou o duque -, o combate é aqui e não noutra sítio. O resto são ataques simulados. Aqui é que temos de vencer. E, quanto a expor-me, se fôsseis um triste corcunda e as crianças brincando de vós na rua, daríeis menos valor ao vosso corpo, porque uma hora de glória vale uma vida. Contudo, montemos e visitemos as outras posições. Sir Ricardo, por honra do seu nome, continuará a manter esta entrada onde se mergulha em sangue até aos tornozelos. Posso confiar nele. Mas, reparai, Sir Ricardo, isto não acabou. O pior está para vir ainda, não vos deixeis dominar.

Avançou para o jovem Shelton, olhando-o francamente nos olhos, e, agarrando-lhe a mão nas suas duas, apertou-o de tal forma que o sangue quase jorrou. Dick sucumbiu, olhando-lhe os olhos.

A louca excitação, a coragem e crueldade que leu neles encheram-no de apreensões pelo futuro. Este jovem duque era, na verdade, um espírito audaz para avançar nas primeiras filas do combate, mas, depois da batalha, nos dias de paz e no meio dos seus amigos confiantes, o seu espírito devia ser temível, porque continuava a espalhar os frutos da morte.

CAPÍTULO III - A BATALHA DE SHOREBY (Conclusão)

UMA vez mais entregue a si próprio, Dick começou a olhar em volta. As flechadas haviam abrandado um pouco. Por todos os lados, o inimigo retirava e a maior parte da praça do mercado ficara vazia, aqui com neve espezinhada transformada em lama vermelha, ali manchada de coágulos de sangue, cheia de homens, cavalos mortos espalhados e densamente erigida de setas emplumadas.

Do seu próprio lado, as perdas haviam sido sangrentas. A boca da pequena rua e as ruínas da barricada estavam cheias de mortos e moribundos e, dos cem homens com que começara a peleja, não tinha setenta capazes de pegar em armas.

Ao mesmo tempo o dia passava. Os primeiros reforços deviam esperar-se a todo o momento; e os lancastrianos, já abalados pelo resultado do seu desesperado mas inútil ataque, estavam em má situação para aguentar um novo invasor.

Havia um relógio de sol na parede de uma das casas laterais, que, no álgido sol de Inverno, indicava dez horas da manhã.

Dick voltou-se para o homem que estava a seu lado: um pequeno e insignificante besteiro que ligava um golpe do braço.

- Combateu-se bem - disse ele - e, por minha fé, não nos atacarão duas vezes.

- Sir - disse o pequeno arqueiro -, combatestes bem por Iorque, mas melhor ainda por vós próprio. Nunca ninguém, em tão pouco tempo, conseguiu impor-se tanto à afeição do duque. Que ele tenha confiado uma tal posição a um homem que não conhecia, é maravilhoso. Mas, acautelai a cabeça, Sir Ricardo! Se fordes vencido, se cederdes um passo que seja, o machado ou a corda serão a pena; e eu fui mandado para, no caso de fazerdes alguma coisa duvidosa (quero honradamente dizer-vos isto), vos assassinar pelas costas.

Dick olhou para o homenzinho espantado.

- Tu! - exclamou. - E pelas costas!

- Assim mesmo! replicou o arqueiro. - E por que não gostei disso é que vos digo. Tendes que conservar a posição, Sir Ricardo, custe o que custar.

O nosso Crookback é um audaz lidador e um bom guerreiro, mas, quer a sangue-frio, quer irritado, deseja que as suas ordens sejam exatamente cumpridas. Se alguém falha ou hesita, morrerá.

- Por Deus! - exclamou Ricardo. - Isso é assim? E ainda há homens que sigam um tal chefe?

- E seguem-no alegremente - replicou o outro -, porque se é exato no castigo ainda é mais generoso na recompensa. E se não poupa o sangue nem o suor dos outros, é sempre liberal do seu próprio. Sempre o primeiro na frente de batalha, sempre o último a dormir. Irá longe, se quiser, Crookback, Dick de Gloucester.

Se o jovem cavaleiro fora, até ali, atento e vigilante, agora mais disposto estava ainda a ser atento e corajoso. Compreendia, neste momento, que a súbita graça em que caíra trazia também os seus perigos. Desviou-se do arqueiro e, uma vez mais, perscrutou a

praça do mercado. Estava vazia, como havia pouco.

- Não me agrada este sossego - disse. - Sem dúvida preparam-nos alguma surpresa.

E como respondendo a esta reflexão, os arqueiros recomeçaram a avançar para a barricada e as setas voltaram a cair densas. Mas havia no ataque qualquer coisa de hesitante. Não avançavam decididamente; antes pareciam esperar mais algum sinal. Dick olhava inquieto em volta, pressentindo um perigo escondido. E, na verdade, a cerca do meio da pequena rua, uma porta abriu-se, subitamente, de dentro e durante alguns segundos a casa vomitou por portas e janelas uma torrente de besteiros de Lancaster. Estes; logo que saltavam, cerravam apressadamente fileiras, esticavam os arcos e lançavam sobre a retaguarda de Dick uma saraivada de flechas.

Ao mesmo tempo, os assaltantes na praça do mercado redobravam os tiros e começavam a aproximar-se, em força, da barricada.

Dick mandou sair das casas toda a sua força e, fazendo frente para ambos os lados, e animando-a por palavras e por gestos, replicou tão bem quanto pôde à dupla saraivada de dardos que caíam sobre a sua posição.

Entretanto abria-se casa após casa na rua, e os lancastrianos continuavam a surgir das portas e a saltar das janelas, gritando vitória, até que o número de inimigos na retaguarda de Dick era quase igual ao dos que atacavam de frente. Era evidente que ele não poderia aguentar por mais tempo a posição e, o que era pior, mesmo que pudesse aguentá-la, ela tornara-se inútil e todo o exército de Iorque estava numa situação sem defesa, à beira de um completo desastre.

Os homens que estavam atrás dele faziam uma brecha perigosa na defesa geral. E foi sobre estes que Dick caiu, carregando à frente dos seus homens. Foi tão vigoroso o ataque que os arqueiros de Lancaster cederam terreno e oscilaram e, por fim, dispersando, começaram, de novo, a correr em multidão para as casas de onde tão recentemente e tão vangloriosamente haviam partido ao assalto. Entretanto os homens da praça do mercado tinham transposto a indefesa barricada e caído violentamente sobre o outro lado. Dick teve de voltar-se mais uma vez e tentar fazê-los recuar. Mais uma vez a coragem dos seus homens dominou, e limparam a rua numa arrancada triunfante. Mas enquanto faziam isto os outros saíam, de novo, das casas; e atacavam-nos, pela terceira vez, pela retaguarda.

Os iorquistas começavam a ser desbaratados. Por várias vezes Dick se encontrou só no meio dos seus inimigos e se serviu da sua bela espada para salvar a vida. Por várias vezes se sentiu ferido. E entretanto o combate oscilava, para cá e para lá na estreita rua, sem um resultado definido.

Subitamente Dick apercebeu-se de um grande som de trombetas, nos subúrbios da cidade. O grito de guerra de Iorque ouvia-se no espaço, entoado por muitas vezes triunfantes e, ao mesmo tempo, os homens na sua frente começaram a ceder terreno rapidamente, saindo da rua e recuando na praça do mercado. Alguns davam vozes de retirada. Era evidente que um grande golpe havia sido dado e que os lancastrianos haviam sido lançados, pelo menos momentaneamente, em completa desordem, nun certo estado de pânico. Então, como um desfecho teatral, seguiu-se o último ato da batalha de Shoreby.

Os homens em frente de Ricardo viraram costas, como um cão mandado para casa, e fugiram rápidos como o vento. No mesmo instante, vinha através da praça do mercado uma torrente de cavaleiros correndo em sua perseguição. Os lancastrianos voltavam-se para combater com a espada os iorquistas e estes derrubavam-nos, à lançada.

Grave na refrega, Dick observou Crookback.

Estava já mostrando aquela furiosa valentia e habilidade para abrir o seu caminho através da guerra, que, anos depois, no campo de Bosworth, e maculado de crimes, quase bastou para transformar a sorte do dia e o destino do trono da Inglaterra. Fugindo, atacando, derrubando, obrigava e dirigia de tal maneira o seu forte cavalo, tão habilmente se defendia e tão generosamente espalhava a morte entre os seus adversários, que ia agora muito longe da vanguarda dos seus cavaleiros, abrindo caminho com os restos de uma espada ensanguentada para o lugar onde Lord Risingham estava reunindo os mais valentes. Mais um instante e encontrar-se-iam: o alto, esplêndido e famoso guerreiro contra o rapaz deformado e doentio.

No entanto, Shelton nunca tivera dúvidas acerca do resultado; e quando a refrega a seguir se abriu, a figura do conde havia desaparecido; mas ainda, no primeiro lugar de perigo, Dick Crookback arremessava o seu grande cavalo e acutilava com o resto da espada.

Assim, graças à coragem de Shelton na defesa da entrada da rua contra o primeiro ataque, e graças à oportuna chegada do reforço de setecentos homens, o rapaz que mais tarde seria apontado à execração da posteridade sob o nome de Ricardo III tinha ganho a sua primeira grande batalha.

CAPÍTULO IV - O SAQUE DE SHOREBY

NÃO havia um único inimigo na distância de ataque. E como Dick olhasse tristemente os restos da sua valente força, começou a contar o preço da vitória. Ele próprio, agora que o perigo acabara, se sentia tão inchado e magoado, tão contuso, ferido e quebrado e, acima de tudo, tão extraordinariamente exausto pelas suas desesperadas e incessantes lides no combate, que lhe parecia ser incapaz de qualquer novo esforço.

Mas não soara, ainda, a hora do descanso. Shoreby havia sido tomada de assalto; e ainda que fosse uma cidade aberta e de maneira alguma se pudesse castigar pela resistência, era evidente que estes rudes batalhadores não seriam menos rudes agora que a batalha acabara e que a parte mais horrível da guerra ia seguir-se.

Ricardo de Gloucester não era comandante para proteger os habitantes da sua soldadesca enfurecida; e, ainda que o quisesse, poderia perguntar-se a si próprio se o poderia fazer.

Era chegada, portanto, agora a missão de Dick: encontrar e proteger Joana. E tendo isto em vista olhou em volta os rostos dos seus homens. Escolheu os três ou quatro que lhe pareceram provavelmente obedientes e capazes de não se embriagarem, e, prometendo-lhes uma bela recompensa e uma especial recomendação junto do duque, guiou-os através do mercado, agora livre de cavaleiros, e nas ruas do outro lado.

Por toda a parte, pequenas escaramuças de dois a doze homens se desenrolavam na rua. Aqui e além, uma casa era assediada e os defensores atiravam bancos e mesas sobre as cabeças dos assaltantes. As ruas estavam semeadas de armas e cadáveres; mas, à parte estes combates parciais, estavam desertas, e as casas, umas abertas, outras trancadas e barricadas, tinham, na sua maior parte, deixado de fumar.

Dick, acutilando estes guerrilheiros, conduziu rapidamente os seus homens em direção à igreja do Convento. Mas, quando chegou à entrada da rua principal, um grito de horror he partiu dos lábios. A grande casa de Sir Daniel fora tomada de assalto. Os portões pendiam em estilhas dos gonzos e uma dupla fila de homens saía e entrava, procurando e acarretando despojos. Contudo, nos andares superiores oferecia-se ainda alguma resistência aos saqueantes, porque, logo que Dick chegou à vista do edifício, um caixilho foi aberto do lado de dentro e um pobre diabo de libré escarlate e azul foi empurrado pela janela e lançado à rua.

A mais acabrunhante apreensão caiu sobre Dick.

Avançou, correndo como um possesso, abrindo caminho no interior da casa, entre os mais avançados, e subiu sem se deter ao quarto do terceiro andar onde se havia despedido de Joana.

Era apenas uma ruína. A mobília fora derrubada, os armários arrombados em estilhas e, em determinado lugar, uma ponta caída de um pano de arrás ficara ardendo, lentamente, sobre as cinzas do lume.

Dick, quase sem pensar, apagou o fogo que começava e parou esgazeado. Sir Daniel, Sir Oliver, e Joana, todos haviam desaparecido. Mas quem poderia dizer se haviam sido

chacinados, no assalto, ou se haviam conseguido escapar-se, a salvo, de Shoreby?

Agarrou, pelo tabardo, um besteiro que passava.

- Homem - perguntou ele -, estavas aqui quando a casa foi tomada?

- Deixai - disse o arqueiro. - Com mil raios! Deixas-me ou levas!

- Ouve lá - replicou Ricardo. - Isso também posso eu dizer-te. Está quieto e fala claro.

Mas o homem, embriagado com o vinho e com o combate, tocou no ombro de Dick com uma das mãos, enquanto com a outra lhe arrancava a capa. Neste momento toda a cólera do jovem chefe explodiu. Agarrou o homem nos seus fortes braços e esmagou-o sob as chapas da sua cota de malha, como se fosse uma criança. Depois, mantendo-o seguro com os braços estendidos, convidou-o a falar, se tinha amor á vida.

- Misericórdia! - murmurava o arqueiro. - Se soubesse que estáveis tão irritados, não vos teria contrariado assim. Na verdade estava aqui.

- Conheces Sir Daniel? - continuou Dick.

- Conheço-o bem - replicou o homem.

- Estava no palácio?

- Estava, sim, Sir - respondeu o arqueiro -, mas, assim que entrámos o portão do pátio, fugiu pelo jardim.

- Só? - exclamou Dick.

- Teria talvez umas vinte lanças com ele - disse o homem.

- Lanças! Não viste, então, nenhuma mulher? - perguntou Shelton.

- Na verdade, não vi - disse o besteiro. - Mas, se é isso que quereis saber, em casa não havia nenhuma.

- Obrigado - disse Dick. - Aqui tens uma moeda pelas dores que te causei.

Mas, metendo a mão na bolsa, Dick nada encontrou.

- Pergunta amanhã por mim - acrescentou - Ricardo Shel... Sir Ricardo Shelton - emendou - e dar-te-ei uma bela recompensa.

Então, uma ideia brilhou no espírito de Dick.

Desceu a toda a pressa para o pátio. Correu quanto pôde, atravessando o jardim, e chegou ao enorme portal da igreja. Estava aberto de par em par. Dentro, toda a nave estava apinhada de burgueses fugitivos, rodeados das famílias, e carregados com os seus haveres mais preciosos, enquanto no altar-mor os padres paramentados imploravam a misericórdia do Senhor. Exatamente quando Dick entrava, um enorme coral começou a ressoar nos tetos abobadados.

Correu através dos grupos refugiados e chegou à porta da escada que conduzia à torre. Aqui, um enorme clérigo parou na sua frente e impediu-lhe a marcha.

- Aonde ides, meu filho? - perguntou severamente.

- Meu padre - respondeu Dick -, estou aqui em missão de guerra. Não me demoreis. São ordens do meu senhor, o duque de Gloucester.

- Do duque de Gloucester? - repetiu o padre. - A luta teve então esse triste desfecho?

- O combate, padre, acabou. Lancaster foi derrotado e Lord Risingham, que Deus tenha em descanso, morreu no campo de batalha. E agora, com vossa licença, tenho de tratar dos meus assuntos.

E afastando para um dos lados o padre, que parecia estupefato com as notícias, Dick empurrou a porta e subiu os degraus, de quatro em quatro, sem descanso ou desfalecimento, até que alcançou a plataforma, aberta no alto.

A torre da igreja de Shoreby não somente dominava a cidade, como um mapa, mas olhava mais longe, para ambos os lados, sobre o mar e a terra.

Era perto de meio-dia. Numa luz extraordinariamente brilhante, a neve cintilava. E como Dick olhasse em volta, pôde medir as consequências da batalha.

Um tumulto confuso e ameaçador chegava-lhe das ruas e, de vez em quando, mas muito raramente, o choque das armas. Nem um barco, nem um simples bote se encontrava no porto, mas o mar estava coalhado de velas e de barcos e remos carregados de fugitivos. Em terra, também, a superfície dos campos nevados estava manchada por grupos de cavaleiros abrindo caminho em direção às orlas da floresta, enquanto outros, sem dúvida do partido de Iorque, vigorosamente se lhes opunham e tentavam batê-los sobre a cidade. Sobre todo aquele espaço aberto jazia uma enorme quantidade de cavalos e homens caídos, recortando-se nitidamente sobre a neve.

Para completar o quadro, os peões que não haviam conseguido lugar a bordo dos barcos continuavam mantendo um combate, com flechas, nas margens do porto e a coberto das tabernas da praia.

Nesse bairro tinham sido incendiadas também uma ou duas casas e o fumo subia, como uma torre, na luz fria correndo para o mar em pesadas volutas.

Já perto da orla dos bosques, e um pouco em direção a Hollywood, um estranho grupo de cavaleiros fugitivos prendeu a atenção do jovem vigilante da torre. Era bastante numeroso. Em nenhum outro lugar do campo se mantinham ainda juntos tantos partidários de Lancaster; e, assim, estes haviam deixado um largo rasto escuro sobre a neve.

Dick podia, portanto, seguir, passo a passo, o seu caminho desde que haviam deixado a cidade.

Enquanto os observava, haviam conseguido chegar sem oposição à primeira orla da floresta sem folhas, e, como mudassem um pouco de direção, o sol brilhou, por um momento, em cheio, sobre a formatura quando se desenhavam na floresta sombria.

- Escarlate e azul! - gritou Dick. - Escarlate e azul! Posso jurá-lo!

Imediatamente desceu as escadas.

Agora tinha de procurar o duque de Gloucester, a única pessoa que naquela desordem das tropas lhe poderia fornecer um número suficiente de homens. O combate no centro da cidade estava agora praticamente no fim. E como Dick corresse em todas as direções procurando o chefe, viu as ruas cheias de soldados vagueando, carregados com mais despojos do que podiam suportar, e outros gritando, bêbedos. Nenhum deles, quando

interrogados, tinha a mais pequena noção do lugar onde o duque se encontrava e foi por perfeito acaso que Dick o encontrou, a cavalo, dirigindo as operações para desalojar os arqueiros que se mantinham junto do porto.

- Sir Ricardo Shelton, ainda bem que vos encontro - disse ele. - Devo-vos uma coisa que pouco aprecio! : a vida, e outra que nunca serei capaz de vos pagar: a vitória! Catesby, se eu tivesse dez capitães como Sir Ricardo, avançaria sobre Londres. Agora, Sir, pedi a recompensa.

- Pedirei, Mylord - disse Dick -, depressa e claro. Escapou-se alguém a quem devo alguns males e levou consigo alguém a quem devo amor e dedicação. Dai-me, pois, cinquenta lanças para poder persegui-los, e de qualquer favor que Vossa Graça julgue dever conceder-me sentir-me-ei, assim, suficientemente pago.

- Como se chama esse tal? - perguntou o duque.

- Sir Daniel Brackley - respondeu Ricardo.

- Já, sobre esse traidor! - exclamou Gloucester. - Isto não é recompensa, Sir Ricardo. Isso é um novo serviço que me prestais; e se me trouxerdes a sua cabeça será uma nova dívida que contrairei para convosco. Catesby, dá-lhe as lanças. E, entretanto, senhor, pensai em qual será o prazer, honra ou proveito que eu possa dispensar-vos.

Exatamente nesse momento os combatentes de Iorque assaltavam uma das tabernas da praia, atacando-a por três lados, matando ou prendendo os seus defensores. Dick Crookback dignava-se aplaudir o feito e, avançando um pouco mais o cavalo, quis ver os prisioneiros.

Havia quatro ou cinco: dois homens de Lord Shoreby e um de Lord Risingham estavam entre eles e, finalmente, mas de toda a importância para Dick, um marinheiro, alto, grisalho, bamboleando, meio embriagado, com um cão ganindo e saltando atrás.

O jovem duque passou-lhes, por momentos, uma e voltou-se para o outro lado, para seguir a continuação da batalha.

- Mylord - disse Dick. - Se o desejardes, já sei qual é a minha recompensa. Garanti-me a liberdade e a vida daquele velho marinheiro.

Gloucester voltou-se e olhou nos olhos o seu interlocutor.

- Sir Ricardo - disse ele -, não faço a guerra com plumas, mas com setas de aço. Aqueles que são meus inimigos mando-os matar sem desculpa nem perdão. Porque, pensai, neste reino de Inglaterra prestes a desfazer-se, não há um único homem dos meus que não tenha um irmão ou um amigo no partido contrário. Se assim começasse a conceder perdões, seria melhor embainhar a espada.

- Será assim, meu senhor, mas, ainda que seja atrevido e corra o risco de vos desagradar, lembro-vos a vossa promessa - replicou Dick.

Ricardo de Gloucester fez-se rubro.

- Reparai bem -- disse asperamente -, não gosto de piedade, nem daqueles que a pedem. Havis hoje lançado os alicerces de um alto destino.

Se insistirdes na palavra dada, mantê-la-ei. Mas, pela glória eterna deixareis nesse

momento de estar nas minhas boas graças.

- A perda será minha - disse Dick.

- Dai-lhe esse marinheiro - disse o duque, e, voltando o cavalo, virou costas ao jovem Shelton.

Dick não estava alegre nem triste. Já conhecera o bastante do jovem duque para não depositar grande confiança nas suas afeições, e a origem e o aumento do seu favor haviam sido demasiado fracos e rápidos para lhe inspirar confiança. Apenas temia uma coisa: - que o vingativo chefe anulasse a oferta das lanças. Mas, nisto, fez justiça, não á honra de Gloucester (tal como era) mas, acima de tudo ouviu-o falar a Catesby que se despachasse, porque o comandante estava à espera.

Entretanto, Dick voltou-se para o velho embarcaçõ, que parecera indiferente tanto à condenação como à liberdade que em seguida lhe fora concedida.

- Arblaster - disse Dick -, fiz-te mal, mas pensa que (por Deus!) agora te paguei a dívida.

Mas o velho marítimo olhou apenas para ele sombriamente e manteve-se em silêncio.

- Vamos - continuou Dick -, a vida é sempre a vida, meu velho, e vale mais do que os navios e o vinho. Dize que me desculpas, porque, se a vida não vale nada para ti, a mim custou-me o começo da carreira. Vamos, paguei-te bem caro! Não sejas ingrato.

- Se tivesse, ainda, o meu navio - disse Arblaster - há muito estaria a salvo no mar alto, eu e o meu marinheiro Tom. Mas vós roubastes-me o meu navio, compadre. Sou um pobre pedinte e o meu marinheiro foi morto por um patife de gibão pardo. "Com mil raios!" foram as últimas palavras dele, e a sua pobre alma despediu-se. Nunca mais navegarei sem o meu Tom.

Apoderara-se de Dick um inútil arrependimento e uma enorme piedade. Pensou apertar a mão do marinheiro, mas Arblaster evitou o seu contato.

- Não - disse ele -, deixai-me. Fostes, para mim, pior do que o diabo; e eis tudo.

As palavras estrangulavam-se na garganta de Ricardo. Viu, através das lágrimas, o pobre velho, acabrunhado pelo vinho e pela tristeza, afastar-se cambaleando, com a cabeça baixa, no meio da neve, sem dar atenção ao cão ganindo atrás dele, e pela primeira vez começou a compreender o terrível jogo que é esta vida, e como o mal feito nunca mais pode remediar-se por nenhum arrependimento.

Mas não tinha tempo para lamentações. Catesby reunira já os cavaleiros e dirigindo-se a Dick apeou-se e ofereceu-lhe o seu próprio cavalo.

- Esta manhã - disse ele -, estava um pouco invejoso dos favores que havíeis obtido. Não foram de longa dura; e agora, Sir Ricardo, é de muito boa vontade que vos ofereço o meu cavalo.

- Suportai-me um momento ainda - replicou Dick.

- Em que se fundaram os favores que consegui.

- No vosso nome - respondeu Catesby. - É a principal superstição do meu senhor. Se

me chamasse Ricardo, seria conde amanhã.

- Pois bem, Sir, agradeço-vos - retorquiu Dick - E como é pouco provável que siga estes grandes acontecimentos, digo-vos também adeus. Não quero com isto dizer que me desagradasse encontrar-me a caminho da fortuna, mas também não quero significar que esteja muito triste por deixá-lo. O poder e as riquezas são belas coisas, na verdade, mas deixai-me dizer-vos um segredo : aquele duque é uma criatura temível.

Catesby riu.

- Não - disse ele -, na verdade aquele que seguir Crookback tem de segui-lo em tudo. Bem, Deus vos proteja do mal! Apressai-vos.

Em seguida Dick colocou-se à frente dos seus homens e, dando a voz de comando, partiu.

Atravessou a cidade pelo caminho mais curto, seguindo o que supunha ser o caminho de Sir Daniel e procurando em redor todos os sinais que pudessem dizer-lhe se tinha razão.

As ruas estavam juncadas de mortos e de feridos, cujo destino, naquele frio cortante, era lamentável. Bandos de vencedores iam, de casa para casa, saqueando e assassinando, e algumas vezes também, cantando enquanto marchavam.

Chegavam aos ouvidos do jovem Shelton, à medida que avançava, e vindos dos diferentes bairros, os ruídos das violências e ultrajes; umas vezes as pancadas das achas de armas em alguma porta barricada, outras vezes os gritos aflitivos das mulheres.

O coração de Dick acordara. Tinha acabado de ver as tristes consequências da sua própria conduta, e o pensar na quantidade de misérias que estavam caindo sobre a cidade de Shoreby encheu-o de desespero.

Finalmente atingiu os arrabaldes e, aqui, viu, com segurança, direto diante dele o mesmo largo e batido rasto de neve que havia notado no alto da igreja. Tratou, portanto, de se apressar. Mas enquanto cavalgava olhava atentamente os homens e os cavalos caídos ao lado do caminho. Muitos deles - e sentia-se aliviado vendo-o - usavam as librés de Sir Daniel. E reconheceu mesmo as feições de alguns, que jaziam de costas.

A cerca de meio caminho entre a cidade e a floresta, era evidente que aqueles que perseguia haviam sido atacados por arqueiros, porque os cadáveres estavam muito dispersos e todos atravessados por setas. Dick notou, entre os outros, o corpo de um rapazinho, cujas feições lhe eram singularmente familiares.

Mandou fazer alto, apeou-se e levantou a cabeça do garoto. Quando fez isto, o barrete caiu-lhe e uma quantidade de longos cabelos castanhos se lhe soltaram. Ao mesmo tempo abriu os olhos.

- Olá, caçador de leões! - disse uma débil voz. - Ela está para diante. Galopa, galopa depressa!

E de novo a pobre rapariga desmaiou.

Um dos homens trouxe um frasco com um forte cordial e com isto conseguiu Dick fazê-la voltar a si.

Então pôs a amiga de Joana no arção da sela e de novo se lançou na direção da

floresta.

- Porque me levais? - disse a rapariga. - Isso só serve para atrasar a vossa marcha.

- Não, senhora minha - replicou Dick -, Shoreby está cheia de sangue, de homens embriagados e de desordens. Aqui estais salva. Alegrai-vos.

- Não quero ser vista por ninguém do vosso partido! - gritou. - Ponde-me no chão.

- Senhora, não sabeis o que estais dizendo - replicou Dick. - Estais ferida?

- Não - disse ela. - Mataram-me o cavalo.

- Não importa - disse Ricardo. - Estais no meio da neve e cercada de inimigos. Quer o queirais quer não, levo-vos comigo. E estou bem contente de se apresentar esta ocasião, pois é a maneira de vos pagar uma parte da nossa dívida.

Durante algum tempo, ela manteve-se calada. Depois, subitamente, perguntou:

- Meu tio?

- Lord Risingham? - replicou Dick. - Desejaria poder dar-vos boas notícias, minha senhora, mas nada sei. Vi-o uma vez, durante a batalha. Apenas uma vez. Esperemos que nada lhe tenha acontecido.

CAPÍTULO V - A NOITE NA FLORESTA - ALICIA RISINGHAM

ERA quase certo que Sir Daniel procurava atingir o castelo. Mas, atendendo ao enorme nevão, ao tardio da hora, e á necessidade em que se encontrava de evitar as poucas estradas e caminhar a corta-mato, era igualmente certo que ele não poderia esperar atingi-lo antes da manhã.

Havia dois caminhos à escolha de Dick. Um era continuar a seguir a pista do cavaleiro e, sendo possível, cair sobre ele, no acampamento dessa mesma noite. O outro era traçar-se a si próprio um outro caminho, procurando colocar-se entre Sir Daniel e o seu destino.

Qualquer destes projetos poderia ter seus inconvenientes e Dick, que temia expor Joana aos acasos de um combate, ainda não se decidira por nenhum deles, ao atingir as orlas da floresta.

Neste sitio Sir Daniel virara um pouco para a esquerda e mergulhara diretamente debaixo de um maciço de alto arvoredado. A sua força formara em filas mais estreitas, de maneira a poder passar entre as árvores, e o rasto estava marcado, em proporção, mais profundamente na neve. Os olhos seguiam-no sob a despida ramaria dos carvalhos, correndo, reto e estreito, as árvores cobriam-no com os seus braços nodosos e a enorme e alta floresta de ramos. Não havia qualquer som de homem ou de animal. Nem sequer o agitar de um pintarroxo, e sobre o campo de neve espalhava-se o dourado sol de Inverno, no meio de sombras nitidas.

- Que dizes - perguntou Dick a um dos homens -, deveremos segui-los, ou cortar-lhes o caminho para Tunstall?

- Sir Ricardo - respondeu o soldado -, eu seguiria o rasto até que eles se espalhassem.

- Tendes, sem dúvida, razão - replicou Dick. - Mas nós vimos com pouco tempo e é ele quem manda. Aqui não há casas onde comermos ou onde nos abrigarmos, e, ao amanhecer, estaremos gelados e de estômago vazio. Que dizeis, rapazes? Quereis aguentar um pouco mais, para o bom êxito da expedição, ou devemos voltar para Holywood a pedir ceia à Santa Madre Igreja? A coisa é um pouco duvidosa e eu não quero forçar ninguém. Já que de bom grado quisestes seguir-me, deixo-vos escolher primeiro.

Os homens responderam quase unanimemente que seguiriam Sir Ricardo para onde ele quisesse.

E Dick, dando de espora ao cavalo, avançou de novo.

A neve na pista tinha sido muito calcada e os perseguidores tinham, assim, uma grande vantagem sobre os perseguidos. Avançavam, realmente, a trote largo, com duzentos cascos batendo, alternadamente, o sujo pavimento de neve, e o ruído das armas e o resfolegar dos cavalos erguiam um som marcial sob as arcadas do bosque silencioso. Agora, a larga pista dos fugitivos chegara à estrada de Holywood.

Por um momento, tornou-se invisível e, ao mergulhar na neve fresca do outro lado, Dick ficou surpreendido ao vê-la mais estreita e menos pisada. Era evidente que, aproveitando a estrada, Sir Daniel, começara a espalhar as suas forças.

Ao acaso, pois que as probabilidades eram iguais, Dick continuou a seguir a pista que

traziam. E depois de uma hora de cavalgada, durante a qual se internou nos confins da floresta, esta subitamente dividiu-se, como uma granada que rebenta, em doze outras, dirigindo-se em todas as direções do quadrante.

Dick, desanimado, parou o cavalo. O curto dia de Inverno estava perto do fim. O Sol, um sombrio disco cor de laranja, pobre de luz, boiava baixo entre as árvores sem folhas. O frio gelava ferozmente os pés; e a respiração e o vapor dos cavalos subia, numa nuvem.

- Bem, estamos despistados - confessou Dick. - Sigamos para Hollywood, depois disto. Está tão perto de nós como Tunstall, ou deve estar, pela posição do Sol.

Assim, rodaram para a esquerda, voltando as costas ao vermelho disco do Sol e, a corta-mato, dirigiram-se para o convento. Mas agora as coisas estavam contra eles. Já não avançavam rapidamente por um caminho batido rijamente pela passagem do inimigo e para um destino ao qual esse caminho os conduzia. Agora, tinham que atascar-se a passo lento através da neve difícil, parando continuamente para se orientarem e continuamente caindo em terreno falso. O Sol em breve os abandonou. A luz no ocidente desapareceu e agora vagueavam, no negrume, sob as estrelas geladas. Em breve, contudo, a Lua iluminaria os cabeços e poderia orientá-los na marcha. Mas, até lá, cada passo ao acaso poderia conduzi-los para mais longe da sua rota. Não havia mais nada a fazer que acampar e esperar.

Postaram sentinelas. Um lugar no terreno foi limpo da neve e, depois de várias tentativas infrutíferas, um belo lume flamejou no meio dele. Os soldados sentaram-se, muito juntos, em volta desta lareira da floresta, repartindo as provisões que tinham e passando de mão em mão a borracha. Dick, tendo escolhido o mais delicado bocado desta rude e escassa refeição, levou-o à sobrinha de Lord Risingham, que estava sentada, afastada da soldadesca, junto a uma árvore. Sentara-se sobre uma cobertura de cavalo, embrulhando-se noutra, e olhava em frente, para a cena da fogueira. Quando lhe foi oferecido alimento, estremeceu como alguém acordando de um sonho, e recusou silenciosamente.

- Senhora - disse Dick -, suplico-vos que não me castigueis tão cruelmente. Não sei em que vos ofendi. Trouxe-vos, na verdade, mas com amigável violência. Expus-vos, decerto, ás inclemências da noite, mas a minha pressa tem por fim a salvação de alguém que não é nem menos fraco nem mais protegido do que vós. E, finalmente, senhora, não vos castigueis a vós própria, e comei, se não tendes apetite, ao menos para conservar as forças.

- Não comerei nada das mãos de quem assassinou o meu parente - replicou ela.

- Querida senhora - exclamou Dick -, juro-vos pela Santa Cruz que lhe não toquei.

- Jurai-me que ele ainda vive - replicou.

- Não quero enganar-vos - respondeu Dick. - Custa-me magoar-vos. Mas, intimamente, estou convencido de que morreu.

- E pedis-me para comer! - gritou ela. - E chamam-vos Sir! Haveis ganho as esporas de cavaleiro á custa do assassino do meu bom parente! Não tivesse eu sido ao mesmo

tempo traidora e louca, não vos tivesse eu salvo, em casa do vosso inimigo, teríeis morrido a esta hora, e ele, que vos valia cem vezes, estaria vivo.

- Fiz, pela minha parte, aquilo que pude, exatamente como o vosso parente o faria pelo outro partido - respondeu Dick. - Se ele fosse vivo (e à face de Deus é esse o meu desejo!) decerto me elogiaria e não me condenaria.

- Sir Daniel contou-me - replicou ela. - Notou-vos na barricada. Foi sobre vós que as suas forças caíram e fostes vós que ganhastes a batalha. Pois bem, fostes vós que assassinastes o meu bom Lord Risingham, tão certo como se o tivésseis estrangulado. Quereis que coma convosco - e ainda não tendes as mãos limpas do seu sangue! Mas Sir Daniel jurou a vossa queda. Será ele quem me vingará.

O infeliz Dick estava mergulhado numa profunda tristeza. O velho Arblaster voltou-lhe ao espírito. E suspirou alto.

- Julgais-me tão culpado? - disse. - Vós que me defendestes, vós que sois amiga de Joana?

- Que haveis feito na batalha? - replicou ela. - Não tendes partido, sois apenas um garoto, apenas um ser sem governo e sem qualquer espécie de prudência ou conselho! Porque combatestes? unicamente por amor da chacina, Santo Deus!

- Não! - exclamou Dick. - Não sei. Mas como andam as coisas neste triste reino de Inglaterra, se um pobre fidalgo não combate por um dos partidos terá, forçosamente, de combater pelo outro. Não pode ficar isolado; isso não é natural!

- Aqueles que não têm opinião não devem desembainhar a espada - replicou a jovem. - Haveis combatido puramente ao acaso. Não sois mais do que um sanguinário! A guerra é nobre apenas pelas suas causas e havei-la desonrado.

- Senhora - disse o pobre Dick -, reconheço, em parte, o meu erro. Apressei-me de mais; precipitei-me. Já havia roubado um navio, pensando fazer bem, juro-vos, e, assim, arrastei para a morte muitos inocentes e fiz a tristeza e ruína de um pobre homem cujo aspecto, hoje mesmo, me feriu como um punhal. E quanto ao que se passou esta manhã, apenas tentei conquistar glória para me casar e distinguir-me! Quase causei a morte ao vosso parente que foi bom para mim. E que mais, não sei! Porque, ai de mim, devo ter ajudado a colocar a casa de Iorque no trono e esta deve ser, talvez, a coisa pior e aquilo que maior mal causará à Inglaterra. Oh, senhora! Vede o meu pecado; não sei viver! E para penitência e para evitar maiores males, logo que acabar esta aventura entrarei para um convento. Esquecerei Joana e o uso das armas. Serei frade, toda a vida, pela salvação do vosso bom parente.

Pareceu a Dick que, neste extremo da sua humilhação e arrependimento, a jovem se havia rido.

Levantando os olhos, viu-a olhando à luz do fogo com uma expressão um pouco estranha mas não desprovida de bondade.

- Senhora - disse ele, pensando que o riso havia sido uma ilusão dos seus ouvidos, mas que, pela mudança da sua atitude, a havia convencido -, não vos satisfará isto? Deixarei

tudo para resgatar o mal que fiz! Assim garanto o céu a Lord Risingham. E tudo isto no próprio dia em que ganhei as minhas esporas de cavaleiro e me julguei o fidalgo mais feliz do Mundo.

- Meu rapaz - disse ela -, meu bom rapaz!

E então, com grande surpresa de Dick, muito docemente, limpou-lhe as lágrimas das faces e, como obedecendo a um súbito impulso, lançou-lhe os braços ao pescoço, levantou-lhe o rosto e beijou-o. Um enternecido assombro caiu sobre o ingênuo Dick.

- Vamos - disse ela, com grande doçura. - Vós que sois o comandante é que deveis comer. Porque não comeis?

- Querida senhora - replicou Dick -, eu não o deveria fazer sem que, primeiramente, o meu prisioneiro comesse, mas, a bem da verdade, não me posso conter por mais tempo à vista da comida. Estava, querida senhora, em boas condições para jejuar e rezar.

- Chamai-me antes Alicia - disse ela. - Somos ou não velhos amigos? E, agora, vamos, comerei convosco e o mesmo que vós. Portanto, se não comerdes, eu também não comerei, mas, se comerdes com vontade, comerei como um cavador.

Assim começaram a comer, e Dick, que comia bem, começou a fazer-lhe companhia, primeiro com grande relutância, mas, pouco a pouco, à medida que saboreava, com mais vontade, até que finalmente se esqueceu mesmo de olhar para a sua companheira e vivamente reparou os gastos de energia do seu dia de trabalho e de excitação.

- Caçador de leões - disse ela finalmente -, não admirais as raparigas com fato de homem?

A Lua nascera, e apenas esperavam para dar folga aos cavalos estafados. À luz da Lua e ainda arrependido mas bem alimentado, Ricardo observou que ela o olhava um pouco provocadoramente.

- Senhora - murmurou ele surpreendido deste novo aspecto das suas maneiras.

- Não - interrompeu ela -, escusais de negar, Joana contou-mo. Mas, vinde cá, caçador de leões, olhai para mim. Pareço assim tão mal? Vamos!...

E fez-lhe uns olhos ternos.

- Sois talvez pequenita de mais - começou Dick. Aqui de novo ela o interrompeu, mas desta vez com uma gargalhada que completou a confusão e surpresa do rapaz.

- Pequena de mais! - exclamou. - Sede tão verdadeiro quanto sois audaz. Sou uma anã ou pouco mais! Mas, apesar disso (vamos, dizei-o), apesar disso, bastante bonita, não é assim?

- Senhora minha, sois lindíssima - disse o acanhado cavaleiro, tentando lamentavelmente aparentar à-vontade.

- E haverá alguém que se alegre de me desposar? - continuou ela.

- Oh, minha senhora, mas certamente! - concordou Dick.

- Chamai-me Alicia - disse ela.

- Alicia - disse Ricardo.

- Bem, então, caçador de leões - acrescentou - disse que fostes vós quem assassinou o meu parente, e me deixastes sem proteção. Deveis-me, por vossa honra, uma reparação, não é verdade?

- Realmente, senhora - disse Dick -, ainda que, na verdade, apenas em parte me sinta culpado da morte desse bravo cavaleiro.

- Quereis iludir-me? - exclamou ela.

- Senhora, não. Disse-vos já que, se assim o desejásseis, me faria frade - respondeu Ricardo.

- Portanto, pertenceis-me, em pagamento dessa dívida de honra - concluiu ela.

- Por minha honra, senhora, suponho... - começou o jovem.

- Vamos - interrompeu ela -, estais com evasivas. É ou não verdade que me pertenceis até haverdes resgatado o mal que fizestes?

- Assim é, na verdade - disse Dick.

- Então, escutai-me - continuou. - Parece-me que seríeis um mau frade e, desde que posso dispor de vós a meu belprazer, prefiro tomar-vos por marido. Não, nem uma palavra! - exclamou ela. - Não vos servirá de nada. Porque, reparai, é justo que me deis um novo lar, uma vez que me privastes do meu lar antigo. E, quanto a Joana, acreditai-me, ela será a primeira a aconselhar esta troca, porque, depois de tudo, sendo nós, como somos, boas amigas, que importa que vos caseis com uma ou com outra?

Não importa nada!

- Senhora - disse Dick -, irei para o convento, se me permitirdes, mas casar seja com quem for neste mundo que não seja Joana Sedley é coisa que nunca farei, nem pela força dos homens nem para prazer das damas. Perdoai-me, se falo demasiado rudemente, mas quando uma mulher é ousada, um homem deve sê-lo mais ainda.

- Dick - disse ela -, querido amigo! Vinde e beijai-me como prémio do que haveis dito. Nada receeis. Será um beijo para Joana e, quando nos encontrarmos, eu lho darei e lhe direi que foi roubado. Quanto ao que me deveis, parece-me, meu ingénuo, que não éras o único nessa grande batalha, e, mesmo que o partido de Iorque subisse ao trono, não era só por vossa causa. Mas sois um doce e honesto coração, Dick, e, se eu fosse capaz de ter inveja de Joana, invejar-lhe-ia o vosso amor.

CAPÍTULO VI – A NOITE NA FLORESTA - DICK E JOANA (Conclusão)

POR esta altura, os cavalos haviam acabado a pequena porção de forragens e descansado completamente. À ordem de Dick, o lume foi abafado com neve, e, enquanto os seus homens, cansados, mais uma vez montavam a cavalo, ele, recordando, um pouco tardiamente, uma precaução em uso na floresta, escolheu um alto carvalho e trepou, agilmente, até o ramo mais alto. Daqui podia ver muito ao longe, à luz do luar, a floresta nevada. A sudoeste, recortando-se negra sobre o horizonte, ficava aquela região de cabeços áridos onde ele e Joana haviam tido a terrível aventura do leproso.

Ali os seus olhos foram feridos por um ponto vermelho, brilhando, do tamanho do buraco de uma agulha. Censurou-se asperamente pela sua anterior negligência. Se aquilo era, como parecia, a luz do fogo do acampamento de Sir Daniel, há muito o deveria ter visto, e poderia ter marchado para lá. E, além disso, não deveria, fosse por que razão fosse, ter anunciado a sua presença, acendendo ele próprio uma fogueira. Mas agora já não podia perder tempo precioso. O caminho mais curto para as terras altas era de cerca de duas milhas, mas, atravessado por uma profunda e escarpada ravina, impossível de passar a cavaleiros. E por causa da rapidez pareceu-lhe aconselhável abandonar os cavalos e tentar a aventura a pé.

Deixaram dez homens de guarda aos cavalos, combinaram sinais com que comunicariam, em caso de necessidade, e Dick avançou á frente dos restantes com Alícia Risingham caminhando vagarosamente a seu lado.

Os homens que se haviam libertado das pesadas armaduras e abandonado as lanças marchavam agora alegremente na neve gelada, sob o brilho vivo do luar. A descida para a ravina, onde uma torrente corria marulhando, entre a neve e o gelo, foi feita em silêncio e ordem. E do outro lado, como se encontrassem a distância de uma escassa meia milha do local onde Dick vira o reflexo do fogo, a força parou para descansar antes do ataque.

No vasto silêncio dos bosques ouviam-se, ao longe, os mais pequenos sons; e Alícia, que tinha um ouvido apurado, levantou um dedo prevenindo e parou a escutar. Todos lhe seguiram o exemplo, mas, além dos murmúrios do ribeiro, abafados na ravina, e o latido de uma raposa, a muitas milhas no interior da floresta, nada mais souo ao exercitado ouvido de Dick.

- E, contudo, ouvi, com certeza o ruído de arreios - segredou Alícia.

- Senhora - replicou Dick, que tinha mais medo da jovem do que de uma dezena de guerreiros. - Não quero afirmar que vos tivésseis enganado, mas pode ter partido de qualquer dos acampamentos.

- Não foi daí ; veio do poente - exclamou ela.

- Será o que for - replicou Dick. - E será, só, o que Deus quiser. Não desanimemos e avancemos, mais depressa ainda, até os alcançarmos. Embora amigos! Já descansámos bastante.

À medida que avançavam, a neve mostrava-se cada vez mais espezinhada de cascos de cavalos, e era evidente que se estavam aproximando do acampamento de uma

considerável força de cavalaria. Agora, podiam ver o fumo surgindo através das árvores, rubro na sua parte mais baixa e espalhando brilhantes faúlhas.

Aqui seguindo as ordens de Dick, os homens começaram a desdobrar-se, arrastando-se furtivamente sob os maciços para cercar por todos os lados o acampamento dos adversários. Ele próprio, colocando Alícia abrigada atrás de um volumoso carvalho, rastejou em direção à fogueira.

Por fim, através de uma abertura da floresta, pôde abranger o quadro do acampamento. A fogueira havia sido acesa sobre um montículo de terreno coberto de mato rasteiro e rodeado por três lados de moitas, e ardia fortemente, crepitando e revolteando chamas. Em volta dele não estavam sentadas doze pessoas, confortavelmente encapotadas, mas, como a neve em roda estava espezinhada como se ali tivesse passado um regimento, Dick procurou em vão por algum cavalo. Começou a ter a terrível suspeita de que a sua manobra fora antecipada pelo inimigo. Ao mesmo tempo, no homem de capacete de aço que estendia as mãos em frente do lume, reconheceu o seu velho amigo e, ainda agora, bondoso inimigo Bennet Hatch, e nos dois outros, sentados um pouco atrás, descobriu, apesar dos seus disfarces masculinos, Joana Sedley e a esposa de Sir Daniel.

"Bem", pensou consigo próprio, "mesmo que perca os cavalos, tratemos de conquistar Joana e já não terei de que me queixar!" Então, do lado mais afastado do campo veio um débil assobio, anunciando que os seus homens se haviam encontrado e que o cerco era completo.

Bennet, ao ouvir este som, pôs-se em pé. Mas, antes de ter tempo de alcançar as armas, Dick gritou-lhe:

- Bennet, Bennet, bom amigo, rende-te. Apenas perderás, em vão, vidas humanas, se resistires.

- Por Santa Bárbara! É Master Shelton! - gritou Hatch. - Render-me? Pedis muito! Que forças tendes?

- Digo-te, Bennet, que não só sois menos, como estais cercados - disse Dick. - César e Carlos Magno pediriam tréguas. Tenho quarenta homens esperando um assobio, e com uma descarga de flechas liquido-vos a todos.

- Master Dick - disse Bennet -, é contra minha vontade, mas tenho de cumprir o meu dever. Os santos vos ajudem! - E com isto levou à boca uma pequena trompa e tocou um toque de alerta.

Seguiu-se um momento de confusão, porque enquanto Dick, temendo pela segurança das senhoras, hesitava ainda em dar a voz de atirar, a pequena força de Hatch correu sobre as suas armas e formou, um quadrado, preparando uma resistência feroz. Na confusão desta mudança de lugares, Joana levantou-se e correu, como uma seta, para o lado do seu amado.

- Aqui estou, Dick! - exclamou, apertando-lhe as mãos.

Mas Dick ainda estava indeciso. Era ainda muito jovem para fazer face às deploráveis necessidades da guerra e a lembrança da velha Lady Brackley paralisava-lhe na boca a voz

de comando. Os seus homens atemorizaram-se. Alguns deles chamavam-no pelo seu nome; outros, de sua livre iniciativa, começaram a disparar. E nesta primeira descarga o pobre Bennet tombou. Dick acordou então.

- Avante! - gritou. - Disparem, rapazes, e mantenham-se a coberto. Inglaterra e Torque!

Mas exatamente nesse momento o ruído cavo de muitos cavalos na neve elevou-se subitamente na noite profunda e com incrível rapidez aproximou-se soando mais forte. Ao mesmo tempo, em resposta, as trombetas repetiam sempre o alarme de Hatch.

- Reunir! Reunir! - gritou Dick. - Reuni-vos a mim! Reuni, se quereis salvar-vos - Mas os seus homens, a pé, espalhados, apanhados num momento em que contavam com um fácil triunfo, começaram, em vez de reunir-se, a abandonar o campo em todas as direções, e ou vagueavam ou se dispersavam na espessura da floresta. E quando os primeiros cavaleiros chegaram à carga, através das passagens abertas e dirigindo ferozmente os seus corcéis para o interior das moitas, alguns, isolados, foram mortos ou atravessados à lançada no mato, mas o grosso das forças de Dick havia-se desvanecido: ao rumor da sua chegada.

Dick ficou, por momentos, reconhecendo amargamente os resultados da sua precipitada e imprudente valentia. Sir Daniel havia visto a fogueira, tinha-se afastado com a maior parte das suas forças, para atacar os seus perseguidores ou para lhes cair sobre a retaguarda, se eles se aventurassem ao assalto.

A sua decisão fora realmente de um hábil comandante. A conduta de Dick fora a de um rapaz atrevido. E aqui estavam, na verdade, agora, o jovem cavaleiro com a sua amada dando-lhe docemente a mão, mas só, com as suas forças de homens e cavalos dispersos na noite e na floresta, como um punhado de agulhas num palheiro.

- Que os santos me iluminem! Foi com razão que me fizeram cavaleiro pelos feitos desta manhã, mas isto agora, honra-me pouco.

Depois disto, segurando ainda Joana, começou a correr.

O silêncio da noite era agora quebrado pelos gritos dos homens de Tunstall, galopando em todas as direções, à caça de fugitivos, e Dick lançou-se ousadamente através das moitas e avançou correndo como um gamo. A claridade prateada da Lua sobre as clareiras nevadas aumentava, por contraste, a obscuridade dos maciços, e a grande dispersão dos vencidos levava os perseguidores em sentidos divergentes. Durante um momento, Dick e Joana pararam, escondidos na espessura, e ouviram os ruídos da perseguição espalhando-se, na verdade, em todas as direções, mas, contudo, desmaiando, já a distância.

- Se eu tivesse, ao menos, conservado reunida uma reserva dos meus homens - exclamou Dick amargamente -, poderia ainda fazer mudar as coisas!

- Bem. Vamos aprendendo à nossa custa; para outra vez será melhor, por Deus!

- Não, Dick - disse Joana. - Que te importa isso? Não estamos juntos outra vez?

Olhou para ela, e realmente ali estava, como outrora, John Matcham, de gibão e calças de malha. Mas agora conhecia-a. Agora, mesmo com este impróprio disfarce, ela lhe sorria radiante de amor, e o seu coração estava louco de alegria.

- Querida - disse ele -, se perdoas a este desastrado, que mais quer ele? Vamos direto a Holywood, ali está o teu tutor e o meu melhor amigo, Lord Foxham. Aí casaremos. E que importa sermos ricos ou pobres, famosos ou desconhecidos? Hoje, querida, ganhei as minhas esporas de cavaleiro. Fui gabado por homens ilustres pela minha coragem. Julguei-me o maior guerreiro de toda a Inglaterra. Depois, primeiro, caí em desgraça junto dos poderosos, e agora fui bem derrotado e perdi todos os meus homens. Foi o castigo da minha vaidade! Mas, querida, não me importarei, se ainda me queres e, se casarmos, abandonarei o meu título de cavaleiro e não pensarei nisso um segundo.

- Meu Dick! - exclamou ela. - Fizeram-te cavaleiro?

- Sim, querida, e tu és a minha dama agora, ou sê-lo-ás amanhã de manhã, não queres?

- Quero, Dick, e com grande alegria - respondeu ela.

- Ai, sim?! Pensava que iríeis ser frade! - disse uma voz perto deles.

- Alícia! - exclamou Joana.

- Eu mesma - replicou a jovem aproximando-se. - Alícia, que deixaram por morta, que o teu caçador de leões encontrou, fez voltar à vida, e a quem, por minha fé, fez a corte. Se queres saber...

- Não acredito! - exclamou Joana. - Dick!

- Dick! - arremedou Alícia. - Pois Dick, sim, senhora! Sim, belo cavaleiro, e assim abandonais as pobres donzelas em desgraça. E assim as deixais escondidas atrás de uma árvore. Bem certo é dizer-se que a época da cavalaria acabou.

- Senhora - exclamou Dick contrariado -, na verdade esqueci-vos ignobilmente. Senhora, deveis tentar desculpar-me. Como vedes, encontrei de novo Joana!

- Não penso que o tenhais feito propositadamente - retorquiu ela. - Mas serei bem vingada. Contarei, em segredo, a Lady Shelton (àquela que está para ser...) - acrescentou, fazendo uma vénia - Joana, juro pela minha salvação, que o teu amado é um homem audaz nos combates, mas é também (deixa-me dizer-to claramente) o mais ingénuo sentimentalão de toda a Inglaterra. Vamos, deves ser feliz com ele! E agora, meus loucos, primeiro beijai-me cada um de vós em sinal de regozijo e amizade, e depois beijai-vos, mas apenas um minuto, nem um segundo mais, e sigamos os três para Holywood tão depressa quanto pudermos, porque estes bosques estão cheios de perigos e extraordinariamente frios.

- Mas Dick fez-vos a corte? - perguntou Joana, reunindo-se ao seu amado.

- Não, minha louca! - retorquiu Alícia -, eu é que lhe fiz a corte. Na verdade, ofereci-me para casar com ele, mas mandou-me casar com quem quisesse. Foram estas as suas palavras. Não, realmente, é mais franco do que agradável. Mas agora, meus filhos, sejamos sensatos e vamo-nos embora. Vamos outra vez atravessar a ravina, ou vamos direto a Holywood!

- Para quê? Eu gostaria muito de arranjar um cavalo, porque fui fortemente malhado e batido, por todos os lados, nestes últimos dias, e o meu pobre corpo é uma enorme nódoa negra. Mas como? Se os homens, ao alarme do combate, fugiram, voltaremos para trás

sem resultado. São apenas três escassas milhas, à direita, de aqui a Holywood. O sino ainda não deu nove horas, a neve já está bastante dura para se andar e a lua é clara. Que diríeis se fôssemos assim mesmo?

- Concordo - exclamou Alícia. Mas Joana apertou, apenas um pouco mais, o braço de Dick.

Então, puseram-se em marcha através do bosque sem folhas, sobre nevados caminhos, vigiados pela branca face da lua de Inverno, Dick e Joana caminhando de mãos dadas e encostados, e a sua jovial companheira, esquecida já dos seus próprios desastres, seguindo um ou dois passos atrás, umas vezes fazendo troça dos silêncios deles, outras vezes fazendo descrições felizes do seu futuro e da sua união.

Contudo, ainda se ouviam, na distância da floresta, os cavaleiros de Tunstall, na perseguição, e, de tempos a tempos, os gritos e o choque das armas anunciavam os recontros dos inimigos. Mas não despertavam, sequer levemente, nestes jovens, criados entre alarmes e guerras, que haviam escapado tão recentemente a uma tal multiplicidade de perigos, não lhes despertavam nem pavor nem piedade. Felizes por sentirem o ruído afastar-se cada vez mais, entregaram todo o coração á alegria do momento, caminhando já, como disse Alícia, em cortejo nupcial. E nem a rude solidão da floresta, nem o frio da noite gelada, podiam sombrear a alegria deles ou distraí-los da sua felicidade.

Por fim, do alto de um monte, olharam para baixo, para o vale de Holywood. As grandes janelas do convento da floresta brilhavam da luz dos archotes e lâmpadas. As suas altas torres e flechas erguiam-se, nítidas e silenciosas, e a cruz dourada, no ponto mais alto, cintilava, resplandecente, ao luar. A toda a volta, na clareira, brilhavam fogueiras de acampamento e o terreno estava coberto de tendas. Atravessando este quadro, o rio gelado desenhava uma curva.

- Por Deus! - disse Sir Ricardo -, a gente de Lord Foxham ainda ali está acampada. O mensageiro enganou-se, decerto, no caminho. Tanto melhor, temos ao nosso alcance forças para enfrentar Sir Daniel.

Mas se os homens de Lord Foxham estavam ainda acampados na longa margem de Holywood era por uma razão diferente da que Dick supunha.

Tinham, na realidade, marchado sobre Shoreby, mas antes de estarem a meio caminho veio-lhes ao encontro um segundo mensageiro, ordenando-lhes que voltassem ao seu acampamento da manhã, para cortarem ali o caminho aos fugitivos de Lancaster e para estarem mais próximos do grosso do exército de Iorque. Porque, tendo Ricardo de Gloucester vencido a batalha e desbaratado os inimigos naquele distrito, estava já em marcha para se juntar ao irmão. E não muito depois do regresso dos mercenários de Lord Foxham, o próprio Crookback parava o seu cavalo à porta do convento. Era em honra deste augusto visitante que aquelas janelas resplandeciam de luzes, e no momento da chegada de Dick, da sua amada e da amiga desta, toda a comitiva ducal era recebida no refeitório com o esplendor daquele poderoso e rico convento.

Não de muito boa vontade, Dick foi levado à presença dos nobres senhores. Gloucester, morto de fadiga, estava sentado, encostando a mão à sua branca e temível face. Lord

Foxham, ainda convalescente do ferimento, sentava-se em lugar de honra, à sua esquerda.

- Como, senhor - perguntou Ricardo -, haveis-me trazido a cabeça de Sir Daniel?

- Meu senhor - respondeu Dick, firmemente, mas com um rebate no coração. - Nem mesmo tive a sorte de voltar com as minhas tropas. Fui derrotado.

Gloucester olhou-o de sobreceño terrivelmente carregado:

- Dei-vos cinquenta lanças: . Senhor - disse.

- Meu senhor, tinha apenas cinquenta soldados - respondeu o jovem cavaleiro.

- Como assim? - disse Gloucester. - Ele pediu-me cinquenta lanças.

- Desculpe Vossa Graça - respondeu servilmente Catesby -, para a perseguição, demos-lhe apenas os cavaleiros.

- Está bem - replicou Ricardo, acrescentando: - Shelton, podeis sair.

- Esperai! - disse Lord Foxham. - Este jovem tem, de certo modo, uma incumbência minha. Talvez a tenha cumprido. Master Shelton, haveis encontrado a rapariga?

- Louvado seja Deus, Mylord - disse Dick -, já está nesta casa!

- Na verdade? Então, Senhor Duque, amanhã, antes de o exército partir, proponho-vos um casamento. Este jovem escudeiro...

- Cavaleiro - interrompeu Catesby.

- Que dizeis, Sir William!?! - exclamou Lord Foxham.

- Por bons serviços prestados - disse Gloucester -, eu próprio o armei cavaleiro. Por duas vezes me serviu como um valente, não lhe faltam braços vigorosos, o que lhe falta é vontade de ferro. Não irá longe, Lord Foxham. Este homem combaterá valentemente numa refrega, mas tem um coração de pomba. Contudo, se está para casar, que case... e acabou-se!

- É um valente, sei-o bem - disse Lord Foxham. - Alegrai-vos, Sir Ricardo, já arrumei esse assunto com Master Hamley e amanhã podereis casar.

Com isto, Dick julgou prudente afastar-se; mas ainda não saíra do refeitório, quando um homem, que acabava de chegar à portaria, correu, subindo as escadas a quatro e quatro, e, rompendo entre os serviços do convento, se lançou de joelhos perante o duque:

- Vitória, Mylord - gritou.

E antes de Dick ter chegado ao quarto que lhe fora preparado, como hóspede de Lord Foxham, as tropas fora, no acampamento, soltavam exclamações em volta das fogueiras, porque, no mesmo dia, a perto de vinte milhas, um segundo golpe esmagador havia sido dado no poderio de Lancaster.

CAPÍTULO VII - A VINGANÇA DE DICK

NA manhã seguinte, Dick levantou-se antes de nascer o Sol. Tendo-se vestido o melhor que pôde, com o auxílio do guarda-roupa de Lord Foxham" colheu boas notícias de Joana e pôs-se a passear para distrair a impaciência.

Durante algum tempo, andou às voltas por entre a soldadesca, que se armava, no lusco-fusco da madrugada de Inverno, ao reflexo vermelho dos archotes, mas, a pouco e pouco, afastou-se mais para os campos e, por fim, ultrapassou mesmo a última sentinela e passou sozinho na floresta gelada, aguardando o romper do Sol.

Os seus pensamentos eram, ao mesmo tempo, tranquilos e felizes. Não lamentava a perda do seu belo valimento junto do duque; tendo Joana por esposa, e por fiel suserano a Lord Foxham, olhava o futuro com mais confiança, e do passado tinha poucas saudades.

Enquanto assim caminhava pensando, a luz da manhã tornou-se mais clara. O oriente estava já colorido pelo sol, e um ventinho cortante soprou sobre a neve gelada. Voltou-se para regressar a casa. Mas, no momento em que se voltava, os olhos deram-lhe com um vulto, atrás de uma árvore.

- Pare! - gritou. - Quem está aí?

O vulto avançou acenando com uma das mãos, como se fosse mudo. Estava vestido de peregrino, com o capuz descido sobre o rosto. Mas Dick, de repente, reconheceu Sir Daniel.

Avançou para ele puxando da espada, e o cavaleiro, levando uma das mãos ao peito, como para tirar uma arma escondida, esperou firmemente a sua aproximação.

- Bem, Ricardito - disse Sir Daniel -, como assim? Guerreias, agora, os vencidos?

- Nunca tentei tirar-vos a vida - respondeu o rapaz. - Fui vosso verdadeiro amigo até ao momento em que atentastes contra a minha, e tentastes matar-me deliberadamente.

- Não... Foi em legítima defesa - replicou o cavaleiro. - E agora, meu rapaz, as notícias da batalha e a presença daquele diabo corcunda, aqui nos meus próprios domínios, perderam-me irremediavelmente. Vou para Holywood em busca de asilo. Daqui embarcarei, com o que puder levar, para recomeçar a vida na Borgonha ou em França.

- Não ireis para Holywood - disse Dick.

- Como não irei? - perguntou o cavaleiro.

- Olhai, Sir Daniel, hoje é o dia do meu casamento - disse Dick -, e aquele sol que está rompendo iluminará o melhor dia da minha vida. A vossa está perdida, duplamente perdida pela morte de meu pai e por aquilo que haveis tentado fazer-me.

Mas eu próprio cometi faltas, causei a morte de alguns homens, e neste alegre dia não desejo ser juiz nem carrasco. Mesmo que fôsseis o diabo, não vos faria mal. Pedi perdão a Deus, que o meu, eu vo-lo dou. Mas ir para Holywood, isso é outra coisa.

Combato por Iorque e não permitirei a existência de espíões entre as suas forças. Ficai, por isso, certo de que se avançardes um passo erguerei a voz para ordenar á sentinela mais próxima que vos prenda.

- Estás mofando - disse Sir Daniel. - Não posso estar seguro a não ser em Holywood.

- Não me interessa - replicou Ricardo. - Deixar-vos-ei passar para o oriente, ocidente ou sul. Para o norte não passareis. Hollywood está perdido para vós. Parti e não penseis em voltar. Porque, se voltardes, avisarei todos os postos deste exército e haverá uma tal vigilância sobre todos os peregrinos, que, mesmo que fôsseis o próprio diabo, não vos daríeis bem com a experiência.

- Condenas-me - disse Sir Daniel, lamentosamente.

- Não vos condeno - retorquiu Ricardo. - Se preferirdes bater-vos comigo, vinde, e, ainda que tema ser desleal para o meu partido, aceitarei o desafio aberto e completamente, e bater-me-ei sozinho, sem pedir auxílio a ninguém. Assim vingarei meu pai, com a consciência limpa.

- Sim - disse Sir Daniel -, tens uma longa espada e eu tenho apenas um punhal.

- Confio apenas no julgamento de Deus - respondeu Dick, lançando a espada para trás, sobre a neve. - Agora, se o vosso ruim destino vos deixar, vinde, e, sob a proteção de Deus, garanto-vos que os vossos ossos serão pasto das raposas.

- Eu só queria experimentar-te, Ricardito - respondeu o cavaleiro, com um riso amarelo. - Não queria verter o teu sangue...

- Ide-vos, antes que seja tarde - replicou Shelton. - Dentro de cinco minutos previno os postos. Creio ter sido paciente de mais. Se os papéis se tivessem invertido, já estaria amarrado de pés e mãos há alguns minutos.

- Bem, Ricardito, irei, irei - replicou Sir Daniel. - Quando nos encontrarmos de novo, arreponder-te-ás de ter sido tão cruel.

E dizendo isto o cavaleiro deu costas e começou a afastar-se sob as árvores. Dick olhava-o com sentimentos estranhamente contraditórios, enquanto ele caminhava, voltando-se furtivamente, de vez em quando, e olhando, desconfiado, para o rapaz que o havia poupado e de quem ainda duvidava.

De um dos lados do caminho que seguia, de um espesso maciço densamente coberto de hera, que, mesmo nesta época de Inverno, era impenetrável à vista, soou, subitamente, o ruído de um arco, como uma nota de música. Uma flecha voou, e, com um grito entrecortado de agonia e de raiva, o cavaleiro de Tunstall levantou os braços e caiu de bruços na neve.

Dick correu a seu lado e levantou-o. O rosto contraía-se-lhe desesperadamente; todo o corpo se lhe agitava em contorcionados espasmos.

- É negra a flecha? - murmurou.

Nesse momento, e antes de poder acrescentar mais nada, uma contração de dor agitou o ferido dos pés à cabeça, de tal maneira que o seu corpo saltou nos braços de Dick que o amparavam e, no final desta vibração, a sua alma partiu em silêncio.

O jovem deitou-o docemente sobre a neve, e orou pela sua alma culpada e não preparada para a morte. Enquanto orava, o Sol rompeu, de repente, e os pintarroxos começaram a cantar nas heras.

Quando se levantou encontrou um outro homem, de joelhos, alguns passos atrás dele, e,

quieto e de cabeça descoberta, esperou até que a prece terminasse. Foi longa. O homem, de cabeça baixa e com as mãos cobrindo a face, orava como alguém que estivesse desorientado e confundido, e, pelo arco que viu junto dele, Dick calculou ser o arqueiro que havia abatido Sir Daniel.

Por fim ergueu-se também e mostrou o rosto.

Era Ellis Duckworth.

- Ricardo - disse em tom solene. - Ovi-te.

Tomaste o melhor partido e perdoaste. Eu segui o pior e aqui estão os despojos do meu inimigo. Ora por mim.

E apertou-lhe, convulsivamente, a mão.

- Senhor - disse Ricardo. - Pedirei por vós, realmente, ainda que não saiba de que servirá. Mas se há tanto tempo haveis desejado a vingança e lhe encontras agora um tão amargo sabor, pensai: não será melhor perdoar aos outros? Hatch morreu, pobre velho! Poderia talvez tê-lo poupado. Aqui está o corpo de Sir Daniel, e, quanto ao padre, se vale de alguma coisa o meu pedido, perdoai-lhe.

Um relâmpago brilhou nos olhos de Ellis Duckworth.

- Não - disse ele -, o diabo é, em mim, ainda muito forte. Mas ficai descansado, a Flecha Negra não voará mais. O bando desfez-se. E aqueles que ainda vivem chegarão tranquilamente à hora que lhes está marcada. Para mim haverá descanso no céu. E tu segue para onde o teu belo destino te chama e não penses mais em Ellis Duckworth.

CAPÍTULO VIII - CONCLUSÃO

POR volta das nove horas da manhã, Lord Foxham conduzia a sua pupila, de novo vestida com os atavios próprios do seu sexo, e seguida de Alícia Risingham, à igreja de Holywood, quando Ricardo Crookback, de sobreceño carregado de cuidados, lhes passou em frente e parou.

- Esta é que é a donzela? - perguntou. E quando Lord Foxham lhe respondeu afirmativamente:

- É Gentil... - acrescentou: - Levantai-lhe a cara para que eu a aprecie.

Olhou para ela, irónicamente, durante um momento:

- Sois bela - disse, por fim -, e, segundo me dizem, bem dotada. Que diríeis se eu vos oferecesse um belo casamento, digno da vossa beleza e situação?

- Senhor Duque - replicou Joana -, se o permitis, prefiro antes casar com Sir Ricardo.

- Como assim? - perguntou ele, asperamente. - Casai com o homem que eu vos escolher e ele será Lord e vós MyLady, ainda hoje. Porque Sir Ricardo, deixai-me dizer-vos claramente, Sir Ricardo morreu.

- Não peço mais nada do que, Mylord, do que morrer casada com Sir Ricardo - retorquiu Joana.

- Olhai para isto, Mylord - disse Gloucester, voltando-se para Lord Foxham. - Aqui está um casal ao vosso gosto. O rapaz, quando pelos serviços prestados lhe dei a escolher os meus favores, optou pelo perdão de um velho marujo bêbado. Avisei-o sinceramente, mas ele aferrou-se a essa loucura. "Acabaram aqui as vossas recompensas", disse-lhe eu, e ele, Mylord, com a segurança mais impertinente: "Será minha a perda", disse, "assim seja, por Deus!"

- Disse isso? - exclamou Alícia. - Bem dito Caçador de leões!

- Quem é esta? - perguntou o duque.

- Uma prisioneira de Sir Ricardo - respondeu Lord Foxham -, Alicia Risingham.

- Tratai de casá-la com um homem de confiança - disse o duque.

- Pensei no meu parente Hamley, se agradar a Vossa Graça - replicou Lord Foxham. - Tem servido bem a causa.

- Agrada-me - disse Ricardo. - Casai-os depressa. Dizei, linda senhora, quereis casar-vos?

- Senhor Duque - disse Alicia -, desde que seja um homem perfeito...

E neste momento, com verdadeira consternação, a voz extinguiu-se-lhe na garganta.

- É perfeito, senhora minha - replicou Ricardo, gravemente. - Eu sou o único corcunda do meu partido. Todos os outros são razoavelmente bem feitos. Senhoras e Mylord - acrescentou, mudando rapidamente para um tom de grave cortesia -, não me julgueis mal educado por vos deixar. Um chefe, em guerra, não pode dispor do seu tempo.

E com uma elegante saudação, passou seguido dos seus oficiais.

- Ai! - disse Alicia. - Estou perdida!

- Não o conheceis - respondeu Lord Foxham. - Foi uma leviandade, mas já esqueceu de todo as vossas palavras.

- É, então, a fina flor do cavalheirismo - disse Alicia.

- Não. Está preocupado com outras coisas - retorquiu Lord Foxham. - Não nos demoremos mais.

Na igreja encontraram Dick, esperando, rodeado por alguns jovens, e ali Joana e ele se casaram.

Quando saíram, felizes, e no entanto recolhidos, para o ar frio e a luz do Sol, as longas filas do exército desdobravam-se pela estrada fora e já a bandeira do duque de Gloucester fora desfraldada e começara a afastar-se do convento, no meio de um maciço de lanças e, atrás dela, rodeado de cavaleiros de brilhantes armaduras, o valente, tenebroso e ambicioso corcunda partia para o seu curto reinado e para a sua eterna infâmia. Mas o cortejo nupcial voltou para o outro lado e sentou-se, numa discreta alegria, para almoçar. O frade despenseiro atendia os seus desejos e sentava-se com eles à mesa.

Hamley, esquecido já do seu ciume, tomou a si o papel, pouco fácil, de cortejar Alicia. E aqui, no meio do som das trombetas e do ruído das armas e dos cavalos avançando continuamente, Dick e Joana, sentados lado a lado, davam-se ternamente as mãos e olhavam-se nos olhos com sempre crescente afeto.

Depois, a lama e o sangue daqueles desvairados tempos passou longe deles. Viveram afastados de perigos, na verde floresta onde o seu amor começara.

Entretanto, dois velhos desfrutavam pensões em grande prosperidade e paz e, talvez, com um excesso de vinho e de cerveja, no lugarejo de Tunstall.

Um tinha sido, durante toda a vida, marinheiro e continuou, até ao último momento, a chorar o seu companheiro Tom. O outro, que fora um pouco de tudo, voltou-se, por fim, para a religião e teve uma santa morte, com o nome de Irmão Honestus, no convento vizinho. Assim foi feita a vontade de Lawless: morrer frade.

FIM